

# *INFIDELIDADE E PERDÃO*

Romance do Espírito Josué



Psicografado pelo médium  
**Eurípedes Kühl**

*INFIDELIDADE*  
*E*  
*PERDÃO*

Romance do Espírito Josué

Psicografado pelo médium  
**Eurípedes Kühl**

# INFIDELIDADE E PERDÃO

Romance do espírito Josué  
Psicografia de Eurípedes Kühn

Data da publicação: 30/10/2024

CAPA: Maria Líria de Souza Cortegoso

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)

Londrina – Estado do Paraná

## Dados internacionais de catalogação na publicação

J73i Josué (Espírito).  
Infidelidade e perdão : romance / Ditado pelo espírito Josué,  
psicografado pelo médium Eurípedes Kühn ; revisão de Cíntia  
Cortegoso ; capa de Maria Líria de Souza Cortegoso. - Londrina, PR  
: EVOC, 2024.  
251 p. : il.

1. Literatura espírita-Romances. 2. Obras psicografadas. 3.  
Psicografia. I. Kühn, Eurípedes. II. Cortegoso, Cíntia. III. Cortegoso,  
Maria Líria de Souza. IV. Título.

CDD 133.93  
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

A Eulógio e Maria Thereza (irmão e cunhada), amigos de sempre e para sempre irmãos do coração, dedico minha pequena participação nesta obra.

Eurípedes

Prezado leitor(a),

Caso encontre neste livro alguma parte que acredita que vai interessar ou mesmo ajudar outras pessoas e decida distribuí-la por meio da internet ou outro meio, nunca deixe de mencionar a fonte, pois assim estará preservando os direitos do autor e conseqüentemente contribuindo para uma ótima divulgação do livro.

Este romance foi psicografado nas dependências da Sociedade Espírita Allan Kardec, de Ribeirão Preto-SP, no período de setembro de 1994 a junho de 1995.

## SUMÁRIO

O PERDÃO VEM DO MAIS FORTE.....	7
UMA FLOR NA CRUZ .....	16
DESPEDIDAS.....	27
HORIZONTE DE TREVAS.....	45
AO VENCEDOR, TUDO! .....	67
PAGAMENTO: INGRATIDÃO .....	85
DESPERTAMENTO .....	102
O PASSADO SEMPRE ESTÁ PRESENTE .....	133
PARENTESCO FÍSICO E ESPIRITUAL .....	149
O EVANGELHO E O SOL.....	175
PERDA NA VITÓRIA.....	194
RECOMEÇAR.....	214
A ESTRELA E O VAGA-LUME.....	234

## O PERDÃO VEM DO MAIS FORTE

Jandiro nos seus onze anos, como de costume, pulou da cama às quatro horas da madrugada, antes de todos. Sua rotina diária nunca sofrera interrupção: passou pela despensa, contígua à cozinha, pegou um pedaço de queijo e dois biscoitos de polvilho. Num bolso colocou alguns torrões de açúcar mascavo e no outro um punhado de sal grosso. Comendo o queijo com os biscoitos, dirigiu-se às coqueiras.

Bonito, seu cavalo, também já estava acordado, com os olhos bem abertos, que brilharam ao vê-lo. O brilho nos olhos do manso animal era um atestado da linguagem universal que expressa amizade.

Em resposta, seu bom-dia a Bonito era um gesto de carinho, colocando-lhe a mão sobre o focinho e com a outra pegando-lhe as orelhas, alisando-as; os torrões de açúcar mascavo que Jan ofertava ao animal, sobre a mão espalmada, mudavam de endereço rapidamente, mas com insuspeitada delicadeza. O cavalo, como que demonstrando gratidão com o presente, tremia o couro em pequenas partes do dorso, algo assim como ansioso por ser arreado e deixar a baía.

Jan, como Jandiro era chamado pelo pessoal da Fazenda Morro das Vinhas (o morro e o vinhedo sobre suas encostas deram o nome à fazenda), entendia perfeitamente esses pequenos sinais com os quais montaria e dono se comunicavam.

Sem nenhuma dificuldade o cavalo era arreado, deixando as cavalariças logo a seguir, conduzido pelo menino que o montava.

Na relva úmida o gado pastava indolente e de forma submissa retornava ao curral, sob orientação de Jan, auxiliado pelo adestrado cavalo. Eventual neblina jamais impedira os animais de acertar o

endereço do curral, pois seguiam a trilha que eles mesmos haviam feito.

Mesmo que não visse Jan e Bonito, quando espessa era a neblina, o rebanho identificava as ordens do menino e os relinchos do cavalo; os animais obedeciam, porém, mais que tudo, à trepidação que os dois, plenos de vitalidade, infundiam ao ar, condicionando-os a irem para o curral. Quando os outros peões levantavam e iam para lá, a porteira já estava aberta e os animais entrando calmamente.

Apartados os machos das fêmeas, só aqueles permaneciam no curral, alimentando-se de forragem.

Algumas vacas possuíam crias recentes e por isso seus filhotes eram trazidos para junto delas, a fim de se alimentarem parcialmente, com o que a ordenha ficava facilitada; quando esta terminava, as crias eram reconduzidas às mães, nas quais sempre era deixada uma porção de leite, para complementar a primeira refeição do dia.

Os peões da Morro das Vinhas conheciam todos os animais pelo nome. Os animais também conheciam os homens que os tratavam, não dificultando as providências necessárias, não só à ordenha, como às demais atividades da fazenda.

Quando anos atrás nasceu um filhote de touro da raça nelore, causou admiração a todos na fazenda pelo seu tamanho. O então dono da fazenda, o coronel Antero, disse ao ver a cria recém-nascida:

– É um verdadeiro titã!

Os peões, a partir daí, acatando o que pensaram ser o nome dado pelo dono, passaram a chamar aquele bezerrinho de Titão.

O filho do coronel Antero, Elpídio, que ajudava o pai na administração da fazenda, sugeriu ao pai:

– Pai, vamos dar Titão de presente a Jan, pois há alguns dias completou sete anos. Já percebi que esse menino demonstra precoce facilidade no trato com os animais, transitando

descuidadamente entre os rebanhos, sem jamais ser agredido por qualquer um deles.

– Está bem. O boizinho é dele – aquiesceu Antero.

Jan, tendo assistido ao nascimento de Titão, de pronto gostou dele. Tornando-se seu dono, todos os dias, sem exceção, passava algum tempo com o animal, fazendo brincadeiras. Assim, não tardou e o animal se acostumou com o menino.

Três meses após, um grande acontecimento mudou sua vida, alterando sua rotina:

– Meu filho – disse-lhe o pai –, está na hora de você entrar na escola.

Afastar-se do pai, da mãe e do Titão foi para Jan difíceis momentos, desde que passou a frequentar a escola rural, em funcionamento ali mesmo na Morro das Vinhas. Contudo, adaptou a nova vida aos compromissos escolares, mudando alguns hábitos, só não abandonando nenhum dos costumes com Titão: vê-lo todos os dias, ficar algum tempo com ele, repetir brincadeiras e dar uma voltinha montado no animal.

Tais foram os hábitos que não sofreram qualquer interrupção, decorridos quatro anos.

Jan com onze anos e Titão com quatro formavam uma dupla que sempre distraía quem os visse juntos.

O animal, normalmente pacato, passava o dia inteiro ruminando. Tornava-se arreado e agressivo quando era colocado ao lado de alguma vaca, para cumprir sua única função: a de reprodutor. Nessas ocasiões, vários peões experientes agiam em conjunto, para conseguir domar o macho e fazê-lo obedecer, pois à simples aproximação da fêmea ficava inquieto.

Se os homens deixassem a natureza seguir seu curso, não haveria qualquer problema, contudo, a maneira coercitiva com que os animais eram reunidos, além da algazarra dos peões, roubava-lhes quase toda espontaneidade. Ademais, o touro era tanto compelido à função reprodutora, qual se fora uma impressora de jornais.

De ordem do coronel Antero os peões impediam as crianças de presenciar esses eventos. Escondido, um ano atrás, Jan conseguira ver essa atividade, revoltando-se.

– Pai – disse chorando a Laércio –, não quero essa maldade com meu Titão.

– Eu também, meu filho, jamais aprovei tais métodos rurais; nem sei definir o porquê do mal-estar que sinto nessas ocasiões. Mas são ordens do dono da fazenda.

Numa oportunidade em que o coronel se aproximou dele, Jan disse-lhe, angustiado:

– Coronel, por favor, não gosto de ver meu querido Titão ser obrigado a fazer essa coisa que o deixa tão inquieto. Se os outros machos da fazenda realizam isso mesmo com naturalidade “por que, então, só o meu Titão é obrigado a namorar quem ele nem conhece”?

– Você demonstra que tem bom coração, mas ainda não tem entendimento da vida. Nós precisamos fazer isso para que o rebanho seja forte, para que o Titão tenha muitos filhos, bonitos e fortes como ele.

– Para quê?

– Para quê?! Para...

– ... Levá-los para o matadouro?

– Outra hora a gente acaba essa conversa.

Fora dessas ocasiões, Titão era chamado de boi bobão, por ser calmo até demais, ou de boi babão, porque ruminava e babava o tempo todo. Enorme, chifres grossos e grandes, trazia sempre o olhar lânguido, espelhando algo assim como uma “angústia bovina”.

Quando o menino se aproximava dele, era sempre recebido mansamente, até porque a porção de sal grosso que lhe era ofertada muito o agradava...

A brincadeira predileta de Jan era provocar Titão: arrelia o animal, puxando-lhe o rabo, torcendo-lhe as orelhas, tapando-lhe os olhos com palha seca de milho – fazia isso sem machucar o touro, até conseguir irritá-lo. Conversava com o animal:

– Não deixe os peões mandarem em você! Veja a sua força, seu bobo! Não, não! Você não é bobo! Bobo é quem pensa que você é bobão.

Jan acreditava que enraivecendo o boi resgataria o conceito do animal junto aos peões, demonstrando que ele era um animal forte, ativo, que não aceitava desaforos.

O animal, com efeito, era paciente até demais: só a muito custo ficava irritado com aquelas estrepolias; nesses momentos, levantava-se lentamente, fixando os olhos no menino, de dentro da tonelada de peso e dos quase dois metros de altura.

Era o aviso de que retaliaria as ofensas.

Então, invariavelmente, começava a perseguição: Titão sabia que não alcançaria o menino, mas mesmo assim tentava; ciscava o chão duas ou três vezes com uma das patas dianteiras, bufava nervoso e arremetia para cima de Jan. Este, com a maior facilidade, saía correndo pelo curral, passando igual a uma ventania pelos outros animais. Titão atrás dele, desajeitado, mas persistente.

Depois de alguns dribles, muita gozação e correria para lá e para cá, Jan, com agilidade felina, transpunha a resistente cerca. Titão parava, ficava longo tempo no mesmo lugar e depois ia para o cocho matar a sede.

A seguir, o menino ia para a escola. Agora, estava terminando a quarta série.

Quando voltava das aulas, a primeira coisa que fazia era ir ver Titão, entrando no curral com a maior naturalidade. Nenhum animal o estranhava. Dirigia-se ao grande Titão, o favorito dentre todos, ofertando-lhe outra porção de sal grosso, que era comido na mão:

– Oi, Titão, vim logo ver você. Sentiu minha falta? Claro que sentiu. Eu sei!

O boi fechava mansamente os olhos e encostava a enorme testa no peito de Jan, que quase conseguia abraçar-lhe a cabeça. Titão levantava a cabeça e lá ia Jan para o ar, com os pés quase a meio metro do chão.

Por mais um dia estavam feitas as pazes entre os dois, pois o grande touro não guardava ressentimentos.

Os mais velhos por inúmeras vezes haviam advertido Jan para cessar com aquelas brincadeiras. Viviam dizendo-lhe:

- Cuidado, menino, que um dia a casa cai. Ou então:
- Olha que um dia é da caça, o outro do caçador...

Após o almoço, Jan fazia as lições de casa e quando terminava se dirigia à lavoura, onde prestava alguma colaboração.

Seus pais, empregados há muitos anos na fazenda, eram muito queridos por todos, principalmente pelos proprietários.

Laércio, seu pai, era o capataz.

Elpídio, o atual dono, vinha pouco à fazenda, pois se mudara para a cidade com a família, desde que o coronel Antero desencarnara, há um ano.

Num domingo, várias visitas hospedadas na fazenda, a convite de Elpídio, estavam passeando por perto do curral quando viram Jan desafiar alguns peões a ir passar a mão em Titão. Nenhum se atreveu.

– Vocês querem ver como ele é mansinho? – perguntou às visitas, exibindo-se.

As visitas se entreolharam, algo receosas.

– Vocês duvidam que eu vou lá e brinco com ele? Alguns meninos, filhos dos convidados, desafiaram:

– Nós duvidamos! Queremos ver você chegar perto daquele boizão. Se não for, você é um covarde.

Jan entrou calmamente no curral e, para espanto geral, começou a arrelhar Titão.

Tudo ia muito bem até que olhou vaidosamente para os espectadores da cidade, na hora em que fugia da perseguição do boi. Não viu um monte de estrume. Pisou em cheio nele e não houve como evitar queda espetacular, sobre o estrume, estatelando-se todo emporcalhado. Titão, como centenas de vezes anteriores, vinha atrás, trazendo seus quase mil quilos de fúria para cima do atrevido.

As pessoas que assistiam à cena ficaram lívidas, ante a desgraça iminente: certamente aquele touro ia esmagar o menino. Mas o que viram as deixou pasmas: Titão, com a cabeça baixa, para usar os chifres como arma de ataque, olhos dilatados, boca espumando e narinas bufando, vinha disparado, aproximando-se célere de Jan. Pelo seu tamanho, dificilmente conseguiria parar rápido. Mas foi o que aconteceu: com os chifres a centímetros de Jan, caído, Titão freou, pois pareceu às pessoas que assistiam à cena que um homem, surgido do ar, de pé e com a mão direita estendida à frente, num gesto dirigido ao animal, se pusera entre ele e o menino. A aparição foi rápida, não demorando mais que uma fração de segundo, o suficiente para o boi obedecer; o animal, sem entender o que estava fazendo no chão aquela criatura toda lambuzada, mudou de atitude: com o focinho procurou sal grosso nas mãos de Jan, nada encontrando.

Quando viu Titão arremessar para cima de si, Jan encolheu-se todo e com as mãos cobriu o rosto, fechando os olhos e aguardando a morte.

O enorme touro farejou todo o corpo do menino e identificou como obra sua o que o lambuzava.

Entre si, as visitas comentaram:

– Acho que o boi não consumou o ataque – disseram uns –, talvez porque alguma coisa o impediu. Outros imaginaram ter visto alguém parar o animal; outros pensaram que alguma coisa fez um milagre, talvez alma do outro mundo.

Jan pela primeira vez sentiu medo do animal, pois jamais estivera naquela terrível posição, com uma furiosa montanha de carne e osso quase em cima dele.

O pavor imobilizava-o totalmente.

O animal, não encontrando o agrado costumeiro, lentamente deitou-se ali mesmo, encostando seu corpanzil no menino ainda caído.

Passado o susto, as pessoas que assistiam à cena escoaram a tensão pondo-se a rir de Jan, deixando-o mais humilhado ainda.

Ao se retirarem, comentavam:

– Esses caipiras aprontam cada uma.

A maioria das pessoas da cidade quase sempre qualifica de caipira todos os habitantes rurais, lavradores em particular. Quem, nesse caso, usa a palavra caipira, ostenta uma certa superioridade, criando um biombo social, separando-o dos que vivem no campo.

Jan ouviu. Contudo, o que mais machucou seu amor-próprio foi ver Tiara, filha única de Elpídio, rindo também dele, um caipirinha, como diziam alguns visitantes. Justo ela – pensou, por quem sinto uma afeição diferente!

Seu afeto por Tiara era correspondido, aliás. A menina, nos seus dez anos, nunca se esforçara em ocultar ou mesmo dissimular sua predileção pelo moleque arrelento, tratamento que o pessoal da fazenda dispensava a Jan.

Quando Jan, muito exibido, se aproximara do touro para demonstrar coragem ao pessoal da cidade, Tiara já sabia o que iria acontecer: depois de atizar o boi, Jan sairia correndo com o animal no seu encalço; numa demonstração, primeiro de coragem, seguida de velocidade e por fim de agilidade, Jan se livraria do perigo, saltando agilmente a cerca do curral.

Assim já fizera dezenas e dezenas de vezes... Só para se exhibir, sabia-o Tiara.

Mas desta vez as coisas não tinham saído conforme o planejado, arrancando da menina um grito de pavor, quando o perigo mortal rondou quem mais ela gostava:

– Vovô!

Na sequência, aliviando-se, ria sem parar, como as visitas, muito mais numa vazante psicológica de tensão, do que, na verdade, por estar achando graça naquilo.

Jan, porém, não percebeu que o riso de Tiara obedecia aos impulsos nervosos de um coração que batia acelerado por ele.

Nos seus verdes anos de vida, Tiara teve certeza absoluta, naqueles instantes, de que seus sentimentos por Jan haviam transposto a fronteira da amizade.

– Amo-o, declarou de si para si mesma.

Cessou o escoadouro psicológico – as risadas de todos –, quando Jan, humilhado, se levantou. Em passos lentos e cabisbaixo, retirou-se do curral. Pela porteira, pela primeira vez, em tais exibições cujo termo seu gesto decretava.

Pensava: Nunca mais olharei para essa menina caipira da roça.

Agora, era ele quem dardejava Tiara com a pecha de inferior, esquecendo-se que, de ambos, apenas ele é que era da roça.

– O vô Antero segurou o Titão – disse Tiara, veementemente aos pais.

– E desde quando os mortos voltam? – retrucou Mara, sua mãe, irônica e incrédula.

Também as pessoas descreeram dos próprios olhos. Passado o susto, desmentiram os olhos: atribuíram a rapidíssima visão a um estado excitado, a uma miragem, um engano, enfim.

Os assistentes citadinos não só não acreditavam no que tinham acabado de ver como no desfecho surpreendente de tudo aquilo: o animal, dócil, veio calmamente atrás de Jan e antes de sair pela porteira roçou-lhe com a grande cabeça.

Ali, por parte de um simples animal, presenciavam um gesto de profunda tolerância, ante um imprudente menino que irritantemente o assediava.

Alguns, eventualmente tendo ouvidos de ouvir, até poderiam ouvir a consciência lhes dizendo que quando alguém precisa perdoar é porque algo não andou bem entre as duas partes, por culpa de uma, ou das duas; como geralmente a aresta é bilateral, o que perdoa precisa ajuizar se não terá ele envolvido outrem com alguma impureza (como ali, no sentido figurado).

Outros poderiam testemunhar – em tendo olhos para ver – uma das mais belas lições ofertadas pela natureza: o perdão é sempre uma demonstração de força.

## UMA FLOR NA CRUZ

**T**emos que rezar uma novena – decidiram entre si os pais de – Jan quando souberam do acontecido no curral.

Imediatamente foi organizada uma novena para ser rezada na cruz, fincada lá no alto da elevação, demarcando o local onde o coronel Antero havia sido enterrado. Acreditando em Tiara, indispensável agradecer à boa alma do coronel a milagrosa aparição.

É interessante registrar como há pessoas que creem sem ver e outras que, mesmo vendo, não creem.

A maioria dos colonos participou da novena, pois a religiosidade os unia fortemente.

Maior, porém, era a veneração ao coronel Antero.

A cruz, desde seu início, tinha se tornado um marco na fazenda, desde que alguém teria feito um pedido impossível à alma do coronel Antero, sendo atendido.

Divulgado o milagre, a breve tempo a cruz tornou-se ponto de referência para quase todas as circunstâncias da vida das pessoas daquela fazenda e redondezas:

- quando havia casamento, os noivos iam lá em cima, rezar juntos, pelo menos uma vez antes do casório;
- quando alguém morria, pelo menos um familiar, lá no alto, pedia ao coronel Antero que encaminhasse a alma do falecido para o Céu;
- quando morria uma criança, os pais também, ajoelhados diante da cruz, convidavam o coronel Antero para, do Céu, apadrinhar o anjinho;
- quando havia estiagem prolongada, um grupo de carpideiras ia molhar a cruz, para que o coronel mandasse chuva;

- quando chovia demais, o mesmo grupo levava uma roupa (toalha, de preferência) do ex-dono da fazenda e a deixava ao pé da cruz, para “secar a chuva”;
- quando do plantio, todos os empregados iam pedir bênçãos do sempre dono para as terras e para as sementes;
- quando da colheita, voltavam para agradecer;
- no aniversário de nascimento e na data da morte do coronel, o padre da cidade mais próxima ia e rezava missa campal, erguendo um altar junto da cruz.

O padre sabia daquelas crendices todas.

Percebendo que não conseguiria impedir os fiéis de abandoná-las – porque a maioria delas prosperava –, buscava introduzir em suas almas conceitos cristãos.

Debalde, tentava mudar o endereço de tantas preces, do coronel Antero, para Jesus.

– Sabe, seu Laércio, está na hora de a Morro das Vinhas instalar na Capital um grande estabelecimento comercial de produtos agrícolas, sendo adubos o carro-chefe para puxar as vendas.

Laércio, pai de Jan, surpreendeu-se com o convite:

– Gostaria que você fosse gerenciar o armazém, onde será o responsável pelas vendas e manutenção dos estoques dos fertilizantes e demais implementos agrícolas; será também conselheiro técnico.

– Eu?! Mas, como? E as coisas por aqui?

– Você trabalha há muitos anos com fertilizantes, é bom conhecedor das características de sua aplicação nos diversos tipos de solos, tantas vezes já ajudou outras fazendas.

– Mas, lá na cidade?

– Claro, você vai atender muitos amigos meus, indicando-lhes melhoria do solo, naturalmente pobre ou desgastado de nutrientes. Sob sua orientação muitas terras vão se tornar ricas, recuperadas.

Realmente, as indicações de Laércio eram acatadas até por engenheiros agrônomos que com ele planejavam a melhor maneira

de preparar terras de várias fazendas, para as respectivas plantações.

– Você conhece – prosseguiu Elpídio – as propriedades de todos os nutrientes agrícolas comercializados, dominando-lhes dosagem, periodicidade e forma de aplicação. As vendas vão ser um sucesso!

Aliado à prática rural, Laércio tinha estagiado em algumas empresas de industrialização de hortaliças, aperfeiçoando seus conhecimentos. Aprendeu, nos estágios, técnicas de irrigação, produção em estufas e tratamento fitossanitário do solo.

– Mas você só irá se quiser. A Morro das Vinhas vai se responsabilizar pelo aluguel de uma casa para sua família, pois já está também chegando a hora de o seu filho continuar nos estudos... Então, aceita?

– Deus lhe pague! – foi a resposta de Laércio.

Tal transferência vinha a calhar, pois ele próprio já havia solicitado ao patrão que, quando surgisse uma oportunidade, gostaria de trabalhar na cidade. Sua esposa tinha na Capital parentes que há muitos anos haviam abandonado as lides na roça. Sempre davam notícia de que na cidade tudo era melhor, inclusive os salários... Jan, seu filho único, aluno da escola rural dali, havia concluído a quarta série; já manifestara desejo de continuar estudando; assim, só na cidade poderia prosseguir os estudos, já que na fazenda o ensino não abrangia da quinta série em diante.

– Pai, quero continuar na escola e aqui não vou poder, a partir do próximo ano.

– Deus vai dar um jeito, meu filho. Vamos esperar.

Aliás, todos os dias o menino vivia atormentando não só Titão, mas também o pai, neste caso, para se mudarem para a cidade, pois gostava muito de estudar e queria prosseguir na escola.

Assim, o convite do senhor Elpídio caiu do céu.

Rufina, a mãe de Jan, amava flores.

Desde criança vivia plantando-as em vasos, em latas, em improvisados jardins. Qualquer pedacinho de terra era aproveitado para plantar uma florzinha.

– Ah, comadre, ninguém tem a mão tão boa como a sua – diziam-lhe as pessoas que sempre vinham pedir-lhe ajuda para arrumar seus jardins, ao que de bom gosto ela atendia.

Conhecia as flores e suas características.

Tendo que mudar-se para a cidade, trazia o coração tão dolorido quanto o do filho: este, por ficar longe dos seus animais, e ela, porque suas flores ficariam para trás, nunca mais iria vê-las.

A ninguém Rufina contou sua tristeza.

Só para a alma do coronel Antero.

Alguns dias antes da mudança, numa hora em que percebeu que não seria vista, subiu até a elevação.

Aproximou-se da cruz, fez o sinal de respeito e depositou um gracioso buquê de margaridas e begônias.

Rezou o terço e três ave-marias.

Ciente de que estava sozinha, não temeu nem se envergonhou de falar em voz alta:

– Meu Bom Menino Jesus, minha Santa Mãe Maria do Céu, meu saudoso patrão coronel Antero: vim aqui agradecer a Deus-Pai tudo de bom que Ele deu para meu marido, meu filho e para mim.

Pensou um pouco e prosseguiu:

– Vim também pedir sua bênção para nos proteger lá para onde vamos.

Acanhada e tímida, pediu:

– Se não for abuso, queria fazer um pedido: lá na cidade, quero ficar perto das flores.

Não conseguiu continuar. Lágrimas candentes impediram-na. Para ela, perder as flores, ficar longe das flores, era perda, das grandes – a maior, talvez.

Seu pranto, convulsivo e pungente, não a impediu, contudo, de ouvir, dentro da cabeça:

– Deus a abençoe, minha filha. Plante flores no coração, também.

Identificou perfeitamente o dono da voz: o coronel Antero. Não se assustou. Intensa paz e sensação de calma envolviam sua alma.

Um tanto atordoada, desceu a encosta.

Julgou prudente nada contar sobre a visita à cruz.

Também Laércio, dois dias antes da partida para a cidade, considerou ser obrigação agradecer ao “Espírito Santo” as dádivas recebidas ali na fazenda.

Disfarçando daqui e dali, subiu o pequeno morro e ajoelhou-se diante da cruz do coronel Antero.

Há alguns dias vinha perguntando à esposa:

– Rufina, será que estamos certos de ir embora? Trago alguma opressão no peito, por deixar essas terras, esses campos, tantos amigos, tantas lembranças... Quase uma vida, enfim.

– Não devemos temer o futuro que se escancara à nossa frente, é para nosso bem.

– Será que fiz bem em pedir para mudar para a cidade? Será que você e o Jan vão se adaptar à nova vida lá na cidade?

– Deus é pai, Laércio. Acho que será melhor para todos nós. Ficarei perto dos parentes, dos quais sinto tanta falta. Jan está na hora de continuar os estudos e aqui na fazenda isso não será possível.

– É. Também eu acho que vou melhorar de vida, ganhando mais e podendo amparar melhor minha mulher e meu filho.

Agora, lá no alto, não sabia o que dizer. Fez o sinal da cruz.

Como não tinha ninguém para testemunhar, desinibiu-se e disse em voz alta para a cruz: Divino Espírito Santo, que abençoa todos os fiéis e pune os pecadores, estou aqui para suplicar mais uma graça: que a saudade daqui não maltrate o coração da Rufina, do Jan e o meu.

Sentiu os olhos marejarem.

Há quanto tempo não chorava? Há mais de um ano.

A última vez tinha sido quando o coronel Antero tinha morrido e sido enterrado ali, onde a cruz mostrava. Ao lembrar-se do ex-patrão, seu coração encheu-se de uma doce impressão.

Como era bom o coronel, pensou, lembrando-se das várias vezes que tinha sido protegido por ele, ora materialmente, ora com bons conselhos.

Como que se estivesse à frente do coronel, tomou coragem e disse em voz alta:

– Meu bom patrão coronel, que Deus o tenha; de onde o senhor estiver, leve para o Espírito Santo um pedido desse pai de família: deixar o senhor ficar um pouquinho com nós três, até a gente se acostumar lá na cidade.

O coração envolveu-se na emoção e o capataz se viu novamente chorando, agora como um bebê. Mas não se envergonhou disso.

Após o peito soltar o pranto, levantou-se.

Novamente fez o sinal da cruz e retirou-se.

Quando voltou as costas para a cruz, ouviu nitidamente: Deus o acompanhe, meu filho. Estarei lá com vocês. Voltou-se espantado e nada viu.

Espantado e nervoso, fez outra vez o sinal da cruz, como resgate do pecado que cometera, de ter ouvido as almas – e pior: ter puxado conversa com elas.

Quando desceu o morro, levava no íntimo a certeza plena de que o coronel Antero tinha falado com ele.

Impossível contar para alguém, pois quem acreditaria?

Na véspera da mudança para a cidade, Jan levantou-se ainda mais cedo do que nos outros dias e dirigiu-se ao pasto, montando Bonito, obediente como de costume.

Tangeu a boiada para o curral e após se achegou ao boi Titão, apenas o agradando, sem atiçá-lo.

Dessa vez, com alguma coisa diferente entre ambos, o boi levantou a cabeça e olhou fixo para ele.

O menino chegou-se ao animal e colocou a mão no meio dos olhos dele, com suavidade.

A mão tremia.

Disse:

– Titão, vou embora.

O animal estava imóvel.

– Você não se importa?

A grande carga emocional nas palavras foi captada pelo boi, considerada a provável sensibilidade e percepção incipiente que os animais detêm sobre as coisas espirituais.

Os olhos do touro, eternamente expressando calma, agora expressavam tristeza.

Jan encostou o rosto na cabeça de Titão e as lágrimas não puderam ser contidas. Agarrou a cabeça do animal e disse, ainda chorando:

– Tiau, Titão. Até nunca mais.

E saiu correndo.

Também pela primeira vez, em anos, o animal não o perseguiu; imóvel, olhando o amigo que ia embora, sua imobilidade representou a Jan que o tempo parou ali.

Jan dirigiu-se à cruz. Sua lanterna era a Lua.

Lembrava-se do coronel Antero: um homem idoso, saudável, bom para todos e particularmente para ele.

Chegando, ajoelhou-se.

Trazia o peito apertado e os olhos inchados de tanto chorar. Ia embora, estava feliz por isso, mas seu coração ficava um pedacinho com os amigos; com Titão, quase todo. Chorava porque ia perder tudo.

Olhou para a cruz, tosca, com o pé rodeado de flores silvestres. Verbenas, porém, predominavam. E dentre essas uma sobressaía.

Aquelas flores ele as havia plantado, sob orientação de sua mãe. Quando tinha aqueles acessos periódicos, sua mãe corria até a cruz e colhia algumas flores, com as quais fazia chá, que o aliviavam.

E era ele também que sempre subia até ali, para regá-las, quando não chovia.

Persignou-se.

Sabendo-se sozinho, soltou as amarras das tristezas que o assaltavam e desabafou:

– Senhor coronel Antero, o senhor que está com Nosso Senhor Jesus Cristo, escuta o que eu vou falar. Estou indo embora com meus pais e nunca mais vou ver o senhor.

As lágrimas impediram-no de prosseguir.

Chorava alto, a plenos pulmões.

Fechou os olhos, com vergonha.

Então, sentiu que alguém alisava docemente seus cabelos. No estado emotivo em que se encontrava, em espírito, sintonizava com as vibrações do amor universal e por isso não se assustou.

Nem se envergonhou de estar chorando alto. Só abriu os olhos quando ouviu:

– Meu filho, Deus está em toda parte.

Surpreso, viu o coronel Antero à sua frente. Irradiava tanta bondade no olhar e nos gestos, que não teve medo.

Disse-lhe ainda o coronel:

– Deus nos manda sempre para onde é melhor. Todos os homens precisam progredir e agora para você e para seus pais a cidade é o mais indicado.

O menino estava enlevado e envolvido em vibrações espirituais purificadas.

Não se dava conta de que o coronel já havia morrido. Lamentou-se:

– Vou perder tudo.

– Não, você não perderá nada. A amizade e o amor que dedicamos às pessoas e até aos animais agradam muito a Deus, que é o Pai de todos. O coração de quem ama guarda para sempre esse amor. Separações, distâncias e tempo não atingem o amor verdadeiro.

– Mas, nunca mais vou ver...

– Vai sim. Um dia, mesmo que esse dia seja demorado, você se reencontrará com aqueles que ama. Não está me vendo? Jan fechou os olhos, imaginando-se na cidade, sem amigos, sem os amiguinhos, sem o Titão.

Ficou alguns instantes pensando, pensando. Quando abriu os olhos, não viu ninguém.

Então, assustou-se.

Despertou, como que voltando de um sonho.

A cruz estava ali, à sua frente. E o coronel? Será que tinha dormido e sonhado com ele? Sim, devia ter acontecido isso.

Estava ajoelhado ainda. Levantou-se para ir embora.

Ao erguer-se, algo caiu de seus cabelos: uma flor.

Pensou: deve ter sido trazida pelo vento.

Pegou a flor e foi colocá-la na cruz. Só ao chegar perto da cruz foi que identificou que a flor era a mesma que tinha visto quando chegou: seu caule estava partido. Alguém a tinha colhido e colocado em sua cabeça.

Esse alguém só podia ser o coronel.

Recolocou a flor na cruz e voou para sua casa.

Não disse uma palavra sobre aquilo, a quem quer que fosse, pois não conseguindo entender, ele próprio, o que havia acontecido, considerou que o melhor era ficar calado.

Lá no alto, uma flor sobre a cruz testemunhava mais um lance de fé, entre tantos.

O bondoso Espírito Antero, lúcido, havia obtido permissão para permanecer naquela região, integrando equipe dos protetores que, do plano espiritual, orientavam os moradores. Esses bons espíritos aproximavam-se das famílias que ali residiam, quando havia necessidade.

Antero teria um instrutor ao seu lado: Dionísio, responsável pela equipe de Benfeitores.

Antero e outros espíritos, com Dionísio, aprenderiam quando e como proceder, quanto à ajuda aos encarnados.

Antero gostou de Dionísio assim que o viu. Embora se esforçasse, não conseguia encontrar na memória uma explicação para a vaga sensação de que já o conhecia. De quando? De onde? Em que situação?

Não tinha coragem para dirigir tais perguntas a Dionísio, que adivinhando-lhe os pensamentos, sorriu-lhe:

– O Tempo, criação sublime de Deus, agasalha nossas dúvidas e conhece nossas angústias. Quando é chegado o momento oportuno, dá-nos de presente as respostas e a Paz.

Como na família de Laércio os três eram médiuns, não houve dificuldade para a concretização dos fenômenos mediúnicos observados no alto da cruz. Dionísio esteve presente lá, assessorando Antero. Disse-lhe, após:

– Em O Livro dos Médiuns, Allan Kardec (codificador da Doutrina Espírita) enumera os vários tipos de mediunidade e de médiuns, tornando bem simples o entendimento de fenômenos tidos à conta de “milagres”. Já no Cap. II – O maravilhoso e o sobrenatural, Kardec analisa racionalmente os fenômenos espirituais que deslumbram muita gente, configurando-os como produto de Leis Naturais.

– Mas como puderam me ouvir e ver?

– Por serem médiuns. Diz-nos Kardec que os fenômenos espíritas são produzidos por seres invisíveis que povoam os espaços (espíritos); assim é que o Espiritismo nos dá a chave de uma infinidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que em tempos distantes puderam passar como prodígios.

– Sempre ouço amigos daqui do plano espiritual dizerem que a Doutrina Espírita, usando a razão, explica a fé. E os que não conhecem o Espiritismo?

– O Espiritismo não desmerece as credices, os milagres, as rezas, as aparições e outras respeitadas condutas religiosas. Mostrando que desde os primórdios da civilização, até nossos dias, tais fatos acompanham o ser humano, esclarecem sua origem, como intervenção dos espíritos. Nada há nisso de sobrenatural. O

que varia, em sua conceituação, são os rótulos pelos quais são conhecidos, ou melhor, como foram denominados pelos homens.

– Mas uns ouvem, outros veem espíritos, outros sonham, outros têm intuições.

– São muitas as mediunidades. Laércio e Rufina, médiuns audientes, puderam ouvi-lo, em espírito, e Jan, além de audiente, o era também de efeitos físicos, isto é, pelos fluidos ectoplasmáticos dele, com alguma participação de minha parte, foram possíveis as suas duas materializações, na cruz e no curral.

– O que são fluidos ectoplasmáticos?

– São uma substância muito sutil, que só os encarnados possuem; os médiuns de efeitos físicos têm condições de ofertar mais quantidade dessa substância aos espíritos, que as manuseiam, adicionando seus próprios fluidos aos do ambiente, produzindo então a variedade de fenômenos tidos à conta de sobrenaturais.

– Materializações – concluiu – podem ser de espíritos ou de objetos, e o médium de efeitos físicos muitas vezes oferta ectoplasma de forma inconsciente, como Jan, na cruz e no curral.

Outras pessoas, que eventualmente foram logo após até àquele sítio orar, deslumbraram-se com o delicadíssimo perfume da verbena, solitária, sobre a cruz.

## DESPEDIDAS

**E**lpídio prestou uma homenagem simples à família que se despedia: foi realizada uma festinha, sendo autorizado o abate de uma novilha, para o churrasco.

Foram convidados todos os moradores da fazenda e também os das fazendas vizinhas.

Na verdade, o objetivo principal da reunião foi fazer propaganda do armazém que seria inaugurado.

A despedida na fazenda, no domingo, foi singela, mas calou fundo nos corações de Laércio, Rufina e Jan.

Desde cedo os lavradores e peões foram chegando com suas famílias.

Os donos das fazendas vizinhas chegaram mais tarde, pois não seria conveniente que chegassem com os empregados – necessário, pois, demonstrar sua superioridade.

Tiara estava toda bonita, tendo passado a noite quase sem dormir, pensando como Jan a trataria, já que nunca mais conversara com ela.

– Antes de ser servido o churrasco – alguém sugeriu –, vamos todos até o alto da encosta, para rezar junto à cruz do coronel, para desejar felicidades à família que vai partir.

Todos acataram e de bom grado subiram o morro.

- Eu levo as flores.
- Eu também.
- Eu levo água nos vasos.
- Eu também.

Eram as mesmas mulheres que vinham há uma semana subindo diariamente até ali para dar sequência à novena que

implorava chuva. Como não chovia há muito tempo, os colonos haviam decidido pedir chuva à cruz.

– Pai, o que é pedir chuva? – perguntou um menino a um fazendeiro, o qual, estufando o peito, deu uma aula a outras pessoas da cidade que desconheciam aquele costume rural:

– Pedir chuva é um fato mais ou menos corriqueiro em várias cidades pequenas e em fazendas brasileiras. Normalmente o pedido é expresso por uma novena, sendo crendice que, se a fé for robusta, choverá antes do término do nono dia das rezas.

Na linguagem popular, tal ato (pedir chuva aos céus, por meio da novena milagrosa) é denominado molhar a cruz.

– Há quantos dias estão fazendo a novena? – perguntou o fazendeiro a uma mulher.

– Há oito dias.

Já estavam no oitavo dia e não chovia.

As mulheres que molhavam a cruz estavam piedosamente crentes que choveria, ou naquele dia, ou no seguinte.

Ajoelhando-se em frente à cruz, foram rezadas, por todos e em voz alta, três salve-rainhas, três ave-marias e três padre-nossos – nove orações ao todo.

Laércio, Rufina e Jan olhavam para a cruz e pensavam nos recentes acontecimentos, quando a alma do coronel Antero estivera ali, com eles.

A seguir, as mulheres tiraram as flores dos vasos e com elas enfeitaram a cruz. Quando todos os vasos ficaram sem as flores, as mulheres os ergueram, segurando-os com as duas mãos e fecharam os olhos, murmurando palavras que só elas sabiam. A seguir, despejaram a água dos vasos na cruz, cuidadosamente, para não derrubar as flores.

Terminado o singelo ritual, desceram o morro, todos, confraternizando-se até o entardecer.

Tiara, por mais que tentasse, não conseguiu, ou melhor, não foi merecedora de qualquer atenção por parte de Jan, que ostensivamente demonstrou ignorá-la.

Os fazendeiros chegaram por último e seriam os primeiros a deixar a fazenda. Tal o costume dos ricos.

Algumas famílias visitantes já se preparavam para retornar às suas fazendas quando, quase que de repente, irrompeu um formidável temporal.

– Os compadres ficam comigo – disse Elpídio, quando viu que a chuva não deixaria nenhum dos convidados de fora retornar para casa.

Assim, os convidados da cidade e os donos das fazendas vizinhas foram bem alojados na espaçosa casa da sede.

– Os outros – ordenou – podem se ajeitar nas casas da fazenda.

Alta madrugada a chuva cessou e, já na alvorada, o chão molhado exalava cheiro de terra, que em linguagem cabocla é de pura gratidão ao Senhor.

Quando o sol chegou, todos os trabalhadores visitantes já haviam partido, estando a caminho de suas casas. Aquelas pessoas simples, se eram gratas pelas chuvas, não o eram menos pelo sol. E, sem se importar com a etiqueta, tinham ido embora antes dos ricos.

\*

Laércio, Rufina e Jan foram os últimos a deixar a Morro das Vinhas, acomodados na carroceria do caminhão com a mudança.

– Vou com vocês na carroceria – decidiu Rufina, recusando-se a ir na boleia: queria estar com seu marido e filho.

Quando o veículo se afastava, Laércio olhou ainda pela última vez o velho abacateiro.

– Engraçado – comentou com Rufina e Jan –, não está ventando e olhem só o suave balouçar de apenas um galho do abacateiro: até parece que é um aceno de adeus.

– Vocês nem vão acreditar – disse Rufina, que levava algumas mudas de verbenas apertadas ao peito, como que se estivesse

levando o canteiro todo –, hoje quando fui colher essas verbenas elas estavam chorando.

– Pai! Mãe! Olhem o Titão: tenho a nítida certeza de que ele está falando adeus.

Laércio e Rufina viram o grande touro erguer a cabeça e fitar na direção deles, fixamente, até o caminhão se perder na curva.

Quando não mais se via a sede da fazenda, nem nenhuma de suas casas, os três retirantes se abraçaram, num adeus coletivo àquelas terras que por anos lhes fora o lar.

Três lágrimas, brilhando ao sol, testemunhavam que três almas iam em busca dos seus destinos.

Para preencher o tempo de viagem, Laércio relembrou as palavras do coronel Antero, quando, ainda vivo, num gesto de grande respeito diário, se inclinava no primeiro instante da alvorada, ao primeiro sinal do sol:

O sol é a maior lição da generosidade divina que a Terra conhece; aquece a todos os seres vivos e a tudo o que foi criado por Deus, não fazendo quaisquer distinções; dia após dia, ano após ano, século após século, milênio após milênio, faz companhia diária aos filhos de Deus, dando-lhes vitalidade e bem-estar.

Para tentar consolar a mulher e o filho, recordou o que dizia o coronel, quando alguém partia:

Vejam como o sol é generoso: fica conosco, mas, ao mesmo tempo, também vai com quem nos deixa, por mais longe que for.

Quanto às despedidas, repetiu as citações do coronel:

Despedidas quase sempre são tristes: quando alguém parte, a bordo de um moderno avião, navio, trem, ônibus, auto- móvel, carroça, a cavalo – ou simplesmente a pé –, sempre deixa alguém para trás. Os corações, nessas ocasiões, assumem papel principal, porque sendo a sede física das emoções, seu ritmo se altera. Quem vai leva esperanças no futuro, deixando o passado; quem fica guarda um sentimento de perda, de vazio, contudo, não podemos nos esquecer da maior lição de amizade dada por Nosso Senhor Jesus Cristo, quando, na última ceia com seus Apóstolos, sabendo

que iria deixá-los fisicamente, lavou seus pés, repartiu Seu pão com eles e lhes deu a Sua paz; dias após, na despedida cruel – o martírio infame da crucificação –, não fez uma única reclamação; pelo contrário, perdoou os malvados e, três dias após, reapareceu na Sua glória para mulheres simples; depois disso, voltou ainda a reencontrar-se com os Apóstolos muitas outras vezes.

Laércio comentou que, nessas oportunidades, os que ouviam o coronel o notavam melancólico, como que falando com a própria alma, pois complementava, nostálgico:

Acredito que todos tivemos muitas outras vidas. Preocupo-me, às vezes, em pensar que talvez eu estivesse por perto de Jesus, como um dos seus crucificadores. Hoje sinto que nas despedidas se instala o reinado de uma indefinida emoção, que dói no peito, sem machucá-lo, que queima a alma, sem feri-la, que embaça a visão, sem prejudicá-la, que prende os sentimentos, sem algemá-los: é a saudade! Se isso não acontece com as duas partes, pelo menos em uma, com certeza.

Os Espíritos Dionísio e Antero haviam sido fortemente atraídos para junto da família de Laércio, cujas palavras emocionaram o antigo dono da Morro das Vinhas, fazendo-o chorar.

Dionísio abraçou o companheiro e aduziu:

– Meu irmão Antero, lembremo-nos dos ensinamentos da Doutrina Espírita, consoladora, libertadora e esclarecedora, quando ilumina esses acontecimentos terrenos, demonstrando que somos sempre viajantes.

– ?!

– Todos os espíritos têm sucessivas vidas terrenas, alternadas com vidas espirituais. Isso, por incontáveis vezes. A reencarnação, que é a via mater (estrada-mãe) dessa nossa permanente caminhada, oferta paradas a cada etapa, ao longo do percurso rumo ao infinito.

– Mas por que não recordamos essas vidas e nos lembramos o que as pessoas que nos cercam representaram nelas?

– Por decisão divina, a lembrança das vidas anteriores nos é impedida, o que representa supremo bem, já que da sua consciência plena resultaria o caos social. O que seria da família se pais e filhos recordassem, por exemplo, que foram carrascos e vítimas, reciprocamente? Simplesmente não haveria as abençoadas oportunidades de reajustes com aqueles ora protegendo estes.

– É verdade. Realmente seria o caos.

– Assim, partidas e chegadas repetem-se com todos nós, mas ninguém caminha só nessa sublime estrada, asfaltada pela eternidade. Não há um único ser que esteja completamente só, num único segundo da sua existência. A vida é participativa, pujante e bela! Quase sempre os que convivem conosco fazem parte do nosso passado. Mesmo ao estradeiro solitário, muitas vezes roto e com aparente desamparo, não faltam amigos espirituais que com ele seguem em busca do futuro, indo sempre em frente.

– Por que os espíritos retornam à proximidade com os encarnados?

– Normalmente, pela lei de atração, por sintonia vibratória, por identidade de ideias ou ideais. Isso, tanto positiva, quanto negativamente. Na verdade, existem muito mais espíritos desencarnados do que encarnados e pela linguagem do pensamento, que jamais cessa, estamos sempre formulando quadros compostos; de nenhuma paisagem pode ser excluída a presença de alguém, seja física ou apenas pela lembrança – invisível, embora.

Por isso, quando um andarilho se põe a caminho, talvez seja por- que sua bagagem existencial tenha se tornado pesada, de sonhos e pesadelos, ilusões e desilusões. Sua alma ferve de lembranças, de saudades, de esperanças renovadas – combustíveis para vencer as distâncias, indo em busca de melhor destino. Destino à frente, ofertado pelo Pai, alcançável com trabalho e perseverança. Tais andanças, contudo, inexoravelmente desencadeiam mecanismos universais de atração e sintonia. No ato de lembrar, estará atraindo para sua companhia espíritos afins, sintonizados

com sua aura e mente, pensamentos e ideais. Assim, nunca os andarilhos estão sós.

– E quanto aos solitários, recolhidos no silêncio e na distância do convívio social?

– Mesmo quando alguém se interna no refúgio da solidão monacal, ou conventual, por fé, devoção, ou fuga, também não ficará só ali: no silêncio das celas, das capelas ou dos altares, com a mente fervendo de indagações ou apenas de pio fervor, estará espiritualmente ligado a essas dúvidas ou a esses ideais. Como o pensamento é o mais potente transmissor-receptor que existe, essa postura reverberará no infinito e depressa outras mentes – de encarnados ou de desencarnados – captarão as mensagens; algumas terão respostas, outras as mesmas dúvidas, e outras, simplesmente, se ligarão, pelo gosto do devaneio.

– Compreendo que a busca da solidão é um dos mais equivocados tentames da criatura. De início, porque o homem foi contemplado por Deus, o Criador, com natureza gregária, participativa – jamais isolativa; a seguir, porque o homem só encontra a realização plena da Vida quando é útil ao próximo, pelas vias do amor universal; por fim, porque se guardar do convívio com os semelhantes é o mesmo que colocar lâmpadas sob o alqueire, já que todos temos algo a ensinar e algo a aprender, sempre.

– Deus seja louvado! É isso mesmo.

\*

Rufina sentia-se feliz pela proximidade com os parentes, muitos dos quais não via há muito tempo.

Jan, terminado o período de férias escolares, voltou aos estudos, numa escola particular.

Com muito esforço e ajuda de alguns colegas, aplicando-se intensamente, conseguiu, ao fim do primeiro semestre escolar, nivelar-se pedagogicamente ao currículo. Sua aplicação aos estudos, além de superar as dificuldades entre o ambiente rural e o

ambiente das grandes escolas, despertou a admiração dos professores e da sua classe.

De todas as aulas, a que mais gostava, contudo, não exigia esforços intelectuais, mas, sim, corporais: educação física. Desde o início do ano vinha se destacando em competições simples, algumas programadas pelo professor e outras, simplesmente como brincadeira com amigos.

As provas de atletismo não eram cronometradas e as medidas, calculadas sem grande precisão.

Contudo, em todas as provas de corrida, uma constante: Jan era sempre o vencedor. Invariavelmente.

Em provas de maiores percursos chegava na frente dos demais competidores, dezenas, às vezes centenas de metros.

Ajudava o pai nas horas disponíveis, sem descuidar das lições escolares.

Alguns meses após o início das atividades, o armazém de adubos e de implementos agrícolas havia prosperado muito.

Laércio, na gerência geral, era dedicadíssimo.

Muitas e muitas vezes ficava trabalhando após o anoitecer ou então chegava de madrugada, para supervisionar algum embarque de mercadorias para clientes.

Vários auxiliares seus já lhe dedicavam amizade. Um deles, Antônio, fez um amável convite:

– Senhor Laércio, espero que o senhor me desculpe, mas quero lhe pedir um favor especial.

– Pois não, Antônio. O que é?

– Meu filho vai fazer três meses e eu e minha mulher gostaríamos que o senhor e dona Rufina fossem os padrinhos.

– Ora, Antônio, então é esse o favor especial?

– É, sim senhor.

– Pois fique sabendo que não é favor coisa nenhuma. É uma honra!

Abraçaram-se.

Após o batizado, que reuniu vários familiares e amigos,

Antônio ofereceu um almoço a todos.

O ambiente festivo deixou Antônio muito alegre, bebendo muito, no que foi acompanhado por Laércio.

Laércio, sempre servido pelo compadre, ingeriu várias doses de bebida alcoólica, tornando-se eufórico. Não demorou e se tornou inconveniente, pois o cérebro era agora comandado pelo teor etílico que o invadira. Não podendo manter-se de pé, estava à beira de desmaiar, por coma alcoólico.

Contornando a situação, levaram-no para o quarto do casal, onde desabou na cama.

– Espere os convidados se retirarem, comadre, que eu levo o compadre para casa – disse Antônio a Rufina.

Tarde da noite, não podendo andar, Laércio foi quase arrastado pela esposa e filho, envergonhados pelo “papelão” dele. Antônio, também ele, quase não conseguia ficar de pé, alcoolizado.

Laércio, a partir de então, começou todas as noites a chegar tarde em casa, visivelmente embriagado, inaugurando ciclo de sofrimento para a mulher e o filho.

Antônio, o compadre, era-lhe companhia assídua no que denominavam aperitivos, sempre após o expediente.

Durante o dia Laércio e Antônio mal se falavam, ambos trabalhando muito, com pontualidade e dedicação.

Mas, terminada a jornada, eram atraídos como que por um poderoso ímã e juntos iam para um barzinho perto da casa de Antônio.

Várias vezes Antônio acompanhou Laércio até sua casa, ajudando-o a encontrar o endereço, tamanha era sua embriaguez.

Outras vezes, Laércio retribuía: conduzia o auxiliar, completamente embriagado, à residência.

Numa dessas vezes, Laércio teve que entrar na casa do compadre, para poder ajeitá-lo na cama, pois estava quase sem sentidos.

Dirce, a mulher de Antônio, pediu-lhe:

– Pelo amor de Deus, compadre, não deixe o Tonho beber desse jeito.

Laércio, sob efeitos da bebida, olhou para Dirce e não viu a esposa do amigo e auxiliar, mas apenas uma mulher aflita.

Laércio era um homem bom.

Sempre agira com lealdade para com todos, nunca desrespeitando quem quer que fosse.

Mas, naquele instante, misturou sentimentos de dó com súbita admiração pela beleza de Dirce, até então despercebida por ele.

Irrompeu-lhe súbito e ardente desejo.

Vinha ele de uma sequência de desajustes no lar, pois Rufina negava-se a compartilhar momentos de amor conjugal e até mesmo conversar com ele. Pensava ela que, com suas negativas, o marido se arrependeria e moderaria o consumo de bebidas. Imaginou que as exigências do sexo, sendo fortes, falariam mais alto na consciência e no físico do marido, vencendo a batalha com o álcool.

Laércio, não de todo embriagado, aproximou-se de Dirce.

Pousou-lhe as mãos no ombro e fitou-a:

– Desculpe, comadre. Nem sei por que bebemos assim. Dirce começou a chorar.

Laércio, eletrizado por súbita paixão, abraçou-a. A mulher captou as vibrações sensuais e repeliu-o.

Laércio estava prestes a um gesto de violência, para contentar a libido, quando ouviu:

– Laércio, meu filho, não continue.

Atônito, mas sem temor, deu-se conta que a voz era do coronel Antero. Saindo instantaneamente do torpor alcoólico, retirou-se, sem nada dizer, envergonhado: o álcool tinha anestesiado o medo, não a moral.

Depois desse dia, nunca mais se aproximou de Dirce.

Inclusive, não quis mais beber na companhia de Antônio, pois, aí sim, temia voltar a ouvir o coronel Antero.

Tanto Antônio como ele não deixaram de beber após o serviço: mudaram apenas de companhia e de bar.

No armazém, os negócios prosperavam.

Numa tarde de pouco movimento, Dirce telefonou para Laércio. Não tinham mais se falado, desde o incidente entre eles. Antônio estava fora da cidade, em viagem de entrega de fertilizantes, em várias fazendas, devendo retornar só no dia seguinte.

– Alô, compadre.

Laércio empolgou-se:

– Dirce...

– Desculpe incomodá-lo, mas é importante.

– Não é nada, pode ficar à vontade.

– Precisamos nos ver.

– ...?!

– A não ser que você não queira... Gaguejou:

– É claro que quero, mas...

– Quando anoitecer, estarei esperando-o.

Laércio ficou com o telefone na mão, olhando-o hipnotizado. Via no aparelho a chave para a porta da felicidade, que para ele, naquele momento, era tão somente sinônimo de prazer. Magoado há tempos com o punitivo retraimento da esposa, naquele instante sentiu o sangue ferver nas veias, por ânsias do erotismo até então reprimido.

Começou a vivenciar, na mente, os momentos passionais que certamente desfrutaria logo mais, ao lado da mulher do auxiliar.

Ao término do expediente, dispensou todos os auxiliares de eventuais serviços extras, tomou banho e já ia apagando a última luz do armazém quando ouviu:

– Meu filho...

Outra vez a alma do coronel Antero, pensou.

Sim. Em auxílio emergencial, o Espírito Antero recebeu instruções do Mentor Dionísio para tentar demover Laércio de perigosa aventura.

Mas em Laércio tão grande era a intensidade dos sentimentos e impulsos sensuais que desta vez nem quis ouvir mais nada, deslocando a mente para cenas sexuais futuras.

Agitado, apagou a luz e deixou o local.

Além de não se deixar influenciar pelo ex-patrão, ainda sentiu raiva dele.

Pensava: Vá embora e deixe-me; seu lugar é com os mortos e eu estou bem vivo; vivo e com uma mulher me esperando... vá embora!

Antero, com muita tristeza, afastou-se. Dionísio consolou Antero, acabrunhado:

– Laércio procede como aqueles que não ouvem as intuições protetoras. Impedindo a presença de amigos espirituais, sua opção pelo erro configura aquilo que explica Kardec na questão no 495 de O Livro dos Espíritos: Os Espíritos protetores afastam-se, quando veem que seus conselhos são inúteis e que é mais forte a vontade do protegido em submeter-se à influência dos Espíritos inferiores.

Laércio, de fato, não estava só.

Espíritos infelizes, arraigados ainda às coisas mundanas, insuflavam-lhe ideias promíscuas e projetavam em sua mente cenas de orgia e luxúria.

Tais espíritos nem sequer o conheciam nem tinham com ele quaisquer vínculos, desta ou de outras existências. Uniam-nos, apenas, os mesmos interesses, sintonizados que estavam em sensações grosseiras. Pela lei de atração, Laércio é que os havia convocado, embora inadvertidamente.

A partir daí, formara-se a equipe, acontecimento que a quase todos os instantes ocorre no mundo.

Nos dois lares, no de Laércio e no de Antônio, o alcoolismo vinha causando profundos desgostos e prejuízos à paz. Em ambos os endereços, grupos de espíritos desencarnados, por problemas causados pelo álcool, fixaram residência, induzindo os dois encarnados a cada vez beberem mais; profundamente interligados a Antônio ou a Laércio, por laços fluídicos, cada vez que um deles bebia, uma espécie de vapor etílico era repartido entre os membros da triste sociedade material-espiritual.

O Espírito Antero ia de uma a outra casa, mas nada conseguia fazer para impedir o péssimo clima espiritual que nelas se instalara, decorrente do alcoolismo dos respectivos chefes de família.

Dionísio explicou a Antero:

– O motivo para os alcoólatras cada vez beberem mais é porque bebem para si mesmos e para os sócios do além. Muitas pessoas simplesmente ignoram ou julgam ser devaneio dos espíritas a influência espiritual sobre encarnados. Tanto quanto as preces sinceras são ouvidas e atendidas por espíritos protetores, os vícios atraem desencarnados afins, que usufruem majoritariamente das sensações grosseiras do sexo desvairado ou promíscuo, dos êxtases alucinantes dos tóxicos, do tabagismo inveterado, da gula insaciável etc.

– Mas, e quando pessoas ofertam “coisas boas” aos espíritos, seja em altares, ou até em encruzilhadas?

– Isso apenas demonstra que no ser humano é intuitivo o mecanismo do usufruto, por espíritos, de coisas terrenas. Ora, espíritos evoluídos não precisam de nada da matéria, isso é evidente e racional. Os espíritos que necessitam de qualquer coisa terrena estão num plano evolutivo muito denso, próximo à materialidade. Desde os antigos, a intuição leva pessoas de boa vontade a tentar agradar entidades protetoras, desconhecendo que o melhor agradecimento é pela prece e por atos de caridade para com os necessitados. No Velho Testamento, por exemplo, vemos Noé, ao sair da arca, salvo do dilúvio, por gratidão fazer ofertas no altar ao Senhor, que teria aspirado o agradável aroma dos alimentos. Fica evidente que já naquela época havia a intuição de espíritos auferindo bens materiais. Acontece que para espíritos infelizes, viciados, o bem material é a satisfação do vício. Os prazeres mundanos, assim, manifestos por vibrações espúrias ou por invisíveis fluidos contidos nos vapores etílicos ou tóxicos, são avidamente compartilhados pelos desencarnados, que literalmente se acoplam aos viciados – seus hospedeiros.

Rufina entregou-se às orações, como reação de ordem espiritual e impôs jejum sexual como punição ao marido.

– Só voltarei a ser sua mulher – dizia a Laércio –, se você abandonar a bebida. Deus não aprova sexo desse jeito.

Dentro de suas características de pessoa humilde, devota e sincera, considerava que sua atitude era a adequada, pois contava com a bênção celestial.

No lar de Antônio, outra era a reação da mulher:

– Você chega bêbado e agressivo, não toma banho, nem olha para o jantar, e quer ainda se aproveitar de mim? Nunca! Se tentar forçar alguma coisa eu o abandono e ainda vou dar queixa na polícia.

A recusa de intimidade conjugal devia-se ao fato de sentir-se apenas um objeto de uso extemporâneo e pelo ressentimento das agressões físicas, inibidoras da libido. Numa dessas brigas, teve o dissabor de ouvir o marido, mesmo embriagado, lembrar-lhe:

– Não se esqueça de que fui eu que salvei você da perdição. A maldosa lembrança referia-se ao fato de que, quando se casaram ela já possuía um filho, que fora adotado por família desconhecida, no dia mesmo em que nasceu.

Dirce nem sequer chegou a ver o filho, bem como jamais revelou, a quem quer que fosse, quem era o pai, já que mesmo que o quisesse não poderia, pois tinha vida promíscua.

No quadro de alcoolismo de Antônio, decorridos alguns meses de angústias, incertezas e ressentimentos, não tardou para que irrompesse em Dirce ódio por ele.

Sem base cristã e mesmo sem qualquer crença religiosa, amargou meses e meses de humilhações. Desprezando e repelindo o marido toda vez que lhe solicitava algum carinho, isso o levou a agredi-la, cada vez mais. Por tudo isso, além do ódio, surgiu desejo de vingança. Passou a imaginar como poderia dar o merecido troco ao marido, que fizera das agressões morais e físicas uma rotina. Mesmo temendo as brutalidades de Antônio, o desejo de vingar-se tomou conta da sua mente.

Nem o abandonou nem o denunciou, conforme ameaçara.

Temia que o marido lhe tirasse a vida.

Pairava esse clima espiritual quando houve mudança brusca de atitude, por parte de Antônio: embora ainda se embriagasse, já não o fazia uma vez por semana.

Estou sendo traída, pensava Dirce.

Alerta, pela mágoa que a sufocava, Dirce bem depressa deduziu que algo diferente estava ocorrendo: traição conjugal; até porque, agora, era o marido que a desprezava, como se ela nem existisse. Sempre no mesmo dia da semana, chegava tarde, deitando-se ao seu lado, sóbrio.

Felinto, componente da equipe espiritual e encarregado de dar proteção àquele lar, procurou Dionísio, revelando temor por um desenlace violento:

– Irmão Dionísio, espíritos vampirizadores sintonizados com Antônio passaram a obsediar a mulher, Dirce, induzindo-a à atitude vingativa, imoral. O casal mostra-se surdo a todas as minhas sugestões para demover ambos desse comportamento.

– Sim, meu filho, é muito difícil disfarçar a infidelidade conjugal, principalmente entre casais que se uniram por amor e que depois tenham se deixado envolver, extraconjugalmente, por paixões fugidias, como, aliás, são todas as paixões.

Suspirando e silenciando alguns instantes, seguiu:

– A convivência com o cônjuge impõe ao infiel grandes esforços mentais para não se autodelatar; sua aura se modifica de tal forma que até parece que traz impressa no semblante a notícia da traição.

– Mas como o cônjuge traído percebe isso?

– Tal leitura, embora a partir de tintas invisíveis, é feita pela linguagem dos sentimentos, infalível, porque as palavras são escritas na mente com a tinta da realidade e a percepção é de espírito a espírito.

Na verdade, Dirce, com facilidade, sentiu-se traída. Obrigada a sorver mais essa dose amarga no seu cálice de tormentos, apenas um caminho lhe pareceu adequado à vingança: trair também.

Mal acabou de pensar, Laércio veio-lhe à memória.

A imagem de Laércio foi projetada mentalmente por espíritos obsessores em seu cérebro, que com grande facilidade permitiu tão nefasta invasão.

Sem raciocinar sobre as consequências, atraiu o chefe do marido, que vivia com o cérebro toldado por sentimentos infelizes, colhidos na árvore de equívocos que plantara.

Assim, Laércio e Dirce uniram-se, espuriamente, sem o menor remorso, de parte a parte. Esticavam as horas dos seus encontros, multiplicando as sensações, insuspeitando que não passavam de simples intermediários, eis que o êxtase a que se entregavam era repassado para os espíritos infelizes que cada vez exigiam mais.

Entre o casal infiel e os obsessores havia ligação similar àquela que faz com que uma pessoa pegue um fio elétrico desencapado, com energia, e segure em outras pessoas, tomando choque todas.

– É melhor – dizia Laércio a Antônio – você ir à tardinha, compadre, assim o calor não vai maltratá-lo. Imitando David, que designava Urias, o marido de Betsabá, para perigosas e afastadas frentes de combate a fim de facilitar seus encontros com ela, após seduzi-la, Laércio também passou a designar Antônio para entregas de mercadorias em locais distantes.

Antônio só era liberado no fim do expediente, sendo autorizado a pernoitar no trajeto ou no destino, de onde, aliás, só poderia retornar no dia seguinte.

Infenso a pudor ou cuidado, Laércio ficava até altas horas no lar de Dirce, com anuência dela.

Ignoravam ambos que Antônio não seguia destino logo, ficando também até tarde junto à amante, só partindo de madrugada, para cumprir a missão.

Tão cegos estavam os dois homens que não percebiam e mal disfarçavam a ânsia de ambos, para que mais e mais encomendas surgissem, em endereços bem afastados.

Tudo indicava que a tríplice traição até poderia caminhar para uma possível perpetuidade.

Denotando grande tristeza, Dionísio comentou com Antero e os demais membros da equipe espiritual:

– O mal não prospera, jamais se mantendo. A própria vida irá alterar a vida dessas equivocadas criaturas – infelizes julgando-se felizes –, transformando-lhes em amarga derrota o que ora lhes parece refulgente vitória.

– Querido instrutor – perguntou Antero –, como decifrar o futuro, como nesse caso?

– Todo abscesso, cedo ou tarde, tem que ser extirpado, senão por meios naturais, por cirúrgicos, às vezes letais. Da mesma forma, todos os atos conflitantes com as Leis Divinas têm que cessar. E cessarão, um dia, pelo bem ou pelo mal, isto é, pela autorreforma ou pela dor.

– O próprio planeta Terra – prosseguiu, após olhar longamente para o horizonte, onde o sol se punha – não está condenado ao destino eterno de palco de provas e expiações. Como tudo o que é criado por Deus, tem uma trajetória evolutiva. A noite moral na qual se encontra também terá uma alvorada sublime.

E explicou:

– Nosso planeta, atualmente, está no limiar de uma promoção, como nos ensina Allan Kardec, no Cap. XX, número 5, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, quando ouvimos o Espírito de Verdade, em 1862, advertir:

Atingistes o tempo do cumprimento das coisas anunciado para a transformação da Humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado na seara do Senhor com desinteresse, sem outro móvel senão a caridade!

– Como identificar os felizes do Evangelho?

– Somos os alunos dessa grande escola e só serão aprovados, para a próxima etapa, para viver no mundo novo, regenerado, os que tiverem merecimento. Os reprovados irão para outras escolas, onde receberão os mesmos aprendizados do Bem, tendentes a reciclar seu comportamento, até que suas almas os pratiquem.

– Os felizes terão sua aprovação sempre ditada pela própria consciência, motivo pelo qual não há revisão de provas, isto é, ninguém reclama de ser repetente na mesma classe. Todos os aparentes benefícios advindos do mal, sejam quais forem, constituem dívidas assumidas pelos beneficiários, aos quais, inexorável, o Tempo exigirá resgate, sob impositivo da consciência de cada um.

E arrematou:

– Isso porque não há, nem jamais haverá, um anestésico da consciência, que sempre dure. As Leis Morais, fiéis orientadoras do comportamento de todos os filhos de Deus, preveem o livre-arbítrio, mas com responsabilidade. Quem se der ao cuidado de folhear O Livro dos Espíritos, quando Kardec descreve essas Leis, ficará maravilhado ante a sabedoria do Criador. Nada impede à razão cuidar que Deus as tenha promulgado em todo o Universo. Esse divino código de conduta moral é impresso na consciência de cada ser, quando adentra na fase hominal.

– É por isso – perguntou Felinto, o protetor no lar de Antônio – que o Espiritismo preconiza, à exaustão, que todo o mal que sofremos tem uma única origem: nossos erros, na vida presente, ou, majoritariamente, nas anteriores?

– Sim. Deus abençoe a todos.

## HORIZONTE DE TREVAS

Quando a anormalidade vestia a máscara da acomodação, um inesperado acontecimento tumultuou os dois lares, o armazém de adubos, a Fazenda Morro das Vinhas e a própria cidade. Em um dos afastamentos e sob ordens de Laércio, Antônio, após estar algumas horas com a amante, sentiu-se mal. O mal-estar foi provocado por entidades desencarnadas, com grande poder de indução.

Dionísio captou desfecho infeliz para aqueles espúrios relacionamentos e convocou a equipe para irem à casa de Antônio, tentarem ajudar de alguma forma.

Contudo, quando se aproximaram do lar de Dirce, foram surpreendidos por uma verdadeira algazarra que espíritos sombrios promoviam dentro daquela casa.

– Não poderemos intervir diretamente – advertiu Dionísio –, pois os próprios encarnados fincaram raízes do mal aqui. Repelemos, totalmente. Terrível dano já está consumado. Os desencarnados apenas dão sequência às infelicidades em busca de prazeres fáceis e irresponsáveis. Oremos a Jesus!

Já era tarde da noite e não estando em condições de dirigir o veículo com a encomenda, Antônio decidiu ir para casa. Para não acordar a esposa, desligou o motor a um quarteirão de sua casa, situada numa pequena ladeira. Deixou o veículo deslizar silenciosamente, com os faróis desligados. Estava a cerca de trinta metros da sua residência quando se surpreendeu ao ver que alguém saía dela, furtivamente. A princípio pensou que era um ladrão. Mesmo sem condições, já ia partir para o ataque quando identificou o vulto: Laércio!

Num segundo captou tudo: então era por isso que o Laércio toda semana me despachava para pernoitar fora, e eu venho sendo ingênuo em escolher sempre o mesmo dia semanal para minhas viagens.

Logo, lembrou-se que as viagens também lhe proporcionavam o encontro amoroso que supria suas necessidades de carinho e de amor, como julgava.

Ante o dimensionamento de que a traição da esposa e do compadre era semanal, identicamente como a dele próprio, exasperou-se; atônito, não sabia o que fazer: preciso dar uma lição aos dois.

Forte demais, o que presenciara nublou por instantes sua razão. É notório, na história da humanidade, que jamais um traidor aceita ser traído.

O mal-estar agravou-se. Com forte enjoo desceu do veículo, estacionado mais ou menos distante e sentou-se na grama, onde regurgitou. Voltou à cabine do veículo, adormecendo. Acordou, depois de mais ou menos duas horas, atordoado e febril. Dois obsessores envolviam-no.

Amanhecia, com o frio exigindo o conforto de um agasalho ou cobertor.

Uma grande repulsa, um grande asco impedia-o de entrar naquela casa, que era seu lar. Atingiu-o em cheio a abrupta consciência de que tudo estava destruído em sua vida.

Mas o frio apertava.

Entre a repulsa do espírito e a exigência fisiológica de aquecimento, venceu o corpo: cambaleante, aproximou-se da porta de entrada. Estava destrancada. Não atinou, no momento, quanto isso era anormal. Foi até o banheiro e sem acender as luzes lavou o rosto, molhou a cabeça, os pulsos, o pescoço. Após se enxugar, dirigiu-se para o quarto e deitou-se de costas para Dirce, sem fazer ruído.

Seus pensamentos eram lava pura. Aos próprios, eram adicionados outros, dos desencarnados. O mal-estar, somente isso, impedira até ali uma brutal reação.

Decorridos trinta minutos sem conseguir pegar no sono, só pensando numa forma de castigar Dirce, viu o dia amanhecer.

Virou-se lentamente para o lado da esposa.

Ela estava imóvel.

Ficou olhando-a, por minutos, infinitos.

Percebeu, vagamente, que ela estava quieta demais.

Tocou-a, de leve. Nenhuma reação. Intensificou o toque. Nada.

Pegou o braço da mulher e ergueu-o. Estava gelado.

Sentindo algo apavorante, soltou o braço, que caiu, abruptamente.

Dirce estava morta!

Essa foi a certeza que o assomou.

Com um grito de terror, pulou da cama, vestiu-se de qualquer jeito, sem conseguir tirar os olhos do corpo inerte. Instantaneamente, superou o mal-estar.

– Dirce morreu! Dirce está morta! Socorro!

Aos gritos de que Dirce tinha morrido, correu para a rua, completamente descontrolado.

Alguns vizinhos acorreram e socorreram-no.

Chamada a polícia, o caso foi dado como homicídio qualificado, pois marcas no pescoço evidenciavam estrangulamento.

Dionísio percebeu que seus companheiros estavam comovidos, penalizados com a tragédia, mas também tinham inúmeras dúvidas. Tentou elucidá-los:

– Toda vez que ocorre um crime na face da Terra, vibrações negativas e positivas agitam o cenário espiritual adjacente e, por repercussão, inda que quase imperceptível, todo o planeta. As vibrações negativas, como as dos assassinatos, são aquelas à conta das vítimas que desencarnam de forma brutal e antecipada, aportando no plano espiritual em condições tão infelizes que palavras não conseguem defini-las. Chegando ao mundo dos

espíritos, aquele que assim para ali é catapultado, não encontra amigos sorridentes, nem mãos amigas, nem ouve palavras de encorajamento.

– Mas como, em tão pouco tempo, alguém pode se perder assim? – perguntou Antero.

– Quase sempre o próprio histórico do crime, tendo em vista sua origem, envolve mais de uma vida, mais de uma geração, mais de século até. Com raízes solidamente fincadas em vidas anteriores, são muitos os personagens de todos os crimes que não foram apresentados uns aos outros apenas nesta vida.

Meditando um pouco, continuou Dionísio:

– Como vimos, aqui mesmo, quanto aos encarnados envolvidos, a começar do criminoso ou criminosos, entram num redemoinho de pensamentos trevosos que tumultuam e lhes desarranjam o equilíbrio cerebral. Fugir do local do crime e evitar ser preso em flagrante, em todos é uma ideia fixa. É demonstrativo de que os criminosos, no inconsciente, sabem que nos primeiros instantes, ou nas primeiras horas, não terão estrutura para ocultar seu mau ato.

– Antônio não fugiu – comentou Felinto.

– Por enquanto. Logo os parentes da vítima, via de regra atingidos pelo acontecimento, sofrendo o impacto do inesperado, com isso passam, eles também, primeiro por uma fase de desequilíbrio, para logo mergulharem em outra, de depressão. E, da depressão ao ódio e à vingança, não há distância. Por isso, sofrem todos os envolvidos.

– Não haveria como evitar a tragédia? – inquiriu outro socorrista.

– Sim. Se os envolvidos, ou talvez apenas um deles, ou- vissem a voz da consciência, sem desprezar o esforço que Jesus nos confiou em auxiliá-los, que foi sistematicamente recusado. Quanto às vibrações positivas, constituem a permanente Onipresença Divina em todas as latitudes e longitudes de tudo e de todos os seres que existem.

– A vítima nunca é inocente?

– Consideremos: quando alguém erra, comete duplo equívoco, porque, de início, terá ficado surdo à voz da consciência, esta inigualável sentinela moral que Deus incorporou ao espírito humano; em segundo lugar, por desconhecer, ou esquecer, que, pela Lei de Justiça, todos os nossos atos redundam em reação – retorno, à origem. Perpetrado o erro, Leis Divinas abarcam todos os quadrantes dos acontecimentos, envolvendo os agentes e coadjuvantes, desencadeando de imediato processo reparador; processo esse que poderá escoar-se muito tempo à frente, às vezes após diversas vidas futuras. Outra não é a razão pela qual vemos crianças e outros inocentes serem alcançados por dramas e sofrimentos terríveis.

O ensinamento era profundo. Dionísio exemplificou:

– Acidentes pavorosos, por exemplo, vitimando tantos, devem ser considerados escoadouro de pesados débitos, posto que a Justiça do Pai jamais imporia dor a inocentes. Convém lembrar, ainda, que a dor é consequência e não origem. Como se vê, em tudo Deus está presente, manifestando-Se pela Lei de Justiça. Todas as infelicidades são consequência de mau procedimento, e mesmo assim não há penas eternas: a todos os que se desviam dela, a felicidade não cessa jamais de atrair, ofertando repetidas chances de recomeço. Se há tristeza no distanciamento das Leis Divinas, só há alegria à sua proximidade.

– Quando cessarão os crimes na Terra?

– A filosofia cristã do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, como a si mesmo, quando vivenciada, levará o homem a sentir Deus e à certeza irremovível e eterna de que Ele é o Criador, é Pai, é Justo, é Bom – tudo vê, ouve e registra. No futuro, consciente, sentirá Deus ainda e também como o Senhor do Tempo e de tudo o que a mente humana conhece. Hoje, apenas no inconsciente, o homem sabe que Deus é muito mais do que tudo o que d’Ele possa ser dito ou pensado.

Concluindo seus apontamentos, sugeriu:

– A existência de forças armadas e de polícia é um atestado inequívoco de que o crime, coletivo ou individual, ainda compõe a paisagem dos fatos terrestres. Quando vocês virem a Terra ou qualquer planeta sem exércitos, sem forças militares, sem policiais e sem nenhuma arma, aí estará implantada a Paz.

Uma irmã de Dirce chegou antes de qualquer outro parente. Ao ver a irmã morta e o cunhado em crise, também ela sofreu ataque de nervos: gritos lancinantes, gestos blasfemos e ódio escorrendo das feições. Após chorar e gritar bastante o olhar tornou-se empedrado, fitando Antônio:

– Foi você!

Não tivesse o coração em condições normais e Antônio teria, agora ele, talvez quase morrido, quem sabe, de infarto fulminante.

O torpor mental dissipou-se nele. Dentro da cabeça, ouviu um altissonante grito: fuja!

Dardejava a cunhada com ódio, fruto da injusta acusação, quando ouviu-a repetir:

– Assassino, assassino.

Saiu correndo, só pensando na própria segurança, pois os vizinhos, como que em simbiose psicológica, decretaram também, olhando-o com rancor e desprezo:

– Assassino, assassino!

Quando a polícia chegou não foi difícil verificar, num primeiro exame, que Dirce tinha sido vítima de estrangulamento.

Após terem sido tomadas as medidas legais pela Polícia Técnica o corpo foi removido para o Instituto Médico Legal.

O filhinho do casal foi levado para casa da tia e a casa foi fechada.

Iniciando desde logo as investigações, a polícia compareceu ao armazém onde Antônio trabalhava. Mesmo sabendo que certamente ele ali não estaria, talvez alguma informação pudesse ajudar na sua captura.

Sem formalizar acusação, as autoridades policiais já haviam esboçado um quadro, segundo o qual Antônio era o criminoso. Além

das acusações nada discretas da cunhada, corroboradas pelos vizinhos, emergiu que Dirce vinha sofrendo com o marido, alcoólatra e violento.

Intrigantes e sarcásticos, disseram os vizinhos:

– A sorte dela é que o patrão do marido é padrinho do filhinho deles, se não fosse por isso, já teria embarcado muito antes.

– Como assim? – inquiriu o delegado. Mais cinismo, mais falsidade:

– Tonho vive bêbado e batendo na mulher até ela quase desmaiar; o senhor Laércio, o patrão dele, vinha sempre socorrer a comadre.

À autoridade não escapou o tom de malícia.

No armazém não estavam nem Antônio nem Laércio.

Dois investigadores foram à residência de Laércio, encontrando-o com a esposa, preocupados ambos com um acesso epiléptico do filho.

Jan trazia os olhos revirados, uma veia saltada na região frontal, suando abundantemente; maxilares rijos, boca retorcida, escorrendo espuma. De quando em quando uma convulsão, seguida de sons guturais estranhos, ininteligíveis.

Laércio assustou-se quando lhe disseram os policiais:

– Sua comadre Dirce está morta.

Mais assustado ficou, não conseguindo evitar uma vertigem que o teria derrubado, se não tivesse sido amparado pelos dois homens, quando completaram:

– Foi assassinada!

Rufina, assustada, começou a chorar.

Dirce, morta, essa explosão íntima que abalou todas as estruturas de Laércio. Num segundo reverberou-lhe no cérebro todo um cenário de dor e amor, de solidão e perigo, do que era certo e do que era errado no seu caso passional com a morta.

Não conseguia parar de tremer. Há poucas horas estava com ela, em carícias.

Começou a balbuciar baixinho palavras desconexas, para logo soltar gritos estentóricos.

Os policiais, desconcertados, tentaram ajudar os três, pois Rufina também começou a gritar com Laércio e Jan estertorava, espumando.

– Parece que os três enlouqueceram – comentaram os policiais, certos de que o homem estava sob um acesso de loucura. Mas, logo após a loucura eclodir no pai, um fato extraordinário ocorreu: o filho acalmou e Rufina parou de gritar, chorando apenas. Algo assim como se o mal dos dois tivesse se transferido para o chefe da casa. Espíritos malvados que molestavam Jan, na crise epiléptica, e Rufina, com depressão aguda, deixaram-nos e passaram a judiar ainda mais de Laércio, que, num ataque de fúria, começou a depredar os objetos da casa. Cacos voavam por todos os lados.

– Dirce está morta, Dirce está morta – gritava. Jan abraçou a mãe, protetor.

A muito custo Laércio foi contido pelos policiais.

O motorista da viatura policial convocou a presença de uma ambulância. Quando o médico e os enfermeiros chegaram, foi aplicado um sedativo em Laércio, que em seguida foi conduzido ao Hospital Municipal Psiquiátrico.

Rufina chorava desesperada, vendo o marido estendido na maca, envolto por uma camisa-de-força, sendo levado como louco. Jan, agarrado à mãe, chorava também. Amparava a mãe, mas também sofria com a notícia, pois desde que vira a senhora Dirce sentiu grande afeto por ela, sendo correspondido.

No armazém o movimento comercial foi prejudicado pelas notícias de que o chefe de entregas tinha assassinado a mulher e o gerente tinha ficado louco.

Mil intrigas se formaram, para que um fato justificasse o outro. E, ainda, buscavam todos uma explicação de quais motivos teriam levado o marido àquela brutal solução, para o seu problemático convívio conjugal, como era notório.

Também no armazém, todos já haviam decidido que Antônio era o assassino.

Os jornais do dia seguinte fizeram ampla reportagem sobre o crime, citando, nas entrelinhas, com base nos boatos dos vizinhos, que o móvel tinha sido o ciúme, vingando traição conjugal.

Lendo-os, só então Rufina atinou que a outra era a sua comadre. Sabia da infidelidade do marido, por infalível intuição feminina, mas jamais desconfiara de que tivesse por palco um lar – do colega de trabalho.

Antônio, quando fugiu, foi para uma fazenda cujos donos pouco a visitavam; com efeito, ali só estavam o capataz e cinco peões. Mentiu:

– Meu carro está meio ruim e preciso de uma bateria nova.

A fazenda não dispunha de meios de comunicação e assim ali permaneceu por dois dias, enganando que o veículo estava com algum defeito. Quando retornou à cidade foi às escondidas procurar a amante, que já pelo telefone o dispensou, para sempre.

Estava com a barba por fazer, de três dias. Adentrou uma barbearia e, enquanto aguardava sua vez, começou a folhear os jornais, alguns, vencidos. Por coincidência, deparou com a reportagem sobre Dirce e sobre ele. Até a imprensa o considerava o assassino. Pegou outro jornal, da véspera, onde leu que Laércio tinha enlouquecido.

Precipitada e maldosa, a imprensa noticiou que Laércio enlouquecera de paixão pela perda da amante, morta pelo marido por causa da traição conjugal.

Assim, explorando a amizade das duas famílias, formou-se ideia geral do móvel do crime, acoplando os ingredientes infidelidade, morte e loucura, apontando culpados e inocentes.

Elpídio soube do crime, no mesmo dia, quando estava na Fazenda Morro das Vinhas, aonde viera com a família para descansar por três dias. Disse à esposa:

– O armazém de adubos, de alguma forma, estará com problemas funcionais. Nem acredito que o Laércio, tão correto,

tenha cometido tamanha violência. Preciso retornar à cidade. Sinto na consciência que precisam de mim no palco dessa infelicidade, pois indiretamente Laércio nele se encontra por minha decisão ao convidá-lo à mudança da fazenda para a cidade.

– Desde quando você se preocupa desse jeito com empregados? – retrucou Mara, irritada.

– É urgente apoiar e auxiliar a família.

– Mais essa? A família? Então vamos com você, eu e Tiara. Tiara, desde que Jan se mudara para a cidade, nunca mais conversara com ele, embora algumas vezes se vissem, em locais de lazer dos jovens.

Elpídio com a esposa e a filha foram recebidos por Rufina e Jan, aos prantos. Elpídio aproximou-se e enlaçou-os, fraternal, o que desgostou Mara, que só então reparou que Rufina tinha um corpo muito bonito.

Rufina, soluçando, contou:

– O Laércio enlouqueceu, talvez porque a polícia suspeita que ele seja o criminoso. Pelo menos, isso é o que todo mundo deduziu.

Tiara permaneceu imóvel, olhando Jan, que já há algum tempo não via. De relance, notou que ele crescera, adquirindo porte atlético.

Jan, por sua vez, observou que Tiara não era a mesma: desabrochara qual uma flor ao sol matinal, irradiando beleza, perfume e paz. Decorridos alguns instantes, aproximou-se dela, olhando-a bem dentro dos olhos.

Ela sustentou o olhar forte.

Estavam ambos emocionadíssimos, corações pulsando.

Jan não definia o que sentia por Tiara, uma sensação de bem-estar, um profundo sentimento de admiração, não pela sua aparência, mas por algo interior.

Tiara, ao contrário, era presa de uma esfogueada paixão por Jan e derramava calor intenso por todas as suas veias. Agora que tinha à sua frente aquele moleque que um dia, lá na Morro das

Vinhas, deu-lhe um inocente e fortuito beijo, tal lembrança abrasava-a. Nunca pudera definir se beijo de amor ou de amizade.

Como ficou bonito e forte, pensava.

Mara captou o astral que envolvia os jovens. Não gostou de nada que estava acontecendo ali.

No íntimo, equacionou o que seus olhos viam como um disparate, um contrassenso, pois a distância social entre a filha e o rapazinho caipira ia da Terra à Lua.

Elpídio disse a Jan:

– Vou tomar conta de tudo e ajudar seu pai. Olhando para Rufina:

– Fique tranquila, dona Rufina, que nada faltará à senhora e ao Jan.

Outra vez Mara não gostou do que via e principalmente do que ouvia. Pensava: a troco de que nós teremos que sustentar esse povo?

Nada disse, na hora.

Deixando Rufina e Jan um tanto reconfortados, Elpídio conduziu a esposa e a filha à residência e foi até o armazém.

Tomando conhecimento dos negócios, providenciou o que era imediato e nomeou Zé Carlos, um funcionário que há tempos conhecia, como gerente, a título precário.

Ia já deixando o armazém quando chegou uma viatura policial, com um investigador, Magno, que se apresentou.

Vinha o policial realizar algumas diligências.

Pedindo permissão ao senhor Elpídio, surpreendeu-o, ao solicitar para interrogá-lo em primeiro lugar.

Elpídio, disfarçando um pequeno susto, brincou:

– Sou suspeito?

O policial, rápido, justificou-se:

– Pelo amor de Deus, senhor Elpídio: só vim aqui para saber alguma coisa do seu empregado, o que ficou louco.

– Ah! Ainda bem.

– É sorte minha encontrá-lo aqui. Cauteloso, aduziu – Se o senhor não quiser, ou não puder, não precisa.

– De forma alguma, faço questão de ajudar a Lei.

Em poucas palavras Elpídio narrou como e por que Laércio se transferira da fazenda para a cidade.

Sobre o caso com Dirce, nem um nem outro tocaram no assunto.

Elpídio perguntou:

– E o marido da vítima, o Antônio, vocês sabem do paradeiro dele?

– Não senhor, não sabemos. Só sabemos que ele é o principal suspeito. Só o fato de fugir já o incrimina, e bastante.

– Ele é o criminoso, então?

– Até agora, pelo menos, recaem sobre ele as maiores suspeitas, pois apuramos que ele deveria estar fazendo uma entrega, fora da cidade; entretanto, foi visto, por um vizinho insone, chegar de madrugada e estacionar o veículo sorrateiramente um pouco distante da casa, onde aguardou cerca de duas horas antes de adentrar; o que chamou a atenção desse vizinho foi o fato de Antônio ter entrado às escondidas e não ter acendido nenhuma luz.

– Como essa pessoa sabe que era ele?

– Porque viu Antônio descer do carro e regurgitar na grama, bem embaixo do poste e depois retornar à cabine do carro; curioso, o vizinho ficou olhando sem entender o que se passava, até que Antônio entrou em casa; pouco depois ao amanhecer, acordou os vizinhos, gritando que a mulher estava morta.

O investigador pensou um pouco e concluiu:

– Se não foi ele, como justificar a chegada sorrateira e por que esperou o dia amanhecer para anunciar a morte da esposa? O motorista da viatura policial bateu à porta do escritório, interrompendo a conversa:

– Com licença. Magno, tenho uma quente para você, vamos até o carro?

– Pode dizer aqui mesmo.

Ressabiado, o motorista relutou.

Magno, perdendo a calma e demonstrando confiar no senhor Elpídio, repetiu a ordem, elevando a voz:

– O senhor Elpídio é o dono. Conte logo.

– Recebi uma mensagem pelo rádio: os vizinhos, mesmo temerosos, resolveram procurar o delegado e contaram que a vítima tinha um amante...

– Disseram quem era?

– Sim. A mulher morta traía o marido com o chefe dele, chamado Laércio, gerente deste armazém, que mandava o empregado viajar para traí-lo com a esposa.

Elpídio não se conteve:

– Canalha! Miserável! Então foi por isso que ficou louco. E eu, com dó dele.

Magno raciocinou rápido:

– Isso parece resolver o caso: só precisamos confirmar essa história das viagens.

Elpídio convocou o empregado mais antigo e, na presença do policial, perguntou-lhe, à queima-roupa:

– É verdade que o Laércio mandava o Antônio para fora para ficar com a mulher dele?

– Não sei, não tenho certeza.

– Ora, Zé Carlos, você não vai ser o gerente daqui para frente? Então, como é que não sabe o que está acontecendo aqui dentro?

As perguntas continham irresistível proposta.

Zé Carlos sucumbiu:

– Todo mundo sabe que eles são compadres e que de uns tempos para cá deixaram de beber juntos.

– Mas e sobre as viagens?

– É verdade, senhor Elpídio. Toda semana o Laércio mandava o Tonho para fora e muitos daqui viram que ele, à noite, ia para a casa da falecida.

O investigador deu por cumprida sua missão e retirou-se. Antes, Elpídio solicitou-lhe que o mantivesse informado de todos os acontecimentos futuros.

Elpídio logo deixou o local também.

À tarde, alguns repórteres foram ao armazém. Com gorjetas ao novo encarregado, souberam tudo o que tinha sido conversado entre o patrão e a polícia.

Três dias depois Antônio se apresentou às autoridades policiais. Estava acompanhado de um advogado do sindicato. Prestou esclarecimentos, formalizando depoimento, no qual se declarava inocente.

Seu depoimento foi arrasador, pois incluiu dois fatos novos que mudaram completamente o rumo das investigações:

– Tenho uma amante que poderá comprovar que estive com ela até quase amanhecer; passei mal e não fui viajar, retornando de surpresa para casa. Esse o primeiro fato. O segundo: quando retornei, pilhei o Laércio deixando furtivamente minha casa, alta madrugada.

Era robusto seu álibi. Disse que entrou silenciosamente em casa, pois, além de estar se sentindo mal, tencionava resolver o assunto logo no dia seguinte. Há muito já não tinha qualquer relacionamento com a esposa e, ao constatar que ela o traía com Laércio, com facilidade teria a guarda judicial do filho, após a separação que iria providenciar.

Magno, o policial, foi designado para ir ao hospital interrogar Laércio. Antes, entrou em contato com o senhor Elpídio, informando-o do depoimento de Antônio.

Sabendo que Magno ia ao hospital, Elpídio pediu para acompanhá-lo. Foi atendido.

Chegando lá e sendo levados à presença de Laércio, Elpídio custou a acreditar como é que o auxiliar pudesse, em tão pouco tempo, transformar-se em um espectro. Olhos encovados, olheiras profundas, expressão apatetada, barba por fazer e cabelos em desalinho, Laércio não era nem sombra do valente e saudável

capataz que Elpídio tanto admirava. Denotava ausência de banhos e presença de sedativos. Magno ia iniciar o interrogatório quando Laércio, vendo Elpídio à sua frente, atirou-se de joelhos aos seus pés:

– Não fui eu. Elpídio nada disse.

Impassível, sentiu nojo quando Laércio lhe abraçou as pernas, trêmulo, soluçante:

– Não fui eu.

Dois enfermeiros, postados atentos, agarraram o paciente com desnecessária energia, arrastando-o até uma tosca cadeira, onde o obrigaram a sentar-se.

Magno tentou interrogá-lo.

Laércio entrou em lúgubre mutismo, com as feições alternando estupor e raiva, denotando que a insânia o levava para longe da razão.

Depois que Elpídio e Magno se retiraram, o paciente foi deixado num cubículo totalmente desmobiado, a não ser com um colchão velho, jogado no chão.

Esse, o seu aposento, talvez para sempre.

A polícia deu sequência às investigações sobre o assassinato de Dirce, concluindo, após as diligências, que Laércio era o culpado. Mantido lúcido pelo hospital durante vários interrogatórios, caíra em contradições, terminando por confessar que estivera com a vítima até a madrugada. Não conseguiu também sustentar a mentira inicial, segundo a qual não eram amantes.

Assim, as declarações de Antônio foram facilmente confirmadas, afastando dele as suspeitas iniciais.

Encaminhado o inquérito ao Poder Judiciário, o caso foi julgado, sem a presença do réu, internado no Hospital Psiquiátrico. Ouvidas todas as testemunhas, finalmente foi dado o veredicto: culpado; réu inimputável, face atestado médico oficial de insanidade mental, devendo porém ser mantido sob cuidados psiquiátricos por três anos; após esse período, será submetido a novos exames

neurológicos, por uma Junta Especial, que se pronunciará sobre a continuidade do tratamento ou a liberdade condicional.

Elpídio teve de ficar algumas semanas à frente dos negócios no armazém, até designar em definitivo o substituto para Laércio.

Nesse ínterim, Tiara decidiu visitar Jan.

Tomou essa iniciativa, pois era insuportável à sua alma não estar perto dele, nem que fosse por um minuto, para ajudá-lo em alguma coisa.

Imaginou que ele deveria estar sofrendo e isso a fazia sofrer também.

No lar de Jan era uma tristeza só: Rufina passava o dia chorando, chorando. Jan há uma semana não ia à escola, ficando o tempo todo ao lado da mãe.

Ao adentrar aquela casa, o clima dali melhorou:

– Jamais os abandonarei, contem comigo sempre!

Rufina abraçou-a, grata.

Jan olhava-a como se a estivesse vendo pela primeira vez. Em seu olhar havia uma interrogação, como se a alma quisesse abrir a cortina de um misterioso cenário, para identificar nele, e em sua vida em particular, que papel Tiara representava.

Lembrou-se de sua tia Tereza, que dizia:

O Espiritismo informa que todas as pessoas têm muitas vidas.

Pensou: Será que Tiara e eu já vivemos mesmo outras vidas? E como éramos, então? Será que estivemos juntos? Juntos, como?

Afastou todas essas dúvidas, ao vê-la despedir-se.

Acompanhou-a até o portão:

– Tiara, nunca vou esquecer o favor que você está nos fazendo, nem sua bondade.

A jovem, num impulso, abraçou-o.

Ao sonhado contato com aquele corpo tão querido, sentindo o calor que dele desprendia, não conteve a vontade de estreitá-lo mais forte. Trêmula e presa de indefinidas sensações a expressarem-se por uma intensa vibração que a percorreu de alto a baixo, beijou-o.

O gesto, decorrente do que lhe ia na alma, para ela era consequência natural. Como já havia recebido um fortuito beijo dele, lá na fazenda, considerou normal que agora o devolvesse, embora com atraso.

Ele, porém, surpreendido por tão intenso carinho, sem que conseguisse impedi-lo, não respondeu, pois trazia a mente fixada no problema do pai, preso lá no hospital.

Tiara, constrangida ao perceber o que considerou recusa de Jan, saiu correndo, querendo desaparecer dali, humilhada.

Toda vez que Rufina visitava o marido no Hospital de Custódia, saía dali sentindo-se mal, com tonturas e dor de cabeça. Laércio recebia-a aos prantos, implorando-lhe de joelhos que o tirasse dali. Tais cenas, patéticas, só não despertavam atenção porque outras, ainda mais constrangedoras, as sobrepujavam.

Rufina jamais o repreendera pela infidelidade conjugal, ou pelo crime. Até que, num domingo, Laércio pegou nas mãos da esposa e disse com grande sentimento:

– Perdoe-me, Rufina. Procedi mal com você, mas estou muito arrependido.

Rufina começou a chorar. Laércio abraçou-a:

– Pelo amor de Deus, não chore.

– Da minha parte – balbuciou Rufina, trêmula –, não guardo rancor, até porque talvez eu tenha sido um tanto culpada, negando-lhe meu amor, mas por que, homem de Deus, você fez aquilo?

Aquilo era o crime.

Laércio desvencilhou-se, num gesto brusco:

– Pela milésima vez, mulher, ouça-me: não fui eu que matei Dirce. Assumo que me encontrava com ela; inclusive, na noite em que ela morreu, mas não fui eu quem a matou! Tire-me daqui, pelo amor de Deus!

Como repetisse a última frase aos gritos, dois enfermeiros agarraram-no, num bote certo, arrastando-o à força para a enfermagem, encerrando a visita.

As súplicas que viu nos olhos do marido levaram-na a decidir, ali mesmo, assumir corajosa empreitada: provar a inocência dele, que para ela era definitiva certeza.

Após a visita ao marido, Rufina foi visitar sua irmã, Tereza, à qual narrou o clima que vivia Laércio:

– Meu marido é inocente e está sofrendo muito.

Tereza, desconfiada, inquiriu:

– Como é que você sabe?

– Sinto em meu coração. Sei que tudo está contra ele, mas dentro do peito acredito que é inocente. Toda vez que vou visitá-lo saio de lá doente, com enjoo, parecendo que vou desmaiar.

– Isso é natural, pois o ambiente de lá não deve ser brincadeira. Você ainda gosta dele?

– Gosto muito. Seria bom que Deus me fizesse esquecer dele, mas é impossível. Às vezes, tenho vontade de nunca mais voltar a ver Laércio, mas logo reflito que não gosto é do hospital, dele ainda gosto muito.

A irmã considerou que não seria prudente se aprofundar naquele assunto. Ficando de pé, ofertou:

– Você quer que eu lhe dê um passe?

– Passe?!

Em resposta, Tereza pronunciou baixinho a oração do Pai Nosso e em seguida impôs as mãos sobre a cabeça da irmã, transmitindo-lhe o passe. Após alguns instantes, disse um obrigada, Jesus e explicou:

– O passe é uma transfusão de energias dos espíritos bondosos e do passista, eu, neste caso.

Sentindo-se reconfortada, Rufina agradeceu e foi para sua casa. Mais do que nunca, estava decidida a ajudar Laércio a sair daquela prisão diferente, talvez muito pior que as cadeias comuns.

No dia seguinte saiu à procura de um advogado.

Vendo uma placa indicativa de um escritório de advocacia, com vários nomes, entrou no prédio.

Na saleta de recepção, várias pessoas aguardavam.

- Pois não – disse-lhe a recepcionista.
- Preciso de um advogado.
- Pois não – repetiu a jovem.

Olhavam-se com total prejuízo do sentido de comunicação, tal a frieza da recepcionista, que sem se dar ao trabalho de uma pequena gentileza se mantinha imóvel, olhando para aquela mulher malvestida, segundo ajuizara.

O escritório era num desses velhos edifícios comerciais, como tantos existem, onde profissionais se aglomeram, buscando reduzir custos de aluguel e manutenção – e de secretária.

Divisórias desbotadas indicavam três ocupantes, num cômodo construído originalmente para apenas um.

Os demais clientes que aguardavam também deviam ser pobres, a julgar pela aparência deles.

Como se estivesse num balcão comercial (e talvez assim o considerasse), a recepcionista dardejou:

- A consulta é trinta reais.
- Consulta? – gaguejou Rufina.
- Sim.

Frio, pétreo, definitivo, o sim.

Rufina consultou mentalmente a bolsa e lembrando-se de que tinha aquela importância abriu a bolsa, entregando o dinheiro à jovem. Nem sequer conhecia os advogados e menos ainda a moça disse qual a atenderia.

Decorrido pouco tempo, já que as consultas que a precederam eram rápidas, Rufina foi pomposamente convocada pela jovem:

– Senhora Rufina, o doutor Fabrício de Moraes solicita sua presença em seu gabinete.

Mais pedante, impossível. Mais ridículo, idem.

Rufina levantou-se e entrou no “gabinete”.

Fabrício atendeu-a, solícito. Tinha mais ou menos uns quarenta anos. Não era bonito, nem feio.

- Bom dia, senhora Rufina. E então?

– Meu marido está internado no Hospital de Custódia e eu quero provar sua inocência.

Fabício mexeu-se na poltrona, apreensivo.

- Ele não tem juízo perfeito?
- Tem sim, doutor! Mas é inocente!
- Conte-me tudo, sem ocultar nada.

Rufina desabafou, pela primeira vez, desde a infausta mudança da fazenda para a cidade. Citou a embriaguez e a infidelidade do marido, finalizando com a morte de Dirce e a internação hospitalar, decorrente da loucura que o acometeu.

Fabício fez algumas anotações e, quando Rufina concluiu, perguntou-lhe:

- A senhora pode pagar honorários de advogado?
- Honorários?
- Sim, meu serviço.
- Quanto custa?
- É muito variável, mas para iniciar o processo, digamos que são necessários trezentos reais.

Atônita, Rufina não sabia o que dizer.

– Destinam-se às custas legais, formalidades etc. – aduziu Fabício, inquirindo:

- E então?
- Não tenho esse dinheiro, doutor.

Fabício sugeriu:

- Recorra aos seus parentes e amigos.

Encerrando a consulta, o advogado foi taxativo:

– Após conseguir o dinheiro, volte aqui e veremos o que se pode fazer.

– O senhor garante que solta meu marido? Fabício foi mais incisivo:

– De forma alguma. Se eu promettesse isso seria mentiroso. O que posso garantir é meu maior empenho para libertar o senhor Laércio.

Complementou:

– Devemos esclarecer uma coisa: o dinheiro inicial, esses trezentos reais, destina-se à abertura do processo; no andamento do caso, serão necessários outros pagamentos.

– De quanto?!

– Mais ou menos do mesmo valor.

Rufina passou três dias procurando uma forma de conseguir o dinheiro destinado ao advogado. Não quis recorrer aos parentes, sabendo-os todos irritados com Laércio. Além disso, todos eram pobres.

Fazendo os cálculos de quanto poderia economizar lavando roupas, concluiu que demoraria muito para juntar a importância. E o caso de Laércio era urgente.

Sabia, ou melhor, pressentia que mais algum tempo no hospital e Laércio enlouqueceria de vez, mas tinha esperanças de que, livrando-o de lá, ele se recuperaria.

Nas visitas que fazia ao marido, conversava também com outros familiares de outros pacientes:

– Isso aqui é um depósito de seres humanos, banidos pela sociedade – queixavam-se os visitantes, concluindo: a sociedade julga-se vítima desses coitados e agora lhes é credora violenta, que não os perdoa.

Na verdade, os hospitais de custódia, criados para promover a cura de criminosos com irresponsabilidade criminal, por problemas mentais – alcoolismo, inclusive –, infelizmente, quase sempre são utilizados como presídios. À conta de medidas de segurança, não é raro manter os internos em acompanhamento psiquiátrico com choques elétricos e drogas fortes. Considerando que legalmente o tratamento deve se processar num prazo de um a três anos, e a maioria não pode contratar advogado, não é feita perícia médica. Essa perícia, a ser anualmente repetida, segundo o Código Penal, é a determinante do grau de recuperação do

indivíduo; contudo, se nem sempre a primeira é feita, quanto mais as subsequentes.

Nesses estabelecimentos, o horizonte é quase sempre só de trevas.

## AO VENCEDOR, TUDO!

**D**esde a mudança, o senhor Elpídio decidiu custear o primeiro ano escolar de Jan, matriculando-o num colégio particular, pois quando a família chegara à cidade não havia mais vaga nas escolas oficiais.

Elpídio trazia um intenso brilho no olhar quando informou aos pais de Jan:

– Já que fui eu quem convidei vocês para morarem na cidade e como está difícil arrumar vaga escolar, com todo prazer assumo o pagamento das mensalidades do estudo dele.

Rufina, vendo encaminhar-se o futuro de Jan, agradeceu a Deus, pensando: Ele tem dois pais.

Desde que começou a estudar no novo ambiente, Jan maravilhou-se com as grandes instalações escolares, principalmente pelo fato de que cada matéria era ministrada por um professor.

Vindo da zona rural, onde uma única professora lecionava todas as matérias, e assim mesmo em classe dupla (com duas séries, simultâneas), a nova estrutura pedagógica causou-lhe agradável assombro.

Foram grandes suas dificuldades, tendo que colocar cada matéria num caderno, pois, durante quatro anos, aprendera a registrar todas as aulas em apenas um.

A surpresa maior, porém, foi-lhe reservada para as aulas de Educação Física, realizadas no outro período, num campo de futebol. Teve que comprar uniforme padrão e logo ao chegar à primeira aula foi ridicularizado por um colega, pois seu uniforme era o dobro do tamanho:

– Ô, caipira, esse calção era de um boi?

Rufina comprara aquele uniforme por ser mais barato, já que tinha defeito.

Jan enfrentou o zombeteiro, disposto a brigar. Livrou-o do constrangimento o início da aula.

Rodrigues, o professor, jovem e de porte atlético, reuniu todos os alunos e iniciou a aula, transmitindo-lhes vários avisos, explicando que, em suas aulas, muito se comunicaria com apito:

- Um apito longo: reunião ou formatura.

- Um apito breve: quem ouvir deverá verificar se estou chamando; nesse caso, vir correndo para mim e se apresentar, em voz bem alta: aluno tal, pronto.

- Dois apitos breves: execução.

- Três apitos breves: dispersão.

Finalizou as recomendações:

- Em minhas aulas ninguém anda, só corre. Um engraçadinho não resistiu ao trocadilho:

- De quem?

Rodrigues aproximou-se dele e determinou:

- Quando eu der dois apitos breves você sai em disparada e vai dar três voltas no campo de futebol.

A seguir, apitou duas vezes quase dentro do ouvido do aluno que brincara. Este, meio sem jeito, começou a correr. Rodrigues alcançou-o, puxando-o pelo braço:

- Em minhas aulas só se corre no sentido dos ponteiros do relógio.

Invertida a direção, o aluno reiniciou o pagamento do castigo.

Rodrigues aproximou-se de Jan e do colega que troçara do seu calção:

- Então vocês querem brigar?

Nenhum dos dois respondeu.

- Ué, ficaram mudos? Silêncio, ainda, de ambos. Um aluno interferiu:

- O Toninho gozou do calção dele.

– Ah! Então é isso, o Toninho é crítico de moda masculina?  
Todos gargalharam.

– Como o Toninho provocou e o outro aceitou, os dois vão dar três voltas no campo.

Apitou duas vezes, forte.

Embaraçados, os dois partiram no encalço do primeiro castigado que já estava completando a primeira volta. Rodrigues gritou:

– Dos dois, o que chegar por último terá uma volta de sobremesa.

Os três aumentaram a velocidade.

Deixando todos incrédulos no que viam, Jan acelerou espantosamente. Logo passou Toninho e ao fim da terceira volta chegou alguns metros à frente daquele que tinha saído primeiro. Toninho teve que dar a quarta volta.

Rodrigues dividiu a turma de trinta alunos em dez equipes, numerando-as de um a dez.

A seguir, todas as equipes deram uma volta no campo, correndo, sendo o tempo gasto cronometrado individualmente.

Os dez alunos que completaram a volta em menor tempo foram agrupados em duas equipes, de cinco, cada.

Sem nada comentar, Rodrigues já sabia que naquela turma havia uma promessa para o atletismo escolar: Jan.

Após as duas equipes correrem outra volta no campo, os dois primeiros colocados foram postos lado a lado, logo partindo para a volta que apontaria o campeão e o vice-campeão.

Jan completou a volta quando seu colega estava a dois terços do percurso.

A seguir, a turma foi dividida em equipes, para jogar voleibol, basquetebol e futebol.

Rodrigues, por três meses, orientou Jan como melhorar ainda mais suas corridas.

Quando houve o campeonato escolar de atletismo regional, com participação de escolas de onze cidades, o colégio de Jan foi

campeão absoluto em corridas, graças a ele: venceu as provas simples de cem, duzentos, quatrocentos e oitocentos metros; as com barreira de cento e dez e duzentos metros; e ainda ajudou decisivamente nas provas de revezamento, de cem e quatrocentos metros, ambas conquistadas também por sua escola.

Admirado de início por colegas e professores, Jan teve a cidade aos pés, no encerramento do campeonato.

Tantas vezes subiu ao pódio para receber as medalhas de campeão, que noite após noite sonhava que o degrau mais alto era só dele.

– Se você aceitar nosso convite e passar a competir pelo nosso clube, poderá frequentá-lo com sua família, além de ganhar prêmios em dinheiro a cada vitória.

O convite tentador partiu do presidente do melhor clube da cidade. O convite foi aceito na hora. Jan recebeu um título de sócio atleta.

Vencendo todas as provas que competia, logo se tornou conhecido e apreciado por pessoas importantes da cidade, sócias do clube campeão.

Terminado o ano escolar, Elpídio congratulou-se com Jan, abraçando-o demoradamente. Vendo Rufina chorar, procurou confortá-la:

– Sabe, dona Rufina, o Jan é tão bom aluno que não foi difícil eu conseguir com a direção da escola que ele ganhasse uma bolsa de estudos até o fim do curso.

Rufina agradeceu:

– Senhor Elpídio, Deus lhe pague! Sei que o senhor tem muita força lá na escola, pois todos o admiram e respeitam.

– Nada disso, nada disso: o mérito é do Jan.

Voltando-se para ele, recomendou:

– Só não pare de estudar, meu filho.

Jan revelou:

– Quando o senhor disse na semana passada que tinha uma surpresa para mim, nunca imaginei que fosse tão boa! Agora não

preciso sair desta escola, onde já tenho tantos amigos. Tudo farei para merecer a confiança que todos depositam em mim.

Elpídio, fraternal e respeitoso, passou um braço pelo ombro de Rufina e o outro em Jan, unindo-se aos dois. Disse:

– Sei das dificuldades financeiras de vocês e por isso pensei num jeito de ajudá-los.

Respirou longamente e completou:

– Para Jan poder continuar a estudar, treinar e competir, além de trabalhar para ajudar em casa, a partir deste instante passa a ser garoto-propaganda do nosso grupo.

Aduziu:

– O salário é três vezes o do armazém. Na assinatura do contrato, a título de “luvas”, a casa em que moram passa a ser de vocês, com escritura definitiva.

Hipnotizados, Rufina e Jan olhavam Elpídio, sem saber como agradecer.

Jan sentiu-se um vencedor.

E, ao vencedor, tudo!

No plano espiritual, houve importante reunião para reformulação do programa reencarnatório de Laércio e de todos os envolvidos no seu drama. Dionísio, que havia convocado a reunião, coordenou-a, iniciando com uma prece:

– Mestre Jesus, Amado Irmão, rogamos Sua bênção para todos nós, espíritos muito falhos ainda, mas que buscamos as luzes evangélicas para clarear nossos caminhos. Assim seja.

A seguir, explicando o porquê da convocação, informou que a palavra seria livre para perguntas e comentários e convidou Aristides, espírito encarregado de amparar Laércio, para se pronunciar.

– O Hospital Psiquiátrico – comentou Aristides –, a exemplo de outras instituições nas quais seres humanos do mesmo sexo vivem em regime forçado, traz submerso à primeira vista um grave problema: o homossexualismo. Não são poucos os homens ali internados, muitos deles há vários anos, que sucumbiram às

exigências sexuais e às injunções ambientais, promiscuando-se. Os relacionamentos espúrios ocorrem geralmente na silenciosa cumplicidade da noite, como que se os envolvidos tivessem vergonha do sol. Por si só esse procedimento deixa à mostra a escuridão maior – a dos espíritos envolvidos em tão grande anormalidade.

Ante o espanto de Antero e de outros companheiros, Dionísio interferiu:

– É plano na Doutrina Espírita que tais práticas, como todas as demais contrárias às Leis Naturais, processam-se com participação de encarnados e desencarnados, todos desajustados.

– Laércio, a princípio – prosseguiu Aristides –, foi tentado a ceder às inúmeras abordagens que sofreu por parte dos líderes. Reagiu bravamente a tais investidas, delas se livrando, ajudado por dois fatores: os constantes sedativos que o prostravam quase que o tempo todo e a falta de dinheiro; embora o sexo fizesse reclamos naturais, tão grande era e é seu desgosto por ter sido injustamente condenado, que sem dificuldade conseguiu superá-los.

– Os espíritos que o haviam desencaminhado no caso do alcoolismo o abandonaram?

– No mesmo instante em que ele não mais bebeu. No momento, o que mais o prejudica é o fato de, a par do desgosto, haver se enraizado nele um grande ódio, dirigido a não sabe quem (o verdadeiro assassino de Dirce, culpado de toda a sua desdita). A lembrança da amante, que a morte precocemente surrupiou à sua convivência, é outra dor inextinguível. Sincero consigo mesmo, não consegue, hoje, definir com integral certeza se amou Dirce. Reflete que ela, em sua vida, representou momentânea solução para seus problemas conjugais. Fugaz solução. Mas se penitencia, culpando-se pela morte dela.

– Em alguns momentos – interferiu Antero –, consigo aproximar-me dele e vem-lhe à memória a figura da esposa e do filho. Mas logo afasta essas imagens, para perder-se no labirinto mental que engendra com dificuldade, à cata do verdadeiro

criminoso. Em grande conflito, ao pensar na família, sente-se enredado num turbilhão, preso à voragem da paixão pela qual subtraiu do seu comportamento a responsabilidade conjugal.

– Todos nós, quando erramos – suspirou Dionísio –, cedo ou tarde ouvimos um estrondo na alma: é a voz da consciência, alertando-nos quanto ao dever.

– Laércio – continuou Aristides – não sabe como administrar a crise que se instalou em sua alma, fazendo-o joguete de um cruel destino. Quando tem momentos de lucidez, pensa em todas as nuances da sua vida e por mais que tente não consegue encontrar um escaudouro para os tormentos que o avassalam.

– Se as pessoas – considerou Dionísio – soubessem que a loucura ronda as reflexões ao longo de um cativeiro, pela impossibilidade de encadeamento na mente, onde se fragmentam pela perda do maior bem do ser humano – a liberdade –, pensariam trezentas vezes antes de cometer desatinos.

– E, para piorar – prosseguiu Aristides –, com as doses maciças de sedativos que involuntariamente ingerem, não só Laércio mas os demais pacientes vivem sem viver, sendo tristes vestígios de seres humanos. Quando querem unir um pensamento à memória de outro, turva-se-lhes o cérebro, impedindo que o contexto afluia em elos da lembrança. Daí à angústia plena é um passo.

– Deus não deixa por um segundo sequer nenhum dos Seus filhos. Na situação daqueles infelizes irmãos, talvez lhes seja benéfico não dispor de muito tempo, nem para pensar, nem para lembrar, nem para odiar. Não conseguindo ao menos ordenar as ideias nubladas nesse tríplice e infeliz patamar, não lançam traiçoeiras minas nos terrenos inimigos, as quais explodiriam neles mesmos, no futuro, refiro-me aos petardos mentais que a vingança energiza.

– Graças a Deus – seguiu Aristides relatando –, dentro dele, a recusa ao homossexualismo é total, não havendo um único instante de indecisão. Sua reação às seguidas tentativas que sofreu foi sempre enérgica; os gerentes do sexo – internos mais antigos –

deixaram-no fora desse contexto, não sem antes adverti-lo para jamais se intrometer nos seus negócios. Laércio não quer mesmo saber de nada relativo a isso, mas mesmo assim assustou-se com as ameaças à própria integridade, caso venha a causar a menor atrapalhão: delatar, por exemplo.

Dionísio ponderou:

– Sabemos que Laércio é de índole rural, apegado com decisão e amor às coisas da terra e do campo. Por ser pacífico, até aqui granjeou simpatia e amizade. Verificamos que dentre os pacientes é o mais equilibrado. Tendo sido afastado compulsoriamente do álcool a que se entregara de par em par no desvario passional com Dirce, poderá ser elemento de fundamental importância para o plano de atendimento que possamos dispensar, sob as ordens de Jesus, a todo o hospital.

– Até os atendentes – atalhou Aristides – cedo perceberam que ele não representa perigo. Embora acusado de homicídio, os enfermeiros e internos até têm uma estranha quanto equivocada admiração por aquele amante que no pico de uma paixão matou seu amor. Imaginam, com alguma tolerância, que por certo Laércio agiu sob o império da paixão, reajustando com a morte da amada alguma desilusão que ela provavelmente lhe causou.

– Tal componente dos crimes passionais – velada e compreensiva aceitação masculina – constitui enganoso paradoxo daqueles que consideram que para a sobrevivência do amor, quando submetido a desajustes graves, o sangue é a melhor solução.

Complementou Dionísio, que após fixar um ponto no infinito informou:

– É tempo de Laércio reconstruir o que destruiu, agora que está quase curado das sequelas do alcoolismo. Aliás, o tempo, sempre o tempo, é a solução para todas as angústias, todas as dificuldades. A ação do tempo é decorrente da Lei de Evolução, pela qual todos e tudo progridem inexoravelmente. Evoluindo o ser, em sua alma o Bem prepondera sobre o Mal, os crimes rareiam, até se

extinguirem por completo. E o mundo que abriga tais almas alcança igualmente progresso, usufruindo benesses da natureza com muito maior proveito.

Foi assim que, mediante orientação de Dionísio, Aristides, o anjo da guarda, cuja existência Laércio sequer desconfiava, incutiu-lhe feliz pensamento, capaz de representar alvorada redentora em sua vida: retornar ao trabalho junto da terra.

– Nós que estamos aqui no Hospital de Custódia – comentou Laércio com alguns internos –, para o mundo não passamos de objetos imprestáveis.

– Somos mesmo párias sociais – disse um interno –, ainda mais que os enfermeiros, em número menor ao necessário, desdobram-se uns no atendimento, ao passo que outros simplesmente nos ignoram.

– É inevitável – filosofou outro –, no contexto evolutivo moral do mundo, que num agrupamento humano com as mesmas atribuições existam responsáveis e desleixados. Devemos ainda considerar que tratar de seres humanos custodiados pelo Estado – nós, criminosos, infelizmente – não é das tarefas mais atraentes, até porque o salário deles é reduzido.

– Eu que estou aqui há mais tempo que vocês – informou um ancião – já percebi que os funcionários nos temem, e com razão: nesses hospitais é grande o risco de vida, pois não é raro que algum paciente, indene à Lei, sofra uma recidiva e volte à violência que para cá o trouxe. Violência essa que se volta para os que estão mais próximos – no caso, eles, os atendentes. Há anos, numa inesperada e violenta crise de loucura, um interno assassinou um enfermeiro, com o qual se dava muito bem. Por isso, regra geral aqui, não é nem amistoso e menos ainda íntimo o relacionamento entre os profissionais e os internos. E eles não estão errados.

– Não sei como alguém teme a crise, preponderando os sedativos no atendimento médico-ambulatorial para nós que aqui vivemos recolhidos quase que em permanente estado depressivo, quando não de completa apatia.

Laércio há muito não chorava mais. Sabia-se injustamente segregado.

Doía-lhe saber que um monumental erro judiciário o condenara a viver entre seres indesejáveis da sociedade, e, pior, desajustados do cérebro.

Condenado a purgar por um crime que não cometera, a revolta era seu combustível para continuar vivo.

Perdera tudo, roubaram-lhe tudo: esposa, filho, emprego, amante.

Pior de tudo junto: perdera a liberdade.

Às vezes, com algum interno, lamentava-se:

– Veja só a que me reduziu a infidelidade.

Embora não fosse exigente quanto aos alimentos, não conseguia se alimentar direito, ante as refeições insípidas que eram servidas, sem uma verdura, sem salada, quase sem tempero.

Tinha repetidos momentos de completa lucidez, pois há já algum tempo descobrira como não ingerir os remédios obrigatórios: fingia que ingeria o remédio, logo o cuspiendo no vaso sanitário; iniciou isso quando era servido por um dos enfermeiros, alcoólatra; depois, mesmo quando eram outros os enfermeiros, deixava um chiclete oculto na boca e fazia o comprimido aderir nele, para pouco depois jogá-lo fora. O pipoqueiro à porta do hospital, nos dias de visita fazia a festa, pelo tanto de chicletes que vendia.

Muitos eram os internos que faziam o mesmo que ele.

De vez em quando, os internos eram rapidamente examinados por um médico, normalmente quando algum deles apresentava quadro clínico grave. Nessas oportunidades, o médico aproveitava e fazia exame nos demais.

Numa dessas ocasiões, intuído pelo Espírito Aristides, Laércio disse ao médico:

– Doutor, o senhor me perdoe, mas eu estive olhando que aqui tem muitas terras paradas e eu com mais dois colegas poderíamos plantar uma horta.

– Ah.

– Pois é, sou lavrador desde menino e conheço todos os tipos de chão: sei o adubo que é preciso para cada tipo de plantação.

– Ah.

– Se o senhor falar com a Direção, eu trabalharia de graça e os meus companheiros também.

– Ah.

– A comida para todos vai melhorar.

– Ah.

Só naquele momento Laércio entendeu por que aquele médico tinha o apelido de “doutor Ah!”

Lembrando-se vagamente do que desde criança presenciara sobre acertos entre arrendatários, deu um lance forte:

– Vai ter tanta colheita que depois de todo mundo daqui comer até será possível vender uma parte, e ainda sobrar para os funcionários levarem para casa.

Pela primeira vez o médico apeou-se do “ah”:

– Onde você trabalhava?

– Desde criança na Fazenda Morro das Vinhas, para o coronel Antero, e quando ele morreu continuei lá, como empregado do doutor Elpídio, até ser nomeado gerente do armazém dele, na cidade.

– Elpídio Siqueira?!

– Ele mesmo. O senhor o conhece?

– Ah.

O médico, conhecedor do caso de Laércio, considerou imprudente deixá-lo prosseguir. Levantou-se sem dizer nenhuma palavra e foi embora, deixando o paciente atônito e revoltado pela indelicadeza, sempre repetida, mas jamais aceita. Contudo, na tarde daquele mesmo dia, pela primeira vez desde que ali chegara, Laércio foi levado à sala do diretor.

O diretor era diretora. A doutora Fabiana assumira a direção naquela semana, como substituta eventual, pois o titular fora transferido e era aguardada publicação oficial da nomeação de outro profissional.

A diretora estava nas funções há três dias e naquela manhã recebera convite oficial para ser efetivada no cargo, tendo aceitado. Conhecia os problemas do hospital, onde amiúde comparecia para ministrar cursos aos médicos e enfermeiros, relativos à terapia psicológica.

Seu doutorado foi obtido com defesa da tese "laborterapia e fraternidade como processos de recuperação de alienados mentais, episódicos ou crônicos".

Afora serviços na cozinha, lavanderia e limpeza em geral, todas as suas demais sugestões de outras atividades a serem desempenhadas pelos internos não haviam prosperado. Nem ali, nem em outros estabelecimentos congêneres, nos quais prestava assistência técnica.

O hospital situava-se numa grande área, cujas terras pertenciam ao Estado. Toda a imensa área estava tomada pelo mato.

Fabiana empolgou-se com a oferta de Laércio, contada a ela pelo psiquiatra. Aquilo vinha exatamente ao encontro de sua proposta de recuperação dos pacientes – não todos, evidentemente, mas pelo menos alguns deles. Ao seu lado, em oração, o Espírito Aristides conseguiu projetar-lhe paisagens mentais das terras sendo lavradas pelos internos, em salutar atividade.

Laércio, peixe fora d'água, entrou resabiado.

Olhou a diretora, não se demorando na análise com medo de ser punido, pois ali era proibido olhar mulheres, geralmente visitantes. Mas no centésimo de segundo que viu Fabiana gostou dela, sentindo-a bondosa, diferente dos demais funcionários. – Sente-se – disse-lhe Fabiana.

Obedeceu, cabisbaixo.

– O doutor me disse que o senhor quer fazer uma horta.

É isso mesmo?

O coração de Laércio quase parou. Então era isso: sua proposta estava mais que aceita.

- É sim, doutora.
- E o senhor sabe mesmo como fazer plantações?
- Faço isso desde que nasci.

Não havia orgulho ou vaidade nas palavras ou no tom, mas sim a confiança de alguém quando afirma algo que domina.

- E de que o senhor precisa?
- Três enxadas boas, lima chata para afiá-las, chapéu e moringa, para mim e mais dois companheiros; depois adubo e sementes; o resto Deus-Pai faz.

O tom era humilde e respeitoso, mas firme.

A emoção o traiu e os olhos atestaram sua alegria, pois começou a chorar como uma criança, soluçando alto.

Fabiana, ante o inesperado da reação, comovida ao perceber que o homem chorava de alegria, repreendeu-o maternalmente:

– O que é isso, senhor Laércio, chorando só porque tem um trabalhão pela frente?

As palavras, carregadas de apoio e compreensão, sem a menor crítica, promoveram outra reação inesperada: Laércio começou a rir, sem contudo parar de chorar.

Fabiana aproximou-se dele e abraçou-o, delicadamente solidária.

Ela era bonita e estava tão perfumada.

Aquele era o primeiro abraço que recebia de um funcionário, e logo da diretora. Sensações há muito anesthesiadas pela mágoa, revolta e ódio, despertaram. Sensações mais doces do que o mel, como dizia o coronel Antero, quando ficava feliz.

Sua vontade era abraçar forte aquela mulher que conhecera há alguns minutos.

Aristides agiu: lembrou-lhe, na forma de advertências mentais, os tormentos dos últimos tempos, que o haviam conduzido para ali.

Laércio captou o providencial amparo. Repreendeu-se intimamente quando sentiu uma chama, que julgava apagada, começar a crepitar nas veias. Ajuizou que, se não a apagasse com

urgência, logo o incendiaria e seria difícil conter-se. Uma lembrança passou-lhe como um relâmpago: Pois não fora assim com Dirce? Jamais pensou trair o amigo e compadre Antônio, jamais pensara trair Rufina, mas um fogo igual àquele de agora incendiou seu juízo e derreteu a razão.

Era urgente controlar-se.

Um novo incêndio, ali, seria seu fim.

Por todas essas razões, que saltaram do cérebro em menos de um segundo, evitou sequer encostar em Fabiana, não a abraçando, apenas recebendo aquele doce contato.

Só os olhos, outra vez, traíram-no.

Fabiana, experiente, captou o vórtice que provocou no paciente. Conduziu o diálogo para a calma:

– É muito bom nós nos emocionarmos quando falamos da Natureza e de Deus.

Encerrando a entrevista:

– Se Deus permitir, vamos ter nossa horta. Quando houver novidades, eu avisarei o senhor.

Laércio compreendeu que conseguira algo raro: sairia da cela e estaria no melhor lugar do mundo – no campo –, com a melhor companheira do ser humano: a liberdade.

Ao se despedir, agora, foi Fabiana que se viu traída pelos sentimentos, contrariando a norma, estendeu a mão para Laércio. O paciente sabia que funcionários, o diretor menos ainda, jamais davam a mão a um interno, em cumprimento.

Inquieto, respondeu ao gesto.

Suas mãos tocaram-se com polidez.

O suficiente, porém, para Laércio perceber que a diretora tremia, mui levemente.

Poucos dias após, Laércio foi designado responsável pelo cultivo da enorme área ociosa do hospital. Requereu dois auxiliares, sendo atendido.

Logo, os três se puseram a tratar a terra. Para eles, os sedativos foram suspensos.

Vários internos se insurgiram com o que consideravam injustiça: a concessão de mordomias para os três.

Agindo com sabedoria e prudência, a diretora do hospital permitiu que um a um, todos os reclamantes tivessem iguais direitos à enxada.

Nenhum resistiu.

Com as mãos sangrando pelos calos provocados nos duros embates do trato manual com a terra ressequida, o dia inteiro, sob sol inclemente, desistiram os injustiçados.

Em menos de um mês a paisagem em torno do hospital era outra: não havia mais o mato o rodeando, mas uma promissora área pronta para plantação.

No interior do hospital, inúmeros foram os benefícios com o fim do mato: insetos quase desapareceram, bem como os ratos, fregueses há multiplicadas gerações.

Laércio, com sua longa prática, identificou as potencialidades da terra, indicando os tipos de sementes para o plantio, bem como os adubos adequados.

Aproveitando uma antiga construção inacabada, adaptou-a para granja, criando galinhas.

Quando chegou a hora de comprar as sementes e o adubo, além da ração para as galinhas, o destino lhe sorriu: havendo poucos funcionários, obteve permissão da diretora para ir na camioneta buscá-los. Selecionaria a compra, além de ajudar o motorista, na carga e descarga.

Trêmulo e mal contendo as emoções, viu o veículo chegar à cidade e aproximar-se do armazém, do qual tinha sido gerente. Receava descer do veículo e ser mal recebido pelos ex-colegas. Contudo um antigo companheiro viu-o e fez a maior festa, cumprimentando-o:

- Laércio, meu camarada, quanto tempo!
- É.
- Desce daí, rapaz, e vem para um abraço.

Laércio desceu e o amigo abraçou-o afetivamente, inculindo-lhe coragem e apoio moral.

Foi-lhe impossível estancar as lágrimas que explodiram e generosamente escorreram pelo rosto rudo, queimado do sol.

Outros dois funcionários se acercaram e se irmanaram no gesto amigo, deixando Laércio comovidíssimo.

Feita a compra, retornaram ao hospital.

Laércio era outro homem: trazia o peito cheio de vigor, de esperança, de vontade de viver. Seus amigos haviam doado o maior de todos os energéticos para o espírito: o amor.

Os adubos foram ministrados à terra, que se dividia em duas partes: uma para plantação de soja e outra, com muitos canteiros formando uma horta.

Tendo faltado adubo, Laércio requisitou a suplementação.

Eufórico, aguardava retornar ao armazém.

Perpassavam-lhe pela cabeça vagas ideias de dar um pulinho até sua casa.

Aguardou, impaciente, a nova viagem à cidade.

Sentiu terrível golpe, porém, que quase lhe arrebentou o peito, quando viu a camioneta estacionar no almoxarifado, trazendo o adubo que solicitara.

Seus planos foram por água abaixo.

Logo imaginou que a direção do hospital se arrependera de tê-lo enviado a primeira vez ao armazém.

Arrasado, só lhe restou resignar-se.

A partir daquele dia, todas as necessidades para a lavoura eram diretamente trazidas ao hospital. Laércio compreendeu que sua saída era realmente um precedente e que a direção não estava errada impedindo-o. Se fosse o diretor, pensava, também não deixaria nenhum paciente sair daqui.

Decorridos mais dois meses, o hospital começou a colher os primeiros produtos hortigranjeiros.

Mais algum tempo e realmente houve a abundância que Laércio previra: as verduras supriam as necessidades do próprio hospital;

todos os funcionários levavam à vontade para suas casas, e ainda sobrava; ovos, então, nem se fala!

– Senhor Laércio – disse-lhe a diretora, certa ocasião –, passou-me pela cabeça comercializar o excedente daquilo que aqui é produzido, aliás, mais da metade. O que o senhor acha dessa ideia?

– Eu? Bem, seria bom, pois com os lucros poderíamos ampliar as plantações.

– Então o senhor passa a ser o encarregado de colher as verduras e com seus dois auxiliares irem com o motorista da camioneta ao entreposto municipal, para comercializá-las, mais os frangos e ovos. Alerto ao senhor e aos seus companheiros que só poderão ir ao mercado, jamais a qualquer outro endereço.

Laércio e os dois auxiliares compreenderam a ordem, contendo velada ameaça, do tipo: se desobedecerem, será cancelada a participação de vocês nas atividades da horta.

Dia sim e dia não, os três levantavam-se de madrugada, realizavam a colheita, colocando-a em caixas adequadas; os frangos eram acomodados em gaiolas.

No mercado, os ovos, as aves e as verduras, estas ainda com o frescor do orvalho, eram prontamente arrematados por intermediários. Numa dessas viagens, Laércio perguntou ao motorista:

– Por que nunca mais me deixaram ir ao armazém, se agora me deixam ir ao mercado?

– Eles preferem vir entregar.

– Eles, quem?

– É melhor você não retornar lá, onde trabalhou com o marido da sua... da mulher que... do seu problema.

Abaixando a cabeça, Laércio compreendeu que a decisão de que ele não retornasse ao armazém era de origem externa e não da direção do hospital.

Abruptamente, refletiu que lá no armazém talvez estivesse a solução que tanto procurava: a identidade do assassino de Dirce.

Pois, do contrário, raciocinou, como é que posso ir ao mercado, três vezes por semana, e não posso ir uma única vez ao armazém?

Laércio, mais uma vez, sentiu-se perdedor. E, no mundo, aos perdedores tudo é negado.

## PAGAMENTO: INGRATIDÃO

Quase todas as pessoas, ao menos uma vez na vida, foram atingidas por incompreensões ou ingratidão, quando tentavam ajudar alguém.

Rufina foi atingida por esses dois sofrimentos, vindos de dois diferentes pontos, justamente quando batalhava para libertar Laércio.

Um dos pontos: o próprio Laércio.

Feliz, esperançosa, disse a Laércio, numa visita:

– Meu bem, estou juntando dinheiro e já conversei com um advogado para tentar libertá-lo. O homem, em vez de dar pulos de alegria, como ela pensava, respondeu, frio:

– Sair para quê? Aqui está tão bom.

– Como assim?! Você não quer sair?!

– Tanto faz, tanto faz.

Rufina, aos prantos, interrompeu a visita, retirando-se sem se despedir. Desconhecia que Laércio tinha a mente toda ocupada pela imagem da diretora, alimentando uma equivocada esperança: a de se tornarem amantes.

O outro ponto: o filho Jan.

Desde que se convencera da inocência do marido, passou a juntar todo o dinheiro possível, fruto de intenso trabalho de faxina em várias residências.

Sem passar necessidade, vivia, entretanto, no limite entre a pobreza e a míngua. Comprava o necessário ao sustento do lar, só se permitindo atender Jan, nos seus gostos por alimentos, quase sempre pequenas guloseimas. Para si, abstenção de excedentes de um prato diário de feijão com arroz, alguma verdura e, de vez em quando, um pedaço de carne, de segunda.

– Se a senhora quer que eu progrida na vida – chantageava-lhe Jan –, precisa me ajudar a comprar roupas melhores, para poder me apresentar junto aos meus amigos.

– Mas, filho, você já tem boas roupas, bons calçados e boas roupas esportivas.

– Acontece que agora estou competindo em várias provas, não só na cidade como também na região. Para poder vencê-las, preciso estar bem vestido.

– Filho, você sempre venceu as corridas, o que fez dos prêmios que recebeu?

– Tenho despesas, mãe. Você não compreende. Pelo jeito, não quer mesmo me ajudar.

Realmente, Jan vencia sempre, não tardando a ser convidado a frequentar ambientes da alta classe. Os prêmios que recebia não eram suficientes para sustentar alto nível de apresentação. Por isso, exigiu da mãe trajes adequados ao padrão social em que passou a circular. Rufina não pôde atendê-lo.

Foi nessa fase que Jan resolveu deixar o lar, transferindo sua residência para um apartamento de luxo, que seria dividido com um colega, atleta também, sob responsabilidade do Clube pelo qual competia.

– Vou mudar daqui, mãe. Preciso estar mais tempo com meus amigos.

Terrível golpe, quase mortal, atingiu Rufina por inteiro, quando o filho anunciou que não ia mais morar em casa. Sentiu um grande abalo na sua já abalada alma. Perder o convívio diário do filho, para ela era o mesmo que perdê-lo.

Todas as suas noites, desde que Laércio fora internado, eram noites de solidão, de tristeza, de infinitas mágoas.

Seu único arrimo era Jan.

Julgou enlouquecer, de dor.

Só o trabalho, ao qual se dedicou redobradamente, livrou-a de sucumbir.

Certa noite, Rufina foi surpreendida pela inesperada visita do advogado que, recebido com reservas, mesmo assim pediu para entrar.

Rufina estava sozinha e não julgou prudente uma presença masculina na sua casa àquela hora.

Mas o que ouviu venceu sua resistência:

– Dona Rufina, trago boas notícias para a senhora: há possibilidade de conseguirmos um indulto para o senhor Laércio passar o Natal em casa.

Rufina sentiu enorme alegria.

O advogado informou que ela precisava assinar uma procuração, investindo-o como advogado do caso e autorizando-o a requerer o indulto.

Não houve como deixar de convidá-lo para entrar.

O advogado exibiu o documento, já preenchido, passando-o para Rufina:

– Se a senhora ainda me quer, como seu advogado e amigo, faça o favor de assinar.

Rufina não gostou, nem das palavras e menos do tom.

Pegou o papel e a caneta que lhe foram ofertados e já ia assinar quando o advogado a interrompeu:

– Quanto ao pagamento...

O homem respirava forte, olhos estranhamente piscando. Rufina sabia o que significava aquela reação: por inúmeras vezes fora assediada por homens, geralmente desconhecidos, nas feiras, nos estabelecimentos comerciais, até nas ruas, todos daquele jeito.

Interrompendo o gesto da assinatura, declarou, resguardando-se:

– Tenho já uma parte, a outra juntarei e entregarei ao senhor.

Baixando a voz, como que temendo ser ouvido por invisíveis testemunhas, Fabrício disse, em sensual sussurro:

– Se a senhora quiser, não precisa pagar nada. Faço tudo de graça, sei das suas dificuldades e quero ser seu protetor, deixe-me ajudá-la.

Às palavras, uniu ação, pegando as mãos de Rufina e logo tentando acariciá-la. Desmotivada por tantas angústias, pelo desprezo do marido, sofrida pela ausência do filho, sentindo-se absolutamente abandonada pelo mundo, Rufina foi presa fácil. As tristezas da sua vida abalaram-lhe as defesas morais e assim, mesmo constrangida, não reagiu à infeliz atitude do advogado. Este, sentindo-se aceito, encorajou-se de vez e intensificou as carícias.

Quando mais tarde o advogado deixou aquele lar, levando a procuração assinada, deixou também ali um dos estigmas do mal: a infidelidade.

Rufina não dormiu a noite inteira.

Diante dela se abriu uma porta larga, pois entre arrependida e vaidosa havia descoberto uma forma mais fácil de ganhar dinheiro. Nela, tal ideia não encontrou oposição na precária reserva espiritual, talvez agora mesmo é que começaria a viver, de fato.

O advogado voltou outras vezes, não sendo recusado. Logo se enfatiou, deixando de visitá-la.

Chegou o Natal e Laércio não veio.

Nem Jan.

O filho alegou que era preciso compartilhar de uma festa no clube, à qual não poderia faltar.

Quando Rufina procurou Fabrício, cobrando-lhe a ausência de Laércio, recebeu como resposta que era necessário pagar os honorários, que, por sinal, tinham aumentado.

Explodindo de raiva, avançou para o sedutor:

– E o que aconteceu entre nós dois?

O que ouviu, após ser fisicamente subjugada, arrasou-a:

– O que aconteceu?! Você me deve mais ainda, pois quem se sacrificou fui eu.

– Como assim?

– Ora, ora, você não é mais nenhuma miss e eu até lhe fiz um favor, com o maridinho há tanto tempo faltando.

Quase desfalecendo, Rufina deixou o escritório, jurando que jamais voltaria a se aproximar daquele crápula. Procuraria outro advogado, mesmo que mais caro.

Pensando em dinheiro, e principalmente com a vaidade ferida, decidiu provar que o advogado se enganava. Apelou para a solução que julgou mais prática: arrumou-se da melhor maneira possível, dirigiu-se ao centro noturno da cidade, oferecendo-se para trabalhar em algum estabelecimento. O trabalhar, para ela, seria servir bebidas, cigarros e talvez dançar com algum freguês.

Imaginava que seria por pouco tempo.

Pois o advogado não tinha se atraído por ela? Por que não atrair outros homens?

Durante uma semana, tentou vários ambientes, em desajustadas peregrinações noturnas.

Decepção das decepções: sua idade e seus trajes, nada adequados àquelas atividades, não convenceram nenhum dono da noite a empregá-la em ambiente fechado.

Foi aconselhada a expor-se nas ruas, em horários e locais nos quais teria permissão e patrão.

Não se entregou à prostituição, mas fez várias outras tentativas de trabalhar em casas noturnas.

Retornava para o lar, chegando altas horas, trazendo o coração apertado pelas propostas grosseiras, recusadas, e mesmo por inúmeras agressões que sofreu.

Nesse perigoso estado de espírito, surgiu em sua vida outra tempestade: um vizinho viu-a naquelas andanças noturnas e divulgou o fato para os demais vizinhos, os quais, em pequena comissão, sugeriram-lhe que se mudasse dali, pois seu comportamento não era condizente com a moral do bairro. Ameaçaram-na: que se mudasse em, no máximo, um mês.

Se negasse, a polícia seria acionada, pois ali não era o local mais adequado para ela receber homens. (Referiam-se às várias visitas noturnas do advogado).

Perturbada com tantos problemas, sentia-se à beira do desespero. Sozinha em casa, marido preso, filho distante, resolveu apelar para os parentes. Vinha evitando fazê-lo, por saber que, embora não fossem de todo pobres, lutavam também com dificuldades materiais.

Dirigiu-se à casa de sua irmã mais velha, Leocádia, expondo-lhe seu drama:

– Leocádia, preciso de dinheiro para tirar o Laércio da cadeia.

A irmã, que ouvira tudo em silêncio, não querendo fazer parte daquele assunto, respondeu:

– Sinto muito, Rufina. Também somos pobres e não podemos ajudá-la.

– Mas, Leocádia, é o Laércio que está preso, preciso tanto dele!

– Eu sei, eu sei.

– Então, Leocádia, ajude-me, pelo amor de Deus!

– Não podemos, não podemos.

– Estou desesperada, qualquer quantia vai me ajudar.

Leocádia, para encerrar ali o constrangedor diálogo, foi contundente:

– Quem mandou ele arrumar uma amante?

– Isso já passou.

– É claro, ela está morta!

– Não, não é isso, eu talvez tenha sido culpada, pois neguei-lhe meu amor.

Leocádia foi brutal:

– E como é que agora você deu seu amor ao advogado?

– Como você sabe?

– Não seja infantil, nesta cidade tudo se vê, tudo se sabe.

– Eu não dei meu amor, pensei que ele livraria o Laércio. Aquele bandido me envolveu, primeiro prometendo a liberdade do Laércio e com essa desculpa me seduziu.

– Por tantas vezes?

Já soluçando, Rufina apenas conseguiu dizer:

– Só Deus sabe o quanto estou arrependida. Fiquei tão atordoada que fui procurar emprego até “na noite”.

– Acorda, Rufina, você jogou lama no nome da nossa família.

– Estou arrependida.

– Então desaparece daqui, vai trabalhar noutra cidade, leve sua vergonha para longe.

Retirou-se, olhando a irmã longamente, com mágoas queimando-lhe a alma e lágrimas molhando-lhe o rosto.

Perambulou por horas.

Um seu sobrinho viu-a sentada num banco de jardim, chorando.

– Oi, tia, bênção. O que a senhora tem?

Rufina voltou à realidade, qual um mergulhador que sobe à tona, após longa permanência no fundo:

– Nada, nada. Deus te abençoe.

– Mas, a senhora está chorando.

– É pelo Laércio.

– Vamos lá em casa, pois está na hora do almoço e a senhora almoça com a gente.

Rufina pensava mesmo em procurar seu irmão Juvêncio, para uma última tentativa de auxílio financeiro.

Assim, aceitou o convite.

Chegando em casa, Jorge gritou, logo ao abrir a porta:

– Mãe, a tia Rufina está aqui. Vai almoçar com a gente.

Margarida não gostou da inesperada visita da cunhada, menos ainda do que ouviu do filho.

Nem sequer disfarçou sua contrariedade.

Quando logo após Juvêncio chegou, foi recebê-lo no portão:

– Olha aqui, Juvêncio, sua irmã está aqui e pelo jeito vem pedir alguma coisa. Tome cuidado!

– Deixa comigo.

Antes de iniciar o almoço, Juvêncio convidou a irmã para um diálogo reservado, na sala de visitas:

– Então, Rufina, como vão as coisas?

– Nada boas, pois preciso tirar o Laércio da prisão.

– Ora, Rufina, lá não é uma cadeia, é uma fazenda.

E, cínico:

– Do jeito que ele gosta, com bastante trabalho rasteiro no chão.

– Mas, Juvêncio, estou sozinha, o Jan não mora mais comigo.

Maldoso, agora:

– Mas ele também está numa boa, pois está fazendo o que sabe e gosta, que é ganhar corridas e ganhar presentes.

– Juvêncio, não me conformo de ver minha família separada, o marido preso e o filho morando numa república. Ajude-me, por favor, preciso de algum dinheiro. Qualquer importância ajuda. Prometo que um dia eu pago.

– É a vida, Rufina, é a vida.

– Você me ajuda a libertar o Laércio?

– Mas ele foi condenado e está preso.

– Sei, no íntimo, que ele é inocente.

– Como você pode ter certeza disso?

– Certeza não tenho, mas sinto na alma que ele não é assassino.

– Mesmo tendo sido julgado?

– Ninguém viu ele matar a Dirce.

– Ora, Rufina, ele confessou!

– Não confessou nada. Alguém cometeu o crime e jogou a culpa nele.

– Quem?

– Não sei. Só sinto que não foi ele!

Extremamente impiedoso, Juvêncio acusou:

– E foi por isso que você se tornou amante do advogado?

Por essa Rufina não esperava.

Mesmo sendo repetição do acontecido com Leocádia. Um terrível soco não teria provocado tão grande abalo. Cambaleou, amparou-se na poltrona e quis ficar de pé para ir embora. Não conseguiu.

Começou a tremer, descontroladamente.

Tudo rodava à sua volta.

Nesse momento Jorge entrou na sala:

– Vamos almoçar, tia.

Vendo a tia em péssimo estado, amparou-a como pôde, correu e trouxe um copo d'água.

Refazendo-se um pouco, Rufina ergueu-se, ajudada por Jorge. Em vez de dirigir-se para a copa, foi para o portão. Jorge ainda quis impedi-la, insistindo para que ficasse, mas Juvêncio atalhou:

– Deixa ela ir, está sem fome e tem pressa para se encontrar com o advogado, o assunto deles é urgente.

Para massacrar a irmã, completou:

– Sabe de uma coisa, Rufina? É bom você tomar cuidado com o seu filho, pois fiquei sabendo que anda com más companhias, que dão muitos presentes para ele, a troca de favores especiais.

Só Jorge se despediu dela, carinhoso.

Rufina voltou para a mesma praça, onde mais fel amargou-lhe o coração e explodiu seu horizonte de vida, como se estivesse em total escuridão.

As palavras do irmão, pela maldade nelas embutida, agiram como detonador da sua resistência.

A pecha de prostituta, dada pelos dois irmãos, não a machucou tanto quanto as palavras sobre Jan.

E pensar que viera da fazenda para a cidade para ficar junto dos seus familiares.

Arrasada, pensou que o mundo tinha caído sobre ela, que todos estavam contra ela: só tinha inimigos.

Não compreendia como a vida podia ser tão cruel: sem ser viúva, não tinha marido; que, aliás, nem mais se importava em ser libertado; o filho, menino ainda, já não mais morava com ela; naquela casa, palco de tantas tristezas, agora se transformara em inquilina de comportamento indigno, segundo os vizinhos. O pior de tudo, porém, é que estava ferida na alma, pelo arrependimento, pois manchara sua honra, entregando-se passivamente ao advogado.

Por mais que procurasse uma boia salvadora, no mar agitado dos tormentos, nada encontrou que impedisse o naufrágio da fé, da esperança, da vontade de viver...

Longínquo, de início, logo foi se aproximando um pensamento-solução, nas trevas que a envolviam: de início questionando a validade da sua luta, dos seus dissabores, o peso da sua tragédia, vislumbrou, sem demora, uma saída desse inferno.

Rigorosamente, a única: findar a vida.

Temente a Deus que era pelos padrões rurais nos quais fora educada, tentou afastar a louca ideia.

Mas o pensamento teimava em cristalizar-se na morte, gritando que ela tudo resolveria.

Como sempre, novamente a caridade de Jesus se manifestou: Cassiano, o espírito protetor que acompanhava Rufina desde que nascera, percebendo a gravidade do momento, já que ela deliberadamente o afastava, procurou Dionísio:

– Precisamos fazer algo, com urgência, pois Rufina começa a alimentar ideias de suicídio.

– Sim, é urgente – elucidou Dionísio –, o suicida em potencial, julgando-se inapelavelmente perdido e abandonado pelo mundo, pela vida, pelos amigos ou familiares, está na verdade cercado de numerosas companhias desencarnadas, tão infelizes ou mais que ele próprio! Muitas dessas companhias são ativas indutoras do mal, verdadeiras sequazes da morte, para a qual atraem os desiludidos, analfabetos das letras do Evangelho.

– Mas por que fazem isso? – inquiriu Antero, presente à conversa.

– Geralmente, são espíritos vingativos, obsessores ou apenas desiludidos, que acorrem céleres ao primeiro pensamento de suicídio. E, aí, o que é minúsculo anteprojeto logo assume proporções arrasadoras, incoercíveis, imperiosas. É nesse preciso momento que a inteligência deve preponderar e o candidato em potencial que pensa em abandonar o palco da vida deverá fortalecer o ânimo.

– Nós podemos interferir no livre-arbítrio de alguém que queira proceder tão mal assim?

– Ajudar um irmão que está em perigo de queda não é interferir no livre-arbítrio, e sim auxiliá-lo. Não iremos desmaterializar uma arma, acorrentá-lo para impedir movimentos, nem hipnotizá-lo. Devemos, sim, despertar a fé em Deus, que é o mais poderoso antídoto contra o suicídio. Fé que mais se robustece quando escorada na razão, tal como a que oferta o Espiritismo, ao enunciar, com bases lógicas, a vida espiritual.

– Mas como fazer isso num descrente?

– Esse o papel preponderante do cristão: propagar por todos os meios ao seu alcance as claridades evangélicas, verdadeira vacina contra os erros humanos. Aos espíritas, em particular, cabe a intransferível tarefa de divulgar os postulados da reencarnação, banindo de vez a ideia de que a morte é o fim de tudo. O acoplamento da vida espiritual à material, incutindo certeza inabalável de que a vida continua após a morte física, dificilmente permitirá que alguém se suicide. Isso porque – fácil deduzi-lo – os problemas não se resolvem, já que estão sediados no espírito e não na matéria que se decompõe.

Fazendo uma pausa, Dionísio perguntou:

– Como poderá alguém se suicidar sabendo que, aos problemas originais, um outro, muito mais grave, lhe será acrescido: o desembarque no plano espiritual, vivenciando por longo tempo a imagem do seu corpo envenenado ou estraçalhado

e se desfazendo; sofrimento que aumenta ante a constatação de que nada foi solucionado, havendo agora, no passivo moral (e é a consciência quem o diz), terrível agravante de um assassinato: o seu?

Respondeu ele mesmo:

– O suicídio é, sem sombra de dúvida, um dos maiores delitos humanos, por ser um desrespeito às Leis Divinas, no que de mais sagrado elas nos concedem: a Vida. Divulgar esse alerta é tarefa das mais importantes a quantos já detenham tais conhecimentos. Não se pode perder um único segundo, pois as dificuldades terrenas tendem a aumentar, dia a dia, à medida que se aproxima a transição planetária, rumo à regeneração da humanidade.

Enquanto isso, as trevas íntimas impediam Rufina de ver o maior de todos os espetáculos do mundo: o sol, naquele mesmo instante, sempre sublime, transmitindo calor para toda a Terra, particularmente para a árvore que lhe proporcionava amena sombra.

Retornou à sua casa, onde tinha prazo para mudar.

Os espíritos socorristas a esperavam, em preces.

No turbilhão mental que a envolvia, imaginando como poria fim à vida, teve um lampejo: antes, precisava rezar para pedir ao coronel Antero que a esperasse, para conduzi-la ao céu.

Mal pensou no coronel ouviu uma voz desconhecida, suave, como se estivesse chegando até ela vinda de muito longe:

– Jesus te abençoe, filha. Pegue o Evangelho.

Emocionada, tremendo muito, pegou o exemplar de O Evangelho Segundo o Espiritismo, dado por sua irmã Tereza, quando lhe aplicou um passe.

Com o livro quase lhe caindo das mãos, abriu-o: Cap. V – O suicídio e a loucura. Leu:

“A calma e a resignação, hauridas na maneira de encarar a vida terrestre, e na fé no futuro, dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura são devidos à comoção

produzida pelas vicissitudes que o homem não tem força de suportar; se, pois, pela maneira que o Espiritismo lhe faz encarar as coisas deste mundo, ele recebe com indiferença, com alegria mesmo, os reveses e as decepções que o desesperariam em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva sua razão dos abalos que, sem ela, o sacudiriam.”

Não resistiu à sonolência que a invadiu, mal terminou a leitura. Dormiu por quinze minutos.

Logo despertou:

Engraçado, pensei no coronel Antero, mas sonhei com meu anjo da guarda, dono da voz tão bonita que há pouco ouvi, ele me disse que o suicídio é o mais terrível dos empreendimentos humanos, porque é contrário ao sublime empreendimento divino – a vida.

Naquele preciso instante afastou a ideia de se matar, houvesse o que houvesse. Teve dois pensamentos simultâneos: O Evangelho tem razão, pois o Laércio, quando ficou sabendo da morte da Dirce, ficou louco na hora; e eu, se ficar calma e serena diante dos meus problemas, confiando em Deus, só vou morrer quando Ele quiser.

Raciocinou: meus irmãos me condenam porque não conhecem meu sofrimento; como o Evangelho diz que o Espiritismo ensina como devemos encarar os problemas, vou procurar a Tereza, pois ela é médium e talvez possa me ajudar.

Dionísio e a equipe não conseguiram impedir que lágrimas lhe escorressem pela face, impedindo-os até mesmo de falar, mas não de intimamente bradar:

Obrigado, Jesus querido!

Rufina novamente saiu, para ir ver Tereza. Mas, lembrando-se do que Juvêncio dissera sobre Jan, mudou de plano e resolveu apurar o que estava acontecendo com o filho. Barrada pelo zelador logo à entrada do prédio onde ele morava, ameaçou, como uma leoa em defesa da cria:

– Quero ver meu filho, agora, senão...

- Acontece que ele não está.
- Não importa. Vou entrar e ficar esperando.
- Mas não é permitido.
- Ou o senhor me leva até lá ou vou agora mesmo na polícia e no Juizado de Menores.

Receando escândalo, o zelador conduziu Rufina ao quinto andar, onde mostrou o apartamento de Jan.

Rufina ordenou:

- Abra!
- Não tenho a chave.
- Tem sim. Ou abre ou vou ficar aqui no corredor fazendo a maior zoeira.

Lembrando-se de que tinha a chave, o zelador abriu o apartamento. Rufina entrou. Levou um choque: o apartamento tinha quatro camas de solteiro, e duas demonstravam não estar sendo usadas, mas duas estavam bem arrumadas, e unidas.

Antes de se refazer, levou outro susto: um jovem de mais ou menos vinte anos entrou e perguntou:

- Posso saber o que significa essa invasão?

O zelador encolheu-se todo, ao ver o companheiro de Jan.

Rufina retrucou:

- Pode sim. Sou a mãe de Jan. E você, quem é? O jovem gaguejou, traindo-se:

- Sou... sou... o coleguinha dele. Dividimos o apartamento, pois estamos na mesma escola, no mesmo clube. Também sou atleta.

Irritadíssima com os indisfarçáveis trejeitos femininos do recém-chegado, Rufina fulminou:

- E por que estas camas estão juntinhas? Outra vez o jovem traiu-se:

- Estão assim porque, porque...

Não conseguiu explicar, nem se explicar.

Rufina avançou para ele:

- O que há entre você e meu filho?

O jovem estava apavorado. Balbuciou:

– Nada... nada. Somos apenas bons amiguinhos.

Rufina, num repentino e inesperado lance, arriscou:

– Já sei tudo sobre vocês dois. Minha família também. Temos conhecidos que nos contaram.

Julgando descoberto o segredo entre ele e Jan, o jovem ainda tentou amenizar:

– Nós nos queremos bem, o que existe entre nós é muito forte, é muito bonito, não conseguimos evitar.

Rufina quase explodiu de raiva.

Agarrou o jovem pelo pescoço e mesmo sendo mais fraca tentou esganá-lo.

O jovem reagiu com brutalidade e, se não fosse a intervenção do zelador, apartando-os, as consequências poderiam ter sido graves.

Tentando raciocinar, Rufina decretou:

– Meu filho sai hoje daqui. Se for necessário, vou agora mesmo ao Juizado de Menores e vou dar queixa da escola, do clube que paga esse aluguel e do dono desse prédio também.

O jovem implorou, aos prantos:

– Não faça isso, minha família me mata.

– Pois de hoje em diante se você se aproximar uma única vez do meu filho irei na sua casa e conto tudo para seus pais.

– Não, não, eles acabam comigo.

Rufina aproveitou a insegurança do jovem:

– Quantos amiguinhos teve antes de Jan?

– Jan é o terceiro.

Com os olhos em brasa encostou seu rosto no do jovem e ordenou, entre dentes, olhando também para o zelador:

– Jan volta hoje mesmo para casa. Não tentem impedir. Se vocês me ajudarem não revelarei nada nem irei à polícia, nem ao Juizado. Do contrário...

O zelador adiantou-se:

– Sim, minha senhora. Faremos o que a senhora mandar.

O jovem lamuriou-se:

– Vou obedecer-lhe. Acho que é melhor.

Rufina deu outra ordem ao zelador:

– Ligue para a escola, em meu nome, e mande meu filho vir agora, até aqui.

E a segunda, para o jovem:

– Não saia daqui. Quando Jan chegar vamos esclarecer tudinho.

Quando Jan chegou, muito preocupado, Rufina determinou ao zelador que testemunhasse o diálogo. Após repetir a decisão e as ordens em rápidas palavras, Jan não teve alternativa: voltou com a mãe para o lar, levando seus pertences.

Rufina, chegando em casa, desesperada e ríspida, interrogou o filho:

– Que história é essa? Como você pode fazer isso com sua mãe?

Jan, irritadíssimo, retrucou:

– E o que a senhora fez com o advogado e com outros não foi ruim para a família e pior para mim?

Rompendo de vez a estrutura do autocontrole, Rufina esbofeteou Jan, que caiu.

Era a primeira vez que isso acontecia.

Um filete de sangue escorreu do canto da boca dele.

Por também estar errado, Jan não se defendeu. Começou a chorar, infeliz.

Rufina, desvairada, pegou uma cinta e partiu para cima do filho, para aplicar-lhe a maior surra de toda a vida. Estava com o coração partido, magoada com a família e com ódio de tudo e de todos. Num infeliz vertedouro do comportamento humano, muito rotineiro, ia descarregar toda a sua revolta, toda a sua ira, toda a sua frustração em alguém mais fraco que ela própria.

O alvo de tudo isso era Jan, ainda no chão, chorando, culpado parcial da desdita da mãe.

Quando ergueu o cinto para o golpe, que seria forte e o primeiro de uma interminável série, o Espírito Antero interrompeu-a, surgindo do nada. Num gesto ao mesmo tempo tranquilo, mas de autoridade, ergueu a mão direita, como que buscando aparar a cintada.

Rufina, transtornada, ante a visão do coronel, que se demorou um milésimo de segundo, refreou o golpe e ajoelhou-se. Começou também a chorar amargamente largando o cinto e cobrindo o rosto com as mãos.

– Perdoe-me, mãe, nunca mais vou fazer aquilo – prometeu Jan, acariciando-lhe os cabelos.

A mãe abraçou-o com mais força do que pretendia surrá-lo. Após chorarem abraçados, começaram a se beijar.

Depois de intermináveis beijos, risos.

A paz havia retornado às suas almas.

A alegria de Dionísio, Cassiano, Aristides e outros socorristas era indescritível. E como a melhor maneira de expressar alegria é agradecer ao Pai, oravam.

Dionísio julgou oportuno lembrar:

– Quanto ao homossexualismo, o Espiritismo esclarece que o espírito traz consigo, da criação à postura superior da eternidade, energias que se manifestam psíquica e fisicamente nas molduras masculina e feminina. Na senda evolutiva, tais energias se alternam de expressão, conferindo ao ser infinitas e gloriosas experiências, de filiação, paternidade, maternidade etc.

Complementou, após longa pausa:

– Desregramentos sexuais projetam o ser humano em difíceis etapas futuras, a bordo de corpo físico de um sexo, mas vitalizado por polarização sexual oposta. Provas e expiações surgem então. Não deverá ninguém acrescentar dificuldades aos homossexuais. Precisam de compreensão no seu contraditório viver. E de esclarecimentos doutrinários espíritas.

## DESPERTAMENTO

**R**ufina pensou em vender a casa em que moravam, para com o dinheiro tentar libertar Laércio.

Outra dificuldade: a escritura definitiva rezava que o imóvel só poderia ser vendido decorridos dez anos da doação. Essa tinha sido uma medida cautelar de Elpídio, precavendo-se para que não acontecesse justamente o que agora Rufina intentava.

Sentindo-se pressionada pelos vizinhos, para mudar-se daquele endereço, Rufina procurou o senhor Elpídio para pedir que alterasse os termos da doação do imóvel ou que então ficasse com aquele e doasse outro.

Não conseguiu convencer o ex-patrão do seu marido, até porque ele tinha conhecimento dos motivos pelos quais os vizinhos não desejavam a presença de Rufina.

Disse-lhe Elpídio, sem rodeios:

– Pergunte à sua consciência se por acaso a senhora não teria feito alguma coisa que aborrecesse aos vizinhos.

Complementou, pressionando:

– Se a senhora quiser posso ir até lá com a polícia e verificar o porquê da implicância deles.

– Não, não, eu resolvo isso.

Novamente Rufina se deprimiu.

Cassiano, seu protetor espiritual, foi instantaneamente atraído à sua presença. Conseguiu captar mentalmente que Rufina ampliava os últimos acontecimentos de forma a realçar sua infelicidade, fazendo com que um diagnóstico infeliz a as- saltasse: estava sem qualquer chance na vida.

Agravante da situação, como Dionísio prevenira, rondavam nas mentes invisíveis, ávidas por infelicidades, para ela e para seus

familiares, incutindo-lhe ideias de suicídio. Cassiano ouviu um dos espíritos ordenar:

– Façam isso sem parar: fiquem repetindo que o suicídio é a melhor solução. Nossa técnica é quase infalível, pois consiste em encontrar a menor brecha, de um segundo ao menos, nas vinte e quatro horas do dia, para podermos infiltrar o pensamento do suicídio e depois ficar batendo na tecla da morte.

Contudo, desde que Rufina fizera a pequenina leitura evangélica, achava-se protegida por uma aura de fluidos energizados pela fé, barreira intransponível ao mal. Tinha sido por essa proteção que a presença de Cassiano automaticamente tinha se operado.

Ao deprimir-se, Rufina abalou esse escudo: sentiu-se insegura quanto ao futuro, receosa de que o filho novamente a abandonasse; nisso recebeu ajuda espiritual do seu anjo guardião.

– Vá dar um passeio, inspirou-lhe Cassiano, telepaticamente, sendo o conselho ouvido pela alma. Saiu.

Embora inconsciente, Rufina atendeu à intuição.

Cassiano aproximou-se do grupo indutor ao suicídio e falou-lhes com brandura:

– Companheiros e irmãos, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

A simples menção do Mestre deixou-os apreensivos.

– Nada temam. Jesus é por nós.

Nenhuma resposta, nenhuma reação. Retraíram-se.

– Trago um convite para todos – um estágio gratuito numa instituição acolhedora, onde cada um de vocês terá oportunidade de se manifestar e rever os motivos pelos quais tantas têm sido suas angústias.

O alvo moral do convite foi certo: almas sofredoras. De fato, aquelas pobres criaturas eram mais ignorantes das Leis de Deus do que propriamente malfeitoras. Há muito eram infelizes. A bondade e sinceridade que transpareciam nas palavras de Cassiano convenceram e, assim, foram aqueles espíritos recolhidos a uma

colônia espiritual, especializada em recepcionar desencarnados em desequilíbrio.

Rufina, ao passar em frente a uma casa ajardinada, onde uma torneira aspersora regava a grama, foi atingida em cheio por uma névoa fresca da água, ao completar o giro, no exato momento em que uma senhora dera toda a vazão à água.

Coincidência?

O fato é que, como se despertasse de um longo pesadelo, Rufina assustou-se e deu um pequeno grito. A dona da casa, muito constrangida, veio até a grade e vendo Rufina salpicada de água pediu desculpas.

A mulher recriminou-se, intimamente:

“Essa minha mediunidade de efeitos físicos...”

Rufina disfarçou a contrariedade.

A outra mulher perguntou:

– A senhora está bem?

Não obtendo resposta, insistiu:

– Não quer entrar e enxugar-se? Silêncio, ainda.

Sem saber o que fazer, a mulher ofertou:

– Vou lá dentro buscar uma toalha.

Só então Rufina se manifestou:

– Não foi nada, não precisa. Está mesmo muito calor e foi até bom esse banho inesperado. Eu é que estava distraída.

– Entre só um minuto, não é bom ficar molhada. O que vão dizer quando virem a senhora desse jeito?

– Não tem importância. Eu não vou a lugar nenhum.

No meio das gotas d’água, lágrimas denunciaram seu sofrimento. A mulher captou. Enternecida, abriu o portão, passou a mão no ombro dela e insistiu:

– Depois de se enxugar e tomar um cafezinho pode ir.

Soluçando fracamente, Rufina entrou, amparada pela dona da casa em atitude maternal.

Na pequena sala, numa cadeira de rodas, estava um rapazinho de mais ou menos doze anos, mongoloide.

Os olhos do jovem, somente os olhos, demonstravam vivacidade. Um ardente fulgor estampou-se neles, ao ver a mãe. Esta, terna e carinhosa, beijou-o na cabeça, demoradamente.

A visitante, num lamentoso choro, não teve forças suficientes para impedir o desmoronamento das enfraquecidas paredes que abrigavam sua paz, sua esperança e seu viver. Amparada pela mulher, contou-lhe suas desditas.

Ao terminar o desabafo, não entendia como pudera confidenciar tudo aquilo a uma desconhecida.

Mas era inegável que se sentia bem melhor. Envergonhada, levantou-se para sair e já estava na porta,

quando o rapazinho pronunciou algo ininteligível. Rufina voltou-se e viu-o acenando-lhe. Embora fossem todas retorcidas, as mãos dele a buscavam. Foi até a cadeira de rodas e, com carinho, imitou o gesto que tanto a emocionara, beijou-o na cabeça.

Agora, quem começou a chorar foi a dona da casa. Amparando-se mutuamente, as duas voltaram a sentar. Passada a emoção, a mulher falou:

– Sabe, minha irmã, eu vivia muito angustiada até encontrar a Doutrina Espírita. Tantos eram meus problemas que até cheguei a pensar em me matar.

Rufina estremeceu, há poucas horas, ela também.

– Meu marido – prosseguiu a mulher – abandonou-me por outra, deixando-me com o filho, quando nasceu. Entrei em desespero. Bendigo o anjo bom que mandou aqui no meu portão um grupo de rapazes e moças, frequentadores de um centro espírita. Estavam eles angariando mantimentos para a campanha assistencial das famílias pobres que atendem lá. Deixaram aqui uma sacola, informando que voltariam na semana seguinte, no mesmo horário, para buscá-la com alguma doação.

Com os olhos brilhando, continuou:

– Quando peguei aquela sacola tive vontade de amassá-la, bem na cara deles. Por educação, não fiz isso. Mas quando eles foram embora, amarfanhei mesmo a sacola, aí senti que dentro dela

havia qualquer coisa. Abri e encontrei duas mensagens doutrinárias espíritas, uma falava dos infortúnios ocultos, que só a caridade atenua, tal como a daqueles jovens; a outra, deixou-me assustada, pois parecia que fora endereçada para mim. Dizia das causas anteriores das atuais aflições, citando a vida presente e as vidas passadas, esclarecendo o porquê das uniões infelizes, das doenças, dos filhos difíceis. E tantas outras infelicidades.

– Passei aquela semana – concluiu a mulher – meditando sobre aqueles esclarecimentos e, quando os jovens retornaram, perguntei de onde tinham tirado aquelas palavras.

– De O Evangelho Segundo o Espiritismo, responderam-me, felizes.

– Entreguei-lhes minha pequena doação e recebi outra mensagem, que, decisivamente, me abalou as estruturas da alma: referia-se ao suicídio, dizendo que a vida continua após a morte, segundo depoimentos de vários espíritos que se suicidaram e vieram contar os terríveis sofrimentos que encontraram no mundo espiritual. Esclareciam os suicidas, do além, que nada mudara quanto ao problema do qual fugiram, e que tiveram problemas ainda maiores do que aqueles que os motivaram ao infeliz gesto.

Agora era Rufina que estava surpresa. Aquilo tudo também parecia dirigido estritamente para ela. Era impossível ser coincidência.

Quando se despediram, disse-lhe a mulher:

– Ore sempre, minha irmã, ore sempre!

Chegando em casa, Rufina foi folhear O Evangelho Segundo o Espiritismo, encontrando no Cap. V, números 6 a 10, o entendimento de que ninguém sofre injustamente; por maior que seja a dor, principalmente quando mínima for a culpa, a Justiça Divina se manifesta sempre nos acontecimentos inesperados ou inevitáveis; quando, ainda, inexistir culpa, ainda assim cuida a razão de decifrar, na jusante da dor, quais as suas vertentes.

Cassiano chegou-se nesse momento e intuiu-a:

É bem clara a lição: os tormentos involuntários têm raízes no passado, em vidas anteriores. Nem poderia ser outra a explicação para tantos problemas que o mundo jamais resolveu, tais como, num único exemplo, as anormalidades mentais congênitas, tais como as daquele menino, que há pouco você viu. Mais forte do que tudo, porém, a afirmação de que Deus não desampara nenhum dos Seus filhos, em qualquer situação, principalmente quando em dificuldades! Jamais duvide disso!

Rufina, por ser inevitável, comparou a saúde de Jan com a anormalidade do filho daquela mulher.

Vislumbrando um pequeno clarão nas ideias, qual o ar buscado pelo mergulhador que vem à tona após longa permanência no fundo, agradeceu a Deus pelo filho saudável.

Algo reconfortada, veio-lhe à mente a ideia de procurar auxílio moral num centro espírita.

Pois não fora assim com a mulher da torneira?

Pensando isso, percebeu que nem sequer sabia o nome daquela criatura tão boa.

Foi à casa da irmã, que sabia espírita:

– Tereza, quando for ao centro espírita, faça-me a caridade de me levar?

Controlou-se quando percebeu que a irmã desconversou, dizendo que não poderia ir com ela, claramente evitando que fossem vistas juntas.

Lembrando-se da lição evangélica entendeu que aquela era mais uma provação. Só lamentou, mesmo, que Tereza, médium e espírita, tivesse tal reação.

Quando voltava para casa, usando outro caminho, deparou com uma casa antiga, fechada, onde uma placa informava que ali era um centro espírita.

– Por favor – perguntou a uma vizinha –, quais os horários de reuniões espirituais.

– Nessa noite, às vinte horas, haverá uma.

À noite retornou.

O amplo salão estava iluminado, ouvindo-se música adequada ao ambiente religioso.

Alguns quadros nas paredes lembravam passagens do Novo Testamento.

Poucas pessoas, sentadas aqui, ali, acolá. Procurou alguém para pedir orientação, mas ninguém se mostrava disponível.

Rufina sentou-se.

Mal acabara de se sentar alguém tocou em seu ombro e advertiu, indicando:

– Desse lado é para homem; mulher é do outro lado.

Rufina ia pedir desculpas, mas o desconhecido já havia lhe virado as costas.

Iniciada a reunião, com dez minutos de atraso, o dirigente leu um artigo de jornal, tratando de uma avalanche na qual morreram muitas pessoas. A seguir, proferiu uma palestra doutrinária de mais ou menos vinte minutos, sobre as punições divinas. Após, escolheu as pessoas que deveriam compor a mesa para a reunião mediúnica. Diminuiu a intensidade das luzes.

Na pequena claridade do ambiente, o único movimento que se notava era do dirigente, caminhando para lá e para cá, volteando a mesa.

De repente disse:

– O guia está presente.

Postando-se atrás de um médium, sobre os ombros do qual colocou as mãos, autorizou:

– Pode dar sua mensagem, meu irmão.

Terminada a mensagem, da qual Rufina não gravou uma única palavra, o dirigente anunciou:

– Agora os irmãozinhos infelizes podem se comunicar, lembrando-se que este ambiente exige respeito.

Alguns médiuns psicofônicos retransmitiram dolorosas queixas de visitantes do plano espiritual; as manifestações ocorriam ora com estardalhaço, às vezes com gestos desarticulados, ora em prantos lancinantes; frases de desusado rancor, ameaçando os próprios

médiuns, aos gritos de vingança; por vezes, contra pessoas da assistência.

Todos os espíritos comunicantes foram atendidos apenas pelo dirigente. Com poucas palavras, logo determinava que o visitante se retirasse, para ser atendido na Espiritualidade.

Houve um médium psicofônico que possibilitou, somente ele, quatro manifestações.

Logo após, alguns médiuns se levantaram e se dirigiram à assistência, ministrando passes.

Quando chegou a vez de Rufina, considerando que aquela fosse talvez sua única oportunidade, perguntou, bem baixinho, ao passista:

– Por favor, quem pode me dar uma orientação? Não obteve resposta.

Ao terminar os passes, o dirigente teceu comentários sobre a reunião. Na oportunidade, advertiu severamente aos presentes:

– Advirto aos irmãos que na hora do passe não se deve ficar falando baboseiras.

Rufina encolheu-se na cadeira.

O homem fez a prece de encerramento. Ele, ainda parecia que ali ninguém mais podia fazer qualquer coisa.

Acesas as luzes, as pessoas foram se retirando.

Rufina foi ao dirigente e repetiu a pergunta:

– O senhor pode me dizer se alguém me dá uma orientação espiritual?

O homem assumiu um ar apostólico:

– Que é isso, minha filha? Como pedir orientação depois desse banquete espiritual da noite? Cuidado, irmã, muito cuidado, com a invigilância e a falta de fé.

Completo, para a filha e irmã:

– Venha tomar passes e água fluidificada e ficará boa.

– Mas, mas não tenho nada, só queria ouvir uns conselhos; estou muito angustiada.

– Minha irmãzinha, não se deixe abater pelas provações do destino: somos sempre culpados pelas dores que nos afligem. Jesus a livrará do sofrimento, se confiar n’Ele.

– Mas eu confio. Só que minha cruz está pesada.

– Isso é porque a irmã abandonou essa mesma cruz em outra vida e agora tem que carregá-la até o fim.

– Sozinha! – advertiu – apontando-lhe o dedo indicador.

O homem empolgou-se ao perceber que seu discurso, embora fosse para Rufina, estava tendo várias testemunhas, felizes com a oportunidade de prestigiá-lo.

Rufina despediu-se, saindo dali em piores condições.

Muitos dias se passaram até que foi procurar a mulher em cujo jardim se molhara.

Atendida com carinho, conversaram bastante.

A mulher, após ouvir o relato de Rufina sobre a reunião mediúnica, sugeriu:

– Nem todos os centros espíritas são iguais, isto é, nem todos os dirigentes espíritas agem assim. A Doutrina Espírita é muito simples, muito democrática, ensinando-nos a tolerância, sem contudo pactuar, quando diante de tais atitudes. Todo aquele que se afasta da singeleza e da caridade, cedo ou tarde terá suas lições de vida e trilhará os caminhos da simplicidade; temos, todos, primeiramente que aprender a respeitar o próximo, para logo após aprendermos a amá-lo.

– Quando aprendermos isso – completou, calma –, estaremos repartindo o pão do amor, da mesma forma como Deus reparte todas as bênçãos da natureza com todos os Seus filhos.

Convidou:

– Por que você não me acompanha ao centro espírita que frequento? Sou auxiliar de ensinamentos mediúnicos, num Curso de Médiuns que está se iniciando hoje.

Antes de obter resposta, comentou:

– A propósito, como é seu nome? Pois até agora não sei como você se chama. Eu me chamo Maria.

– Oh! Maria, como você é boa. Meu nome é Rufina. Vou sim, com você, já a partir de hoje.

Rufina frequentou o curso por três meses, com bastante interesse, sendo pontual e assídua.

Após, foi autorizada pelos responsáveis do Curso a assistir às reuniões de iniciação e educação mediúnica, destinadas, conforme o próprio nome, aos médiuns iniciantes.

Ao comparecer pela primeira vez na reunião mediúnica, foi inescapável a Rufina lembrar-se daquele outro centro espírita onde tanto se decepcionara.

Muitas eram as diferenças: o salão não era salão, mas apenas uma pequena sala. Nenhum quadro nas paredes. Luzes fracas e música suave. Em torno da mesa, cujo tampo de fórmica padrão cerejeira não havia toalha, já estavam dez médiuns, todos concentrados.

Procurou o lado das mulheres e não encontrou, pois nos dois lados do corredor central havia pessoas de ambos os sexos.

A reunião iniciou no horário: vinte horas.

A convite do dirigente da reunião um dos presentes leu um pequeno trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo; a seguir, outra pessoa foi convidada para proferir a prece de abertura, que também foi breve.

Logo após, a claridade foi atenuada.

Os médiuns de psicofonia possibilitaram, por meio de seus órgãos da fala, que, um de cada vez, oito espíritos necessitados se manifestassem.

Após narrar suas agruras, seus desajustes, suas angústias e seu sofrimento, foram todos fraternal e evangelicamente atendidos por médiuns orientadores, que se revezavam nas orientações.

Tudo com muita disciplina e com muita bondade.

Nada de gritaria, de gestos bruscos, de choros em altos brados.

Nenhum dos médiuns psicofônicos transmitiu mais de duas manifestações.

Ainda no clima espiritual da reunião, os presentes que necessitavam de passe foram dirigidos para a câmara de passes, onde foram atendidos por uma equipe de passistas.

Outra pessoa fez a prece de encerramento.

A seguir, sendo as luzes acesas, foram feitos comentários sobre as impressões percebidas durante a reunião. Todos se manifestaram, gastando, em média, de um a dois minutos.

Elpídio, montando seu cavalo Cristal, da raça manga-larga, percorria uma área afastada da Morro das Vinhas, com o capataz e três peões.

Fazia uma inspeção de rotina, pois era sua intenção estender o pasto até ali, já que tencionava dobrar seu rebanho bovino, para atender às encomendas dos frigoríficos, sempre crescentes.

Cavalgavam os cinco homens despreocupados.

Sem que nenhum deles suspeitasse de qualquer perigo, estando as montarias tranquilas, de repente Cristal empinou, como se tivesse levado uma tremenda pancada no peito, capaz de quase tirá-lo do chão.

Relinchando como nunca dantes o fizera, o animal teve seu estranho pânico aumentado, quando Elpídio, ao cair da cela, tentou desesperadamente evitar o tombo, calcando-lhe as esporas. Na queda brutal, o homem ficou com um pé preso no estribo e o animal, antes de disparar loucamente, deu um pinote, batendo com uma das patas nas costas de Elpídio. Seu corpo foi de encontro a um monte de cupim, soltando-se o pé do estribo. Sofreu várias fraturas.

Ainda sendo atendido pelos peões, um deles disse:

– Posso jurar que vi uma mulher surgir do nada e enfiar um objeto perfurante no peito do Cristal.

Recolheram o cavalo e examinaram-no, não havendo nenhum sinal e nenhuma cicatriz.

– Mas eu vi que tinha entrado alguma coisa no animal, assustando-o – insistiu o peão, lívido.

Como nenhum dos outros homens viu a tal mulher, atribuíram a visão à imaginação alcoólica do peão, que gostava de umas pinguinhas.

Conduzido ao hospital, Elpídio foi submetido a várias cirurgias, estando os médicos reticentes quanto à sua sobrevivência.

– Caso supere os traumas – diagnosticaram os médicos –, a fratura cervical condena-o à cadeira de rodas para o resto da vida.

Temiam, porém, o mais provável, isto é, que a morte o levasse antes.

Assim pensavam os doutores, reunidos em junta.

Mara e Tiara, desde o acidente, permaneciam ao lado do marido e pai. Em ambas, habitavam sentimentos contraditórios ante a tragédia que se abatera sobre Elpídio: na esposa, indiferença; na filha, piedade.

Por dois dias persistiu o coma, deixando o paciente entre a vida e a morte. No terceiro dia, o chefe dos médicos que o atendia procurou Mara para informar o quadro clínico do marido:

- Se sobreviver, ficará paraplégico.
- Permanece o risco de vida, doutor?
- Sim, infelizmente.

Rufina e Jan souberam do acidente sofrido por Elpídio e em vão tentaram visitá-lo, pois visitas estavam terminantemente proibidas. Gostavam muito dele, que sempre os protegera e vinha ajudando na manutenção da casa, desde que Laércio fora internado.

– Mãe – sugeriu Jan –, já que estamos impossibilitados de visitar o senhor Elpídio, vamos orar por ele lá na cruz do coronel Antero.

Rufina aquiesceu. Assim, foram até o armazém, para pedir carona em algum veículo que fosse à Morro das Vinhas; no dia seguinte, com efeito, foram à fazenda numa camioneta que para lá levava algumas ferramentas, cujo retorno estava previsto para o mesmo dia.

Recebidos com alegria pelos colonos, contaram que ali compareciam para rezar pelo senhor Elpídio.

Mesmo participantes de uma novena, que já ia em meio, quase todos os trabalhadores acompanharam Rufina e Jan à cruz, onde permaneceram por quase uma hora em orações.

Quando desceram do morro, Rufina foi visitar suas flores e Jan dirigiu-se ao pasto.

Jan aproximou-se do rebanho placidamente pastando, e lá estava ele: seu grande amigo Titão.

Destemido, correu para o grande animal, deixando dois peões com o coração na boca, de medo, pois o touro não era de brincadeiras.

Jan, com a maior naturalidade, colocou a mão na testa de Titão e começou a alisar suas grandes orelhas.

Não havia se esquecido do salitre que, com muita satisfação, Titão aceitou. Dando mostras de que aceitava o sal e o agrado, o touro demonstrou que mais deste do que daquele, pois começou a esfregar a cabeçorra no peito de Jan. Cada esfregadura daquelas levantava Jan meio metro do chão. Inesperadas, mas candentes, duas lágrimas saltaram dos olhos do jovem, expondo a saudade que trazia escondida no peito.

Quando retornaram, Jan confidenciou à mãe:

– Rezei pelo senhor Elpídio, mas também rezei pelo pai. A senhora acredita que eu ouvi, lá em cima na cruz, o coronel Antero dizer para orarmos e confiarmos em Deus?

Rufina levou um sobressalto: também tinha ouvido o mesmo. Pedira a Deus que salvasse o senhor Elpídio, mas que não se esquecesse do Laércio. Estava olhando a cruz, enternecida pela lembrança do coronel, pedindo a ele para tirar o marido do hospital, quando ouviu o ex-dono da fazenda dizer-lhe o mesmo que dissera a Jan.

Ambos, embora o desconhecassem, eram médiuns audientes, isto é, tinham a condição de ouvir os espíritos, sem necessariamente vê-los.

Quanto a Jan, sua mediunidade ia além: também tinha a rara condição de fornecer ectoplasma propiciador de materializações de espíritos ou de objetos.

No dia seguinte, Elpídio saiu do coma.

Ainda em aparente estado de choque, conseguia movimentar-se precariamente, falando também com dificuldade.

Mais três dias voltou à consciência plena, já conseguindo dialogar com os médicos e familiares. Saindo do Centro de Recuperação Intensiva, foi transferido para um apartamento, no mesmo hospital.

Antero estava em reflexões, quando foi abruptamente atraído para junto do filho. Ao chegar, ficou extremamente perturbado ao verificar que vários espíritos trevosos atazanavam Elpídio.

O acidente havia ocorrido há dez dias e era alta madrugada. Mara acordou sobressaltada, com os gemidos do marido. Deu um salto da cama e achegou-se a ele, que delirava, suando abundantemente. Acordou-o, aflita.

Elpídio abriu os olhos e ao ver Mara agarrada a ele contou:

- Sonhei com ela. Foi terrível.
- Já passou. Já passou.
- Não, não passou! Ela sabe de tudo... você...

Elpídio ia completar: você não pode me deixar agora, contudo Mara não o deixou falar. Começou a tremer. A culpa na consciência lhe informava que uma tempestade se aproximava de sua cabeça.

Os espíritos também pressionavam Mara com lembranças e ela, num segundo, imaginou que o segredo que nem a morte revelaria estava para ser desvendado. Era preferível morrer a ser exposta à cruel realidade.

Antero fez uma prece sentida a Deus e logo viu Dionísio chegar, confortando-o e induzindo-o a permanecerem em oração. Mara impediu Elpídio de continuar. Sem raciocinar, em completo descontrole e pavor, pareceu-lhe que se não fosse dito seu segredo inexistiria e o silêncio a absolveria. Ademais, tinha muito medo de Elpídio, sabidamente violento e vingativo. Agora, preso à cadeira de

rodas, não poderia atingi-la fisicamente, mas mesmo assim o temia. Interrompeu-o, balbuciando:

- Não diga, não diga nada, pelo amor de Deus!
- Tenho que falar.

Desconhecia Mara que Elpídio, também ele, carregava um fardo cruel na consciência. Era premente falar, contar o sonho, contar o pesadelo.

Dionísio, chamado por Antero, lamentou ao chegar:

– O remorso abriu-lhes ferida na alma e só a confissão ajudará o início da cicatrização.

A pressão espiritual obsessora entre ambos tirou-lhes o equilíbrio e impediu que raciocinassem. Suas palavras, incontidas, jorravam quais águas revoltas despencando em inexorável abismo: a realidade, antes submersa, agora à tona. Ali, sob risco de implosão definitiva da paz, duas consciências precisavam desabafar.

Elpídio soltou as amarras da mente, confessando:

- Jan é meu filho!

Mara, surpreendida por esta inesperada revelação deu vazão ao amor-próprio ferido, mandando às favas qualquer precaução, vingando-se no ato:

- Tiara não é sua filha.

Estupefatos, viram afrouxar os laços morais que os enforcavam. Como que empenhados num sinistro campeonato, onde o tempo de confissão determinaria o campeão-culpado, falavam quase ao mesmo tempo.

Penitenciaram-se mutuamente.

Elpídio, dentre tantas outras, tinha tido uma aventura extra-conjugal, mais profunda, resultando no nascimento de Jan; por sua decisão e encaminhamento, foi doado a Laércio e Rufina, então separados, porque não podiam ter filhos; os pais adotivos jamais souberam quem eram os pais naturais daquela criança; com a adoção, o casal Laércio-Rufina se reconciliou.

Quanto a Mara, ao perceber a infidelidade do marido, em constantes aventuras extraconjugais, vingou-se, mantendo

relacionamento fora do lar, entregando-se a um ex-namorado de cuja aventura nasceu Tiara.

Os obsessores regozijavam-se, afrouxando a pressão. Por isso, acalmando a tormentosa fervura de suas almas, puderam raciocinar melhor.

– Quem é o pai de Tiara? – perguntou Elpídio.

Mara pestanejou, retraindo-se em contar a verdade. Após um doloroso silêncio, retrucou:

– Quem é a mãe de Jan?

Agora foi Elpídio quem se encolheu, não respondendo.

Propôs:

– Vou contar, depois que você me responder.

Ante a promessa, Mara confessou:

– Você não o conheceu; antes de Tiara nascer, viajou para o Egito e houve um desastre aéreo no qual morreu.

Elpídio insistiu:

– Quero saber o nome dele. Mara foi categórica:

– Se já está morto, o que interessa? Diga-me, agora, quem é a mãe de Jan?

– Isso você vai morrer sem ficar sabendo.

Mara irritou-se com a traição:

– É assim? Bem fiz eu em evitar uma gravidez com você, pois nenhum filho merece ter um pai tão péssimo.

Cruel, Elpídio configurou uma nova situação:

– A partir de agora, sabemos, eu e você, que Jan é herdeiro legal, ao passo que Tiara posso deserdar.

Ao amanhecer, após intermináveis acusações, de parte a parte, fizeram um trato: seus segredos não seriam revelados; Tiara permaneceria com os direitos legais de herdeira; Jan, contudo, receberia logo uma expressiva doação de Elpídio, além de passar a receber lucrativa participação nas vendas do armazém.

Mara, na verdade, não pretendia cumprir o acordo. Alimentava alguma esperança de que Elpídio morresse logo e, nesse caso, Jan não receberia nada; se Elpídio sobrevivesse, acharia um meio de

impedir a tal expressiva doação; quanto à participação nos lucros do armazém, logo encontraria uma forma de impedir tamanho disparate. Imaginou, também, outra saída, que se tornou ideia fixa: descobrir quem era a mãe de Jan. Para conseguir essa informação, não teria quaisquer escrúpulos, nem faria economia. Intuiu que, descobrindo esse segredo, que Elpídio jurara levar para o túmulo, por certo anulava o trato entre ambos. Se Elpídio tinha tanta restrição em ver divulgado o nome da verdadeira mãe de Jan, tudo levava a crer que tal segredo continha algum fato complementar que poderia arrasá-lo.

Não perdeu tempo. Naquele mesmo dia, contratou um detetive particular e passou a alimentar a esperança de que Jan não poria a mão em coisa alguma da fortuna do casal, toda ela destinada, por herança, a Tiara.

– Em hipótese alguma – exigiu Mara de Valdomiro, o detetive –, se aproxime de Rufina, sob nenhum pretexto, pois, se isso acontecer, haverá tremendo risco de que ela descubra quem é o pai de Jan.

Seria catastrófico, pois logo ela requereria o reconhecimento de paternidade e a herança passaria para novo destinatário.

Por mais que Valdomiro pesquisasse, distribuindo pro- pinas às enfermeiras dos berçários dos hospitais da região, nada descobriu.

– Posso visitar o senhor Laércio? – solicitou Valdomiro à recepcionista do Hospital de Custódia, pretendendo entrevistar-se com Laércio.

A recepcionista consultou a direção, que não autorizou o encontro. Igualmente, não permitiu que ele visse a ficha médica de Laércio, em cujo histórico Valdomiro pretendia descobrir alguma pista.

Decorridos três meses, as investigações permaneciam no ponto de partida, isto é, nada havia sido descoberto.

Elpídio, em tratamento fisioterápico, já na residência, nunca mais conversara com a esposa, desde a tumultuada madrugada da confissão recíproca.

Mara mal conseguia dormir, de tanto pensar numa forma de descobrir quem era a mãe de Jan.

Arriscou. Procurou Rufina:

– Trouxe estes dois vestidos bem bonitos para você, que arrematei numa promoção assistencial de mulheres ricas. Imagino que você esteja com dificuldades.

Apresentou-se como desamparada e infeliz, buscando despertar piedade, adentrando o assunto de infertilidade com extrema cautela:

– Meu marido está doente e sinto-me abandonada. Tive apenas uma filha. Depois disso, Deus não permitiu que eu voltasse a ser mãe. Creio que foi por causa dos problemas que tive para dar à luz a Tiara, pois, sofrendo muito, xinguei todo mundo. Depois disso, nunca mais consegui engravidar. Os médicos disseram que, no subconsciente, eu temia novas dores, disso resultando uma infertilidade parcial.

Quase distraída, perguntou:

– Você também teve só um filho, não é mesmo?

– É.

– Como foi o parto de Jan?

Rufina levou um susto. Disfarçou:

– Normal.

– Qual o médico que a atendeu?

– Médico? Foi... foi em casa...

– Teve ajuda de alguém?

– Claro, da minha mãe.

Rufina, nervosa, cortou o diálogo:

– A senhora me dá licença, preciso trabalhar.

A indelicadeza de Rufina era prova cabal de que ocultava alguma coisa, e Mara sabia o que: Jan não era filho dela.

Saindo dali, Mara foi procurar Leocádia, a irmã mais velha de Rufina. Após apresentar-se, disse:

– Estou preocupada com sua irmã. Quando ela estava na fazenda, éramos muito amigas. Hoje fui procurá-la para ver se precisava de alguma coisa e ela me mandou embora.

– Não ligue, dona Mara, a Rufina sempre foi caipira, mas agora está mais atrapalhada da cabeça.

Completou, maldosa:

– Também, coitada, depois de tudo o que passou com o traste do marido, ainda vem aquele crápula.

– ?!

– A senhora não sabe?

– Não, conte-me e quem sabe eu possa ajudar.

– Ela procurou um advogado para tentar tirar o Laércio da cadeia de loucos e acabaram se entendendo muito bem, a senhora sabe, como homem e mulher.

– Não me diga! Rufina sempre me pareceu tão honesta, com um filho tão bonito, não deveria ser ingrata com Deus.

Leocádia não se conteve:

– Já que a senhora é amiga da Rufina, vou lhe contar um segredo: Jan não é filho dela. Ela não pode ter filhos.

Desconhecia, por completo, que estava falando sob comando de mentes invisíveis. Isso porque, em qualquer parte onde alguém esteja agindo, sempre haverá a nuvem de testemunhas a que se referiu o Apóstolo Paulo, na Carta que enviou aos Hebreus (12:1). Tal é a lei de sintonia, de atração espiritual.

Mara fez a grande pergunta, para a grande dúvida:

– Oh! Quem são os pais dele, então?

Se ambas soubessem a gravidade dos fatos que adviriam daquela remexida no passado certamente não o fariam. Erros morais de várias pessoas ligadas àquele grupo estavam tendo encaminhamento para resgate no tempo adequado, sob supervisão de Mensageiros Celestiais.

Mara e Leocádia, contudo, ambas invigilantes, precipitaram as consequências.

Junto delas estavam inimigos desencarnados – juízes autoneameados – sequiosos por justiça: justiça unilateral, isto é, que atendesse apenas a eles. Injustiça, pois. O ambiente espiritual sustentado pelas duas mulheres acabou por trazer para aquela casa mais espíritos desajustados, por difíceis nós familiares, atados em vidas passadas.

Leocádia abaixou a voz:

– O Jandiro é filho adotivo. Quando a Rufina viu que não poderia ser mãe, separou-se do Laércio, para deixar ele ser pai com outra mulher. Um ano depois, o coronel Antero ofereceu a eles o Jan, filho de pais desconhecidos; mas só deu a criança para eles adotarem depois que prometeram se reconciliar.

Mara não se conteve e explodiu:

– Sim, sim, mas quem são os pais dele?

– Esse é um grande segredo que só a alma do senhor coronel Antero e o senhor Elpídio sabem.

– Meu marido? Como assim?

– Foi ele que trouxe o Jan, com um ou dois dias de nascido, para o Laércio e a Rufina. Ninguém sabe aonde ele foi buscar o menino. Na época, ele disse que, como padrinho de casamento, não poderia concordar que eles vivessem separados pela falta de filhos e, por isso, resolveu ajudá-los.

– Ordinário!

Leocádia levou um susto. O olhar de ódio que viu em Mara fê-la arrepender-se de ter ido tão longe nas informações que acabara de lhe prestar.

Mara rogou:

– Leocádia, é muito importante para mim saber quem são os pais de Jan. Você não tem jeito de descobrir isso com a Rufina?

– Posso tentar.

Leocádia mentiu. Não faria nada. Já estava arrependida de ter contado tudo aquilo. Ali mesmo decidiu pôr uma pedra no assunto. Desconhecia, entretanto, que o minuto que passou, a pedra atirada e a palavra pronunciada não voltam jamais. Engrenagens espirituais

que estavam se justapondo sofreram grande desarranjo com suas intrigas.

Mara, ao se despedir, pediu e conseguiu o nome e endereço do advogado de Rufina. Procurou-o, logo em seguida. Ao ser atendida, jogou pesado:

– Se o senhor me der uma informação que preciso, darei uma boa recompensa.

– Que informação, senhora?

– Quero saber quem são os pais do filho da sua cliente, a Rufina...

– Aquela que...

– Ela mesmo, que o procurou para tirar o marido do hospício. Sei, inclusive, da sua intimidade com ela.

As palavras de Mara continham velada repreensão, contudo, sob a expectativa de recompensa, Fabrício atropelou a moral e exibiu falsa competência:

– Já desconfiava que o rapaz não era filho deles. Vou pesquisar e dentro de uma semana vou procurá-la. Se em uma semana não tiver progredido, a senhora não precisa me pagar nada.

Saindo dali, Mara foi até o Hospital de Custódia. Apresentando-se como amiga da família e esposa do ex-patrão de Laércio, foi atendida pela diretora. Procurou, de todas as formas, saber alguma coisa que indicasse uma pista para descobrir quem era a mãe de Jan. Nada conseguiu.

Tomou outra infeliz decisão: iria forçar Elpídio a contar quem dera à luz a Jan, sob pena de requerer divórcio. E assim fez. Entrou em casa, muito agitada, tomou dois calmantes e arquitetou como faria para descobrir aquele segredo que punha em risco a herança só para Tiara.

– Olha aqui, Elpídio, ou você me conta quem é a mãe de Jan ou vou requerer o divórcio.

– Você está louca?

– Não, não estou. Apenas não vou permitir que minha filha tenha que repartir nossas posses com um caipira.

– Nossas posses? Já esqueceu que casamos com separação de bens?

– Não, não esqueci. No inventário de bens não consta muita coisa que conseguimos após nosso casamento, inclusive o armazém. E disso tenho a metade. Acontece, ainda, que Tiara é sua filha e o que é seu é dela e não daquele bobão que vivia correndo do touro.

– Nunca! Nunca deixarei meu filho na miséria.

– Muito bem. Então vamos entrar num acordo: você me diz quem é a mãe dele e concordarei em darmos alguma coisa para ele.

– Mara, quem manda no meu dinheiro sou eu. Você não está em condições de dispor de coisa alguma que me pertence. E, preste atenção, nem morto permitiria a você saber quem é a mãe do Jan.

– Veremos. Vou amanhã mesmo procurar um advogado e pedir para rever nosso patrimônio e seu testamento, para anular qualquer referência a Jan.

Acertou na mosca. Elpídio, sem que ela soubesse, tinha modificado o testamento, incluindo Jan como seu herdeiro, discriminando os bens, dentre eles, metade do armazém.

– Se você fizer isso... – disse Elpídio, descontrolando-se.

– Você, o quê? – desafiou Mara.

– Também vou requerer exame de paternidade em Tiara e vou deserdá-la – fulminou Elpídio. – O mesmo exame mostrará quem é meu filho: Jan! Você e Tiara sairão perdendo, pois, com o divórcio.

Outro tiro certo, de contra-ataque.

Mara não contava com tão forte pancada em sua cobiçosa estrutura. Aos gritos, completamente sem controle, avançou para Elpídio, cativo na cadeira de rodas, agredindo-o qual enraivecida pantera. Rolaram ao chão. Face a balbúrdia e os gritos de ambos, acorreram Tiara e uma empregada que a tudo ouviram, trêmulas diante do que fora dito; com muito custo conseguiram separá-los, pois haviam se engalfinhado; Mara, tremendo e gemendo, foi levada para a cama, onde novos calmantes a aquietaram. Elpídio,

sangrando pelos arranhões nos braços e rosto, convocou um motorista e deixou o lar, enfurecido.

Dali em diante, aquele lar converteu-se num cenário de ódio entre os cônjuges; de angústia, da parte de Tiara; de medo, por parte dos serviçais.

No plano invisível, ao contrário, entidades infelizes exultavam, vitoriosas, por terem alcançado seu objetivo de implantar ali clima de discórdia. Enganosamente, os infelizes estavam felizes.

Tanto Elpídio quanto Mara viviam afastados do Evangelho, bloqueando as repetidas tentativas de ajuda de seus protetores espirituais, inclusive do próprio pai e sogro. Se não fossem as preces diárias de Tiara e das serviçais, há muito tempo, coisa pior já teria acontecido.

Espíritos abnegados, mesmo rechaçados, redobravam súplicas a Jesus, rogando bênçãos de paz para aquele lar, com retorno à razão e à fraternidade.

Quando Mara adormeceu, por força dos sedativos, Tiara também saiu de casa. Foi procurar Jan.

– Venha comigo, para um breve passeio, pois há uma coisa terrível que quero revelar a você.

Jan, mesmo um pouco desconfiado e indeciso, aquiesceu, até porque percebeu o quão nervosa estava aquela que em criança quase foi sua namorada.

– Papai e mamãe brigaram há pouco – disse-lhe Tiara. – Foi tudo muito triste, muito feio. Preferia ter morrido a ver o que vi e ouvir o que ouvi. Não tiveram o menor cuidado em falar baixo e assim foi impossível deixar de ouvi-los. Sobre você.

– O que disseram de tão grave?

– Disseram que você e eu...

Não conseguiu prosseguir. O choro, até então represado, explodiu irresistível, com a força das emoções descontroladas. Tiara, lágrimas molhando o rosto e a blusa, não conseguia parar de chorar, um dolorido choro, misto de dor, angústia, tristeza e medo.

Jan, num impulso, abraçou-a, protetor.

O peito de Jan foi, naquele momento, um agasalho moral aos tormentos da jovem. Com os lábios trêmulos e os olhos vermelhos, ensopados de lágrimas, Tiara encontrou forças naquele refúgio para balbuciar:

– Papai não é meu pai, é seu pai.

Agora, foi Jan que se sobressaltou, perturbado:

– O quê? O que você está me dizendo?

– Isso mesmo: não sou filha dele, mas você é!

– Você deve estar brincando.

– Não, Jan, não brincaria com uma coisa dessas, gostaria de nunca ter nascido!

Outra explosão íntima de sentimentos ocorreu na alma de Jan. Nunca pensara na inexistência de Tiara. Pensou agora. No mesmo instante sentiu uma incrível sensação de vácuo, de perda total. Algo assim como se o seu coração dialogasse com sua alma.

Coração e alma diriam, um ao outro:

– Você já pensou se Tiara não existisse?

– Nunca pensei. Não há qualquer possibilidade de vida para mim, sem vida para ela.

– Então, por que nunca demonstrou isso?

– Porque, de verdade, só descobri agora.

– E vai ficar parado? Faça alguma coisa, seja sincero, autêntico. O amor é a coisa mais sublime do mundo. Não dê as costas para ele, jamais! Viva-o, na plenitude!

– O que devo fazer?

– Não sei. Corações só registram os sentimentos. São as almas que produzem os fatos.

– Por favor, não se esquive. O que posso fazer para ela ficar sabendo do meu amor?

– Meu Deus, meu Deus! Há tanto tempo que Deus lhe deu um corpo maravilhoso e cheio de vida. Dê respostas responsáveis às sensações físicas.

– Como assim? Como assim?!

– Beije-a!

Esse insólito diálogo durou um segundo, se tanto, no cérebro de Jan. Com muito carinho, calor na alma e no coração, e incontidos e saudáveis impulsos, envolveu Tiara num carinhoso abraço, sensual, mas contido.

Beijou-a demoradamente.

O beijo de Tiara, há tanto tempo não correspondido, finalmente foi resgatado com o de Jan, que eclodiu com o ímpeto próprio das paixões fulgurantes, anunciadoras do amor.

Tiara detalhou a briga de Elpídio com Mara.

Unidos pelo amor, os dois encontraram forças para tentarem, dali para a frente, vencer todos os obstáculos postos pela vida, pelo tempo e pelos homens, em busca da resposta à dolorosa pergunta: quem eram, na verdade, a mãe de Jan e o pai de Tiara?

Após infundáveis planos resolveram:

– Vamos procurar minha mãe – decidiu Jan, acreditando que de todas as pessoas que conheciam, ela era, provavelmente, a mais indicada para responder-lhes.

Quando Jan e Tiara adentraram, de mãos entrelaçadas, o coração de Rufina encheu-se de um doce sentimento. Sempre soubera que Tiara gostava do seu filho, mas sempre, também, percebera o descaso de Jan para ela.

Com o sobressalto recentemente vivido, em que pilhara o filho em clima homossexual, vê-lo enamorado de Tiara foi um bálsamo. Graças a Deus, pensou.

Jan foi carinhoso:

– Mãe, precisamos conversar. Queremos que seja muito sincera. Há uma coisa que só a senhora poderá nos contar.

Rufina inquietou-se. Os dois jovens formavam um só bloco e não foi difícil perceber que traziam uma dúvida, os dois.

Aliás, Jan só usou o nós em todas as frases.

– Vamos fazer uma pergunta – prosseguiu Jan –, mas é preciso que a senhora responda a verdade. Só a verdade – enfatizou. Se a senhora não quiser, não precisa responder. Mas, se responder, tem que ser a verdade.

– Pelo amor de Deus, Jan, o que você quer saber? – respondeu Rufina, dirigindo-se ao filho.

Os olhos de Jan estavam dilatados pela dúvida, transparecendo angústia:

– Quem são meus verdadeiros pais?

Por essa Rufina não esperava. Dentro da cabeça, bem lá no interior, teve a impressão de que cem bombinhas explodiram, quase ao mesmo tempo.

– Jan...

Sentiu uma dor aguda no peito. Faltou-lhe a voz.

Perdeu totalmente a noção de tudo, vendo o mundo começar a girar, devagar, devagar, depois, foi acelerando, acelerando...

Acordou com Jan e Tiara esfregando-lhe os pulsos e o pescoço com água fria.

– Mãe, mãe... – ouviu o aflitivo chamado de Jan. Abriu os olhos e viu-o atormentado, mas com a mesma decisão de há pouco. A resposta era aguardada.

Rufina sentia-se como um pássaro, em voo sereno, de repente atingido por um projétil. O cérebro recusava-lhe raciocinar. A perturbação mental, agora, parecia uma enxurrada, na qual aquele pássaro ferido tinha caído. Sentia-se arrastada, com violência, para inevitável colisão com o futuro, do que resultariam infelicidades.

A verdade!, exigira Jan.

Em semitorpor, ouviu do filho:

– Mãe, mãe, eu a amarei sempre, mas não minta para mim. Jan, agora, usava o verbo no singular.

Rufina pensou:

Bem, pelo menos agora não é o nós. Mas, meu Deus, como fui notar isso? O que faço, meu Jesus? Me ajude, minha Mãe Santíssima.

Ouviu, no mesmo lugar onde há pouco tinha ouvido as minúsculas explosões:

“Seja sincera.”

Reconheceu a voz: era do coronel Antero.

Reanimando-se e fortalecida pelo conselho que vinha do céu, sentou-se no sofá e olhou os dois jovens.

– Vamos conversar, mas quero antes que me contem como começou tudo isso. Por que vocês vieram juntos me procurar?

Tiara adiantou-se e narrou com detalhes o áspero diálogo de seus pais. Concluindo:

– Como a senhora vê, eu e o Jan temos um problema parecido: ele não sabe quem é a mãe dele e eu não sei quem é meu pai.

Rufina captou que aquele grave assunto já havia causado devastação no casamento dos ex-patrões. Teria saída? Conseguiria ocultar o que sabia? Respirou fundo, ficou alguns instantes em silêncio e por fim:

– Quando eu e o Laércio ficamos sabendo que não poderíamos ter filhos, por minha causa, tivemos problemas e resolvemos nos separar. Fui para longe e depois de um ano voltei, a pedido do coronel Antero, pois havia uma criança abandonada que ele deu para que eu e o Laércio criássemos como nosso filho. Com isso, o coronel fez com que voltássemos a viver juntos.

Com os olhos brilhando, fitos em Jan, concluiu:

– Você nos reuniu!

Os olhos despejavam lágrimas, sem parar, quando prosseguiu:

– Amei-o, Jan, no mesmo instante em que o vi. Laércio me contou que confidenciou nosso problema para o coronel e ele arrumou essa adoção, pois o senhor Elpídio tinha recebido pedido de um amigo para criar a criança cuja mãe, solteira e órfã, morrera ao dar à luz.

Raciocinando em voz alta, deduziu:

– Então o coronel mentiu para proteger o filho. Ele era seu avô. Por isso sempre o protegeu também. Agora entendo por que o senhor Elpídio, seu pai, deu esta casa para nós, paga sua escola e dá participação nos lucros do armazém.

A resposta de Rufina mostrou-lhes que ela também desconhecia quem era a mãe de Jan.

– Você será sempre meu filho – prosseguiu –, Deus me deu a felicidade de tê-lo no colo e no coração, desde que nasceu, e nunca deixarei de ser sua mãe.

Jan abraçou Rufina, emocionado:

– A senhora será mesmo a minha mãe e o meu coração é seu. Mas preciso saber quem me deu à luz, e por que o senhor Elpídio escondeu esse tempo todo a verdade.

A seguir, Jan e Tiara foram ao Hospital Psiquiátrico, para visitarem Laércio. Consideravam que ele talvez tivesse alguma informação que os ajudasse a esclarecer aquele mistério sobre a mãe de Jan.

Apresentando-se à direção do hospital, pediram permissão para entrevistar Laércio, sendo surpreendidos pela negativa, transmitida pela própria diretora, que informou:

– Não sei o que está havendo, é muito estranho. O paciente está internado há cerca de três anos e só de vez em quando a esposa o visitava; agora, de repente, em pouco tempo vieram aqui um detetive, um advogado, a senhora Mara e agora vocês, procurando-o.

– Eles vieram falar o que com meu pai?

– Pois é, diga-me você; o que aconteceu, para de repente todo mundo querer falar com ele?

– Quero saber quem é minha mãe verdadeira.

– Como assim? Então não é a senhora Rufina? Tiara explicou sucintamente os fatos.

– Será arriscado – objetou a diretora – tocar nesse assunto com o senhor Laércio, sem uma preparação. Talvez ele entre em crise. Agora que sei do que falaram com ele, penso que é aconselhável levar o problema para a Junta Médica e passarei para a família o que for resolvido.

– Para a família?

– Sim. Sobre esse assunto, quero dona Rufina junto com vocês, pois ela é a responsável pelo senhor Laércio.

Ansiosos, Jan e Tiara passaram dez dias aguardando notícias da doutora Fabiana. Então ela telefonou:

– Dona Rufina, a Junta autorizou a entrevista de Laércio com o filho, devendo a senhora estar presente; um médico psiquiatra dará assistência ao encontro.

Laércio ficou feliz com a visita. Após os cumprimentos e algumas frases banais, o médico informou:

– Laércio, estamos reunidos para uma conversa muito séria.

– Minha liberdade?!

– Em parte – sofismou o psiquiatra, que olhou para Rufina, induzindo-a a falar. E ela disse:

– Laércio, aconteceram muitas coisas na nossa vida e há poucos dias os pais de Tiara brigaram, por causa do Jan...

– ?!

– Pois é. O senhor Elpídio confessou que é o pai natural de Jan, que agora quer saber quem é sua mãe. Você sabe quem é ela?

– Nossa Senhora, por isso o senhor Elpídio sempre protegeu meu filho, quer dizer, o filho dele...

O psiquiatra anotou algo.

– Pai, pai – adiantou-se Jan –, amo o senhor, muito, como também a mãe, aqui. Mas preciso saber quem me deu à luz. Ajude-me, pai!

Laércio abraçou-o ternamente.

O médico fez novas anotações.

– Por tudo o que há de mais sagrado – disse Laércio – na Terra e no Céu, não sei quem é sua mãe, só sei que o falecido coronel Antero mandou o senhor Elpídio colocar você nos meus braços, dizendo que era para Rufina e eu sermos seus pais; disse que você nasceu de mãe solteira, que morreu no parto.

– Por que o senhor e a mãe nunca me contaram?

– De medo de perder você.

– Ora, pai, mãe...

O psiquiatra anotou mais.

Encerrada a visita, Jan e Tiara continuaram desconhecendo a resposta que tanto buscavam.

Quando Tiara chegou em casa, procurou seu pai. Sem quaisquer cuidados, foi incisiva:

– Pai, não sou ninguém para julgar o passado, mas ouvi a briga do senhor com a mãe e quero saber a verdade.

– A verdade? Que verdade, menina?

– Quem é meu pai? E a mãe é mesmo minha mãe?

– Eu e a Mara resolvemos isso.

– Pai, não estou brincando. Quero saber tudo.

– Para quê? Para ir embora de casa com ela?

Tiara começou a chorar. Decorridos tantos anos naquele lar, percebeu, só agora, que ali não era um lar, era apenas uma residência, onde nunca fora amada por aquele que julgava ser seu pai.

Elpídio não se comoveu com as lágrimas de Tiara:

– Acho bom você e sua mãe fiquem quietinhas no seu canto... há coisas que são perigosas para se remexer.

Tiara, em prantos e assustada, saiu correndo para seu quarto. A campainha soou. Elpídio atendeu, era o detetive. Após enrolar e enrolar as palavras, o detetive tocou no assunto da maternidade de Jan.

Foi posto para fora, aos berros.

Tiara, que tudo ouviu, se assustou mais.

No dia seguinte, Fabrício marcou entrevista com Elpídio, na residência deste, alegando ser urgente. Recebido, após dizer por que tinha ido, foi também expulso da casa, por um Elpídio quase fora de si.

Tiara, ainda outra vez, viu a brutal reação do dono da casa, diante daquele indigesto tema.

Avaliando os fatos, Jan e Tiara concluíram que estavam na estaca zero, quanto ao principal: quem era a mãe de Jan? E por que Elpídio dissera ser perigoso?

Tiara procurou a mãe:

– Mãe, pelo amor de Deus, diga-me quem é meu pai verdadeiro!

– Foi um ex-namorado, que morreu num acidente antes de você nascer; vinguei-me de Elpídio! Foi-me infiel sempre, desde o começo do casamento.

Tiara não compartilhou do júbilo que notou nos olhos da mãe. Ao contrário, disse-lhe, azeda:

– Eu sou fruto de uma vingança?

– Não é bem assim.

– Diga-me, onde mora a família dele e como a senhora ficou sabendo que morreu?

– Vi a notícia no jornal. O avião que caiu, com ele a bordo, ia para a Europa. Telefonei para a embaixada egípcia e responderam que quando soubessem algo sobre os familiares dariam retorno, porém nunca mais ligaram. Na verdade, nem sei se tudo o que ele contou sobre a família no exterior era mesmo verdade. Tiara compreendeu que conhecer o passado do seu pai, egípcio talvez, seria mais difícil do que remover as pirâmides lá daquele longínquo país.

Rufina, sob pressão dos vizinhos moralistas, mudou-se para outro bairro. Alugou a casa doada por Elpídio e assim não teve problemas com o aluguel, na sua nova moradia.

## O PASSADO SEMPRE ESTÁ PRESENTE

**F**abrício, o advogado, expulso da casa de Elpídio, encheu-se de ódio e decidiu prosseguir no caso, não só pela chance de ganho financeiro, mas também, agora, para vingar-se da grosseria de que foi vítima.

Não descobrindo absolutamente nada sobre Jan, sentia esgarçar-se o frágil fio que o ligava àquela família complicada, mas rica. E dinheiro o atraía mais que tudo. Não podia perder tal oportunidade.

Estava no carro pensando tudo isso, sem sair da frente da casa de Elpídio, quando dela saiu uma mulher. Reconheceu-a. Era a empregada que, pelos trajes, terminava a jornada e ia embora. Abordou-a, maneiroso:

– Boa tarde, minha senhora.

Reconhecendo-o, instintivamente a mulher ficou em guarda, nem mesmo respondendo ao cumprimento.

– A senhora sabe que sou advogado?

Retraída, a mulher ainda não respondeu.

– Pois é, fui contratado pela sua patroa, a dona Mara, para ajudar à família, mas parece que o marido não colabora. Coitada da dona Mara.

– Sabe, doutor – disse, contrariada, a mulher –, é melhor o senhor ir embora, pois não quero falar disso.

– Oh! Quero apenas ajudar. Como é seu nome?

Fabrício tirou uma valiosa nota do bolso e colocou-a na mão da mulher.

A empregada titubeou. Tinha dívidas a pagar; o marido, alcoólatra, pouco ou quase nada ajudava com as despesas do lar;

seu ordenado não era suficiente para cobrir as despesas cada vez maiores.

Fabrício percebeu a luta íntima da mulher em aceitar ou não o suborno. Convenceu-a:

– Isso é só para a senhora ajudar nas despesas da sua casa. No prosseguimento do meu trabalho, poderemos entrar num acordo e a senhora vai ganhar outras notas como esta.

– Meu nome é Mila. O que devo fazer?

– Nada, dona Mila. Só me contar o que ouve lá.

– É perigoso. Se descobrirem, perderei o emprego e ainda posso ser levada à polícia.

– Ora, minha cara. Quem vai contar? Além do mais, não se esqueça de que sou advogado e qualquer dificuldade sua eu resolverei, na hora, sem cobrar nada.

– O que o senhor quer saber?

Nesse ponto, Fabrício assumiu de vez o comando da situação, pois a mulher pegou a nota e guardou-a na bolsa. A partir daquele instante, Mila passou a ser cúmplice e não houve a menor dificuldade para que entrasse no carro do advogado e se dirigissem para um local ermo.

Fazendo várias perguntas, Fabrício ficou sabendo que Elpídio era o pai de Jan e que Tiara não era sua filha. E também que havia problemas financeiros de herança. O segredo deixou o advogado exultante.

– Há necessidade de entrevistar meu cliente, o Laércio – disse Fabrício no dia seguinte, no Hospital de Custódia, mentindo para a diretora.

– Por favor, doutor Fabrício, qual é o assunto?

– Há grandes chances de libertar meu cliente, por isso necessito instruí-lo a respeito de como deve se comportar no exame que talvez o juiz determine.

– Muito bom. Aguarde, por favor.

Laércio interrompeu as lides do campo, para vir receber as boas novidades. Desde que iniciara a tarefa agrícola naquele hospital

tinha melhorado bastante, recuperando o ânimo e a vontade de viver e trabalhar.

– Bom dia – cumprimentou-o Fabrício –, tenho novidades: estudei seu caso, aprofundei investigações e descobri fatos importantes. Está preparado para ouvir?

– Estou.

– É sobre Jan. O pai verdadeiro dele é o senhor Elpídio.

Laércio cerrou os punhos, levantou-se de um salto e avançou para cima Fabrício. O advogado foi pego de surpresa e não conseguiu reagir. Dando-lhe uma sonora bofetada, Laércio gritou:

– Não se meta na minha vida. Se você mexer com minha família, eu lhe mato!

– Socorro, socorro – gritou Fabrício, apavorado.

Um enfermeiro acudiu e separou-os. Antes de se retirar, Fabrício desferiu um maligno petardo moral:

– Você não tem filho nem tem mais esposa, pois ela anda passando de mão em mão... depois das minhas...

A muito custo Laércio foi dominado. Ali, era conceituado pelos funcionários, pois era trabalhador e de fácil trato. O próprio enfermeiro revoltou-se com o advogado e aos berros mandou que ele se retirasse.

Laércio, em recaída, ficou vários dias prostrado.

Fabiana, que acorreu ao perceber o tumulto que se instalou, ouviu as últimas palavras do advogado.

– O senhor não mais poderá entrevistá-lo, sem a presença de um médico – ordenou, indignada.

Quando Rufina foi visitar o marido, no fim da semana, Fabiana contou para ela o acontecido. Receosa, aguardou a presença do marido para tentar justificar o que aconteceu entre ela e o advogado. Mas Laércio não veio vê-la, recusando-se terminantemente a recebê-la.

Rufina intuiu que o perdera para sempre.

– Laércio não vai me perdoar. Vou dispensar o doutor Fabrício, pois fui eu quem o contratei para ajudar o Laércio. E veja o que ele fez.

O advogado convocou Mara:

– Já descobri – contou, demonstrando competência – metade da questão, isto é, já sei quem é o pai de Jan: justamente o senhor Elpídio. E completou, triunfante:

– A senhora vai precisar de mim, e muito, pois a herança talvez não vá para as suas mãos, nem da sua filha, que também tem problemas de paternidade.

Mara quase agrediu o advogado:

– Ora, seu trapalhão, isso tudo eu já sei. Não me interessam suas descobertas sobre meu marido. Quero saber quem é a mãe do Jandiro.

Sem se despedir, foi saindo quase gritando:

– Quando souber, procure-me e traga as provas e os bolsos vazios, pois vou enchê-los de dinheiro.

Enquanto Fabrício se ocupava em descobrir alguma coisa na cidade, Valdomiro, o detetive, dirigiu-se à Morro das Vinhas. Seu senso investigador intuía-o que era lá que estava a chave do mistério que envolvia o nascimento de Jan. Antes de entrar na fazenda, procurou saber onde era a “vendinha” na qual os empregados faziam compras, quando necessitavam de alguma coisa para casa.

De fato, havia um pequeno estabelecimento comercial, tosco, que atendia os colonos em suas necessidades de produtos alimentícios industrializados e objetos domésticos.

Sagaz, o detetive aguardou que alguém entrasse no pequeno estabelecimento, entrando junto. Prestando bastante atenção, ouviu o cliente se dirigir ao dono, de meia-idade, chamando-o de senhor Zito.

Logo foi atendido pelo dono:

– Sim, senhor, o que deseja?

– Uma cervejinha, bem gelada.

Servida a bebida e estando a sós, o detetive puxou conversa:

– O senhor está aqui há muito tempo?

– Muito...

– Vim do sertão de Goiás e estou procurando um tio que trabalhou nesta fazenda do coronel Antero, há muitos anos.

– Como era o nome dele?

Conforme planejava, Valdomiro respondeu com calma:

– Lá em casa todo mundo só se tratava por apelido; esse meu tio era conhecido por “Nhô”.

– Não me lembro de ninguém com esse nome.

– Mamãe dizia que ele não gostava desse apelido, será que o senhor não se lembra de alguém que tenha trabalhado por aqui há uns quinze anos, ou que ainda trabalha?

– Uns já morreram e outros mudaram para a cidade.

– Pois é, esse meu tio uma vez contou para meu pai que era muito amigo de um colono que trabalhava com ele, um tal de Laércio, e com o dono da venda: o senhor!

– Ah! O senhor está falando do velho Quinzim, que Deus o tenha. O Laércio mudou daqui há uns quatro anos e está preso, pois matou uma mulher. O Quinzim e o Laércio eram mesmo muito amigos. E meus amigos também.

Valdomiro raciocinou rápido e arriscou tudo:

– E onde anda a viúva do meu tio?

– A dona Sebastiana – sua tia – está internada numa casa de velhinhos, na cidade, pois não tem parentes.

– Não tem parentes?

– Não que eu saiba. O velho Quinzim quando veio para cá, do interior do Paraná, veio com ela e nunca ninguém ouviu falar de parentes deles. O senhor é o primeiro.

– Como posso encontrá-la?

– É só ir à cidade, no “Lar dos Vovôs”, e procurar dona Sebastiana Quinziero.

Quando Valdomiro entrou na casa de abrigo dos idosos, seu coração apertou. Dezenas de homens e mulheres, todos avançados

na idade, permaneciam no pátio, sentados em bancos ou em cadeiras de rodas. Ao entrar, entreviu, pelas portas abertas de vários quartos, que também ali se achavam muitos deles acamados.

Havia uma constante em todos: no olhar, o espelho da solidão!

Na administração, declarando ser sobrinho, foi informado qual o quarto da senhora Sebastiana Quinziero, sua tia.

Sebastiana, oitenta e cinco anos, olhou-o curiosa, quando a enfermeira o apresentou a ela:

– Meu sobrinho? Quem é seu pai e sua mãe?

– Não sei, tia – dizendo isso, Valdomiro pegou a trêmula mão enrugada da senhora e beijou-a:

– A sua bênção.

– Deus te abençoe. Eu sou sua tia?

– Acho que é. Fui criado num orfanato no Paraná e lá me disseram que o único parente meu, chamado Antônio Quinziero, tinha se mudado para o interior de São Paulo. No orfanato disseram que a última notícia do tio era que ele trabalhava numa fazenda chamada Morro das Vinhas. Fui na fazenda e me contaram que o tio morreu e que a senhora estava aqui.

Sebastiana, emocionadíssima, trazia dois filetes de lágrimas escorrendo nas faces. Levantou-se da cadeira, a custo, e abraçou Valdomiro longamente.

O detetive sentiu um grande remorso por aquilo que estava fazendo. Às vezes mentia em algum detalhe, nos casos que investigava, mas jamais numa situação como aquela. Teve ímpetos de sair correndo. Mas pareceu-lhe que o corpo pesava uma tonelada, pois não conseguia mover-se. Quando Sebastiana voltou a sentar-se, a velha senhora tinha os olhos iluminados.

Valdomiro sentiu que quebrar aquele encanto seria imperdoável perjúrio.

Passaram duas velhinhas por eles e Sebastiana lhes disse, em tom de evidente e justificado júbilo:

– Meu sobrinho veio me ver!

As duas mulheres sorriram levemente e logo abaixaram a cabeça. Sebastiana explicou:

– Somos a legião dos abandonados. Ninguém vem nos visitar. Quando um ou outro vem, fica cinco minutos. Sempre estão com pressa, cheios de compromissos.

– Vivemos à base de sedativos – prosseguiu, melancólica – e de remédios para arteriosclerose, a grande e última companheira dos velhos... quando o sedativo faz a gente dormir, acordamos mais cansadas do que antes dele; aí, tomamos remédio cerebral e nossos pensamentos, nossas lembranças renascem com força... o sofrimento é pior, pois a ingratidão machuca muito a alma, porque recordamos o quanto fizemos pelos familiares, principalmente pelos filhos.

Começou a chorar.

– Os filhos – aduziu – são os piores, são os primeiros a se descartar do fardo inconveniente. Deus é bom e criou essas casas, senão estaríamos na rua ou no cemitério.

A angústia, a dor e a saudade que aquela realidade punha à mostra fizeram estremecer os propósitos de Valdomiro. Estava em luta íntima, refletindo se deveria prosseguir no embuste ou ir embora. Sebastiana, após uma longa pausa e muitas lágrimas, complementou:

– Perdoe esta velha rabugenta, meu filho. Sabe há quanto tempo ninguém me visita?

– Não, tia.

– Nem eu. Você é a primeira pessoa de fora que vem me ver.

Foi demais. Valdomiro jamais poderia supor que aquilo tudo se encaminhasse assim. Logo com ele, tão forte, tão decidido, tão frio nas emoções. Mas aconteceu. Quando algumas lágrimas rolaram, guardadas talvez desde que crescera, começou a soluçar baixinho.

Sebastiana afagou-lhe os cabelos.

Rompeu-se de vez o dique: abraçou a velhinha e molhou o singelo vestido dela no ombro, encharcando-o de lágrimas solidárias, num gesto sincero.

Sebastiana também chorava, invadida por sublime emoção:  
sentir-se amada!

– Tia, retornarei sempre para vê-la – prometeu, envergonhado, retirando-se sem realizar a tarefa a que se propusera.

Dizem que segredo é aquilo que se conta a uma pessoa, de cada vez.

Verdade ou não, o fato é que ninguém pode afirmar que existe algum segredo, pois, havendo, alguém o conhece e, nesse caso, já não é mais oculto.

Anterior a Jesus – o Mensageiro do amor e Guia infalível para o Caminho, a Verdade e a Vida –, já anunciava o Pregador que “não há nada de novo debaixo do sol”.<sup>1</sup>

Talvez possamos caracterizar a consciência como o sol íntimo do espírito, clareando-lhe a rota evolutiva.

Fabrício, de tempos em tempos, dava dinheiro para Mila, tentando forçar a doméstica a lembrar-se de algum detalhe que o ajudasse a descobrir quem era a mãe de Jan. Mas nada conseguiu. Assim, poucos meses após ser contratado por Mara, resolveu procurar Rufina. Jan estava em casa e não gostou de ver o advogado ali. Discreto, permaneceu no quarto, mas atento ao diálogo entre os dois, pois sabia que sua mãe tinha sido humilhada por aquele homem.

1 – Eclesiastes, 1:9. (Nota do Editor.)

Fabrício, grosseiro:

– Olha aqui, dona Rufina, sei que a senhora precisa de dinheiro, por isso vou oferecer-lhe uma boa oportunidade de ganhá-lo.

– Não preciso de nada do senhor.

– Tudo bem. Nada de mim. Mas bem que o Laércio poderia ser posto em liberdade.

– O senhor me enganou uma vez, outra não permitirei. Inclusive, já informei à diretora do hospital que o senhor não é mais o advogado do Laércio.

– Hum, tudo bem. Só preciso saber uma coisa, para uma cliente minha...

– O que é?

– O pai do Jan é o senhor Elpídio. E a mãe, quem é ela? Jan, quando ouviu, não se conteve. Irrompeu na sala, assustando Fabrício, que levou o primeiro safanão de uma boa série de trancos. Após mais uns tapas, Jan pegou Fabrício pelo colarinho e o expulsou.

Vendo-se na calçada, o advogado ameaçou:

– Vou processá-lo, seu moleque!

Jan, até então mais ou menos controlado, avançou em Fabrício e deu-lhe uma surra de verdade.

Tonto, de tanto apanhar, Fabrício ouviu ainda:

– Quem pode processá-lo sou eu, que sou menor de idade e por sua causa tivemos que mudar de casa, pois o senhor envergonhou minha mãe e sujou meu lar.

Dizendo essas palavras Jan ameaçou surrá-lo ainda mais.

Fabrício tremia, acovardado. Jan foi duro:

– Diga-me, agora, quem o contratou para saber o nome da minha mãe, senão vou contar para o senhor Elpídio, meu pai...

– Foi a senhora Mara.

– E por que ela quer saber isso?

– Não sei. Acho que é por questão de herança.

Quase sem poder andar, de tanto apanhar, Fabrício foi embora, passando a refletir, daquele dia em diante, que não se abusa impunemente de inocentes.

Alguns dias depois, Rufina procurou Fabrício, pois não se conformava em ter sido desonrada por ele. Sentindo-se culpada por ter negado amor a Laércio, praticamente o induzindo à infidelidade que acabou por levá-lo ao crime, julgava ser seu dever sanar em parte seu erro.

Prometeu ao advogado, que a recebeu muito ressabiado, que, se libertasse Laércio, no mesmo dia lhe revelaria quem era a mãe biológica de Jan.

Fabrizio, desesperado pelo prêmio ofertado por Mara para desvendar esse segredo, diligenciou junto às autoridades pedindo revisão do processo relativo a Laércio.

Como a própria direção do hospital já vinha pensando em alterar a situação de Laércio, passando de custodiado a empregado, pois era evidente sua recuperação, não houve dificuldade em terminar a custódia.

Quando Fabrizio exigiu de Rufina a verdade sobre Jan, recebeu em resposta uma sonora gargalhada:

– Estamos quites, doutor, o senhor me enganou, manchou minha honra e ficou com meu dinheiro. Por que não vai perguntar ao meu filho quem é a mãe dele? Penso que ele gostaria muito de se encontrar de novo com o senhor, até porque a raiva dele contra o senhor aumentou.

Livre, Laércio requereu divórcio.

– Se você não me conceder a separação – disse a Rufina, ameaçando-a –, vou armar um escândalo, inclusive convocando seus parentes para testemunharem sua infidelidade com aquele advogado, o Fabrizio.

Rufina, arrasada, concedeu o divórcio.

Jan participou de uma grande competição esportiva e por isso teve que viajar, ficando duas semanas fora.

– Já não consigo ficar sem ao menos ver você – disse a Tiara, todo meloso –, abraçando-a demoradamente, quando retornou.

– Também eu – confessou Tiara –, as saudades eram muitas e machucaram minha alma. Penso que é porque estamos vivendo num tumulto de desencontradas ideias, cheios de aflições.

– Sim. Há três anos não consigo estabelecer um plano de como me livrar ou ao menos administrar a vida face o inesperado redemoinho que me envolveu, ou melhor, que nos envolveu, desde que soubemos que nossos pais não eram nossos pais.

– Por que você não procura seu pai, que até pouco tempo era o meu pai?

– Não conseguiria me controlar diante dele. Nesse tempo que venho evitando qualquer contato com ele, Deus me ajudou, pois ele também não se achegou a mim, estando preso à cadeira de rodas.

– Não é assim que Deus ajuda.

– Para minha paz, é necessário identificar quem me deu à luz. Indispensável, também, colocar-me frente a frente com um e outro.

– Como assim?

– Laércio e Elpídio. O que dirá Elpídio? Como reagirá quando eu o questionar?

Nessa perturbação, rever Tiara, abraçá-la ternamente e beijá-la representou para Jan aproximação com a calma e com a paz, perdidas desde quando soube que era adotado. Ambos, desde que conheceram seus dramas, haviam decidido, solenemente, e com isso se comprometeram, que somente juntos fariam qualquer coisa para desvendá-los.

– Vamos procurar meu pai, o Laércio.

Imaginando que Laércio não havia dito tudo o que sabia, resolveram procurá-lo novamente, indo ao hospital, onde ele continuou residindo, como contratado.

Quando Laércio viu Tiara de mãos dadas com Jan, abraçou-a emocionado:

– Menina Tiara, como você cresceu e está linda!

– Bondade do senhor.

Após breves frases, Jan convidou o pai para darem uma volta. Laércio sugeriu:

– Vou mostrar a lavoura, a horta e a granja para vocês. Eu e dois companheiros tomamos conta de tudo. Percorrendo a plantação, Jan perguntou:

– Pai, quero ter uma conversa séria com o senhor.

– O que é, meu filho?

– O senhor promete responder a verdade?

- Mas o que é isso? Alguma vez menti?
- É o seguinte: desde que descobri, sem querer, que o senhor Elpídio é o meu pai verdadeiro, não tive mais paz.
- Oh! Meu Deus! Então é isso, ainda!
- É sim, pai. Quero saber quem é minha mãe. O que o senhor tem a dizer?

Laércio agachou-se, revirou o chão, arrancou uma plantinha, que passou a morder. Andou alguns passos, retrocedeu, andou mais, mudou de direção. Voltou e por fim parou diante de Jan. Colocou as mãos nos ombros do jovem e murmurou, trêmulo:

– Deus sabe o quanto eu o amo. Sempre o amei. Desde o primeiro minuto que te peguei no colo.

Os olhos boiavam em lágrimas, dificultando as palavras.

Esforçou-se para prosseguir:

– Quando sua mãe ficou sabendo que não poderia ter filhos, entramos em desespero. Brigamos muito. Nos separamos. Ela sumiu por um ano e eu quase enlouqueci, pois a amava demais e só depois da separação foi que me dei conta desse amor. Se a perdesse, em definitivo, preferia morrer. Desabafei com o coronel Antero – que Deus o guarde –, e ele disse que tinha a solução para o nosso caso: adotar um filho, de uma conhecida dele, distante, que logo daria à luz e não queria a criança.

Explodiu em pranto convulso:

– Você!

Jan tremia. Aflitíssimo, perguntou:

– Pelo amor de Deus, pai, me diga quem era essa mulher, minha mãe.

– Por Deus, filho, já falei que nunca ficamos sabendo, nem eu, nem sua mãe.

– Pai, pai, o senhor tem que saber.

– Não sei mesmo!

Refletiu um pouco, mais calmo:

– A única pessoa que sabe é o senhor Elpídio, pois se ele é seu pai deve saber quem é a mãe; ele trouxe você para nós, com um

ou dois dias de vida, dando você para nós ele sempre o teria por perto, exigiu ser seu padrinho e nós concordamos.

Jan completou o raciocínio de Laércio:

– É por isso que ele sempre me protegeu, deu-me emprego, pagou escola e até deu uma casa para nós.

Laércio abraçou Jan:

– Meu Jan, meu filho, nem se você fosse do meu sangue eu o amaria tanto...

– E a mãe, como é que ela voltou para o senhor quando eu nasci?

– O senhor Elpídio me chamou poucos dias depois que eu desabafei com o coronel Antero e me disse que por coincidência sabia onde Rufina morava, pois um amigo dele, de uma cidade distante, dera emprego para ela. O coronel e ele mandaram buscá-la um dia depois de você chegar. Até Rufina chegar, dona Sebastiana ficou com você. Rufina chegou meio doente, mas logo ficou boa. Foi o coronel e o senhor Elpídio que conseguiram com as autoridades encaminhar a adoção. Minha felicidade foi dupla: você chegou e Rufina voltou.

– O senhor – disse Jan, abraçando-o carinhosamente – será sempre o pai do meu coração.

Com a emoção sufocando-o, Laércio confessou:

– A infidelidade foi minha infelicidade. Errei e me arrependo. Sua mãe Rufina também me foi infiel, querendo me ajudar. Não teríamos mais condições de conviver no mesmo teto e o divórcio, embora necessário, foi outro sofrimento. Mas foi melhor assim.

Valdomiro que nesses três anos nunca deixara de visitar dona Sebastiana foi informado, logo ao chegar, que ela estava muito mal. Havia pouca esperança de vida.

Na pequena enfermagem, estavam três idosos, gemendo.

Aproximou-se dela e beijou-a na testa:

– Tia, tia.

– Meu filho, que bom que você veio se despedir.

– Não diga isso, tia.

– Deus o abençoe, sempre.

– Tia, preciso confessar para a senhora: acho que me enganei, que não sou seu sobrinho.

– Não importa, meu filho, você já tem um cantinho só seu neste velho coração.

– Oh! Dona Sebastiana.

– Tia Sebastiana, menino.

– Tia.

Valdomiro chorava, o peito doendo de remorso. Intuiu que a morte se aproximava daquela senhora, que certamente vivera bondosamente uma longa jornada, pois quem consegue chegar perto dos noventa anos com tanta placidez? Compungido, confessou:

– Tia, sou detetive e quando vim aqui, há mais ou menos três anos, foi para tentar descobrir uma coisa que talvez só a senhora soubesse: quem é a mãe daquela criança recém-nascida que há mais ou menos uns dezoito anos o fazendeiro filho do coronel deu para o casal Laércio e Rufina.

– A mulher das verbenas?

– ?!

– Sei, sei. Estou lembrada, sim. Fiquei com ele um dia, esperando a Rufina chegar. Mas não sei quem era a mãe daquele menino. Só sei que devia ser uma mulher infeliz, pois que mãe recusa um filho?

– Tia, eu já nem quero saber mais. Só quero que a senhora me dê o seu perdão, por eu ter tentado enganá-la. Vim aqui para pedir-lhe perdão.

– Que é isso de perdão? Tenho mais é que lhe dar minha bênção.

– Obrigado, tia.

– Tem uma coisa que quero lhe dizer: se for para o bem, continue sua investigação. Lá na fazenda tem uma venda, a única daquelas bandas. O dono é que deve saber isso que você me perguntou, pois o Quinzim, e ele, foram buscar a criança para o

filho do coronel, na cidade. Quem entregou a criança para eles disse que a gestante, que morava longe dali, em outra cidade, tinha declarado que não queria o filho, quando nascesse; coitadinha: morreu ao dar à luz. O senhor Elpídio ficou sabendo, só Deus sabe como, e mandou meu marido ir num endereço buscar o bebê.

– Oh! Tia, então foi seu marido que buscou?

– Foi, com o senhor Zito. E nesta cidade.

Suspirou fundo, pegou as mãos de Valdomiro e disse:

– Agora que Deus está me esperando, preciso também confessar uma coisa.

– Tia, dona Sebastiana, a senhora quer que eu chame um padre?

– Nada disso. Deus sabe que nada fiz de errado. Mas não devo ir embora antes de contar um segredo sobre aquela criança.

Já com dificuldade para respirar, continuou:

– O filho do coronel Antero, o senhor Elpídio, era um homem que todos respeitavam, mais que o pai, já que ele era muito bravo e por qualquer coisinha despedia os empregados. Então, foi ele quem chamou meu marido e deu muito dinheiro para ele ir, em segredo, à cidade buscar uma criança recém-nascida que seria adotada pelo casal Laércio e Rufina. Eles estavam separados e com isso iriam voltar a viver juntos; o Quinzim, ao aceitar o dinheiro, foi obrigado a jurar que jamais revelaria para alguém quem era a pessoa a quem iria entregar a criança e muito menos o endereço. O senhor Elpídio chegou mesmo a ameaçá-lo, caso o traísse; quando o Quinzim me contou, implorei a ele para devolver o dinheiro e abandonarmos a fazenda, mas já era tarde, pois o senhor Elpídio já havia também ameaçado vingança, caso houvesse desistência.

Buscando dados na memória, Sebastiana respirou longamente e continuou:

– Só sei que tudo foi combinado à noite na venda do Zito. Quando o Quinzim foi com a charrete buscar a criança, no meio do caminho um pneu furou e ele voltou a pé e pediu ajuda ao Zito, que

emprestou um pneu. Zito foi com o Quinzim até a char- rete e juntos trocaram o pneu. Nessa oportunidade, o Quinzim contou para o amigo, confessando que estava arrependido de ter aceitado a tarefa. Zito solidarizou-se com ele e foi também à cidade e, após pegarem o bebê, voltaram, consertaram o pneu furado e a criança foi entregue ao senhor Elpídio, de madrugada, sem ninguém ver. Quinzim não entregou o dinheiro para a intermediária. De comum acordo, repartiram a grande importância, pois os dois estavam precisando muito de dinheiro.

Valdomiro “pensou” em voz alta:

- Então quer dizer que o dono da venda, o senhor Zito, sabe de onde a criança foi trazida e talvez saiba também quem é a mãe.
- Há segredos?

## PARENTESCO FÍSICO E ESPIRITUAL

O campeonato esportivo chegou à fase do atletismo.

– Aqui estão atletas de quase todos os Estados – alertou o técnico de Jan –, há favoritos para as várias modalidades. Corridas, em particular, contam com jovens conhecidos do mundo esportivo nacional, pelos destaques nos jornais e televisão.

– É emocionante, tudo isso – disse Jan, que participava pela primeira vez.

– Sei que você se preparou exaustivamente, sendo facilmente admitido na equipe do seu Estado, pois os índices que obteve nas provas preliminares foram excelentes. Mas é preciso muito mais para vencer.

Concorreria ele em duas modalidades: quatrocentos metros com barreiras e oitocentos metros simples.

A tensão era enorme, para o que contribuía a grande plateia, com torcidas organizadas para cada Estado ou cidade e, não raro, para algum atleta, ídolo.

Na raia, disputando as eliminatórias, Jan sofrera terrível pressão do público. Classificou-se para as semifinais, vencendo em primeiro lugar todas as baterias. O público já delirava, pois, dentre os vencedores de cada bateria que passariam para as finais, um seria o campeão.

– Como gostaria de saber quem é minha mãe – pensava Jan, segundos antes da prova final dos quatrocentos metros com barreiras.

Posicionado ao lado de mais sete atletas, Jan, embora concentrado, não conseguiu evitar a tormentosa lembrança: Quem será minha mãe?

Afastou esse pensamento ao ouvir o tiro de largada, mas perdeu décimos de segundos. Contudo, disparou rumo ao objetivo: a vitória!

Os concorrentes eram todos muito bem preparados.

Nenhum deles dera a mínima importância a Jan, mesmo sendo finalista. Lembrando-se de como as pessoas da cidade tratam com desdém os caipiras, Jan sentiu-se ainda mais motivado, dando o melhor de si.

Nos 50 segundos e 86 décimos que durou sua vitoriosa corrida, Jan pensou em Tiara, a quem amava perdidamente: seria tão bom se ela estivesse aqui comigo.

Ainda correndo, armou a seguinte proposição: se perder esta prova perco Tiara. Assim, catalisado por essa ideia, buscou desconhecidas energias e, num final emocionante, seu peito foi o primeiro que encostou na fita de chegada, rompendo-a. Vitória!

Todo o estádio o aplaudiu de pé.

No dia seguinte, na prova final dos oitocentos metros simples, na qual também se classificou, Jan era olhado com indisfarçável respeito pelos demais competidores. Passara as últimas horas dando entrevistas para a imprensa, aparecendo em quase todos os canais de televisão.

– Jamais se distraia – recomendou-lhe o técnico. E advertiu: – não se esqueça de que a corrida começa a ser ganha nos terríveis segundos que antecedem ao estampido da largada final; é ali que há necessidade de um grande controle psicológico, para que o atleta, na disparada, use o tempo para vencer a inércia na fração ideal, senão de milissegundo, ao menos de centésimos de segundos.

Muitas vezes o treinador de Jan o advertira sobre esse espaço de tempo, o mais difícil de administrar:

– A vitória, embora ocorra ao romper da fita de chegada, com certeza é ali, no silêncio e quietude da concentração para a largada, que começa.

Relembrando essa orientação, Jan só pensava numa coisa: vencer. Naqueles segundos que se transformavam em séculos, recordou outras várias instruções do treinador: só o primeiro lugar ganha prêmio, mesmo que o segundo colocado esteja a um milímetro do campeão; a diferença entre o que chega na frente e o que chega um centésimo de segundo atrás é o prêmio, que será do primeiro; do segundo lugar em diante o prêmio é a lembrança da prova, de sabor amargo, que ficará na alma para toda a vida; para o público, o quase do segundo lugar tem o mesmo valor do terceiro, do quarto, do quinto...; a televisão fica quase o tempo todo de frente para quem vem e só o campeão tem espaço no vídeo, que geralmente se fixa no ponto de chegada; quem ganha, ganha a prova, a taça, o prêmio e algo mais valioso que tudo: a fama.

– Cuidado com a vaidade, com o orgulho, com os excessos, querido – aconselhara Tiara, antes de ele viajar, completando –, a triste realidade é que esses mesmos conceitos do seu técnico estão sendo difundidos à exaustão entre muitos atletas, no mundo todo, levando alguns deles, não raro, à imprudência. Ficam obcecados pela obrigação de vencer, e vencer sempre, subjugam-se à tecnologia, havendo até os que permitem que dietas hormonais lhes deem mais energia. Tudo isso porque, a cada prova, a marca anterior precisa ser superada.

– Quem lhe disse essas coisas todas?!

– Ora, ora, ninguém. É só analisarmos que o valor dos prêmios, cada vez mais valiosos, também se encarrega de motivar os concorrentes, que passam a cobiçar o fugidio brilho da fama, menor, na verdade, que a humilde luz do pirilampo, que brilha pouco, mas brilha a vida inteira.

– O quê? Poetisa, além de filósofa, hein?

– A fama esportiva, em alguns casos, é administrada e gerida por pessoas que muitas vezes jamais foram esportistas. Movendo-se tais pessoas, quase sempre a menos de um quilômetro por hora, seus sentimentos são mais frios que o ar dos modernos e

confortáveis escritórios, de onde anunciam o valor dos prêmios aos campeões.

– Espera um pouco, onde você foi buscar tudo isso?

– Por minha sugestão, eu e um grupo de amigas lá da escola estamos desenvolvendo um trabalho sobre competição x fraternidade. Nossa conclusão é que a competição afasta do ser humano o sentimento de solidariedade.

– De todos os competidores?

– Não apenas deles. Há pessoas que investem no esporte e tornam-se, pelo dinheiro, padrinhos-gerenciadores cruéis de verdadeiros duelos da era atual, nos quais os gatilhos ou espadas foram substituídos pela ânsia dos atletas e pela cobiça dos patrocinadores.

– Desse modo, até parece errado competir.

– Não há erro na prática esportiva. O problema é que a imprensa, sem perceber a trama, “faz escada” à hipocrisia dos fabulosos contratos com cláusula de sigilo, entre patrocinadores e atletas; busca, desesperadamente, conhecer, para divulgar em primeira mão os dados contratuais, que geralmente vazam com muita dificuldade.

A prova dos oitocentos metros era a mais aguardada do atletismo, pois o tricampeão nacional a disputava. A torcida, como sempre acontece, dividia-se, uns querendo que ele vencesse, outros desejando novo campeão.

Jan sentia-se superior a todos, até mesmo ao famoso campeão ao seu lado, o qual nem tomou conhecimento dele, tamanha a indiferença com que o dardejou com o olhar.

Jan, dessa vez concentradíssimo, fez boa largada.

Mantendo cadência própria, não se perturbou em estar bem atrás do pelotão da frente, já quase no meio da prova. Era essa sua estratégia.

Havia decidido que aquela seria sua última corrida.

Compreendeu, após dezenas de campeonatos inferiores, que vinha sendo manipulado pelo patrocinador – seu pai biológico –,

que nem ao menos jamais tivera a dignidade de lhe confessar a paternidade.

Quando terminasse aquela prova, iria procurá-lo e obrigá-lo a contar-lhe quem era sua mãe.

Pensando em Elpídio, lembrou-se do seu tempo de criança, na Morro das Vinhas. Desconcentrou-se.

O tricampeão percorrera cerca de dois terços da prova, sendo delirantemente aplaudido, por estar na frente do pelotão de vanguarda.

Ser tetracampeão era questão de mais alguns segundos.

A ovação era ensurdecadora.

Mesmo assim, em meio àquela terrível gritaria, Jan ouviu-a: Jan, Jan!

Jamais saberia explicar como conseguira ouvi-la.

Tiara estava ali, de surpresa, junto à cerca da pista, gritando seu nome. Viu-a, imóvel, dentre os milhares de assistentes, com as mãos estendidas para ele.

Como pudera chegar ali?!, pensou Jan, aflito.

Mistério maior, decisivamente, foi identificá-la entre tanta gente alvoroçada. Mas viu-a e ouviu seu desesperado aviso-incentivo: Titão vem atrás.

Num relance, Jan entendeu a exortação: lembrou-se da brincadeira no curral com o seu grande amigo, o boi Titão. Como que energizado pela lembrança da saúde do Titão, imaginou que ele vinha logo atrás dele, para pegá-lo.

Em todas as provas de atletismo, aquela ficaria gravada para sempre na memória de quantos a assistiram – um corredor, matematicamente já desclassificado, logrou arremeter com inaudita fibra, vencendo-a: Jan!

A multidão simplesmente se calou.

Não se ouvia um único som no estádio.

Jan cruzou a chegada e logo após se ajoelhou, fechando os olhos e abaixando a cabeça. Orava.

Os demais participantes o cercaram para cumprimentá-lo, mas, vendo-o ajoelhado, respeitaram seu gesto.

Quando Jan se levantou, foi efusivamente abraçado por seus colegas, inclusive o ex-campeão.

Lágrimas infundáveis misturavam-se com o suor do seu rosto. Aí, a multidão explodiu em aplausos.

Quando um repórter de televisão lhe perguntou o que sentia, declarou, calmo, segundo planejava:

– Uma grande tristeza.

– Por quê?! Você é o vencedor, rapaz! Acaba de ganhar o prêmio, uma bela e valiosa casa!

– Casa, para quê? Quero saber quem é minha mãe. Novo silêncio.

O repórter, pego de surpresa, ainda tentou superar o delicado momento:

– O campeão dedica esta vitória à sua mãe. Se ela estiver nos assistindo, receba o vitorioso abraço filial.

Sabendo que aquela oportunidade era a última, pois milhões de telespectadores estavam acompanhando as provas, Jan atalhou:

– Nasci na Fazenda Morro das Vinhas, no interior deste Estado e fui adotado por um casal que, para mim, são meus pais do coração.

O repórter tentou interrompê-lo:

– Muito bem, muito bem, quando será a próxima competição?

– Mas preciso descobrir – insistiu Jan, prosseguindo – quem é minha mãe natural, pois meu pai eu já sei quem é.

Nesse ponto o repórter cortou, de vez, o rumo do diálogo:

– Ouvimos o novo campeão dos quatrocentos metros com barreiras e da sensacional prova dos oitocentos metros rasos, que assim acaba de ganhar sua segunda medalha de ouro. Voltamos aos nossos estúdios para mostrar novamente as cenas empolgantes desta prova.

Jan, mesmo sendo cumprimentado por dezenas de fãs, prestou atenção num monitor de TV próximo que mostrava a gravação da corrida. O comentarista esportivo chamava a atenção dos telespectadores para a posição retardatária de Jan, que de maneira inexplicada viria a ser o vencedor.

Jan, somente ele, percebeu e entendeu com toda clareza o momento em que, surpreso, olhou para a cerca lateral da pista: lá tinha visto Tiara. Embora as câmeras de TV não registrassem a presença dela, poderia jurar que ela estivera ali...

A seguir, as cenas mostravam sua sensacional arrancada rumo à vitória.

Um segundo detalhe, apenas ele captou: olhou para trás, antes de disparar na sua recuperação, da mesma forma como fazia quando escapava de Titão, no curral.

Quando pôde, Jan telefonou para Tiara:

- Meu amor, quanta saudade, eu a amo!
- Eu também. Parabéns, querido!

Jan ia mencionar os fatos anormais ocorridos na pista, quando Tiara o surpreendeu:

– Sabe, querido, tenho uma coisa estranha para contar, mas não sei se você vai acreditar.

– Claro que vou, o que é?

– Estava no meu quarto, sozinha, vendo você competir e adormeci quando começou a prova; sonhei que você queria uma coisa muito importante, mas que só conseguiria se fosse o vencedor; só acordei quando o locutor da TV estava entrevistando você.

– Meu Deus? Será possível?!

– Também achei estranho dormir assim de repente, pois, nos breves instantes que dormi, sonhei que estava perto de você, lá no estádio, incentivando-o.

– Jesus! Não me diga que você me mandou fugir do Titão?

– Como você sabe o meu sonho?

– Vi você, lá na pista.

Três dias após Jan retornou à sua cidade, com toda a delegação esportiva. Foi o mais depressa possível encontrar-se com Tiara, para comentarem o fantástico episódio. Após repisarem incontáveis vezes os fatos anormais, concluíram que estavam sem qualquer explicação.

Jan falava de outras coisas, quando Tiara exclamou:

– Já sei!

– Como assim?

– Quando o Titão ia pisoteá-lo, lá na fazenda, há muitos anos, vi o espírito do coronel Antero aparecer rapidamente salvando-o, pois o boi parou.

– É mesmo.

– Deve ser o coronel que protege você. Fazendo longo silêncio, Jan retomou:

– Vou contar um segredo para você, que ninguém sabe: na véspera de mudar para a cidade, fui lá na cruz, para me despedir do coronel. E ele colocou uma flor na minha cabeça.

Jan aumentou o espanto de Tiara:

– Outro dia, mamãe ia me bater com um cinto e o coronel apareceu e não deixou.

– Nossa Senhora, como assim?

– Ele apareceu e sumiu e por isso mamãe não me bateu.

– O que você tinha feito de tão grave?

– Nada, nada.

Tiara não insistiu em descobrir, até porque Jan contou outra novidade:

– Quando eu ganhei aquela prova, aproveitei a televisão...

– Eu vi. Estou pensando que era isso que você tanto queria: saber quem é sua mãe...

– Pois é. Antes de vir encontrar você, passei no clube e veja só quantas cartas mandaram para mim.

Jan exibiu uma caixa de camisa cheia de cartas.

Com o coração aos saltos, leu uma a uma, passando-as para Tiara também ler. Na maioria, eram garotas querendo namorá-lo;

algumas pediam ajuda financeira; outras, tinham mensagens de apoio moral.

Nenhuma ofertava qualquer pista, por menor que fosse, sobre a identidade de sua mãe natural.

Após exaustiva leitura, Jan concluiu que permanecia no marco zero da sua pesquisa.

Durante alguns dias mais, ainda chegaram outras cartas, mas nenhuma trazia algo de concreto.

Quase um mês após, estando já esquecida a frustrada tentativa por meio da televisão, Jan teve recompensado seu esforço. Recebeu uma carta, cujo envelope timbrado indicava: Lar dos Vovôs. Abriu-a e leu-a:

Prezado senhor: uma de nossas assistidas, a senhora Sebastiana Quinziero, em atenção ao seu pedido na TV sobre a identidade de sua mãe verdadeira, feito há algumas semanas, incumbiu-me de informá-lo que conhece parte dos fatos, que talvez o ajudem. Lamentamos, porém, informar que a referida senhora desencarnou ontem, horas após solicitar-me que o convidasse para um encontro pessoal. Atenciosamente: M. J. Silveira, secretária.

Jan ficou alguns instantes paralisado, olhando a carta. À noite, mostrou-a para Tiara.

No dia seguinte, ambos foram ao Lar dos Vovôs, sendo atendidos pela secretária, que lhes deu importante informação: o nome e o endereço de um detetive, sobrinho da dona Sebastiana, que ultimamente vinha visitando-a com frequência, tendo auxiliado nas providências funerárias. Inclusive, foi o único parente que acompanhou o féretro.

Antes de os jovens se retirarem, a secretária exibiu-lhes a ficha da senhora Sebastiana:

– Dona Sebastiana! – exclamaram os dois, ao mesmo tempo, reconhecendo a bondosa senhora que muitas vezes os ajudara e protegera, na infância.

Dali, foram direto ao endereço de Valdomiro.

Frente a frente com ele, houve instantânea empatia entre os três, facilitando a conversa.

Jan declarou, sem retoques:

– Viemos aqui para ver se o senhor pode nos ajudar, isto é, pode me ajudar a descobrir quem é minha mãe verdadeira.

Antes de Valdomiro responder, esclareceu:

– Estamos vindo do Lar dos Vovôs e soubemos que o senhor é sobrinho da dona Sebastiana, que morreu há dois dias.

Um tanto constrangidos, viram os olhos do detetive se encherem de lágrimas.

Após um respeitoso silêncio, de parte a parte, Valdomiro se refez, com um sincero mea-culpa:

– Na verdade, não sou sobrinho da dona Sebastiana. Tempos atrás, procurei-a para tentar justamente o que agora você me pede, Jan; porém ela foi tão generosa e tinha tanta pureza espiritual, que logo me arrependi e confessei meu objetivo. Ela me perdoou e exigiu que eu passasse a ser seu sobrinho, o que fiz com grande alegria na alma. Ao conhecer minha intenção inicial, contou-me que seu marido, o senhor Quinzim, foi quem trouxe você, da cidade para a fazenda, tudo por ordem do senhor Elpídio. Há um mês, mais ou menos, após ver um programa esportivo na televisão, dona Sebastiana vinha insistindo comigo para procurá-lo, Jan, mas eu não tive coragem.

Jan não se conteve:

– Mas o Quinzim também já morreu.

Tiara também atalhou, aflita:

– Quem contratou o senhor?

– Quem me contratou – respondeu Valdomiro – foi justamente sua mãe, dona Mara; quanto ao Quinzim, ele não foi sozinho buscar você: o dono da venda, o Zito, que está vivo e ainda mora na fazenda, foi com o Quinzim.

– Então – disse Jan, sobressaltado –, é bem provável que o Zito saiba quem é minha mãe.

– Isso mesmo. Não o procurei, porque há muito desisti da investigação. Aliás, foi depois do meu contato com dona Sebastiana que me arrependi de ter aceitado a missão contratada pela dona Mara, a quem declarei nada ter apurado.

– Nada disso – cortou Jan, categórico –, agora mesmo é que o senhor vai fundo nessa investigação; para mim, é a coisa mais importante deste mundo saber quem é minha mãe. Pagarei pelos seus serviços, não aceitando recusa, pois deduzo que o senhor tem essa dívida moral para comigo. Além do mais, esse era o desejo da dona Sebastiana, ao contar o que sabia. Veja a carta que recebi da secretária do Lar dos Vovôs.

Após ler a carta, Valdomiro aquiesceu.

– O segredo é mais importante que eu? – brincou Tiara.

Jan abraçou-a ternamente, beijando-a delicado. Estavam emocionados, os três.

Quando Zito viu Valdomiro, Jan e Tiara adentrarem o seu estabelecimento, o instinto alertou-o que o assunto era grave. Quase não reconheceu os jovens. Mas ao identificá-los abriu o maior sorriso, descontraído-se. Fez-lhes muitas perguntas, criando um ambiente cordial.

Com cautela, Valdomiro esclareceu a visita:

– Senhor Zito, precisamos ter uma conversa muito séria com o senhor.

Mesmo sem ser acusado, Zito defendeu-se:

– Estou muito ocupado, é melhor vocês voltarem outro dia.

– O senhor é quem sabe – respondeu Valdomiro.

Dizendo isso, fez menção de se retirar, levando o jovem par. Voltou-se para o dono da venda e disse:

– Parece que o senhor Elpídio está bem doente, não é mesmo?

– É.

– Que pena! Se ele faltar, o novo dono talvez não renove o aluguel da sua venda.

– Como assim? Que novo dono?  
– Ele! – Valdomiro respondeu, apontando Jan. Zito não entendeu. Valdomiro esclareceu:

– Ele é o filho legítimo do senhor Elpídio e, como tal, herdeiro. Zito entendeu. Gaguejou:

– O que o senhor quer de mim?

– Olha, senhor Zito – disse Jan, assumindo a conversa –, não tenho nada contra o senhor; sempre o admirei, mas agora preciso de um favor seu: sabemos que quando eu nasci o senhor foi com o Quinzim me buscar; só quero saber quem é minha mãe.

Zito tremia.

– Oh! Meu garoto, então é isso?

– Sim, sim. É muito importante para mim.

– Mas, o senhor Elpídio...

– Ele não pode controlar o mundo, a vida, nem a mim nem ao senhor. Quinzim já morreu e dona Sebastiana também, há três dias. Foi ela quem nos contou da sua participação. Sabemos que o senhor só quis ajudar o Quinzim, acabando por se envolver no segredo do senhor Elpídio.

– Então é isso?

Zito ficou mudo, olhando para o teto, como se ali estivesse o passado. Após profunda reflexão, pesquisando na memória os detalhes, começou a narrar:

– Não gostei nada de fazer aquilo, nem o Quinzim, que Deus o guarde. Mas ele estava apavorado ao me contar o que tinha que fazer. Tinha medo do senhor Elpídio e não havia como retroceder. Era obedecer ou perder o emprego e talvez a vida. E eu, que testemunhara parte da conversa, também poderia perder a venda e sofrer alguma coisa pior.

Valdomiro e os jovens perceberam que era penoso àquele homem recordar fatos vivenciados há tantos anos, que haviam deixado fortes marcas em sua vida.

Frente a frente com a consciência, o passado voltava agora, como implacável cobrador, embora Jan, principal envolvido nele, não demonstrasse reprovação.

Em tom lamentoso e arrastado, Zito prosseguiu:

– O coronel Antero vinha muito aqui e sempre arrumava um jeito de resolver os problemas de alguma família lá da fazenda dele. Para muitas, mandava entregar mantimentos e já deixava pago.

Abaixando a voz, como se invisíveis testemunhas o pudessem espreitar, continuou:

– Já o senhor Elpídio, não; quando passava por aqui tomava sempre uma pinga e não pagava e se tinha alguém fazendo compra perguntava por que não estava na lavoura. Um dia o coronel me pediu um favor: se eu podia abrigar um nenezinho que chegaria à noite, e na manhã seguinte ele viria aqui buscá-lo. Achei estranho aquilo, mas concordei. Alguns dias após, o coronel veio com o Quinzim e disse para aguardar até a noite na venda, pois o bebê iria chegar; o Quinzim iria buscá-lo na cidade.

Valdomiro e Jan estavam aflitos, mas mantiveram-se pacientes, pois é notório que as pessoas do meio rural sempre falam bastante, fazendo rodeios, inventando detalhes, quando há algo importante a ser dito.

– Pois é – prosseguiu Zito –, aí, o coronel passou um papel para o Quinzim, onde estava anotado o endereço no qual o nenê deveria ser apanhado. Quando o Quinzim guardou o papel, suas mãos tremiam.

– Quando escureceu – continuou –, muitas horas depois que eu tinha fechado a venda, o Quinzim chegou, igual a um ladrão: sem falar, em silêncio, espreitando para ver se ninguém o estava vendo; fiquei até com dó dele, coitado, tão apavorado que estava, daí, contou-me que a charrete dele estava com um pneu furado, no meio da estrada para a cidade e ele sabia que o coronel estava esperando o bebê e tinha que ir buscá-lo; pediu-me um pneu emprestado, mas eu achei melhor irmos na minha charrete, pois o

Quinzim informou que o outro pneu da charrete dele também estava ruim.

Suspirou, como que se penitenciando. Disse mais:

– Desse jeito, sem querer, me envolvi, fui com o Quinzim e pegamos a criança.

Olhou para Jan, constrangido:

– Era um menino. Jan quase gritou:

– Quem lhe deu o menino, eu?

Zito encolheu-se, amedrontado. Informou:

– A mulher que morreu.

Jan saltou sobre Zito, segurou-o pelo colarinho e encostando rosto no rosto, perguntou, entre dentes:

– Qual mulher? Qual mulher? Minha mãe?

– Não sei, não sei se era sua mãe. Como poderia saber?

Valdomiro interveio, separando-os:

– Gente, calma! Assim não descobriremos nada. Devemos compreender que os dois cumpriam ordens, nada fizeram de ilegal.

Jan soltou Zito, que se acalmou em parte, ao ouvir as palavras de Valdomiro.

– Não pensem – confessou – que fiz por gosto. Primeiro, jamais poderia desobedecer ao coronel e, segundo, o Quinzim ia perder o emprego se não cumprisse a ordem. Foi por isso que resolvi ajudá-lo.

– Tudo bem – disse Jan, pacificando –, desculpe-me o nervoso. Só quero saber quem é minha mãe.

As lágrimas do jovem atestavam o sofrimento que lhe ia na alma. Zito sensibilizou-se e também começou a chorar:

– Quando eu cheguei no endereço, a mulher já estava aflita, com o bebê todo embrulhado, não sei se vocês vão acreditar, mas nem eu, nem o Quinzim, nem ela, dissemos qualquer palavra.

Tendo uma recordação daquele momento, brincou timidamente e disse, olhando para Jan:

– Nem o nenê, que dormia bem agasalhadinho. Jan foi ao ponto:

– Tudo bem. Tudo bem. O senhor disse que a mulher que lhe deu o nenê morreu?

Corrigiu-se, meio atrapalhado:

– ... a mulher que me entregou ao senhor. Como sabe que ela morreu?

Como se um raio o atingisse, Jan ouviu:

– Foi assassinada por seu pai.

Jan sentiu faltar-lhe o chão. Cambaleou, tonto, com as vias respiratórias paralisadas, sufocando-se.

Perdeu o equilíbrio.

Entre convulsões e babando, Jan trazia os olhos petrificados e retesados todos os músculos. Parecia mastigar borracha. Da boca escorria espuma gosmosa, esbranquiçada. De forma assustadora, a coluna vertebral parecia que tinha invertido a curvatura normal, fazendo seu corpo tomar outra forma. Os braços, estirados, ora jogavam para um lado, ora para outro e a cabeça dava voltas para a esquerda e para a direita.

Caiu abruptamente.

Valdomiro segurou-o, tentando acudir ao ataque epiléptico que irrompeu, instantâneo, devastador.

Aquela era a pior crise epiléptica de Jan.

Valdomiro perguntou a Zito onde estaria um médico, para irem buscá-lo. Só na cidade, respondeu Zito.

– Então – decidiu Valdomiro, vamos chamar uma ambulância. Zito indicou o telefone e a ambulância foi solicitada, com urgência urgentíssima.

Zito olhou fixo Valdomiro e Tiara e perguntou-lhes:

– Vocês me ajudam?

– ?!

Zito apertou o pulso de Jan e com a outra mão segurou-o com firmeza pela nuca, junto ao bulbo raquidiano.

A seguir, orou: Jesus, Mestre querido, Médico das almas todas da Humanidade: socorre esta criança, Senhor, fazendo seu espírito

se acalmar; ajuda, Cristo, da mesma forma, os espíritos infelizes que o estão atormentando.

Humilde e sincero, concluiu a prece:

Jesus, meu Jesus, derrama um pouquinho da Sua paz sobre o Jan e da Sua luz sobre os desencarnados que o perturbam.

Jan teve um ligeiro estremeamento. Fechou os olhos, descontraindo-se por inteiro. O rigor muscular cedeu. Aparentemente, adormeceu. Zito, olhos fechados, como que em êxtase, mantinha-se ainda segurando-o, no pulso e na nuca, agora com suavidade.

Valdomiro, encantado com a sublimidade do instante, sentiu um grande bem-estar.

Tiara, emocionada e trêmula, teve certeza absoluta que Jan vencera a crise. Ia dizer algo quando foi surpreendida por rápida visão: o coronel Antero sorria-lhe.

Entendeu, de pronto, que mais uma vez aquele bondoso espírito vinha em socorro de Jan.

Jan abriu os olhos.

Por telefone, a ambulância foi dispensada, até porque ainda não tinha saído do hospital, na cidade.

Atônito com tudo aquilo, Valdomiro quis saber de Zito como e o que tinha ele feito para livrar Jan do ataque epilético.

Zito, humilde, disse apenas:

– Eu mesmo nada fiz, quem fez foi Jesus. Como o detetive não entendesse, Zito aduziu:

– Aprendi no Espiritismo que a epilepsia, embora tenha profundas raízes no organismo, tem a verdadeira origem no espírito, como de resto praticamente todas as enfermidades; quase sempre, é um processo obsessivo, talvez dos mais graves. E, como toda obsessão, o melhor remédio nas crises é a prece, um passe especializado no obsidiado e a evangelização dele e do obsessor.

Valdomiro era um homem experiente, que já presenciara diversas crises epiléticas em outras pessoas. Mas o que via ali, deixava-o surpreso e maravilhado.

– Atendida a crise – prosseguiu Zito –, para a cura física, entretanto, é valiosa a autorreforma moral do encarnado, além de tratamento médico específico; mas o melhor mesmo, nos casos de obsessão, é quando o perdão visita o processo, a convite sincero da alma de um ou, ideal, dos dois – o de cá e o de lá – completou –, olhando para Jan e depois para a abóbada celeste.

– Autorreforma? – perguntou Jan, despertando.

– Sim, a reforma por dentro da alma. Nem precisa me contar que volta e meia sofre esses ataques.

– Como o senhor sabe?

– É simples, se teve hoje, já sendo grandinho, é certo que teve antes, desde criança.

Como que se lembrando repentinamente de algo há muito esquecido, comentou convicto:

– Agora me lembro: há muitos anos seu pai trouxe você aqui, pedindo-me para benzê-lo, pois você tinha crises esquisitas. Na época, não podia dizer ao pessoal que, o que eles denominavam “benzeção”, nada mais era do que o passe espírita, como o que hoje apliquei; aconselhei seu pai e sua mãe a orarem a Jesus, pondo a mão na sua nuca e segurando seu pulso; e mais: ensinei à sua mãe, isto é, dona Rufina, a dar-lhe chá de verbena, pelas propriedades antiespasmódicas da planta.

– Então – comentou Jan –, por isso é que mamãe plantou verbenas lá na cruz e em casa, nunca deixando faltar suas flores por perto, nem nos tempos da fazenda nem lá na cidade... muitas vezes tive problemas assim, mas nunca tão graves como hoje, parece até que tinha alguém querendo acabar comigo.

– A verbena, além de ser de muito agradável perfume, presta-se a infusões para produzir tônico, como também acalma espasmos; há quem a empregue para licores. Quanto aos inimigos ocultos, desencarnados, que praticamente todos temos, ore por eles, todos os dias...

– A epilepsia – repetiu Zito para Jan, ora desperto – é um problema da alma, provocado por outra alma, no caso,

desencarnada e ligada ao doente por laços antigos, de vidas anteriores. Por isso, o passe espírita é fundamental para o alívio do encarnado. Alívio, mas não a cura, advertiu. Esse mal só desaparecerá quando o encarnado modificar plenamente seu panorama comportamental, dedicando-se com desprendimento a ajudar o próximo, além de manter vigilância cristã, em tempo integral, nos pensamentos e atos. No obsessivo, na maioria dos casos o efeito reverbera, positivamente.

– Vi um espírito, o coronel – disse Tiara – afagar o Jan, quando ele adormeceu.

– Isso é porque você é médium vidente, isto é, pode ver espíritos desencarnados.

– Outra vez ele? E eu? Também sou médium? – perguntou Jan, aflito.

– Não poderíamos afirmá-lo com certeza. Médiuns, a rigor, somos todos, pois cada vez que, mesmo de forma inconsciente, nos deixamos influenciar por espíritos estaremos no exercício mediúnico, conquanto indireto. O Livro dos Espíritos, primeiro livro da Codificação do Espiritismo, formado de 1019 perguntas de Allan Kardec aos Espíritos Protetores, que a todas responderam, registra à questão número 459 que os Espíritos exercem muito maior influência sobre nós, encarnados, do que supomos.

Jan contou a Zito as estranhíssimas condições em que viu uma duplicata de Tiara na pista de atletismo, quando disputava a prova.

– Não quero confundir a cabeça de vocês, com tantas particularidades dos fenômenos mediúnicos; aliás, vocês próprios já podem deduzir que o tema é fascinante e requer muito estudo e ponderação. Direi, apenas, que nesse caso tivemos uma manifestação de bicorporeidade, isto é, uma capacidade muito especial de certos médiuns de manterem o corpo num local e projetarem seu perispírito, semimaterializado, em outro, distante ou não, onde são vistos; há quem denomine essa mediunidade de desdobramento, outros de bilocação, ocorrências mediúnicas que,

embora maravilhosas também, não se revestem das mesmas características da bicorporeidade.

– E o que devem fazer as pessoas que são médiuns? – perguntou Valdomiro.

– A mediunidade, geralmente, manifesta-se de muitas formas e constantemente, quando é chegada a hora de ser exercitada, deve sê-lo sempre de forma absolutamente gratuita e visando o benefício do próximo, encarnado ou desencarnado. A melhor providência é frequentar um centro espírita onde essa pessoa deverá matricular-se em cursos específicos sobre mediunidade e estudar interessadamente as obras básicas escritas por Allan Kardec, com ênfase em O Livro dos Médiuns. Esse livro, por exemplo, discorre longamente no capítulo VI sobre as Manifestações Visuais, dirimindo quaisquer dúvidas sobre a aparição de espíritos. De qualquer forma, não é prudente que alguém chegue à casa espírita e logo vá para a reunião mediúnica, sem nenhuma orientação evangélica, sem estudo do vasto campo fenomenológico da mediunidade.

Zito achou por bem recomendar a Jan:

– No seu caso, seria imperdoável imprudência matriculá-lo, desde logo, em grupo mediúnico, a fim de livrá-lo da epilepsia. A excitação natural que provoca o contato entre o médium e o visitante espiritual poderá causar danos irreversíveis, não apenas ao psiquismo, como também à saúde orgânica. O melhor será um tratamento de passes, assistir palestras doutrinárias, engajar-se em tarefas assistenciais e, com o tempo, se Deus permitir e houver forte intuição, aí então, com muita prudência, comparecer à reunião mediúnica.

– Forte intuição. De quem? – perguntou Jan, timidamente.

– Sua e dos dirigentes encarnados dos grupos mediúnicos, os quais estão sempre em outras tarefas no centro espírita, e assim sendo, com o tempo, estando você com eles amiúde, sintonizarão com seu espírito protetor.

– O coronel – pediu confirmação Valdomiro – é o antigo dono da fazenda?

Como resposta, Zito foi até uma gaveta e apanhou uma velha foto e exibiu-a a ele.

– Não sei como explicar – disse Jan –, mas o coronel já me apareceu outras vezes.

– Isso comprova que você é realmente médium, de efeitos físicos. Possui a condição de doar fluidos específicos, denominados ectoplasma, para que os espíritos se materializem.

– Ectoplasma?

– É uma substância vaporosa, invisível, que só os seres vivos possuem; o ectoplasma humano é manuseado pelos espíritos, geralmente nas sessões mediúnicas de materialização, para eles se tornarem visíveis e tangíveis; os espíritos, para realizarem as materializações, próprias ou de objetos, adicionam ao ectoplasma do médium fluidos espirituais e condições energéticas retiradas das águas, dos minerais ou desses mesmos objetos; às vezes, o ectoplasma é também aplicado em curas, pelos espíritos celestiais, como um dos elementos adicionados aos medicamentos espirituais ministrados em doentes, que podem estar perto ou a grandes distâncias.

Após fazer uma pausa, Zito concluiu:

– Muitas pessoas perguntam por que os espíritos protetores trazem às reuniões mediúnicas os espíritos necessitados. Argumentam que aqueles benfeitores poderiam atendê-los lá na Espiritualidade, onde deve haver muito mais recursos. Desconhecem que uma das incontáveis maravilhas da energia ectoplasmática doada pelos encarnados, numa reunião mediúnica, é que, a cargo dos protetores, usualmente beneficia espíritos desencarnados que ainda não tenham se desligado das sensações grosseiras terrenas, sendo-lhes isso balsâmico. Lá na Espiritualidade não há tais energias terrenas.

Os três fizeram respeitoso silêncio. Zito voltou à gaveta.

Apanhou uma folha de jornal amarelecida pelo tempo, entregando-a a Jan:

– Essa é a pobre mulher que entregou você a mim e ao Quinzim.

– Dirce! Era ela, então, minha mãe?!

– Nunca saberemos – respondeu Zito.

Não houve clima para qualquer comentário.

Valdomiro, Jan e Tiara retiraram-se, despedindo-se de Zito, impressionados com a sinceridade e conhecimentos doutrinários que tinha aquele homem aparentemente tão rude, mas seguro ao falar do Espiritismo.

Na viagem de volta, os três não trocaram nenhuma palavra.

A mente de Jan, no entanto, era um verdadeiro furacão de pensamentos entrecortados pela realidade. Angustiado, pensava em Dirce:

Não acredito que meu pai a matou, quem a teria matado? Ela era minha mãe? Será que sabia que eu era o bebê que ela entregou aos dois empregados do coronel Antero? O que terá feito para merecer tão grande castigo? Se ela era minha mãe, por que ela e meu pai Elpídio me esconderam sempre isso?

Nenhuma resposta lógica encontrou para as perguntas.

Decidiu que estava na hora de procurar Elpídio e obrigá-lo a esclarecer todas aquelas cruéis dúvidas e talvez muitas outras.

Ao chegarem, Valdomiro ofertou, gentil:

– Jan, não tenho o direito de me intrometer em sua vida, por isso não darei minha opinião, até porque o assunto é familiar. Contudo, caso você precise dos meus serviços, estarei sempre pronto a atendê-lo, com o melhor da minha alma.

– Muito obrigado! – disse Jan, emocionado.

Em casa, Jan contou à sua mãe o que havia descoberto. Rufina, assustada, ouviu a penosa narrativa, sentindo seu coração doer:

– E agora, o que você vai fazer?

A pergunta encerrava um universo de situações difíceis, que o presente escancarava para um futuro de incertezas, separações talvez, mas sofrimentos, com certeza.

– Não sei, mãe – respondeu Jan, abraçando-a com fervor.

– Só sei uma coisa – exclamou –, a senhora, para meu coração, será sempre a minha mãe.

O pranto explodiu no peito dos dois, com o amor selando a união espiritual para a eternidade.

– Aconteça o que acontecer – enfatizou Jan – só terei a senhora como mãe, mas peço-lhe compreender que também só terei paz quando souber quem era minha mãe biológica.

À noite, Jan procurou Tiara. A moça estava ansiosa por encontrá-lo, para saber da reação de Rufina. Jan contou-lhe tudo detalhadamente.

Tiara repetiu a pergunta de Rufina:

– E agora, o que você pretende fazer?

– Não sei, não sei.

Repetindo também o gesto com Rufina, abraçou Tiara forte e com o peito arfando descompassadamente declarou:

– Tudo o que vier pela frente não alterará meus sentimentos: eu a amo!

Beijaram-se demoradamente.

Também ali outra união espiritual se concretizou, sob o patrocínio do amor, expresso em outra moldura.

Dionísio, com Cassiano e Antero, glorificou:

– Deus é amor! O amor integral! Todos os seres vivos trazem, desde o instante da sua criação, intrínseco e em potencial, o Amor Divino. Ao longo das etapas evolutivas, o amor se apresenta multifacetado: nos seres humanos, não será difícil figurar o amor como uma grande árvore, de cujo tronco saem os galhos, neles surgindo as folhas e perfumadas flores que desabrocham e se transformam em saborosos frutos.

Como se buscasse no passado alguma recordação escondida, arrematou:

– Apropriando a comparação, nessa árvore o tronco será a vida no reino hominal; os galhos, as criaturas que se ligam a nós, nas manifestações do amor paternal, maternal, conjugal e filial; as folhas, as vestimentas que captam a luz do sol-evangelho, e ao mesmo tempo nos protegem contra o ciúme, o ódio, a vingança; as flores, os atos de caridade pura, cujas cores representam as nuances espirituais do Bem, aureoladas do perfume que dá paz à alma; os frutos, finalmente, são as bênçãos que o homem reparte à sua volta, iniciando por contemplar aos filhos.

Os dois companheiros espirituais tinham a intuição de que Dionísio falava de si, em outros tempos.

– A sombra protetora dessa árvore – prosseguiu o instrutor – será a saudade, manifesta na lembrança deixada pelos exemplos daqueles que partiram para a vida espiritual. O amor de Deus é perene e tão sublime, que simples observações o atestam, por meio dos complementos celestiais pelos quais se manifesta:

- o sol ocupa metade do dia para que à noite possamos ver a maravilha das estrelas;

- a chuva dá vida a todos os seres, tendo o vento por companheiro, conduzindo-a aos locais necessários e para que flua em pingos;

- as frutas são bonitas e deliciosas, mas sobretudo energéticas;

- as flores são belíssimas e, além disso, têm perfume;

- todos os seres têm companhia e quase sempre alguém, em especial;

- a família, união inicial de duas almas e dois corpos, é campo individual de aprendizado geralmente enriquecido de novos componentes – os filhos;

- luz e sombra, frio e calor, alto e baixo, alegria e tristeza, vida e morte, são antônimos, mas complementos necessários ao aprendizado;

- o maior complemento, porém, de ordem espiritual, pode ser considerado o advento do Espiritismo – o Consolador prometido por

Jesus –, instalado nas mentes e nos corações humanos dos espíritas pelas mãos eficientes de Allan Kardec; a Doutrina dos Espíritos, podemos afirmar, dá seguimento à incomparável obra do Cristo. E Jesus, indiscutivelmente, é a maior de todas as bênçãos que a Humanidade já recebeu do Pai.

\*

Após uma noite de reflexões, de pesadelos e de angústias na alma, Jan foi sozinho procurar Elpídio, encontrando-o imobilizado na cadeira de rodas.

– Até que enfim – cumprimentou-o efusivamente Elpídio –, o afilhado veio visitar o padrinho.

– Podemos conversar a sós? – pediu Jan.

– Claro, claro. Mara foi na casa dos pais e Tiara está na escola.

– O senhor é mesmo meu pai?

Elpídio estremeceu ante a pergunta direta. Pego de surpresa, sentiu faltar ar nos pulmões, pareceu-lhe que o sangue congelou nas veias, o coração disparou de repente, suor abundante irrompeu por todo o corpo.

Quis balbuciar algo, mas a voz não saiu.

Com os olhos arregalados, pôs as mãos no peito, noticiando sufocamento. De início leve, logo o tremor físico se avolumou. Os sintomas eram prenúncio de choque iminente.

Jan percebeu que a situação era grave.

Sem perder a calma, saiu da sala e foi procurar a cozinha, onde pediu à cozinheira um copo d'água.

– Pegue o copo. Beba – essas foram duas ordens secas de Jan a Elpídio, ao ofertar-lhe a água.

Nem de longe Jan se parecia com aquele menino humilde, que tratava o rico fazendeiro com tanto respeito.

Ante a impassibilidade de Jan, Elpídio se refez, parcialmente, com a revolta energizando-o, por ser inquirido daquela forma, na sua casa, sobre tema tão forte.

Embora seu corpo estivesse sem controle e depauperado, a mente mantinha-se ativa. Conseguiu, em parte, dissipar o mal-estar.

Olhavam-se de frente, ambos sem piscar. Dolorosos instantes transcorreram.

De pé, Jan não se mexia.

Finalmente, Elpídio balbuciou, evasivo:

– Quem disse para você que sou seu pai?

Jan não respondeu. Ficou olhando fixo o fazendeiro por outros difíceis instantes.

– Quem disse? – insistiu Elpídio.

Como Jan se mantivesse imóvel e mudo, Elpídio desconversou:

– Isso é uma bobagem; sou seu padrinho.

– Sei que o senhor – disse finalmente Jan – mandou o Quinzim e o Zito me buscarem na cidade, quando nasci.

Elpídio ficou lívido. Jan prosseguiu:

– Sei também quem é minha mãe!

Elpídio quis sair da cadeira, mas as sequelas do acidente impediram-no. Num grande esforço, sentindo talvez o coração sucumbir, murmurou:

– Não é possível!

– É sim: a Dirce! Ela era minha mãe.

Elpídio suspirou aflitivamente. Diante do quadro, consumado para Jan, raciocinou que não havia alternativa. Assumir era necessário. Assumiu:

– Sou seu pai, sim!

Sem sair de onde estava, Jan pediu confirmação:

– E Dirce? Era mesmo minha mãe?

– Jamais lhe darei essa resposta!

Jan insistiu, mas Elpídio foi fugidio.

Percebendo que nada conseguiria, Jan foi embora.

– Meu filho! – implorou Elpídio –, você vai embora sem ao menos me dar um abraço e pedir a bênção?

Sem refletir, por puro instinto, Jan recuou mais de onde já estava, como se Elpídio pudesse tocá-lo:

– Não quero vê-lo nunca mais. O senhor escondeu a verdade tantos anos e agora não deve esperar que eu o aceite como pai. O melhor será nós dois esquecermos tudo isso. O senhor, principalmente, esqueça que eu existo!

Sem desejar ser cruel, foi taxativo:

– Já que o destino me deu um pai que se acovardou dessa paternidade e que aquela que penso ter sido minha mãe está morta, entrego meu coração aos outros pais que Deus me deu. Nunca deixarei de considerá-los meus verdadeiros pais. Nunca!

Retirou-se sem despedir-se e sem se voltar.

Teria visto Elpídio, nos seus quase cinquenta anos de vida, pela primeira vez derramar lágrimas de tristeza, em sincero arrependimento.

Jesus bem que definiu parentesco físico e parentesco espiritual.<sup>1</sup>

1 – Mateus, 12:46-50. (N.E.)

## O EVANGELHO E O SOL

Quando Dirce foi estrangulada, na tentativa de defender-se, seu último gesto foi arranhar as mãos do assassino. Ante a violenta falta de ar, sentindo insuportável dor, entendeu que sua vida chegava ao fim. Impotente, sem qualquer chance de livrar-se pela força brutal que a subjugou no derradeiro instante de vida, lançou um olhar de ódio para ele. Uma flechada certa não teria produzido tanto estrago, quanto o petardo fluídico que atingiu seu cruel inimigo.

Os efeitos seriam de efeito retardado.

– Não pudemos impedir o triste desfecho

– lamentou Dionísio aos seus companheiros, mantidos todos à distância pela densidade fluídica do lar de Dirce, verdadeira filial do umbral, em suas tristes paisagens de trevas.

– Ser expulsa assim da vida – comentou Cassiano –, em lastimáveis condições físicas e espirituais, fará com que ela aporte no plano invisível em terrível perturbação, com a sensação de que a garganta foi esmagada por um trator.

– Sim. Não conseguirá ver, falar, respirar.

– A dor será intensa, insuportável – completou Dionísio, em preces a Jesus, a benefício de Dirce.

Em consequência, Dirce desmaiou.

E isso foi bênção das bênçãos, já que, perdendo a consciência, o espírito deixou de registrar a dor, pois o perispírito como que congelou o tempo, anestesiando todas as sensações. Dionísio elucidou:

– Verificou-se, no caso, a eterna e permanente presença da Bondade Divina, que socorre todos os Seus filhos, mormente nas grandes dificuldades, mesmo que aparentemente não tenham

títulos de merecimento. Poucas pessoas na Terra terão condições de ajuizar a infalibilidade socorrista celestial, que sempre comparece nos palcos de dor em apoio àquele que sofre.

Com lágrimas nos olhos, comentou:

– Dirce, por exemplo, teve duplo auxílio com o sono provocado pela caridade de Jesus: cessação da dor e livrou-se, em espírito, de presenciar o ataque de espíritos desencarnados infelizes aos seus despojos físicos, na busca frenética de restos vitais, fluídicos. Esses tristes agentes da rapina aos cadáveres humanos agem sempre que o desencarnante não tem defesas morais. É inevitável!

– Mas – objetou Antero, assustado – quem são esses aproveitadores da morte?

– São eles espíritos ainda muito atrasados, fixados em terríveis comportamentos, com isso mantendo-se cativos ao plano material grosseiro. Seus pensamentos, em tempo integral, estão voltados para o ódio e vingança, ora para o sexo, álcool ou tabagismo, ora para o ciúme, inveja ou usura. Essas fixações mentais acabam por se transformar em pesadas âncoras que os prendem, de forma inapelável, ao plano terreno. Criatura encarnada que igualmente vivencie tais paisagens, em pensamento ou ação, será sempre partícipe direta do triste processo de interligação, a que o Espiritismo denomina obsessão.

Meditando alguns instantes, prosseguiu:

– Dirce provocou sua triste desencarnação, qual descuidada transeunte atropelada na tão movimentada quanto turbulenta via do sexo sem responsabilidade, onde o prazer carnal impera, em detrimento dos sagrados postulados do amor. Além do mais, seu procedimento era um desrespeito à inviolabilidade moral do lar, pois a própria casa era o palco da sua infidelidade.

– Mas, não podemos fazer nada?

– Dirce desencarnou em situação sombria, pelo que não há como evitar o vampiresco assalto sobre seu corpo físico, tão logo nos afastemos. Ademais, não poderíamos mesmo permanecer velando os despojos, primeiro porque essa não é tarefa espiritual

socorrista de duração indeterminada e, depois, porque o assalto aos fluidos vitais restantes segue a lei de sintonia e atração, infalível.

– Como assim, infalível?

– Nos restos mortais, por mais insuspeitável que seja, quanto menos crível, os espíritos infelizes estarão buscando sua equivocada felicidade.

Muito tempo depois Dirce despertou. Cambaleante e sem condições de identificar onde estava, seu primeiro pensamento foi para ele – o assassino.

Trôpega, tentou andar. Caiu. Levantou-se e deu poucos e vacilantes passos. Tornou a cair.

As brumas a tudo envolviam.

Não teve a menor dificuldade em saber-se morta. Pensou: Então a morte é isso? Mas não pode ser! Se morri, como é que estou viva? O miserável me matou.

Ante este último pensamento, deu um lancinante grito, ou melhor, em incontido reflexo quis gritar, mas a voz não saiu.

Dor aguda atingiu-a, de súbito. Na garganta. Sentiu como que a boca se enchesse de algo pastoso, indigerível, insuportável. Levou as mãos à garganta e notou, surpresa, que embora doloridíssima, estava intacta. Como era possível – pois não tinha sido vítima de estrangulamento? Voltou a pensar.

Naquele momento, desconhecia que a garganta estava recomposta, no perispírito, por ter resgatado, na morte violenta, débito contraído há muito tempo, em distante vida anterior. Permanecia, contudo, a sensação do estrangulamento, já que nele mentalmente se fixara.

Angustiado, rolou pelo chão. Outra desagradável surpresa: o chão era lodacento, malcheiroso.

Onde estou? No inferno?

Prestes a enlouquecer, foi agarrada pelos braços e arrastada. Com dificuldade e sem conseguir se defender, foi conduzida a um local próximo, onde havia muita gente. Muitos choravam, outros

alucinados, poucos desmaiados. Não teve dúvidas: estava, sim, no inferno!

Antes que formulasse qualquer novo pensamento, ouviu alguém lhe perguntar:

– Então, dona Dirce, acabou o romance e sobrou a mágoa?

Quem perguntou era o chefe ali; foi fácil deduzir, não só pelo tom rude e irônico, como também pela postura que lhe rendia visível obediência dos demais.

Súbito e inexorável arrependimento invadiu-a.

Sim, ela era a esposa infiel, a mulher magoada e a vítima de sofrida morte.

O chefe, sabendo-a indefesa, aproximou-se.

Dirce conseguiu identificá-lo: era o homem de olhar gelado, transparecendo intensa luxúria, com o qual tivera alguns sonhos desde que passou a ter o caso com Laércio; naqueles sonhos – sempre iguais e verdadeiros pesadelos –, aquele homem a dominava, seguindo-se atitudes indignas; felizmente, acordava. Agora, sentia-se perdida, repugnada pela luxúria que exalava de todo o corpo do algoz, tal era a atitude sensual com que fazia os menores gestos. Aquilo não era um pesadelo, era real. A carícia que fez em Dirce a fez estremecer, de pavor e desconforto. Jamais alguém a tocara daquela maneira tão desrespeitosa.

E ainda mais, na presença de tantos.

Tentou reagir, mas foi subjugada.

Antes que a torpeza do homem a brutalizasse, teve um inspirado e sublime pensamento: Jesus Cristo, socorrei-me! Mal terminara a rogativa mental, algo inacreditável aconteceu: o homem tocou-a, em atitude libidinosa, porém foi arremessado para trás, como se tivesse encostado em um fio de alta tensão. Estatelou-se no chão, contorcendo-se em arrepios e em convulsões.

Muitos saíram correndo. Dirce fugiu dali.

Andou e andou, perdidas horas e perdidas distâncias.

Exausta, parou num ponto qualquer daquela indefinida caminhada e sentou-se. O chão ali não era úmido, nem o ambiente

totalmente enevoado. Meditando com dificuldade, repassou os últimos acontecimentos, desde sua trágica morte, até ser salva do assédio daquele homem horroroso. Adormeceu.

Despertou zozna, sem qualquer orientação, em absoluto desconhecimento de quanto tempo estivera adormecida, do local em que se encontrava, ou do que deveria fazer. Relembrando os fatos da sua vida desde os tempos de solteira, começou a pensar no que lhe reservava o futuro.

Horas e horas permaneceu ali, imóvel, solitária.

Presas de invencível cansaço, com a mente ocupada por ideias desconexas, ia já adormecendo novamente, quando uma mulher se aproximou.

Teve o maior susto de toda a vida, ao identificá-la: era sua tia Mariana, que há tantos e tantos anos, na outra cidade que morava, lhe entregara uma criança destinada a um casal sem filhos. Criança essa que ela havia entregado ao homem que se identificara como mensageiro daquele casal. Depois daquilo, poucas vezes se encontraram, mas jamais haviam tocado no assunto.

Agora conseguiu falar:

– A senhora, aqui?

– Tenho procurado você, há tanto tempo!

– Para quê?

– Ora, ora, para quê. Para nós podermos receber o que é nosso, então você não se lembra de que o homem não nos pagou pelo serviço?

– É verdade.

Dirce lembrou-se de que sua tia, como enfermeira, é que tinha auxiliado o ginecologista a realizar o parto da criança, também clandestina, isto é, sem pai conhecido; e também que ela sorrateiramente, naquela mesma noite, sequestrara o bebê, destinado à adoção de um casal de outra cidade.

– Então, agora que você veio para cá, juntas poderemos ir buscar o que nos pertence.

Dirce tinha muitas perguntas a fazer.

Atônita, fez apenas uma:

– Há quanto tempo será que estou aqui, morta?

A resposta abalou-a mais que todas as surpresas que a alcançaram:

– Mais ou menos cinco anos! Vim poucas horas antes de você, mas meu ódio, nesses anos todos, me fez despertar mais cedo. Depois de sofrer muito nas mãos de carrascos, liberei-me deles, havendo uma força estranha que me impulsionou nesta direção. Creio que para encontrá-la.

– Pensei há pouco na senhora, nem sei por que, creio que por ter me lembrado daquela criança que nós entregamos a um desconhecido. Pelo visto, foi só pensar na senhora e aqui está. Sem entender direito como tudo aquilo estava acontecendo, Dirce recordou:

– Não me esqueci que quando recebi aquela criança das suas mãos a senhora disse que queria dois terços do pagamento.

– Claro, o risco maior foi o meu: sendo enfermeira contratada pelo hospital, não poderia me expor a ninguém, nem ao mensageiro, que talvez conhecesse o doutor que cuidava da mãe da criança. Como intermediária, você teria direito a uma terça parte do pagamento combinado, ficando eu com os dois terços.

– Sim, sim, mas o mensageiro, que por sinal veio acompanhado de outro homem, não trouxe o dinheiro; mesmo assim entreguei-lhe a criança.

– No que fez muito bem: era perigoso não só ficar com o bebê, como também contrariar o poderoso homem que contratara aquilo tudo. Ademais, os empregados dele afirmaram que depois ele pagaria.

– Mas o tempo passou e jamais nenhuma de nós recebeu a recompensa prometida.

– Miserável, maldição sobre ele!

– A bem da verdade, tia, arrependi-me, à época, de haver participado daquele ato criminoso. Mantive-me calada para sempre.

Dirce, passados tantos anos, estava assustadíssima ante a tia sequestradora, nesse enigmático e tenebroso encontro no reino dos mortos.

De vertigem em vertigem, ouviu:

– Sabe por que ele a matou, sua boba? Eu estava desesperada, precisando de dinheiro e decidi receber o que era do meu direito. Quando fui cobrar, ele não me pagou, dizendo que já havia pagado. Então, ameacei denunciá-lo às autoridades, como mandante do sequestro. Ameacei-o dizendo que antes iria aos jornais, faria o maior escândalo, sujaria o nome dele na sociedade...

Tonta, Dirce teve ainda forças para perguntar:

– Mas o que teve isso a ver comigo? Por que ele me matou, se não me conhecia?

– Porque eu contei que você, como intermediária que foi, me ajudaria a provar o sequestro, como testemunha. Como ele duvidasse da sua existência, disse seu nome e falei onde morava.

– Então, a senhora também...

– Sim, também fui morta por ele. Dirce transpirava ódio.

Insuflada por Mariana, um sentimento atroz cada vez mais a castigava: tinha sido enganada, pois, sob promessa de ajudar a um casal sem filhos, na verdade fora cúmplice de um sequestro. Pensando nesses acontecimentos, sua garganta doía bastante, fazendo-a sufocar.

Pediu um copo d'água.

– Água? Onde você pensa que está? – respondeu-lhe Mariana, acrescentando: – por aqui só tem esse lodo e de quando em quando eu molho a roupa nele e depois torço, para pingar algumas gotas imundas.

No seu desconforto, Dirce não tinha condições de qualquer reação, nem mesmo de ordenar as ideias. Passiva, aceitou que a tia a deitasse no chão úmido e, quando seu vestido ficou encharcado de lama, levou-o à boca.

Esse era o jeito de mitigar a sede, naquelas tristes paragens. Contudo nem mesmo esse precário atendimento ajudou-a. Sentiu

tonturas, mas recuperou-se em parte quando viu dois homens à sua frente. Mariana deu um salto para o lado, com medo. Os homens, dessa vez, tinham bom aspecto, e de alguma forma inspiravam confiança. Disse um deles:

– Minha irmã, Deus seja louvado! Estamos aqui em nome da caridade de Jesus e, se você quiser, poderemos ajudá-la.

Dirce, sem entender nada do que estava acontecendo, não conseguia concatenar os pensamentos e responder. Em sua tela mental perpassavam e se repetiam as cenas de quando entregara o bebê a dois homens também. Ao lembrar-se disso, logo a garganta começou a doer.

O outro homem, até então imóvel, achegou-se a ela e em gestos delicados impôs as mãos na região dolorida, mantendo-as a pequena distância, sem tocar. Como que por milagre as dores começaram a diminuir e logo cessaram. Dirce sentiu um grande bem-estar, sensação que a abandonara desde que desencarnara. Ao lembrar-se de como havia morrido, instantaneamente a dor voltou.

O atendente advertiu-a:

– Irmã Dirce, afaste esses pensamentos negativos, do contrário não encontrará paz e não se livrará da dor.

Dirce olhou-o assombrada. Quem era aquele homem que sabia seu nome e sabia o que ela estava pensando?

– Somos todos irmãos – respondeu o homem, à pergunta que mentalmente houvera sido formulada –, pois Deus é nosso Pai. Estamos, há tempos, tentando prestar-lhes auxílio e convidá-las a se hospedarem em nossa Instituição.

Dirce olhou para Mariana. Ambas não sabiam o que fazer.

– As duas são convidadas – aduziu o homem, completando: – o amor de Deus não tem limites, mas quem odeia constrói um obstáculo que impede a bênção da paz.

Dirce tinha, outra vez, incontáveis perguntas a fazer, mas percebeu que o momento não era apropriado. Só então raciocinou

que estava encharcada de lodo, cheirando mal, e nada disso impedira aqueles dois homens de socorrê-la.

Um enorme vazio alcançou-a, como mulher, de início, e como ser humano, após; como espírito, então, refletiu, que aparência teria? Oh! Como seria bom se tivesse um espelho para se olhar.

Sabia-se e sentia-se um farrapo desprezível. Em péssimas condições, sem quaisquer chances de se recuperar de pronto. Voltou a imaginar como estaria sua imagem. Acalmou-se, parcialmente, ao notar que os dois homens, que por sinal eram muito bonitos, não demonstravam o menor repúdio, nem por ela, nem por Mariana.

Deduziu: se Mariana estava péssima, suja, cabelos desalinhados, unhas maltratadas, roupas amarfanhadas, como estarei então eu, toda cheia de lodo?

Continuou pensando: então isso é a morte, esse terrível fantasma que assombra os vivos; compreendia, agora, que a morte, na verdade, não passa da continuidade de uma situação para outra, esta com as consequências daquela; mudavam: cenário, medida de tempo, companhias, reflexões, dificuldades e facilidades (como aquela que os dois personagens ora lhes ofertavam), mas não mudava nada no espírito, que mantinha integral a personalidade; ela era Dirce quando viva e Dirce continuava, agora que estava ainda mais viva do que nunca. Sim, ela era testemunha fiel de que a vida é contínua e a miséria em que se encontrava era amargo fruto que colhia no equivocado pomar que ela própria plantara e cultivara.

Um imenso remorso invadiu-a, ao pensar no sequestro. Naquela época, era solteira e estava grávida de oito meses. Só aceitara participar do sequestro por causa do dinheiro, com o qual pretendia iniciar a criação do filho que logo nasceria; como nada recebeu e um mês após deu à luz, entregou a criança a uma conhecida que a levou para uma desconhecida família. Chorou amargamente ao recordar aquele filho que jamais acalentara; onde, como e com quem estaria?, a seguir, lembrou a infidelidade que

vivenciara, anos após, já casada: fora esposa infiel, trocando a harmonia do lar e da família por momentos de êxtase sexual.

Três grandes erros, pensou. Como estou arrependida!

Lágrimas incontáveis aliviaram-lhe a pressão do arrependimento, explodindo em sofrido pranto.

Num momento de rara magia, em que o amor comanda as ações, os dois homens ajudaram-na a se levantar e, enquanto um a abraçava, terno e protetor, o outro lhe alisava a vasta cabeleira, antigo objeto de permanente orgulho e vaidade.

Meus cabelos estão horríveis, enlameados, pobre de mim... sempre tive os cabelos mais bonitos do mundo, pensava Dirce.

– Venha conosco para se refazer, receber alimento, água e novas vestimentas – disse um dos homens, como que lendo seus pensamentos.

– E lá – brincou o outro – poderá até arrumar seus cabelos, que são realmente muito bonitos.

Tamanha ternura fez Dirce chorar mais.

Definindo-se como a criatura mais infeliz do mundo, não conseguia estancar o pranto.

Os homens ampararam-na, levando-a dali.

Mariana, igualmente convidada, com o mesmo sentimento de fraternidade, com a mesma atenção e respeito, arregalou os olhos quando um dos socorristas lhe estendeu a mão. No cérebro, estampou-se infeliz pensamento: viu-se aprisionada e castigada. Estes homens são carcereiros do Cordeiro e querem me prender para julgar meus pecados. Estou perdida, a menos que fuja deles, pensou.

Invadida por incoercível pânico, recusou a mão protetora que lhe era ofertada e saiu em alucinada carreira para o interior do charco, caindo e levantando, proferindo palavras de desfeita. Logo sua figura desapareceu nas brumas, indicando que adentrara numa zona espiritual ainda mais infeliz.

Intensa compaixão pela tia estava no coração de Dirce, que adormeceu com suavidade, quando um dos assistentes espirituais tocou levemente sua fronte com a destra.

Porém, a maior alegria que jamais visitara seu coração estava reservada para acontecer justamente naquele cenário tão estranho, marcando-lhe no espírito indelével prova da Bondade Divina: segundos antes do sono vencê-la, recebeu, do homem mais jovem, um carinhoso beijo na face. De maneira absolutamente inexplicável, identificou-o como o filho que renegara.

Sem que palavra fosse pronunciada, captou:

– Sim, mamãe, sou eu; pela segunda vez seria seu filho e aquela permanência como encarnado estava prevista para ser curta; logo voltei para a pátria espiritual e como a senhora me vê agora é justamente como, em outra vida, já fui seu filho.

– Deus o abençoe, meu filho.

Adormeceu profundamente, amparada pelos braços filiais.

Dionísio convidou Antero, Cassiano, Aristides, Felinto e outros espíritos da equipe socorrista sob sua responsabilidade para assistirem a uma conferência espiritual que se realizaria no dia seguinte.

O encontro seria no grande auditório da colônia espiritual que os abrigava.

O diretor da colônia abriu os trabalhos com uma prece, ao som da Magnificat<sup>1</sup>, entoada pelas dulcíssimas vozes do coral.

Após, anunciou:

– Irmãos queridos, sob a inspiração do Mais Alto, será útil que recordemos alguns fundamentos da Lei de Causa e Efeito, para melhor entendermos os dramas que visitam nossos dias.

Para surpresa dos companheiros de Dionísio, informou:

– Nosso irmão Dionísio trará para nós reflexões sobre um doloroso acontecimento, provocado pelo descaminho de uma nossa irmã querida, desencarnada criminosamente e que está sob nossos cuidados, Dirce.

Dionísio, calmo, expressou-se narrativamente:

– A crueldade não merece espaço, em qualquer parte do universo, menos ainda ser expressa por palavras escritas ou mesmo orais. Assim, nos abstermos de comentar a origem do débito espiritual que até então obstava melhores condições evolutivas a Dirce. Registramos, apenas, para conceituação da caridade de Deus, que o crime que a retirou do plano terreno resgatou sua dívida, contraída nos tempos infelizes em que o chamado garrote vil era largamente utilizado.

Em todo o amplo recinto ouvia-se agora, como pano de fundo, a suave composição *As Quatro Estações*, ainda de Vivaldi. Inspirando-se nessa belíssima composição, Dionísio disse:

– A Sabedoria Divina é tão grande que situou a Terra – o lar terrestre – no espaço, de forma a ser contemplada pelo Sol todos os dias, com as noites intercalando-os. Tivéssemos Sol por vinte e quatro horas e talvez não existisse vida. Não existiriam as quatro estações.

1 – Música de Antonio Vivaldi – genial compositor italiano de música erudita – 1678-1741. (N.E.)

Todos sorriram. Dionísio prosseguiu:

– O homem tem também um sol interior: o espírito, emanado do Criador. A diferença fundamental entre esses dois sóis é que um é administrado por Deus, e, como tal, de forma perfeita, permanente; o outro, administra a inteligência, delegando ao livre-arbítrio as ações, no bem ou no mal. Assim, conquanto ambos os sóis sejam divinos, diferem suas rotas. O espírito, para que possa escolher o melhor, o Bem, é equipado, desde a criação, com a consciência – sentinela avançada das Leis Morais, nela insculpidas. E, para que a moral fosse materializada, o Pai, que é todo Bondade, desde sempre enviou e envia Mensageiros Celestiais que, com seus exemplos, relembram à Humanidade os conceitos do amor.

Recordou sobre Jesus:

– Nosso Mestre, o Cristo de Deus, é sem dúvida alguma o maior de todos os anunciadores do Reino Espiritual, onde a felicidade é integral. A todos os povos e em todos os tempos, o Criador encaminhou outros enviados. Por isso, na caminhada atual, poucos serão aqueles que, retornando da Terra à pátria dos espíritos, poderão invocar, como álibi, o desconhecimento evangélico do bem.

Passeando pelo corredor do salão continuou:

– Mas, falemos de Dirce e da Lei de Causa e Efeito: na administração dos acontecimentos terrenos, Assessores do Cristo, altamente categorizados, pois detêm avançados recursos para que a Justiça siga o curso traçado pela Lei Divina. E, aqui, nos referimos aos dolorosos casos de acidentes e de mortes trágicas, como, por exemplo, nosso irmão Elpídio, ainda encarnado, e Dirce.

– Como é que apenas alguém sobrevive – perguntou a todos –, de um grupo atingido por morte coletiva dos demais? Em não poucos acidentes aéreos, causa admiração o fato de, às vezes, apenas uma ou poucas pessoas sobreviverem; igualmente, as crônicas informam que inumeráveis vezes um passageiro perde a viagem e com isso se salva, pois os demais sofrem acidente fatal.

Aguçou a curiosidade de muitos:

– Casos há, também não tão raros, em que pessoas atingidas por vários projéteis sobrevivem milagrosamente, ao passo que outras morrem com apenas um. Em contrapartida, passam para o terreno do acaso infeliz repetidas situações nas quais as chamadas balas perdidas ceifam vidas. Quem controla todos esses casos?

– Ninguém explica – seguiu expondo – quando bandidos assaltam desconhecidos e sem qualquer motivo aparente praticam o latrocínio, em vítimas que jamais tinham visto.

Motivando o auditório, solicitou aos ouvintes que o ajudassem, citando casos inexplicáveis pela lógica terrena.

Várias foram as colaborações-citações:

- alimentos deteriorados, servidos em festas, têm causado a morte de alguns, poupando outros convivas;

- indivíduos que se aventuram em arriscadas empreitadas, tais como alpinismo ou pesquisas em grandes cavernas ou grotões, nem sempre se acidentam; no entanto quedas fatais com trabalhadores das construções civis são o maior item das mortes acidentais;

- grupos de exploradores há nos quais apenas uma pessoa é atingida por um raio, vindo a falecer;

- na imensidão do mar, peixes têm feito vítimas humanas, dentre milhares de descontraídos surfistas;

- há casos verdadeiramente incríveis em que meteoritos, vindos Deus sabe de que parte do universo, atingem alguém, de forma letal;

- aeronaves sem sustentação caem sobre uma ou poucas residências, dentre milhares que formam a cidade, matando pessoas que ali moravam;

- pontes, viadutos ou passarelas desabam, no momento exato em que alguém passava embaixo, vindo a desencarnar...

– Obrigado, obrigado – interrompeu Dionísio, elucidando –, em todos esses dramas pessoais ou coletivos, segundos ou milímetros, a mais ou a menos, os teriam evitado. Então, é de se perguntar: que mão invisível move com tanta precisão tais acontecimentos? Como pode alguém morrer ou se salvar, por minúscula fração de tempo ou de espaço? De que insondável forma as leis da física, da dinâmica, da eletricidade e tantas outras, foram acionadas, com exatidão incalculável, naquele exato momento? Quem ou o que as aciona?!

Respondeu ele mesmo:

– Todas essas perguntas e tantas outras, de ordem moral, encontram cristalina resposta na Doutrina dos Espíritos – o Espiritismo. Deixando à razão o entendimento do cotidiano, o Espiritismo só se faz presente ao espírito desarmado de prevenções filosóficas ou sociais. Nesses casos que citamos e em diversos mais, que todos conhecemos, o raciocínio nos leva a armar uma equação, da qual o acaso tem que ser excluído, já que, do contrário, não haveria Justiça Divina, o que é inadmissível. De um lado, o vetor

causador dos acidentes ou das mortes e, do outro, as vítimas. Nesse preciso momento, onde está Deus e Sua Justiça?

Inspirado, fez seu depoimento de fé:

– Presente! Deus está sempre em toda parte. Assim sendo, não havendo efeito sem causa, nem pagamento sem dívida, a reflexão conduz, forçosa e inapelavelmente, à conclusão de que o sofredor está em resgate. E, se o débito não tem histórico terreno, nem registro conhecido, há que tê-los no plano espiritual. Sendo espírito eterno, o homem tem, gravado em si mesmo, na consciência, todos os antecedentes do hoje. Num cantinho oculto desse precioso arquivo estão as anotações do bom e do mau proceder.

Convidou:

– Raciocinemos, se numa vida um inocente é alcançado por uma tragédia, não será lógico que, a bordo da Perfeita Justiça, tal seja quitação de dívida contraída em uma outra parte? Outra parte, quando? Onde?

– Só pode ser no passado, em outra vida – respondeu, usando a lógica. E prosseguiu:

– E por isso mesmo, reflexão sobre reflexão, absorve a criatura a sistemática perfeita da reencarnação, com isso desvendando todos os véus da dúvida. Diante da dor, em vez de se revoltar, capacita-se de que ela é regeneradora, instrutora, sendo invariável fator de evolução, seja em pagamento ou em aprendizado. Jamais, em injustiça. Quem o compreende, passa a sentir, em plenitude, que Deus é Pai de amor.

Finalizando, esclareceu:

– Quanto a Dirce, como não existe falha na Lei de Justiça emanada por Deus – a Sabedoria Suprema –, não lhe será atribuída culpa total: a começar por Antônio, seu marido, que trouxe para o lar o desassossego e a desatenção, primeiro, pelo alcoolismo e segundo, por ele próprio agir infielmente, indo buscar o sexo em outro endereço; a seguir, Laércio, invigilante e irresponsável, tornou-se presa fácil das malhas sexuais que tão largamente estão

lançadas na humanidade, pelos próprios homens, muitos deles desencarnados. Sem qualquer cuidado também, sem qualquer pudor, não se deu conta que sua união com Dirce, os encontros na casa dela, tornaram-no estafeta da desonra. Atribuição essa que desempenhou com a maior naturalidade, como se fosse um simples entregador de pão, leite, jornal ou correspondência – com a diferença fundamental que estes honrados trabalhadores desempenham sua função a benefício do lar.

– E o assassino?

– No tempo certo a própria consciência o conduzirá, primeiro ao remorso e depois ao resgate, de igual sofrimento ao que infligiu, mas sempre redentor.

Dionísio fez longa pausa.

Voltou a convidar os presentes a que colaborassem naquelas reflexões, dirigindo perguntas.

De fato, na mente de vários assistentes ferviam questões transcendentais.

– Venerável instrutor – dirigiu-lhe a palavra um moço –, será que nas desencarnações violentas provocadas por elementos da natureza, ou mesmo por acidentes, ou ainda por crime, há forças celestiais presentes, se bem entendi o que o senhor explanou?

– Nesses casos, nada podemos afirmar, mas apenas conjecturar quanto à interferência sábia de espíritos. Sabemos todos que este assunto é delicado e transcendental, impondo que nenhuma posição ou opinião seja definitiva, mas sim de alto respeito à sabedoria dos Protetores Siderais. Raciocinemos, mas sem adiantar conclusões: dispõem eles da pré-ciência, eis que são os planejadores dos programas reencarnatórios para todos nós, meticulosamente estudados e analisados. Assim, conhecem o futuro, já que, anteriormente à nossa reencarnação, delineiam providências para que a Justiça seja perimetral à ocorrência daquilo que venha a nos acontecer.

A lógica era irretorquível e com absoluta serenidade Dionísio complementou o raciocínio:

– Nesse enfoque, enquadramos todo e qualquer tipo de acidente fatal, excluindo o acaso. Em O Livro dos Espíritos, às questões 525 a 528, Allan Kardec obteve instruções meridianas quanto a desencarnações acidentais, mediante influência de espíritos sobre leis da natureza.

– Respeitável irmão, também gostaria de saber o que impulsiona as pessoas que serão atingidas por tais acontecimentos a se dirigirem aos locais e tempo exato dessas ocorrências. Será que não têm nenhuma premonição, ou ajuda do seu espírito protetor?

– Se tivessem certeza absoluta do futuro, certamente não iriam até esses sítios, nesses momentos precisos; nesse caso, também, a Lei de Justiça não se cumpriria, não é mesmo? Quanto a terem pressentimentos, desde que o homem nasce já é certeza irreversível que terá que desencarnar. Nós, humanos, ainda não vivenciamos essa verdade cristalina. Tempo, contudo, virá em que as desencarnações não passarão de simples viagens transitórias, sem o menor embaraço ou dor. Os espíritos protetores individuais ajudam sim, pois, conhecendo os fatos que devem se desenrolar, ali estão presentes, para recepcionarem àqueles que salvagam.

– Com muito respeito – atalhou uma senhora –, pergunto ao senhor se a salvaguarda não poderia ser física?

– Voltamos ao ponto em que a Justiça, nesse caso, não se cumpriria, pois aquele que provocou graves danos físicos no próximo, como se quitaria perante a consciência? Ademais, nas desencarnações difíceis, como aquelas sobre as quais estamos refletindo, na maioria das vezes, quando inexoráveis, praticamente não causam sofrimentos físicos às vítimas. Jamais nos esqueçamos de que os piores sofrimentos são os do espírito, de ordem moral. Ora, aquele que se quita imediatamente entra em sublime alforria.

– Mas – interrogou tímida, outra mulher – e quanto às pessoas que, sem querer, provocam acidentes fatais?

– A não-intenção lhes será atenuante. Excluído que é o acaso de todas as ocorrências humanas, vejamos um exemplo: quando alguém dispara um tiro a esmo, por simples diversão, e acerta outrem, à distância, o atirador passa a ter responsabilidade sobre os efeitos do seu ato invigilante. De futuro, terá que resgatar essa invigilância, por ter angariado para si o mesmo problema que causou a alguém. Isso é pacífico, quanto à Lei de Justiça. Deve ser consignado, entretanto, que a vítima desse disparo tolo estava em quitação de débito, similar ao sofrimento que dele decorrer. Nesse caso, observa-se que as duas pessoas não se conheciam, sendo provável que não se estabeleçam laços obsessivos entre elas.

– Quando ocorre assassinato, como no caso de Dirce – perguntou outro jovem –, os envolvidos são de alguma forma ligados entre si, em vidas passadas?

– Nem sempre. Pode haver casos de simples desequilíbrio, causado por impulso violento, imoderado. Como sempre, nunca será prudente generalizar. Contudo, nos casos de latrocínio, ou de homicídio, tem sido raro o espírito da vítima perdoar ao assassino. Isso porque essa morte é apenas mais um ato em continuidade à infeliz e geralmente antiga ligação entre ambos; tal ligação entre eles, no caso, não se originou ali, mas sim prossegue em equivocada solução de continuidade. Em outras palavras: a vítima de hoje foi o réu de ontem.

– E como se resolve tão triste quão forte ligação? – indagou o mesmo jovem, insistindo.

– O réu de hoje, com certeza, voltará a ser vítima amanhã, a menos que a evolução espiritual se interponha entre eles, em um ou nos dois espíritos, rompendo a prejudicial conjunção. Temos aí a obsessão com seus difíceis nós, atando duas criaturas; só serão desatados quando o perdão germinar, num ou nos dois, ou, caso contrário, quando compulsoriamente espíritos angélicos intervierem, levando os inimigos à convivência forçada e inexorável. Sob dores intensas, sobrevivendo apenas se um ajudar o outro, não tardarão a desenvolver a ajuda recíproca, antessala da tolerância,

que por sua vez antecede à gratidão. Da gratidão à amizade e desta à fraternidade, um passo.

Concluindo sua exposição, Dionísio agradeceu a todos a carinhosa atenção e se despediu:

– Falamos de Dirce e dos envolvidos no drama que a alcançou. Imploramos ao Pai, neste momento, que o Sol do Seu amor a aqueça. E que ela conduza seus sentimentos na sublimidade do perdão, de que nos diz o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que seja coberta a multidão de pecados, não apenas dela, mas também dos que com ela rentearam suas vidas.

No mesmo instante Dirce, acabrunhada e mergulhada numa grande depressão, como que acordando de um longo pesadelo, sentiu pulsar uma energia em todo o ser. O sol incidia bem sobre sua cabeça. Sem entusiasmo ou mesmo vontade para qualquer atividade, vinha passando a maior parte do tempo em profunda nostalgia, dormindo quase que ininterruptamente. Despertou da apatia e sentiu o sol entrando generosamente no aposento a que estava recolhida e viu, sobre o criado mudo, um livro. Pegou-o: era um exemplar de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Abriu-o ao acaso. Era a lição do Cap. X – Reconciliar-se com os adversários.

Sentiu um impulso irresistível de “melhorar de vida”, começando a alimentar, embora debilmente, a ideia de perdoar aquele que tirara sua vida.

O diretor da colônia proferiu sentida prece:

– Senhor Jesus! Se o Sol, por vinte e quatro horas perturbaria ou mesmo inviabilizaria a vida material, ilumine, Senhor, o outro sol de cada um de nós – o espírito. Mesmo com nossos limites, ajude-nos, oh! Manso Pastor, a estarmos em tempo integral gerando claridade evangélica para iluminar e aquecer o próximo. Sabemos, Amado Mestre, que desse procedimento, em retorno, nós próprios alcançaremos a autoclaridade, comumente denominada felicidade. Então, em paz, viveremos todos a paz da Eternidade. Obrigado, bom amigo!

## PERDA NA VITÓRIA

**E**lpídio vinha tendo graves crises nervosas. Mara, mesmo antes do divórcio, já o abandonara e havia se unido ao doutor Fabrício, o advogado que, aliás, cuidou de todo o processo da separação legal.

Tiara tinha se mudado para a casa dos avós, que a receberam com grande afeto.

A solidão familiar que ele próprio carregava para seu viver era o maior tormento de Elpídio que, cada vez mais intolerante, maltratava as empregadas domésticas: a cozinheira e a que cuidava da arrumação e limpeza.

– Chamem um táxi – ordenava às mulheres quando queria sair, geralmente para ir ao armazém ou ao Banco verificar suas finanças.

– Sou um inútil – respondia lamuriando-se, ao recusar convites dos conhecidos para visitá-los.

– Amigos são para as horas felizes – queixava-se outras vezes para quem lhe prestava serviços avulsos de motorista, quando queria ir à Morro das Vinhas.

Retraiu-se da sociedade, por completo, extremamente humilhado por ter sido abandonado pela esposa e pela filha, além de não ter o respeito do filho.

– Já nem consigo dormir direito – queixava-se a arrumadeira –, com as crises nervosas do senhor Elpídio. O pior é que são mais graves nas madrugadas, obrigando-me a socorrê-lo. E eu não ganho para ser enfermeira.

– Estou notando que você vive apavorada. Fique sabendo que eu também – confidenciou a cozinheira.

– Pois é, se dentro da noite, como diz você, a qualquer momento o patrão acorda com gritos horríveis, já durante o dia também está tendo tremores, ataques.

– O que me dá medo é que quando inicia a crise, à noite, corro para atendê-lo. Encontro-o em estertores no leito, possesso, com o lençol revirado, travesseiro jogado longe, rilhando os dentes e respondendo a alguém invisível. Sinto que esse ente que vem perturbar o patrão só pode ser do mal, tal a violência do que ele grita.

– E o que é que ele diz?

“Saia daqui! Saia daqui, criatura horrorosa! Não lhe devo nada! Já paguei! Além disso, a criança era e é do meu sangue e nenhum pai precisa pagar para ter o filho nos braços, tolo fui em contratá-la.”

– E o que você pensa disso?

– Não penso nada. Ele afunda a cabeça no colchão e logo volta a bradar:

“Vou matar você outra vez. Como? Você vai trazer aquela infeliz para ajudá-la a me atormentar? Vou matá-las outra vez.”

– Estou decidida – disse a cozinheira –, vou pedir demissão.

– Eu também. Aqui não fico nem mais um dia.

De uma hora para outra Elpídio viu-se só.

Deslocando-se precariamente na cadeira de rodas, não teve como continuar na casa, tendo que se transferir para um *flat* (apartamento com infraestrutura completa de hospedagem).

– O senhor nos honra com sua presença em nossas humildes instalações – disse-lhe o gerente, respeitoso –, mas infelizmente terá que se mudar.

E assim ali também não conseguiu ficar por muito tempo, pois as crises, em recidiva, passaram a atormentá-lo ainda mais, além de representar insuportável quebra da tranquilidade dos demais residentes.

A administração do *flat* discretamente convocou Mara, anunciando-lhe:

– Lamentamos, mas seu ex-marido não pode mais continuar aqui; solicitamos que providencie a imediata retirada dele, pois há queixas dos outros hóspedes, considerando o senhor Elpídio indesejável inquilino.

– E os senhores não podem removê-lo?

– Tememos eventual recusa ou perturbação por parte dele.

Teríamos que chamar a polícia.

– Mas, afinal, o que de tão grave ele fez?

– Perturbação geral: acorda aos gritos.

– Que gritos?

– Não sei, não sei, diz que já pagou pela criança, que vai matar as duas, outra vez... quando o acordamos, nega-se peremptoriamente a qualquer comentário.

Mara internou Elpídio numa clínica particular, sob argumento de refazimento.

– Solicito – disse em particular ao médico diretor da clínica – que submeta meu ex-marido a exames psiquiátricos, comprobatórios de sua incapacidade temporária.

Mara, a contragosto, teve que aguardar o laudo que a clínica expediria. Saindo dali, não perdeu tempo. Desconfiada de algo, procurou as duas ex-empregadas e inquirindo-as com desusada energia inteirou-se do motivo da demissão voluntária de ambas, confirmando as mesmas frases, nas crises de Elpídio.

Formando um quadro geral da situação do ex-marido, Mara orientou Fabrício:

– Reúna os depoimentos das ex-empregadas e dos responsáveis e atendentes do *flat*. De posse dessas declarações, daremos entrada em juízo de um requerimento, solicitando intervenção judicial nos bens patrimoniais de Elpídio, até que ele volte a ser considerado apto para geri-los.

E assim foi feito. Só que o juiz arbitrou em trinta dias para a sentença, no processo em que Mara postulava a gestão dos bens da família, pensando na herança que de qualquer forma só poderia ser de Tiara.

– Sabe, Mara – disse Fabrício –, estou intrigado com o teor das frases que Elpídio pronunciava quando atacado. Suspeito que existe alguma coisa sombria no passado dele. Mas o quê? Como provar?

– O advogado é você. Descubra e me diga!

Todas as tentativas que Fabrício fez sempre acabaram sem qualquer dado concreto que servisse para alicerçar investigações mais profundas.

– Vim dizer adeus, pois retornarei para minha cidade natal – disse a arrumadeira, que foi até a Morro das Vinhas despedir-se de algumas amigas.

Ao sair de uma das casas, encontrou-se com o senhor Zito, que estava fazendo uma entrega de mantimentos.

– Vou-me embora, senhor Zito. Não aguentei mais trabalhar para o senhor Elpídio. As crises dele tornaram insuportável viver naquela casa... tanto que nem no hotel ele pode ficar e agora está numa clínica de loucos.

– O que ele dizia nas crises?

– Ele repetia as frases: não devo nada a você. O filho era e é meu. Tem sangue do meu sangue. Vou matar você outra vez.

Não foi difícil a Zito deduzir que Elpídio estava sendo submetido a um processo de obsessão, vindo da parte de algum espírito desencarnado, que o odiava.

Zito ficou preocupadíssimo: captou, intuitivamente, que ele, Zito, era partícipe indireto de tudo aquilo.

Orou a Jesus e pediu inspiração do que deveria fazer. Por três dias ficou atormentado, só pensando naquela distante noite em que ele e Quinzim haviam buscado um recém-nascido – Jan –, que foi entregue ao senhor Elpídio. Então o senhor Elpídio houvera contratado alguém para sequestrar o bebê; seria Dirce? Ela não era a mãe da criança, pois estava em adiantada gravidez. Redobrou orações e imaginou dezenas de maneiras de esclarecer aquele mistério. Todos os indicativos de solução apontavam numa única direção: Elpídio.

Mas como abordá-lo? Qual seria sua reação? Como justificar um interrogatório a Elpídio sobre tema tão lancinante, cujas respostas poderiam desencadear reações imprevisíveis em vários dos envolvidos?

Sabia que Elpídio estava sofrendo e, como tal, era seu dever, dever cristão, ajudá-lo. Mas como?

Orou a Jesus, pedindo uma orientação.

Em sua mente surgiu uma certeza: se quisesse ajudar o fazendeiro, teria que se aproximar dele.

E foi o que fez. Elpídio, abalado e solitário, na clínica, aceitou a presença do vendeiro, que passou a visitá-lo diariamente.

– Não sei se o senhor acredita no Espiritismo, mas sei que acredita em Deus e Jesus.

– Mas sem dúvida! Você quer me dizer algo?

– Sim, quero. Sou espírita e sei que em situações difíceis como a que o senhor vem vivendo é sempre bom se voltar para Deus, em preces.

– É, orar nunca fez mal a ninguém.

– Mais que isso, só faz bem. E tomar passes só ajuda também. Se o senhor aceitar, posso aplicar-lhe passe, quando venho aqui. Para fazer efeito, só há necessidade de que a fé esteja em seu coração.

– Claro que aceito, Zito. Ando mesmo tão perturbado que desconfio que tem alma do outro mundo me perseguindo. Sabe de uma coisa? Fiquei sabendo que um peão viu uma delas, aticando o meu cavalo Cristal, quando caí.

E assim, Elpídio começou a tomar passes. Melhorou. Teve alta, com diagnóstico de curado. Mara enfezou-se, mas nada pôde fazer.

Zito continuou frequentando a casa de Elpídio, que agora já não mais apresentava as crises, pois ali foi implantado um salutar hábito, nunca antes lembrado pelo dono: orar! Assim, aquele atribulado ambiente passou a beneficiar-se de benesses espirituais, decorrentes do Culto do Evangelho no Lar – reunião para estudos do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguida de preces.

– Sabe, Zito, você sugeriu o Evangelho no Lar uma vez por semana, mas acho que aqui em casa tem que ser realizado todo dia.

– Louvado seja Deus!

Não foi difícil conseguir nova cozinheira-arrumadeira, que não precisava passar a noite na casa, pois Elpídio já não mais apresentava as crises.

Tiara, nos verdes anos da sua juventude, viu o mundo tornar-se cruel para ela: no lar, os pais desentenderam-se e se separaram com divórcio, em clima de ódio, como, aliás, na maioria dessas ocorrências.

Elpídio, o pai que até então a abençoava todos os dias, virara-lhe as costas, tornando-se rude e praticamente a expulsando do lar, manifestamente a repudiando.

A mãe, tão logo se divorciou, uniu-se ao advogado, passando a viver com ele, não havendo espaço para ela, pois, além de não aceitar o fato, o homem causava-lhe má impressão.

Junto às suas colegas de escola tornou-se alvo de olhares furtivos, ávidos de intrigas e condenações. Prova de que Deus não desampara ninguém, foi carinhosamente acolhida pelos avós, também contrários à atitude de Mara.

Contudo, somente não sucumbiu em depressão porque no meio daquele pântano existencial, exposto sem qualquer respeito por Elpídio e Mara nas intermináveis discussões, surgiu um lírio: o amor de Jan.

De longe, esse amor compensou todas aquelas perdas.

O sentimento que nutria por Jan, igual ao que dele recebia pelo drama que ambos vivenciavam, superou a dolorida ferida que o desmonte familiar causou no seu coração.

– Agradeço a Deus ter vindo morar com vocês – disse carinhosa aos avós –, pois sempre desconfiei de quem é espírita. Sabia que vocês eram espíritas, mas só agora, convivendo e vendo como procedem, sei que estava enganada. Se não há ninguém

perfeito, pelo menos vejo os espíritas fazendo força para evoluírem moralmente.

– Minha Tiara – disse-lhe a avó –, as bênçãos do Evangelho de Jesus são a base do Espiritismo, essa Doutrina Consoladora, toda ela um hino de louvor a Deus.

Dispondo de biblioteca naquela casa, na qual preponderavam os livros espíritas, não houve dificuldade para Tiara ler e comentar com os avós as cinco obras básicas do Espiritismo, de autoria de Allan Kardec. Interessada em entender os fenômenos que desde criança presenciava, além de outros que ouvia de várias pessoas, principalmente lá da Fazenda Morro das Vinhas, dedicou-se a estudar a mediunidade detalhadamente.

– Menina Tiara – disse-lhe o presidente do centro espírita que frequentava –, há pouco você completou dezoito anos e, se quiser, poderá ser matriculada no nosso curso de passes.

– Oh! Que bom presente! Graças a Deus! E o que preciso trazer para o curso?

– Vivência da moral cristã: boa-vontade e amor ao próximo. Para uma pessoa ser passista, sendo médium ou não, o fundamental é o reto proceder e o desprendimento na doação de amor; amor esse que, por seu intermédio, promove para o paciente a transferência de energias – suas (magnéticas), ou acrescidas das espirituais (dos espíritos protetores).

– Preciso estudar biologia?

– Será sempre muito útil deter conhecimentos biológicos, para que, quando for o caso, por meio do passe, possa dirigir suas energias magnéticas e as espirituais, vindas da Espiritualidade por seu intermédio, para a região orgânica afetada.

Advertiu-lhe o presidente do centro:

– Não se esqueça de que o passista precisa ter saúde e conduta irrepreensível. Você estudará, em detalhes, algumas das propriedades e a estrutura do perispírito, onde se localizam os centros vitais.

Em um mês de criteriosos estudos, Tiara foi considerada apta a transmitir passes, o que muito a alegrou.

Clóvis, o anjo guardião de Jan, embora se esforçasse em fortalecê-lo moralmente, não conseguia. Humilde, fazia Jan ver Antero e não ele, nos auxílios espirituais, pois Antero, sempre que podia, aproximava-se de Jan para visitá-lo, nisso comprazendo-se.

– Clóvis, espero que você me perdoe, mas gosto muito do Jan e pedi ao Instrutor Dionísio permissão para, de vez em quando, vir visitar o Jan.

– Ótimo, Antero. Sua presença sempre me alegra. Nosso jovem, de forma imperceptível, deixou que se instalasse na alma um processo de autodestruição, face aos tormentos que o atingiram. Não teve a mesma estrutura moral de Tiara para superar o choque de ver, repentinamente, seu reduzido núcleo familiar perder sustentação – pai biológico que o renegou e mãe que desconhece, imaginando que talvez já esteja morta.

– Tenho imensa pena de todos. Reflito que desde que o pai adotivo, após ser acusado de assassinato, foi internado como doente mental, grandes laços do passado começaram a apertar aquela família e a do meu filho Elpídio.

– Como elemento complicador, Laércio divorciou-se de Rufina, desalentando mais ainda o Jan, que já estava apático ante a impossibilidade de descobrir o mistério da sua vida – quem era sua mãe. Essa apatia refletiu em todas suas atividades, a ponto de colocar em risco não só o rendimento escolar como também o próprio sustento. Começou a chegar atrasado e volta e meia a faltar nos compromissos assumidos na divulgação dos produtos com a marca Morro das Vinhas.

– Nisso, pelo menos, meu filho Elpídio vem se mostrando tolerante, pois, além de não desfazer o contrato de garoto-propaganda, ainda contorna as dificuldades criadas por Jan nesse exercício profissional.

– Sim, mas acontece que a empresa produtora do material de propaganda, contudo, vendo ultrapassado o limite do suportável ante a displicência de Jan, ameaçou-o com dispensa.

– Se puder ajudar.

– Muito obrigado. Suas preces estão ajudando!

– Estou em vias de perder o emprego de garoto-propaganda – contou Jan a Tiara, num encontro à noite.

Jan estava semiembriagado.

A jovem captou o péssimo astral do namorado e não saberia explicar uma vaga sensação de perigo, rondando-a.

Como a desconfortável sensação fosse aumentando, sem que nada o justificasse, elevou o pensamento a Deus e pediu que seu anjo da guarda a amparasse e a Jan.

Mal acabara de mentalmente fazer a prece, Jan teve um espasmo. Tiara acudiu-o, amparando-o no desconforto da inevitável regurgitação que irrompeu, abrupta. Alisava-lhe a fronte, em delicados gestos, mantendo o pensamento firme em Jesus. Estava dando um passe em Jan.

Contudo, é sabido pelos espíritas que, se uma pessoa de forma consciente ou inconsciente se recusa aos benefícios do passe, não os receberá. Jan, no caso, estava em total bloqueio a essa ajuda.

Em parte, por causa das angústias que o assaltavam, tornara-se invigilante, atraindo espíritos desencarnados, fixados em problemáticas filiais quais as dele.

Três deles, que haviam desencarnado ainda jovens por envolvimento com bebidas e tóxicos, acercaram-se de Jan que lhes deu guarida mental.

Diziam-lhe os espíritos:

– Aproveite, seu bobo, ela gosta de você e não vai resistir. Ação, ação! Você é um homem ou é um boneco?

Outro incentivava:

– Olha como ela está pedindo emoções. Vamos lá, que ela seja sua! Agora, agora!

Jan, no torpor dos efeitos da bebida e nos descontraídos pensamentos sobre sua vida, acatou as sugestões espirituais obsessivas.

Nós também – prossequiam os espíritos infelizes – fomos desprezados por nossos pais e fomos pelo mundo buscar prazeres para compensar essa maldade deles; você é vítima como nós. Aproveite a vida. E a vida é sexo!

Sem que Tiara pudesse defender-se, agarrou-a de repente e acariciou-a de maneira como nunca fizera.

Ante o inesperado impacto sensual, Tiara permitiu a atitude, até porque também nela vibravam as cordas sensíveis do impulso sexual.

– Vamos num motel que conheço – propôs Jan, ofegante e com os olhos dilatados.

Tiara despertou do devaneio a que se entregara:

– Que é isso, meu amor? Nem parece que é você que está falando uma coisa dessas.

Jan, entrando em faixa perigosa de comportamento, quando a força bruta se sobrepõe à razão esmagando o respeito, não aceitou a recusa. Valendo-se da força física, subjugou-a, nisso sendo grosseiro e insensível à dor que causava para imobilizar-lhe os movimentos.

Os espíritos que o induziam àquilo, dando-lhe assessoria eficiente, conquanto equivocada, estavam, eles próprios, empolgadíssimos, ansiosos pela porção de sensações eróticas que logo iriam ser repartidas:

– É isso aí, amigo. Subjugue-a e aproveite.

Nenhum ato violento se processa na Terra sem coadjuvantes invisíveis, isso porque a humanidade já chegou num ponto em que não há espírito solitário, encarnado ou desencarnado. Todos, na verdade, temos um passado de existências, nas quais fomos nos acoplando a incontáveis outros espíritos; essa ligação, mesmo que estejamos separados pelo tempo, espaço, ou plano de vida – material ou espiritual –, nem por isso se rompe. Mesmo quando tal

ligação não influencie nossos atos, num ou outro acontecimento, há também que ser considerado que os habitantes do plano espiritual são em muito maior número do que o dos encarnados. Eis porque, quando sintonizamos o bem ou o mal, necessariamente atraímos companhias espirituais afins, conhecidas ou não.

Jan, estando prestes a consumir o ato indigno, alucinado de desejo, começou a rasgar as vestes da jovem.

Tiara debatia-se em desespero. Jesus. Lembrou-se de Jesus!

Invisível a olhos humanos, de um ponto indefinido das alturas desceu um filete luminoso que se introjetou no cérebro da moça, iluminando-lhe a glândula pineal.

Demonstram os estudos espíritas que essa glândula é uma verdadeira antena receptora das emanções espirituais. Então: no mesmo instante, Tiara recordou-se de um retrato que jamais saíra da parede da sala da casa sede da Morro das Vinhas: do coronel Antero.

Pensou nele. Implorou-lhe socorro.

Sucedeu, ato contínuo, algo de indefinível amplitude: o coronel Antero surgiu do nada e com o olhar – apenas com o olhar – repreendeu Jan, que dessa vez o viu. Tudo, em menos de um segundo, pois logo a visão desapareceu.

A Jan foi impossível prosseguir naquela torpeza.

Seu corpo de repente alterou-se, sem que ele pudesse evitar; das atitudes grosseiras que a sensualidade comandava passou às convulsões.

A repentina e fantástica aparição do coronel Antero causou-lhe tremendo choque, desestruturando por completo o equilíbrio das funções cerebrais, sendo expulsa do físico a luxúria que até então o envolvia.

As entidades do plano espiritual que se imantaram a ele, igualmente se ressentiram de forte descontrole, sendo arremessadas para longe, sem que pudessem explicar o que estava acontecendo.

A crise epiléptica sobreveio, candente.

Horas mais tarde, Jan despertou no pronto-socorro, tendo apenas Rufina ao seu lado:

– Meu filho, meu filho, o que você andou fazendo?

– Mãe, como vim parar aqui?

– Tiara providenciou o atendimento para você e logo após se retirou; estava com as roupas rasgadas e disse que foi por causa do seu desmaio, outra crise, contou que você se agarrou a ela, ao iniciar-se a crise, na tentativa de evitar queda.

– Foi isso mesmo? – perguntou aflita, denotando não ter acreditado na versão de Tiara.

A resposta de Jan foi uma silenciosa lágrima.

Por três meses, fracassaram todas as tentativas de Jan de reconciliação. Tiara não quis mais vê-lo.

Jan, que já havia perdido o gosto pelas competições, perdeu também a noção de responsabilidade. Estava enfasiado com aquela vida de campeonatos, que nunca terminava, sempre com novas disputas, novos desafios e novos campeões. Tiara tinha razão. Tiara...

– Mãe – desabafou –, preciso desesperadamente da Tiara. Minha alma está cheia de angústia e, paradoxalmente, com um enorme vazio.

– Esse, meu filho, é o resultado de ter vivido naquele mundo de glória, fama, orgulho, vaidade, medalhas, pódio e dinheiro. Graças a Deus que agora reflete o quão inexorável é o mundo das competições, no qual jamais um atleta se perpetuou, pois sempre surge alguém mais capaz.

– Não acredito, a senhora também andou lendo tratados de Psicologia sobre competições?!

– Não, não li. Telefonei para Tiara, desde que você tomou a decisão drástica de, no auge da fama e da capacidade atlética, abandonar o atletismo por completo. Ela ficou feliz e apreensiva, pois disse que os líderes, ou os campeões, não vivenciando no seu cotidiano nenhuma atividade glorificadora, são presa fácil da depressão.

– Ela falou isso?

– Falou. E a vida ensinou-me que na fase perigosa da juventude, na qual o vigor e o entusiasmo físico suplantam a razão, o sexo deve ser encarado com o máximo de responsabilidade.

– Infelizmente, quando eu era admirado pela maioria das colegas e pretendido como namorado por muitas delas, zombei de todas, só por vaidade.

– Além da fama, outro problema que você teve foi dispor de dinheiro e total liberdade; uma das primeiras coisas erradas que fez foi negligenciar os estudos.

– Reconheço hoje que o mais grave, porém, foi entregar-me a paixões rápidas e irresponsáveis, mantendo relacionamento com quantas jovens me quisessem – e eram muitas.

– Não admira que a Tiara não o queira mais.

Sem reação moral, desmotivado quanto aos esportes, aos estudos, ao trabalho e à própria vida, Jan tornou-se alvo indefeso de espíritos infelizes; não tardou para que desencarnados, vagueando pelas sombras do plano espiritual – região que comumente é conhecida pelos espíritas como umbral –, se atraíssem por aquele jovem cheio de vigor, mas vazio de ideais.

– Meu filho – repreendeu-lhe Rufina –, a lei da atração é infalível. Semelhante atrai semelhante, não importando tempo, dimensão ou espaço. Tenho a impressão de que seu protetor espiritual, por mais que tente, não consegue sequer se aproximar de você.

Tinha razão Rufina. Espíritos infelizes facilmente a ele se associaram em triste simbiose psíquica, trazendo também eles os pensamentos fixados em nada, ou melhor, nos traíçoeiros derivados da vida:

“Vamos usufruir prazeres, mesmo que à custa de algumas tristezas e angústias dos outros. Não guarde sentimentos de frustração com a Tiara.”

Lembrando-se de Tiara, por ser uma das poucas vezes em que não alcançara vitória, mas sim humilhante derrota, e induzido pelos

desencarnados, abafou no peito o amor que um dia sentira por ela, segundo raciocinava.

Vivendo mais na noite do que no período em que o trabalho o convocava, em pouco tempo não mais reunia condições de cumprir seus compromissos profissionais.

Preocupado, Antero procurou o Espírito Clóvis e perguntou como estavam as coisas com Jan.

– Num instante de grave decisão. Entregou-se à vida noturna.

– Bem sabemos que a vida noturna é qual um perigoso veículo coletivo em movimento, cujo combustível é fornecido pela invigilância, pois o motorista – a irresponsabilidade – tem vendas nos olhos da moral. Os passageiros – os frequentadores – embarcam com destino ao prazer, ou buscando abafar problemas, ou apenas deslumbrados. A bordo, são servidas bebidas alcoólicas, tóxicos e sexo, na bandeja da insensatez. Nas madrugadas, sob o império das sensações desvairadas, ninguém toma leite ou come frutas.

– Jan tornou-se passageiro assíduo e pontual dessas viagens. Bebe muito. Aprendeu a fumar. Há pouco, experimentou um cigarro de maconha.

Clóvis assessorado por Antero, agindo em benefício de Jan, resultante de mérito alcançado em vidas anteriores e nos tempos de trabalho honesto, mesmo que poucos naquela jornada terrena, causou-lhe uma providencial reação alérgica à maconha. Jan insistiu, mas sentiu-se muito mal, pelo que não houve como prosseguir no vício.

– Por algum tempo poderemos evitar o vício, produzindo-lhe espasmos, de forma controlada de defesa.

Jan, porém, insistindo na má conduta, acabou por afastar a sublime proteção. Não tardou e junto dele gravitavam espíritos sequiosos que, com facilidade, passaram a usá-lo como intermediário de sensações grosseiras – alcoolismo, culminando em sexo desvairado.

Jan passava os dias inteiros em casa, sem sair.

Em poucos meses, as crises epilépticas entraram em recidivas próximas. Sua mãe, preocupada com esse estado de coisas, procurou auxílio no centro espírita:

– Traga seu filho para receber passes e assistir palestras doutrinárias – aconselhou um recepcionista.

Tendo Jan se negado a acatar, sua mãe, desesperada, chegou a implorar-lhe. Não foi atendida.

Jan estava sozinho em casa quando Elpídio chegou, auxiliado pelo motorista, pedindo um minuto para conversarem. Rufina tinha ido fazer compras na feira.

Elpídio, vivendo ele mesmo um inferno particular, há alguns anos já preso à cadeira de rodas e pela solidão que o cercava, quando tomou conhecimento dos deslizes de Jan, viu nisso uma oportunidade de chantageá-lo emocionalmente.

Frente a frente, os dois olhavam-se tensos, imóveis, calados. Há muito tempo não se viam. Elpídio demonstrava o quanto sofria e como seu corpo sofrera o devastador efeito da vida que levava, cujos frutos já começara a colher...

No peito, uma imensa contrariedade ante a indiferença do filho, atitude que jamais alguém ousara.

Em Jan, revolta e desprezo por aquele que se negara a dar-lhe o próprio nome, arrependido ou talvez envergonhado de lhe ter dado a vida.

– Meu filho, não me deseje mal.

– O senhor está em duplo engano: nem sou seu filho, nem lhe desejo mal.

– Você acha que mereço sua indiferença? Há anos não me visita nem vem me ver.

– O que o senhor esperava? Que eu me atirasse em sua direção aos beijos?

– Pelo menos, um pouco mais de consideração.

– O que o senhor quer de mim? Por que veio aqui?

– O pessoal quer despedi-lo. Isso só não foi feito porque eu disse que viria conversar com você. Diga-me, Jan, o que está acontecendo com você?

– Não tenho satisfações a lhe dar.

– Não se esqueça que depende de mim o seu emprego no armazém, onde você nem comparece; também sou eu que banco seu emprego nas campanhas publicitárias; a você, apenas, compete não faltar nos estúdios; quanto às competições, sou eu quem paga os prêmios, ou melhor, pagava, pois parece que você já nem mais corre.

– Para o inferno, com tudo isso!

– E sua mãe?

A pergunta, curta, era direta e cruel. Pelo brilho de maldade em Elpídio, Jan percebeu, de pronto, que estava pondo em risco o conforto de sua mãe adotiva, pois intuiu que ele se referia a Rufina.

Refreou, por isso, a agressividade.

Seu silêncio foi a resposta. Elpídio completou:

– Você está jogando fora todo o seu futuro na escola, no trabalho, na família...

– Não me fale em família! – explodiu Jan, com amargor no olhar, do que se valeu Elpídio, apelando:

– Um dia, talvez, você venha a saber quem é sua mãe, e nesse dia, vai se arrepender de tudo o que está fazendo comigo.

– Então – disse Jan, incisivo –, por que o senhor não me diz agora quem era a infeliz mulher que certamente foi enganada pelo senhor e depois abandonada quando me deu à luz?

Os olhos de Elpídio ficaram mudos, cristalizados num ponto aleatório, como se ele tivesse retornado a um passado de emoções desencontradas, de sonhos e pesadelos, de alegrias e tristezas.

Retornou ao presente, desconversando:

– Se você continuar faltando nos compromissos, mesmo a contragosto não poderei mantê-lo como nosso garoto-propaganda.

Jan considerou que ali a entrevista se encerrava.

Saiu sem se despedir, como em todas as vezes que estivera com aquele homem que o gerara, mas ao qual não conseguia dedicar o mínimo sentimento de afeição.

Na mente, decidiu que jamais voltaria a se encontrar com Elpídio, pois, a cada aproximação, ou à simples menção do seu nome, mais tumultuavam seus pensamentos.

Passou o resto do dia bebendo em bares.

De ordem de Elpídio, seu salário no armazém foi cancelado e na firma de propaganda reduzido.

Não demorou e Jan começou a vender seus pertences: aparelho de som, telefone celular, moto, e finalmente o carro. Faltando aos compromissos e como essa situação já caminhava para a perpetuidade, tanto os profissionais de marketing que lidavam com sua imagem, quanto os patrocinadores – dos produtos Morro das Vinhas – rescindiriam o contrato com ele.

Além de interromper o salário, a rescisão ainda culminou com pesada multa contratual que Jan não teve como pagar.

– Meu filho precisa de uma boa lição – disse Elpídio a Zito –, e já que ele me rejeita deixarei que a cobrança judicial caminhe até o último instante. Na audiência final, quando será prolatada sentença, certamente prisional, instruirei os advogados para conciliarem.

E assim aconteceu. Jan teve que assinar um termo de responsabilidade, pelo qual pagaria seu débito em um ano de trabalho na Fazenda Morro das Vinhas.

Lá, teria o cargo de auxiliar de capataz.

– Sua intenção foi boa – disse Zito a Elpídio –, com essa medida seu filho sairá das perigosas companhias em que está envolvido, deixará a vida noturna e com isso cessarão os problemas que vem causando para o senhor.

Por várias vezes, nos últimos meses, a polícia tinha procurado Elpídio, pois havia conduzido à Delegacia o campeão de corridas, embriagado, por promover arruaças nas madrugadas; nessas

oportunidades, Elpídio livrava Jan de maiores complicações, ao assumir a responsabilidade pela soltura.

– É isso mesmo – retrucou Elpídio –, mesmo Jan se afastando da escola, por um ano, isso não o prejudicará, pois já perdeu tantos meses de aula que seu curso já está mesmo interrompido.

O juiz sentenciou, de comum acordo com as partes, mas alertou a Jan que, se descumprisse qualquer das cláusulas, a Justiça lhe seria enérgica.

Dentro de uma semana deveria pôr em ordem sua situação na cidade e apresentar-se na Morro das Vinhas, pronto para iniciar o pagamento do débito: trabalhar.

Naquela noite, embriagado, Jan provocou um acidente, no qual ele foi o abalroador de um carro parado. Conduzido ao pronto-socorro e de lá ao distrito policial, teve que permanecer detido até que passasse a bebedeira, pois dessa vez Elpídio, embora consultado, não se responsabilizou por ele.

Nos documentos de Jan a polícia encontrou o nome e telefone de Tiara, que foi convidada, na manhã seguinte, a comparecer à delegacia e ajudar o jovem que dissera ser seu namorado. Tiara pediu ajuda a Valdomiro:

- Não quero ir sozinha lá no distrito policial.
- Faz bem, Tiara. Irei com você, com todo o prazer.

Os dois tiraram Jan da cela e conduziram-no ao lar, ainda zozzo, tanto pela pancada na cabeça, quanto pela semi-embriaguez.

Naquela tarde, quando passou o efeito da bebedeira, Rufina contou ao filho:

– Graças a Tiara e a Valdomiro você foi solto. Se não fosse por eles, talvez ainda estaria na cadeia.

Jan simplesmente não se lembrava de nada.

Mal se viu em melhores condições, começou a beber novamente antes da noite começar.

Foi sem a menor dificuldade que espíritos infelizes o induziram a um outro tipo de tóxico: experimente algo melhor, mais forte...

Desguarnecidas suas defesas morais, deixou-se convencer. Sabia onde havia um ponto de venda de tóxicos. Foi até lá e comprou uma dose de cocaína. Foi até um bar com música ao vivo, muito frequentado e à vista de vários outros fregueses dissolveu o pó em bebida alcoólica, ingerindo a mistura. O efeito foi devastador: surgindo do nada, passou a ver luzes intensas piscando freneticamente, com cores fortíssimas, além de um calor insuportável que passou a percorrer-lhe o corpo todo, em altíssima velocidade; após se deslocar pelos vários órgãos, esse calor estacionou na região genésica.

Extraindo fluidos negativos altamente potencializados da promiscuidade reinante naquele ambiente, os espíritos que haviam induzido Jan colaram ao seu ouvido e diziam, em som sensual:

– Ela é sua, ela é sua, ela é sua.

Embora nenhum nome fosse dito, pensou em Tiara.

Aquela era a segunda vez que de dentro de sua cabeça ouvia vozes incentivando-o a possuí-la.

Nem sabendo o que fazia, existindo um único pensamento em sua mente, Jan deixou o bar e foi à casa de Tiara. A hora era totalmente imprópria, mas Jan não tinha noção do tempo; nele, o sangue quase fervia em completa desestruturação pelo fortíssimo erotismo que o dominava, por ação deletéria dos desencarnados.

Inconveniente ao extremo, sem disso se dar conta, Jan, à porta de Tiara, era uma ridícula figura, tocando a campainha com feroz insistência.

Tiara e os avós atenderam, assustados.

Identificando-o, Tiara no mesmo instante implorou a Jesus que ajudasse aquele pobre moço, que também não sabia o que estava fazendo.

A alusão ao derradeiro momento do Mestre Jesus como encarnado no planeta Terra, conquanto há tantos séculos, reverberou na Espiritualidade, resultando ali em fecundo esplendor. Tiara emitira esse pensamento com amor e piedade ao ver o estado de Jan. Sua alma feminina não a enganou, captando que o jovem

à sua porta não era naquele momento o mesmo que trazia no coração. Intuiu, de imediato, que ele estava sob efeito de tóxicos, e certamente com amigos invisíveis.

Ao ver Tiara, Jan foi envolvido por um sublime feixe de luz que saía do peito da jovem em sua direção.

Foi terrível o choque entre o amor puro e a paixão sensual, o equilíbrio e a intemperança, a pureza e a devassidão: Jan despertou.

– O que faço aqui?!

Deu-se conta, súbito, que era alta madrugada.

O fulgor negativo no físico, causando a volúpia incontida na libido, em entrecchoque com os doces sentimentos que Tiara lhe endereçava, provocou-lhe inevitável crise epiléptica.

Dessa vez, grave.

No quarto de Jan havia dezenas e dezenas de taças e medalhas por incontáveis vitórias.

Não existem símbolos para as derrotas, pois, se houvesse, Jan também faria jus a vários, pelas perdas que acumulou: a namorada; o gosto pelos estudos; o emprego; o respeito dos colegas.

A mais grave perda: as bênçãos sublimes que o amor dispensa, pois as trocara pelos fugidios prazeres das noites indormidas e do venenoso fulgor dos tóxicos.

Perdera o amor-próprio.

## RECOMEÇAR

– Mãe, mãe, pelo amor de Deus, o que estão fazendo comigo?  
– Como vim parar aqui? Senhor Zito...

Rufina e Zito estavam ao seu lado quando Jan despertou parcialmente no hospital horas mais tarde, sem se lembrar de nada do que acontecera na casa dos avós de Tiara. Estavam sendo-lhe aplicados medicamentos antiepilépticos, via intravenosa, pela gravidade da crise.

– Descanse, meu filho, nós estamos cuidando de você, pois teve uma crise daquelas.

Um tanto sedado ainda, por ação dos remédios que lhe foram ministrados, teve dificuldade para compreender o que fazia ali. Estava assustado. Havia mais pessoas no quarto: dois médicos, além de uma enfermeira.

Vendo-o despertar, os médicos começaram a conversar com ele, fazendo várias perguntas, todas relativas àquelas crises: periodicidade, intensidade, duração, efeitos subsequentes e muitos outros detalhes.

Rufina já havia respondido às mesmas perguntas, mas os médicos quiseram confirmar as respostas.

– Já fizemos um primeiro exame eletroencefalográfico – informou um dos médicos.

– Enquanto aguardamos parecer da junta de neurologistas – completou o outro médico –, amanhã faremos uma tomografia computadorizada do crânio. O diagnóstico neurológico completo será relatado 48 horas após.

Depois da tomografia Jan foi mantido sob efeito de calmantes, ficando desperto apenas em alguns intervalos para higiene e alimentação.

Rufina decidiu ficar o tempo todo com o filho. Zito, voluntariamente, permaneceu também todo esse período junto dele, revezando cuidados e atenção.

Por três vezes ao dia o neurologista responsável pelo caso de Jan vinha vê-lo. O acompanhamento encefalográfico foi constante nesse período.

– A epilepsia – explicou o neurologista a Jan e sua mãe –, sendo uma afecção cerebral, deve ter a causa e a localização identificadas, para o tratamento. Embora a crise tenha sido grave, tudo indica que se enquadra no espectro das chamadas crises epilépticas parciais, geralmente provocadas.

– Como assim, provocadas?

– Hipoglicemia, alcoolismo, tóxicos etc.

– Tem cura?

– Às vezes. Encontrando-se o foco no cérebro. O médico advertiu:

– Se as crises parciais forem provocadas, há perigo de que a epilepsia evolua para o nível de grande mal, o que deve ser evitado a todo custo.

Foi também nesse período, com Jan aguardando com ansiedade o resultado dos exames, que Zito encontrou condições favoráveis para aconselhar-lhe:

– Este caminho – o dos tóxicos – é muito perigoso, quase sem volta. Sei de vários casos que culminaram com a morte do viciado.

Até aí Jan ouvia-o, desinteressado. Levou um susto, porém, quando Zito perguntou:

– Você sabe o que acontece com aqueles que desencarnam por causa das drogas?

– Não.

– São dominados e arrastados por espíritos escravizadores, que judiam deles até não poder mais.

– ?!

– Tornam-se escravos e assim permanecem por muito tempo, até que se arrependam.

- Como o senhor sabe disso?
- Todas as semanas, lá no centro espírita, atendemos espíritos sofredores que contam essas coisas e com detalhes que melhor será não lembrar.
- Não acredito em tais espíritos.
- Pois devia, meu filho. Não se esqueça de que Jesus já mostrou a você, mais de uma vez, que os espíritos estão sempre nos rodeando.
- Eu sou médium?
- Você já me perguntou isso, quando foi me ver com a Tiara e o Valdomiro. Vou explicar de outra forma: a mediunidade é inerente ao ser humano, podendo os fenômenos a ela ligados ocorrerem de forma anímica, isto é, com o espírito fora do corpo físico, ou de forma espírita, quando por nosso intermédio há comunicação com outros espíritos.
- E eu? O que sou?
- No seu caso, em particular, diria que você tem a condição inata de doar ectoplasma aos espíritos, o que possibilita fenômenos de materialização, como nos casos em que o coronel Antero foi visto. Contudo, nada impede que outros espíritos, infelizes, se aproveitem de você.
- Mas só quero ver os bons, os anjos da guarda.
- Acontece que a lei de sintonia é universal e é por ela que atraímos para nossa companhia exatamente aqueles que pensam e agem como nós. Ademais, os anjos da guarda não são nossos empregados, menos ainda em tempo integral, quais guarda-costas. Ajudam, sim, mas afastam-se, quando essa ajuda cai no vazio.
- O coronel Antero...
- Pois é. Acho que ele tem ligações com você, certamente de outras vidas, mas talvez não volte a vê-lo mais, pelo menos com os olhos do corpo.
- Será que ele nunca mais vai aparecer?

– É tudo uma questão de merecimento. Você acha que depois do que anda fazendo ainda merece continuar sendo ajudado, seja pelo seu anjo guardião, seja por ele?

– Acho que não.

– Então, saia dessa vida, pare com essas coisas de ir pela noite em busca de aventuras!

– Como desenvolver minha mediunidade?

– Só o tempo poderá responder se isso deverá ocorrer. Como já disse, a prudência recomenda que pessoas epiléticas não sejam encaminhadas às reuniões mediúnicas, onde a natural excitação espiritual poderia fazer ali eclodir a crise. No momento, o importante é que você faça o tratamento médico, sendo indispensável também um tratamento espiritual: tomar passes, cerca de três vezes por semana, e procurar evangelizar-se, evangelizando seus atos.

Zito voltou a referir-se aos tóxicos:

– Sei de muitos casos em que pessoas que tinham o mesmo problema, esse de provocar as crises convulsivas, e que, após tratamento simultâneo médico-espiritual livraram-se das crises epiléticas. Volto a repetir que a participação em reuniões mediúnicas, se ocorrer, dependerá de muita ponderação, muita análise e avaliação, tanto da sua parte, como médium, quanto da coordenação do grupo de médiuns.

Concluiu, bondoso:

– Uma coisa é infalível: sempre que há disposição para o bem, espíritos amigos nos intuem qual a melhor maneira de agirmos.

– Nenhuma anormalidade mais grave no cérebro – anunciou feliz o neurologista.

Houve um grande alívio para Jan e as pessoas que o rodeavam direta ou indiretamente – Elpídio, inclusive, que assumira todos os gastos do tratamento.

– Não há infecção cerebral – concluiu o médico –, nem vestígio de acidente vascular, não havendo motivo aparente, como, aliás, se verifica na maioria dos casos de epilepsia. O problema, segundo a

investigação neurofisiológica demonstra, deve ser tratado apenas com aplicação de drogas antiepilépticas.

O alerta médico foi enérgico:

– A ingestão de qualquer quantidade de tóxicos, álcool inclusive, poderá provocar crises de consequências imprevisíveis. Assim, embora o tratamento dispense cirurgia, deverá se processar por seis meses, com acompanhamento médico permanente.

– Quando posso ir trabalhar na fazenda?

– Quando terminar o tratamento. A pedido do senhor Elpídio, a quem já relatamos a boa notícia, vamos encaminhar parecer médico ao juiz que sentenciou sobre esse assunto.

Assim, o início das atividades de Jan na Morro das Vinhas, mediante parecer médico que foi homologado judicialmente, e transferido para dali a seis meses, ou quando terminasse o tratamento.

No dia que obteve alta, Tiara visitou-o.

Frente a frente, sem dizer uma palavra, beijou-o suavemente na face. Como que retornando de um pesadelo, Jan olhou-a, embevecido. Na alma, luzes infinitas atestaram que Tiara era a materialização de um grande ideal, o amor! Nenhum dos dois conseguia dizer uma palavra.

As lágrimas falavam por eles; com os olhos marejados, abraçaram-se, ainda sem nada dizer, assim permanecendo por longos instantes. Aquele momento era um desses raros acontecimentos da vida em que uma alma, pela linguagem espiritual, conversa com outra alma, intuindo para ambas decisões para o futuro, unidas.

Embora tivessem feito as pazes, Jan e Tiara não voltaram a encontrar-se nos seis meses subsequentes, pois o jovem, envergonhado do seu procedimento anterior, assim o decidira. Tiara, com a sempre pródiga intuição feminina, considerou também que assim era melhor, pois, se entre eles houvesse mesmo um grande amor, a distância e o tempo não o desfaria, antes, cresceria.

Se a saudade encontrar pouso em nossos corações, será um sinal evidente de que nos amamos e precisamos um do outro, imaginou, sonhadora.

Já sentia imensa saudade de Jan.

Por quase seis meses Jan submeteu-se rigorosamente ao tratamento médico. Seguindo os conselhos de Zito, fez também um tratamento espiritual, no centro espírita que a mãe frequentava.

Os médicos consideraram-no apto ao trabalho rural.

Assim, decorrido pouco mais de meio ano, Jan juntou suas coisas e apresentou-se na Morro das Vinhas, para cumprimento da sentença judicial.

– É melhor para seu filho ir sozinho, dona Rufina – sugeriu o advogado de Elpídio, cumprindo ordens dele –, pois familiares por perto poderão trazer más lembranças e recidivas das crises.

– Mas meu filho talvez precise de mim.

– Acontece que o dono da fazenda não autoriza hospedagem de ninguém ligado a Jan.

– Mas por quê?

Como argumento vencedor, proibindo inclusive visitas, o advogado informou:

– Só com tal observância o senhor Elpídio dispensará uma quantia mensal para a senhora se manter. Lembre-se de que seu filho não poderá ajudá-la financeiramente, pois receberá pequena ajuda de custo estipulada em juízo, tendo, porém, hospedagem e manutenção garantidas por contrato.

Antes de ir para a Morro das Vinhas, Jan abraçou Rufina e entre beijos e carinhos jurou-lhe:

– Juro, mãe, que sempre a amarei. Sempre!

Procurou Tiara:

– Tiara, você é o amor da minha vida. Peço que me aguarde. É só por um ano, logo retornarei.

Completo, com lágrimas nos olhos, que não caíam:

– Se você ainda me ama...

Beijaram-se entre lágrimas e sob invencível saudade que os envolveu, mesmo antes de se separarem, demonstrativo que era selada a união de ambos para a eternidade.

Ao chegar à fazenda, Jan sentia-se como um ex-presidiário que retorna à sociedade. No seu caso, a situação era inversa: não era criminoso, estava livre, no entanto, aquele retorno à antiga paisagem, de esplendoroso ambiente campestre, tinha o sabor de cadeia.

Com emoções desencontradas, buscou ajuda na prece para não se desequilibrar espiritualmente.

Zito não recomendara, pensou, que em todas as situações difíceis a melhor solução é buscar ajuda lá de cima? Lembrou-se que Zito olhava para o céu, quando falava assim. Instintivamente, olhou para o alto e viu o infinito azul, qual majestosa bandeja que servia o sol, que a tudo aquecia, tal como nos anos que ali vivera.

Lembrou-se também das palavras de Laércio, no caminhão, no último dia em que ali passara, naquela mesma curva que agora ele percorria de volta, chegando sozinho.

Sua figura melancólica, de gestos lentos, não chegou a chamar a atenção das pessoas que trabalhavam na fazenda, desde que ele descera do ônibus na estrada e viera a pé até a sede.

Reconheceu poucos dos seus tempos de criança.

Não teve coragem de olhar as antigas vinhas: lá no alto havia uma cruz.

Quantos anos, pensou. Quantos anos.

Ao chegar à sede, parou em frente à casa que servia de residência ao dono da fazenda, quando ali estava. A casa mantinha a mesma aparência que já conhecia.

Aliás, praticamente tudo estava como havia deixado.

A mente fervia ante forte dúvida:

Será que o meu Titão ainda vive?

Teve o devaneio bruscamente interrompido por uma voz, às suas costas, que identificou de pronto:

– Então, rapazinho, veio fazer uns calinhos nas delicadas mãozinhas?

A insinuação, acompanhada de trejeitos femininos, vinha do capataz Antônio, o viúvo de Dirce.

Como meu mau-pai (assim tratava mentalmente Elpídio), pensou com revolta, pôde contratá-lo? Antônio era um homem rude, forte.

Jan, embora de modos educados, era também forte.

Olharam-se por um segundo, intensamente. Em Jan, a surpresa infeliz, em ver ali o ex-marido da sua provável mãe; em Antônio, ódio contra aquele rapaz “da cidade” cujo pai matara sua mulher.

Na mente, Jan chegou a armar um bote sobre o capataz, pela ofensa moral que lhe dirigira. Quando ia pular sobre o ofensor, que, aliás, adivinhou a reação e também se preparara para a defesa, ambos se assustaram com um repentino relâmpago.

Sem que jamais soubessem explicar, olharam ambos para a cruz lá no alto e viram um raio que se abateu sobre ela. A própria chuva que irrompeu apagou o princípio de incêndio na cruz, atingida que fora pelo raio.

A mediunidade de efeitos físicos de Jan possibilitou que espíritos amigos providenciassem o raio, que paradoxalmente desanuviou o ambiente.

Alguns empregados que estavam por perto se ajoelharam, fizeram o sinal da cruz e assim permaneceram por alguns minutos, mesmo sob a pesada chuva que eclodiu.

Jan e Antônio não se moveram por instantes.

Logo Antônio foi embora, deixando Jan sozinho, pisando aquele mesmo chão que com tanta vivacidade pisara nos verdes e felizes anos da infância.

– Companheiro – perguntou Jan a um peão antigo –, por favor, diga-me: onde andam aquele boizão, o Titão e o cavalo Bonito?

Ressabiado por não saber exatamente qual o interesse de Jan, o peão respondeu, pigarreando, como todo bom caipira que nunca se expõe:

– Parece... fiquei sabendo... que morreram...

O peão ficou atrapalhado em ver lágrimas silenciosas escorrendo no rosto daquele moço, lágrimas que se misturaram com os pingos da chuva.

A providência de Elpídio em impedir visitas a Jan indiretamente prestou benefício ao jovem. Não fazia nem uma semana que estava ali, dois rapazes, numa motocicleta, procuraram-no. Eram traficantes de tóxicos. Foram expulsos por Antônio que estava instruído pelo patrão a revistar eventuais visitas para Jan. Com efeito, Antônio e cinco peões forçaram os dois visitantes a se deixarem revistar, o que os pegou de surpresa. Mesmo tentando reagir, a revista foi feita e logo alguns papétes de pó branco foram encontrados nos bolsos dos motoqueiros. De alguma forma, Antônio soube o que era, ao provar com a ponta da língua: cocaína.

– Tirem as roupas – determinou aos dois.

– Que é isso, amigo? Está ficando doido?

Antônio olhou para os peões que avançaram nos dois. Não foi preciso mais nada. Os rapazes da cidade tiraram suas roupas, ficando nus.

Ali mesmo as roupas foram queimadas, entre gargalhadas dos caipiras.

Os dois traficantes, assustadíssimos, tiveram que retornar nus para a cidade.

Antônio e os peões, ainda às gargalhadas, despacharam os inconvenientes visitantes com uma charada-ameaça:

– Se voltarem, não voltarão.

Jan, que estava no pasto cuidando do gado, só à noite ficou sabendo do fato, assim mesmo por um indiscreto peão que pediu segredo, pois Antônio proibira todos de contar-lhe o acontecido.

Três meses após o incidente com os motoqueiros que nem sequer eram mais lembrados, ocorreu grave acontecimento na Morro das Vinhas.

Jan estava dormindo, quando de repente acordou com nítida impressão de perigo imediato. Seu relógio mostrava que era a

segunda hora da madrugada. Ágil e silencioso como um felino, saiu da cama, vestiu a calça e entreabriu a porta. O silêncio era total. Espreitou alguns segundos e ia fechar a porta quando percebeu vultos silenciosos se locomovendo, nas sombras da noite. Em igual postura de cautela e silêncio, saiu do quarto e deslizou para o canto da construção. Com alguma dificuldade, percebeu que várias pessoas, cinco talvez, moviam-se sorrateiras em direção à casa do capataz. Imóvel, aguardou uma chance para qualquer ação, pois estava sozinho e o grupo era numeroso. Deslocou-se para os fundos da casa em que morava, onde sabia que havia algumas ferramentas no quintal. Pegou uma delas, para se defender dos ladrões aos quais decidiu enfrentar.

Foi com indizível pavor que viu uma tocha acesa riscar a noite, descrevendo um arco, indo de onde estavam os ladrões até o telhado da casa de Antônio. Logo, outros petardos de fogo foram igualmente lançados de encontro às portas e janelas da casa, principiando incêndio. Antônio, a segunda esposa e três filhos saíram às pressas da casa, buscando fugir do fogo que já se alastrava.

A mulher e as crianças, aos gritos, e em terrível desespero, não sabiam para onde se dirigir, pois Antônio, incrédulo com o que via, como que hipnotizado pelo fogo, não tinha senso de direção para colocar a família a salvo.

– Venham comigo – gritou desesperado Jan saltando do esconderijo, qual um gato, indo socorrer a família.

Nesse instante, ouviram-se tiros que atingiram o capataz: a vingança dos traficantes demorara, mas viera com inaudita crueldade.

– Não saiam daqui e fiquem deitados – ordenou Jan, que mal teve tempo de ajudar a mulher e as crianças a se abrigarem em local seguro do fogo e dos bandidos. Em seguida, como um tigre enraivecido, urrando com fúria incontida, saltou sobre os incendiários.

Tinha à mão uma pá, que usada com incrível rapidez e golpes certos prostrou três deles. Os demais fugiram.

Jan correu para Antônio.

Entre ele e o capataz havia cessado a antipatia inicial, pois Jan era trabalhador, competente e tornara-se humilde, após tantos problemas com sua saúde, cuja cura creditava à bondade do coronel Antero, devidamente autorizado por Jesus, segundo sempre comentava.

Antônio até já passara a considerar o rapaz da cidade como gente boa, desses com os quais a gente pode contar. Contribuíra para a reconciliação o fato de Jan, sendo futuro dono daquele imenso patrimônio, jamais ter se referido a isso, nem em indiretas. Ademais, respeitara Antônio desde o primeiro dia, como seu superior profissional e que por repetidas vezes ultrapassara suas obrigações, realizando tarefas de simples peão.

– Antônio, não se entregue, você vai dar a volta por cima. Eu vou estar ao seu lado. Vou ajudá-lo a ficar bom. Jesus vai ajudar.

Antônio agonizava, sangrando muito, quando Jan o abraçou de encontro ao peito, confortando-o com palavras soluçantes, ao intuir que o capataz tinha poucos instantes de vida.

– Cuide da Tonha e das crianças.  
– Cuido sim, mas só até você sarar.  
– Não tem volta para mim, o coronel tá me esperando.  
– Coronel?  
– É. O coronel que era dono daqui, ele tá ali. Diz que é seu avô.

– Tonho, Tonho...  
– Sabe, menino Jan, vou contar um segredo. Não foi seu pai Laércio que matou a Dirce. Acho que quem matou...

Não conseguiu falar mais nada.

Em desespero, Jan perguntou, sentindo que Antônio só teria mais um segundo de vida:

– Ela era minha mãe?

Antônio, como último gesto, só conseguiu balançar a cabeça negativamente. Expirou.

Quando a polícia chegou para levar os três incendiários feridos, encontrou a casa em escombros, após o pessoal da fazenda apagar o incêndio.

– Vamos acabar com eles agora mesmo – gritavam irados os peões, querendo linchar os bandidos.

A chegada das autoridades conseguiu aplacar em parte a revolta, impedindo o linchamento para vingar a crueldade dos marginais.

– Esses aí – declarou um peão, apontando para dois dos feridos – vieram aqui a alguns meses atrás, com cocaína.

– Deus levou meu marido, mas foi o Jan que salvou meus filhos e a mim.

Dizendo isso a mulher ajoelhou-se diante de Jan e beijou-lhe as mãos.

Após tomar vários depoimentos, na própria fazenda, os policiais conduziram os criminosos, que necessitavam de cuidados médicos pela ação defensiva feita por Jan.

O corpo de Antônio foi levado para a cidade, em veículo adequado, para as providências legais.

Nas investigações, foram descobertos os endereços e as identidades dos demais criminosos que haviam fugido após o incêndio e o assassinato. Foram todos presos, há muito eram procurados, havendo várias condenações pesando contra eles, por roubo, tráfico de tóxicos e latrocínio.

Não houve dificuldade em reunir provas contra eles nos crimes que cometeram na Morro das Vinhas: incêndio criminoso, com risco de vida à família e crime de morte que consumaram, além de ter sido encontrada considerável porção de cocaína com todos.

Em face de tanta perturbação, Elpídio, acompanhado do advogado, compareceu à fazenda:

– Diga ao Jan – determinou ao advogado, sem se dirigir diretamente a Jan que estava próximo – que assuma a capatazia, até ser nomeado novo capataz.

Jan e os demais empregados ficaram penalizados assim que viram Elpídio chegar; seu estado de saúde demonstrava extrema gravidade.

Elpídio não conversou com Jan, nem com Rufina, nem com Tiara, que tinham vindo também.

– Meu filho! – Abraçou-o Rufina, chorando.

– Meu amor! – Beijou-o Tiara, também em lágrimas.

Ao ver Tiara, Jan se deu conta do quanto ela representava para ele: tudo.

Como Tiara logo se afastasse, saindo a passear pela fazenda, Jan, com o coração acelerado, procurou de todas as maneiras identificar um único gesto, um detalhe que confirmasse ou desse notícia do amor dela por ele.

Tiara, emocionada por retornar àquela fazenda onde nascera e fora criada, imaginava:

Não posso deixar transparecer ao Jan o que me vai na alma. Espero que ele não me esqueça, nem fique magoado.

A jovem agia assim propositalmente, pois imaginou que o ambiente rural era indispensável para a integral reconstrução moral de Jan, no que existe de mais sagrado: o respeito à vida. Refletia: se eu demonstrar o meu amor, amor que ilumina todas as células do meu corpo, ele talvez não tenha forças para resistir à nossa união definitiva, não cumprindo o restante da sentença.

A sentença, agora deduzia, tinha sido providencial.

Após esses acontecimentos, as visitas, sem que qualquer contraordem surgisse, passaram a frequentar a Morro das Vinhas, sendo recebidas por Jan com alegria.

Rufina vinha uma vez por semana; Valdomiro não passou um mês sem visitá-lo; Zito, que morava perto, quase todos os dias estava com ele. Só Tiara não voltara.

A Zito, Jan devia o despertar espiritual para a Lei Divina de Causa e Efeito e as consequências espirituais de todos os nossos atos.

– Sabe, Zito, se não fosse por minha causa – Jan confessou amargurado –, talvez Antônio ainda estivesse vivo, pois os motoqueiros que vieram aqui pensavam que na fazenda seria mais fácil pegar meu dinheiro; lá na cidade várias vezes eu recusei, mas traficantes não desistem facilmente.

– Não foi por sua causa – esclareceu Zito –, pois a Lei Divina de Ação e Reação impede que inocentes sofram. Antônio resgatou um débito e hoje, seguramente, em espírito, está aliviado desse pesado fardo. Temos muitas vidas, meu filho, e só Deus sabe o que andamos fazendo nelas.

– É verdade – anuiu Jan –, com algum alívio na consciência. Antes de se retirar, Zito presenteou o jovem com um livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Sua leitura – acrescentou – ajuda-nos a compreender a Caridade de Jesus, resultando em sublime pacificação de amarguras, incertezas e angústias.

A família de Antônio teve integral apoio de Jan, moral e material, sendo construída nova casa em local distante daquele, para afastar más recordações. A mulher passou a trabalhar ali mesmo e aos filhos foi garantida a continuidade nos estudos.

Jan, empolgado com a leitura do Evangelho, vivia fazendo perguntas a Zito, que a todas respondia com palavras simples e por isso mesmo compreensivas e compreensíveis.

Logo Zito presenteou Jan com outro livro, do mesmo autor:  
O Livro dos Espíritos.

– Aí temos todo o destino do mundo – disse Zito.

– Como assim?

– Você encontrará explicações lógicas para tudo o que o homem precisa saber sobre Deus, sobre a vida, sobre o passado, o presente e o futuro.

– E sobre o amor?

– Tem tudo, meu Jan, sobre o amor das pessoas encarnadas, das desencarnadas e principalmente sobre o amor de Deus, por tudo e por todos. O que mais impressiona nesse livro, contudo, não é o que ele leciona sobre o mundo e o universo, mas as coisas que nos faz pensar, sobre uma única pessoa. Sabe quem?

– Jesus?!

– Não, sobre nós mesmos. Quem o está lendo encontra explicações objetivas e inquestionáveis sobre o porquê das dificuldades, grandes ou pequenas, na família, no emprego ou sociedade. Doenças e saúde, pobreza e luxo, inteligência ou incapacidade, beleza ou defeitos, visão ou cegueira, alegrias e tristezas, tudo neste livro é justificado com a assinatura de Deus.

– Leia uma, duas, cinco, dez vezes – brincou Zito –, pois a cada leitura aprenderá mais um pouquinho, até parecendo mágica, mas não é. Acontece que o conhecimento espiritual é como uma planta que cresce com água e adubo. Só que a árvore do saber jamais deixa de crescer para aqueles que querem aprender.

– Até parece que você fez uma poesia.

Despedindo-se de um Jan emocionado, completou:

– O Evangelho é a água da Fonte Viva e O Livro dos Espíritos é o adubo do Saber. Quanto a Jesus, que há pouco você mencionou, Ele é o modelo do Bem que Deus enviou aos homens, para anunciar as bênçãos do Reino Celestial. Eis porque, quanto mais seguirmos seus ensinamentos e principalmente seus exemplos, mais depressa nosso espírito encontrará a felicidade.

– Zito, antes de ir embora, diga-me: o que é felicidade?

– Procure em O Livro dos Espíritos. Lá está a resposta.

À noite, quando Jan ao acaso abriu uma página do novo livro, seus olhos se fixaram à questão 922, onde a felicidade é definida: para a vida material, a posse do necessário; para a vida moral, a consciência pura e a fé no futuro.

Não foi nomeado novo capataz. Por isso, Jan teve liberdade de desempenhar tal função, à qual imprimiu ritmo vigoroso, por sua juventude e boa vontade.

Certa noite, Jan teve um sonho intrigante: viu estrelas caindo do céu, transformando-se em chuva, cujos pingos, ao chegarem ao chão, transformavam-se em flores de algodão; o céu rodava e as estrelas caíam sem parar sobre a terra; bem no centro da plantação havia um círculo iluminado, cuja luz dirigia o foco para o céu.

Não entendeu o sonho que na noite seguinte se repetiu, com uma diferença: eram dois os céus que rodavam, e dos dois caíam as estrelas, que se transformavam em gotas; de um céu as gotas se transformavam em algodão, mas do outro, em feijão. Ainda sem entender os dois sonhos, teve um terceiro: três céus rodavam nas terras dali mesmo, da Morro das Vinhas, e as gotas que caíam dos três produziam algodão, feijão e amendoim.

Os sonhos já estavam quase esquecidos quando, um mês após, chegou um catálogo comercial, detalhando o uso de pivô central, como eficiente implemento agrícola particularmente indicado à irrigação artificial em plantações de algodão, feijão, amendoim, soja e tomate. A empresa que remetera o catálogo informava também inúmeros exemplos bem-sucedidos de tal equipamento, detalhando custo-benefício. Eram ofertados financiamento e assistência técnica permanentes.

– Por Deus! – exclamou Jan. A lembrança dos sonhos foi como um raio de sol em seu cérebro: aquela era a explicação para eles.

Não restava qualquer dúvida: os sonhos tinham sido uma mensagem. Mentalmente agradeceu aos amigos espirituais aquela bênção. Como havia adquirido o hábito de folhear sempre O Livro dos Espíritos, com profundo sentimento de respeito a Deus, abriu-o aleatoriamente, lendo a questão número 8, sendo esclarecido, de forma categórica e final, que o acaso é nada, isto é, não existe.

Recebi uma mensagem, imaginou sem dúvidas: tinha recebido uma mensagem.

Contudo, para agir com acerto, rogou a Jesus que, se a mensagem fosse para o bem, não a esquecesse; ao contrário, para o mal, fosse banida da sua mente.

Não esqueceu: cauteloso, procurou informar-se com quem tinha conhecimento do assunto, visitando uma fazenda de um conhecido.

– Pivôs centrais – disse-lhe o próspero fazendeiro – são, na verdade, uma das maravilhas da moderna agricultura. Instale um. Em pouco tempo, os lucros vão fazer o primeiro gerar crias.

Essa a linguagem rural para o efeito multiplicador de lucros.

Jan encaminhou os projetos a Elpídio, pelo advogado, obtendo pronta aprovação, já que as terras da Morro das Vinhas tinham grandes áreas inaproveitadas, por serem solo pobre, facilmente corrigível por aquele sistema de irrigação. Laércio fizera falta, contudo, agora, consultado por Jan, prestou eficiente assessoria, mas a distância, sem ir à fazenda.

Como Elpídio não tinha condições de supervisionar o investimento, Jan encarregou-se de tudo, inclusive discutindo preço e condições de pagamento.

O primeiro pivô central instalado logo demonstrou o acerto da decisão, pois recuperou terras improdutivas, às quais, segundo indicação de Laércio, foram aplicados nutrientes adequados, diluídos na água que as aspersava. Quando a primeira aplicação aconteceu, num clima festivo, Jan observava o movimento giratório das torres e as gotas que aspergiam água na terra. O sol, atravessando as gotículas, as fazia brilhar, quais estrelas. No centro do equipamento, a cabine elétrica de comando dispunha de um forte farol giratório, auxiliar de emprego noturno.

Tudo aquilo era muda explicação da simbologia dos sonhos. Com o incremento dessa técnica, a colheita anunciou-se abundante, pelo que se expandiram as contratações, beneficiando inúmeras famílias, o que deixou o jovem capataz feliz e grato a Deus.

Vendo a dedicação e os bons resultados obtidos, a empresa fabricante dos equipamentos propôs a Jan:

– Gostaríamos de instalar aqui, sem ônus para a Morro das Vinhas, dois outros pivôs. A fazenda passará a ser, por cinco anos, vitrine agrícola, com plantação de amendoim e feijão, só que com

utilização de sementes transgênicas, isto é, modificadas geneticamente, visando melhoria da qualidade nutritiva e defesa a pragas.

– Qual seria nosso lucro?

– As respectivas colheitas a cargo da Morro das Vinhas a ela pertencerão, sendo apenas que, durante a duração do contrato, eventuais pretendentes deverão ser bem recebidos e, se possível, feita uma demonstração de aspersão para cada um deles.

– Qual a duração dessa atividade?

– Após os cinco anos, os pivôs passam a ser propriedade da Morro das Vinhas.

– Em princípio a oferta está aceita. Vou apenas consultar o meu pai.

Jan corrigiu-se: o senhor Elpídio.

Era a primeira vez, na vida toda, que chamava de pai àquele que realmente o era.

A proposta foi prontamente aceita por Elpídio.

Quando os empresários levaram o contrato para ser assinado, comentaram com ele:

– O jovem é seu filho mesmo?

– ?!

– Quando estávamos negociando, ele disse que consultaria o pai – o senhor.

Elpídio começou a soluçar, sem poder responder. Os equipamentos materializavam os três sonhos.

Mas, a maior felicidade de Jan não foi o acerto da instalação do primeiro pivô, mas sim a gradativa troca que ocorreu naquelas terras, a partir dos outros dois: a criação de gado de corte, que tanta tristeza causava ao seu coração, foi substituída por plantações.

Há muito sua alma se condoía em saber que aqueles milhares de animais ali criados tinham um único destino: encontro marcado com a morte, nos matadouros. Muitas vezes se apegara a um ou

outro animal e logo tinha a tristeza de ver tal amizade interrompida bruscamente pelo embarque dos animais para o trágico endereço.

No alto do morro onde as vinhas ainda produziam, no local em que havia a cruz que havia se incendiado no dia em que Jan chegou, foi construído um mirante. O fato de a cruz pegar fogo com o raio foi interpretado por quase todos como um pedido da alma do coronel, para que ali só existissem flores. Só verbenas. Tal interpretação foi dada porque há algum tempo, junto da cruz, desconhecidos vinham fazendo despachos, deixando oferendas, o que revoltou a muitos.

Do mirante, os clientes podiam assistir comodamente às demonstrações de irrigação artificial e descortinar a bela paisagem: plantações que se perdiam de vista.

E assim, o prazo de um ano foi expirando.

Quando faltava uma semana para completar um ano na fazenda, ressarcindo assim sua dívida, Jan estava feliz com o resultado de uma primeira colheita, já fruto da irrigação artificial.

Atendeu Rufina, ao telefone:

– Filho, venha depressa. Seu pai está com poucas horas de vida.

Jan sobressaltou-se, primeiro com a notícia e segundo porque não entendeu o que estaria sua mãe adotiva fazendo naquele lar, ainda mais naquela circunstância.

\*

– Antero – disse Dionísio –, é chegado o tempo de nossos filhos despertarem para o amor fraternal.

– Nossos filhos?!

– Sim. Elpídio está a instantes do retorno ao plano espiritual. Jesus, cujo amor é imenso, permitiu que nós o recepionássemos.

– Dionísio, Dionísio, Elpídio é seu filho também?

– Nesta vida você deu-lhe proteção e todo o seu amor, quitando a dívida com ele, inclusive tornando-o herdeiro dos bens

materiais que no passado lhe negou. Sim, em recuados tempos ele foi o filho bastardo que você desprezou, por ser fruto da união que, à força, teve com minha mulher, a escrava que hoje se chama Rufina. Jan foi seu filho, com a mesma Rufina, da mesma maneira.

– Meu Deus! Agora me lembro! Você era o escravo, marido da Rufina, perdão, perdão.

– Nada tenho a perdoar, pois você já pagou seu débito e foi instrumento da minha quitação perante Deus, de acumuladas dívidas, mais atrás ainda no tempo.

Dionísio concluiu as dolorosas recordações:

– Laércio, então seu capataz, impunemente e sob suas ordens separava dos pais os filhos dos escravos; sacrificava escravos fujões, como eu. Inocente nesta vida, contudo, resgatou agora aqueles crimes, quitando-se perante si mesmo e perante as Leis de Deus.

## A ESTRELA E O VAGA-LUME

**A**o chegar e antes de ver Elpídio, Jan logo manifestou a Rufina sua estranheza por ela estar ali.

– O senhor Elpídio, seu pai – apressou-se sua mãe a esclarecer – está com a saúde abalada há vários meses e as empregadas não quiseram mais trabalhar aqui. O médico dele, o doutor Jerônimo, que o trata há vários anos, disse que ele não poderia mais ficar sozinho; como nenhum hotel ou clínica o aceitasse, pois ele estava tendo delírios constantes, a única pessoa que o tem assistido nesses últimos meses tem sido o doutor e eu.

– Delírios constantes? Exatamente como?

– Ele ficava agitado, caía da cadeira de rodas ou da cama, conversava com fantasmas.

– Fantasmas?

– É, com espíritos que o ameaçavam.

– E o que a senhora tem a ver com isso?

– A governanta Mila, que foi a última a abandonar esta casa, foi me chamar, pois acreditava que o conhecendo há tanto tempo talvez pudesse ajudá-lo.

– Mas mãe, isso é um absurdo. Este homem é meu pai, me renegou, quase me mandou para a cadeia, e a senhora vem ficar na casa dele?

– Jan, Jan, estou ajudando, em primeiro lugar porque é dever cristão e em segundo.

Rufina engasgou. Seus olhos dilataram-se e logo incontidas lágrimas afloraram. Jan entendeu que algo muito grave estava por ser revelado. Seu coração disparou, do que dava notícia o peito arfando e duas lágrimas que ficaram se equilibrando, antes de rolares.

– Pelo amor de Deus, mãe – implorou –, o que a senhora tem para me contar?

– Estamos casados – desabafou Rufina.

Jan teve a impressão de que uma montanha caiu sobre ele. Não conseguiu formar uma única ideia das conseqüências do que acabara de ouvir. Atormentado, escondeu o rosto nas mãos e começou, ele também, a soluçar. Sentia-se envolvido por poderosas correntes do destino, que teimava em fazê-lo sofrer. Sem saber direito o que fazia, deixou a mãe e foi para o amplo jardim, onde as flores como que o receberam também chorando, pois estavam orvalhadas.

Por mais que se esforçasse, não conseguia entender o que estava acontecendo, o que tinha acontecido e o que aconteceria dali para a frente.

Estava assim em um péssimo nível de pensamentos quando um carro de luxo parou à porta. Dele desceram o doutor Fabrício e a senhora Mara, de mãos dadas. Entraram, passando por ele sem cumprimentá-lo.

Alguns instantes após, chegaram Valdomiro e Tiara. A moça abraçou Jan, como nunca fizera, transfundindo-lhe energias fluídicas de paz e equilíbrio. Convidou-o:

– Vamos entrar?

– Preciso ficar sozinho por algum tempo. Entre você.

Decorridos vários minutos, o doutor Jerônimo veio até o jardim e pondo a mão no ombro de Jan sugeriu:

– Se você quiser ver seu pai vivo, deve entrar agora, pois a desencarnação pode ocorrer a qualquer instante.

Ao entrar, Jan verificou que todos rodeavam o leito do enfermo. Só então olhou para ele. Intuiu que realmente logo seu pai deixaria o mundo material.

O quadro era pungente e tocou a sensibilidade de Jan, até então anestesiada pela mágoa.

Ali, com a presença quase palpável da morte, o coração falou mais alto que os ressentimentos: acercou-se do leito e pela primeira vez beijou o pai.

– Pai, acho que amo o senhor.

Grossas lágrimas começaram a escorrer no rosto do moribundo. O olhar, conturbado, experimentou alguma serenidade. Nesse momento Zito entrou também no quarto. Tinha tido forte intuição de que sua presença seria útil naqueles momentos tormentosos entre pai e filho.

De fato, mal entrou no quarto, Elpídio, mesmo sem vê-lo, contorceu-se no leito e gritou:

– Tirem essa mulher daqui. Ela quer me roubar, quer me abraçar para me levar com ela para o inferno.

Todos se entreolharam perplexos, sem entender a razão daquela crise. Só Zito sabia do que se tratava: era um espírito obsessor de Elpídio, clamando vingança, valendo-se da debilidade física e espiritual dele para atormentá-lo.

Zito elevou o pensamento a Jesus e implorou auxílio. Que veio, pois o médico sugeriu:

– Por favor, todos deixem o quarto. Ficaremos só eu e o Jan.

– Zito – disse Jan, quase implorando –, fique conosco.

O médico permitiu. A sós os quatro, Elpídio olhava o filho e Zito, com perguntas nos olhos. Zito adiantou-se, olhou Jan no fundo da alma e disse-lhe com muita calma:

– O espírito que está perturbando o senhor Elpídio é a enfermeira que auxiliou o doutor Jerônimo a fazer o seu parto; é tia da Dirce. Diz que Elpídio combinou com ela o seu sequestro e depois não pagou esse trabalho.

– Como o senhor sabe tudo isso? – perguntou Jan, com indescritível assombro.

– Estou com seu pai há alguns meses e durante as crises ele próprio descreveu tudo isso, duelando verbalmente com o Espírito Mariana, a quem vê, querendo vingar-se dele.

Jan e o médico instintivamente olharam Elpídio que, com pavor no olhar e já com sérias dificuldades para falar, anuiu:

– É ela mesma, já se vingou: derrubou-me do cavalo e quer me levar para o inferno.

Zito colocou a destra na cabeça de Elpídio e deu-lhe um passe, rogando a Jesus:

– Mestre Bondoso, permita que nosso irmão seja socorrido. Espírito imortal que é, permita-o despertar para as claridades do Evangelho.

Mentalmente, o vendeiro imaginou uma cena em que o Cristo abençoava a mulher adúltera, dizendo-lhe: Ide e não pequeis mais. Zito sabia que a mulher adúltera, naquele momento evangélico, consubstanciava toda a humanidade – mulheres e homens em erro, como, afinal, somos todos nós.

Elpídio asserenou. Intuíram todos que a desencarnação era iminente. Estendeu a mão para Jan que chorava amargamente.

– Meu filho querido – disse –, vou deixá-lo, mas antes preciso contar um segredo.

Jan estava no limite. Numa reação que brotou do coração, atirou-se sobre o pai, abraçou-o com força e implorou:

– Pai, pai, não me deixe agora.

– Deus sabe o que faz. Cometi muitos erros e o maior foi tirar a vida de duas pessoas: a enfermeira e Dirce. Só acertei numa coisa: sempre amei você, meu filho.

A confissão, devastadora, arrasou Jan: seu pai acabava de confessar dois assassinatos e um, provavelmente, o da sua mãe natural.

– Elas iam contar para você – prosseguiu Elpídio – sobre seu nascimento, quem era sua mãe, mas ameaçaram antes fazer estardalhaço na imprensa, para sujar nosso nome com o maior escândalo. Acusando-me de sequestrador diziam que não receberam o combinado, mas eu mesmo dei o dinheiro para o Quinzim.

Zito acercou-se, quase aos prantos, confessando:

– Meu Deus! Meu Deus! É verdade, o dinheiro foi entregue para o Quinzim, mas eu e ele não entregamos, pois estávamos em sérias dificuldades financeiras, dividimos o dinheiro! Sou o culpado dessas tragédias.

Elpídio arregalou os olhos e logo os fechou. Fez-se pesado silêncio no quarto.

Por fim, Jan perguntou:

– Pai, Dirce era a minha mãe?

Só então percebeu, juntamente com o médico e Zito, que Elpídio estava morto.

Zito colocou a mão sobre o peito do corpo inerte:

– Jesus, amigo de sempre, acolhe no Seu amor este espírito que ora retorna ao plano maior; permita, Senhor, que Mensageiros do Bem o recepcionem e que a paz o visite. Considere, Mestre Sublime, que, dos seus erros, eu tenho parte da culpa.

Nesse momento, por um rapidíssimo instante, os três viram o Espírito Antero se achegar ao leito e acarinhar o filho. Jan, médium de efeitos físicos, outra vez doava ectoplasma. Dionísio, invisível, beijou o filho.

– Jesus ouviu nossas preces – Zito informou –, e em poucas horas Elpídio estará liberto completamente do corpo físico; em espírito, já está sendo socorrido pelo pai e outros tarefeiros do Bem. De acordo com o merecimento que tiver, o resgate dos pesados débitos que contraiu com a morte de duas pessoas terá andamento, sim, pois tal é da Lei de Justiça – ação e reação. Contudo, mesmo em duras expiações, se o arrependimento se consolidar, o fardo será mais leve, pois que Jesus assegurou que o jugo é suave àquele que sofre sem blasfemar e com fé na Justiça do Pai, que dá a cada um, segundo suas obras<sup>1</sup>. Três homens choravam e os puríssimos sentimentos de fraternidade que suas lágrimas expunham constituíram-se em precioso auxílio espiritual, a benefício de Elpídio.

Após prolongados instantes de imobilidade e silêncio, Zito considerou o momento propício para dizer:

– Não, Jan, Dirce não era sua mãe. Foi ela quem entregou você para mim, com poucas horas de vida.

– Como o senhor sabe que ela não era minha mãe?

– Primeiro, porque ela estava grávida, talvez de uns oito meses; segundo, porque se fosse a mãe teria entregado o filho por dinheiro, sendo tão responsável como o eventual mandante do sequestro; terceiro, porque Elpídio me contou que ficou sabendo que a polícia em averiguações à época só liberou a verdadeira mãe no dia seguinte ao sequestro.

Jan monologou:

– Então minha mãe talvez ainda esteja viva e se Dirce e a parteira a conheciam, a ponto de ameaçarem meu pai com chantagem, ela deve estar por perto.

Quando o médico atestou o óbito, Jan percebeu um sorriso de vitória no advogado e de disfarçada euforia em Mara.

– Agora tudo é nosso – disse Mara, sem o menor constrangimento, tanto pelo momento, quanto pelos que a ouviam. Abraçou a filha com exagerada demonstração de afeto. A seguir, sem o menor sentimento de piedade, menos ainda de respeito, começou a dar ordens:

– Vamos sair todos daqui, pois eu e meu marido temos que providenciar o enterro. Depois, vocês serão chamados para as questões da herança, pois pretendemos tomar posse do que nos pertence.

Nesse momento, Rufina, que trazia os olhos vermelhos de tanto chorar, disse num tom que fez Mara tremer:

– A viúva é quem cuida do enterro do marido.

Mara não entendeu.

– Eles são casados – esclareceu o médico, pondo a mão no ombro de Rufina e apontando para o corpo de Elpídio. – Fui padrinho do casamento, concluiu.

1 – Mateus, 16:27. (N.E.)

Mara avançou furiosamente em Rufina, agredindo-a com violência e gritando histérica:

– Ladra sem-vergonha, você quer roubar minha herança, mas isso não ficará assim. A Justiça vai anular esse casamento fajuto. Tudo é meu, tudo é da Tiara.

Foi contida por Zito e Jan. Fabrício nem se mexia.

– Você vai anular essa baboseira – gritou Mara a Fabrício –, não é mesmo?

– É. Vou tentar.

– Não vai tentar coisa nenhuma, estou mandando você anular a união do idiota com essa interesseira.

– O que é isso? – interveio o médico –, vocês não respeitam o morto? Não faz nem meia hora que ele morreu e já está acontecendo isso?

O clima se acalmou em parte.

– O meu pai – assumiu Jan – está morto e agora quem decide as coisas sou eu!

Fabrício, sagaz, percebeu que ali não era um bom terreno para a batalha jurídica que pretendia impetrar. Sugeriu a Mara que se retirassem, conduzindo-a, meio à força, para fora da casa.

– Nem pensem – ameaçou Mara, antes de deixá-los – que vão ficar com o que é meu e da minha filha. Tiara abraçou a mãe e disse, chorando:

– Mãe, mãe, depois as coisas se resolvem, mas sem brigas, agora não é hora para se tratar dessas coisas.

– É tudo meu, tudo é meu – saiu Mara, gritando, a custo sendo conduzida pelo marido.

Dionísio convocou todos os espíritos protetores das duas famílias, pois previa momentos futuros difíceis. Recomendou, em particular, que buscassem incutir em Mara ideias de desprendimento dos bens terrenos e de paz.

Na presença do juiz foi instaurada a sessão de abertura do testamento de Elpídio. Estavam presentes Jan, Rufina, Mara, Tiara, Fabrício, Zito e o doutor Jerônimo. Lido o testamento, ficou-se

sabendo que o casamento de Elpídio com Rufina foi com comunhão universal de bens; assim, 50% dos bens de Elpídio eram agora de Rufina e a outra metade, divididos em partes iguais para Jan e Tiara, filhos; para Zito, foi doada a construção com o pequeno armazém, a casa e mais um pedaço do terreno, junto ao local da vendinha.

– Nunca, nunca! – Explodiu Mara – Esse bastardo não é filho do Elpídio.

O juiz admoestou Mara a se comportar. Prosseguindo, o juiz determinou a leitura dos documentos que tinham sido anexados ao testamento. Eram exames de paternidade e maternidade, constando quem eram os pais de Jan. Pelos testes, Elpídio era pai biológico de Jan e não era pai de Tiara, a quem, porém, confirmava como filha adotiva. Com todos os direitos legais de herança, pois.

Jan, quase sem ar nos pulmões, por instantes sentiu que o tempo havia parado. Sem se conter, dirigiu-se ao juiz e implorou:

– Pelo amor de Deus: quem é minha mãe?

O juiz, muito calmo, olhou para o doutor Jerônimo e num leve aceno pediu-lhe que respondesse.

– Fui eu que assisti ao seu nascimento, Jan – começou a falar pausadamente o médico. Logo continuou: – como você sabe, sou amigo da família há muitos e muitos anos; quando sua mãe ia trazê-lo à luz, seu pai, Elpídio, pediu-me que fizesse o parto. Quando ocorreu o sequestro, Elpídio me fez jurar que jamais revelaria o que ia me contar. Contou-me tudo.

Dizendo essas palavras, Jerônimo olhou para Zito que abaixou a cabeça, envergonhado.

– Sua mãe – prosseguiu – era casada com um homem que não podia ter filhos, mas que a culpava disso, ofendendo-a, levando-a ao desespero; por altruísmo, abandonou-o, deixando o caminho livre para ele, se quisesse arrumar outra mulher que fosse fértil; moravam na Morro das Vinhas e ela contou ao coronel Antero seu drama, pedindo-lhe dinheiro para ir morar longe dali; disse que iria

embora, com ou sem ajuda do patrão do marido. O coronel, condeúdo, atendeu e mandou Elpídio providenciar a ida dela para a cidade distante à qual queria ir; Elpídio, de fato, deu dinheiro para ela ir para outro Estado, numa cidade em que um seu amigo empregou sua mãe. Quando o ônibus que levava Rufina quebrou, no meio da viagem, por coincidência Elpídio passou por ali de carro e deu carona para sua mãe ir até a próxima cidade, onde tomaria outro ônibus.

O médico respirou fundo e prosseguiu:

– Acontece que entre Elpídio e sua mãe se instalou algo muito forte, uma atração a que não resistiram. Passaram a viver um amor proibido, pois ambos eram casados; assim, dali em diante, constantemente ele ia visitá-la, lá na fazenda do amigo onde ela passou a trabalhar. Menos de um ano após, sua mãe estava prestes a dar à luz e Elpídio pediu-me que fosse lá atendê-la. Após o parto, a criança... você... foi sequestrado da maternidade e ninguém conseguiu saber quem o sequestrou. De minha parte, vendo o filho ficar com a mãe, a consciência não me doeu e foi sem dificuldade que guardei o segredo.

No clímax da narrativa, Jerônimo disse:

– Sua mãe e seu pai acharam uma forma de terem você por perto: ela voltou para o marido e a encenação do filho adotivo trouxe-lhe ao colo o filho biológico, enquanto ele, como padrinho, poderia protegê-lo a vida toda, sem despertar suspeitas. Jurou-me, poucos dias antes de morrer que, embora continuasse amando sua mãe, jamais voltaram a se relacionar.

Rufina levou as mãos ao peito, irrompendo em sofrido pranto.

– Rufina é a sua mãe! – disse Jerônimo, por fim, olhando fixo nos olhos de Jan.

Um clarão íntimo iluminou a alma de Jan e num segundo compreendeu que sua mãe, até ali, com certeza viveu num universo de dramas, de angústias e de solidão.

– Mãe, mãe, por que a senhora não me contou antes?

Em meio às lágrimas que a sufocavam, Rufina pôde finalmente abraçar o filho querido em clima de verdade, apertando sua cabeça de encontro ao colo. Jan chorava também. Palavras eram de todo desnecessárias.

Tiara aproximou-se de Jan e timidamente começou a alisar-lhe os cabelos.

Mara e Fabrício saíram intempestivamente, ele sendo agredido por palavras que ela jorrava em fúria. Ainda na calçada, Mara exigiu de Fabrício:

– Providencie urgente uma aproximação com Laércio, esteja onde estiver aquele caipira, para incentivá-lo a requerer indenização judiciária pela condenação ilegal da morte de Dirce. Dirigiram-se ao estacionamento a um quarteirão dali para pegar o carro. Mara arquitetava seduzir Laércio, para vingar-se de Rufina, que lhe roubara o marido, na mocidade e na morte dele; além de seduzi-lo, daria um jeito de ludibriá-lo e ficar com a maior parte da polpuda indenização que Fabrício o ajudaria a ganhar.

Fabrício explicou:

– Dificilmente a Justiça mudará o Testamento de Elpídio, pois, na verdade, metade ficou com a esposa legítima e metade com os filhos. – Você – completou –, na verdade, não tem direito a nada mesmo, pois os testes genéticos de paternidade provam que Elpídio é pai de Jan e não é pai de Tiara. Além disso, Elpídio, ajudado pelo doutor Jerônimo, conseguiu comprovar que Rufina é a mãe de Jan.

– Como conseguiram provar essa maternidade?

– O médico deve ter solicitado a Rufina algum exame laboratorial, sanguíneo, por exemplo, para que fosse possível realizar análise das características do DNA mitocondrial dela, o qual só se transmite por herança materna.

Mara ia entrar no carro, lembrando-se de Elpídio com ódio incontrolável e crescente; em sua mente, qual fogo em chamas crepitantes, formulava ideias de como poderia prejudicar Rufina e Jan.

Um infarto fulminante frustrou-lhe todos os planos.

No plano espiritual, Dionísio comentou, triste:

– Transferida assim, prematura e repentinamente para este plano, Mara se debaterá em tristes regiões sombrias e ao mesmo tempo sufocantes, como as nuvens de fumaça de seus ardentes pensamentos de vingança.

– Não podemos fazer nada por ela?

– Orar a Jesus, o Bom Pastor, que não deixa nenhuma de suas ovelhas se destruir. Quando a dor acalmar as ideias equivocadas, transferindo o pensamento para o Bem, em trânsito por sincero arrependimento, o auxílio divino aliviará as dores e angústias de nossa querida irmã cuja dureza até aqui o vem impedindo.

– E se ela não se arrepender?

– Se o arrependimento tardar, ainda assim o amor do Pai não a deserdará, sendo-lhe ofertadas repetidas oportunidades de recomeço na senda evolutiva, a bordo de instrutivas situações de carência; se, ainda assim, recalcitrar na reconstrução moral, só então medidas espirituais compulsórias terão que ser aplicadas, sob a infalível pedagogia moral da dor.

O juiz, antes de deixar o recinto, acariciou delicadamente Rufina e o filho, ainda abraçados. A seguir, cumprimentou ao médico e Zito. Saíram os três.

Naquele vetusto ambiente, mãe e filho não se separavam, num demorado abraço e nas emoções felizes que o tempo se encarregaria de perpetuar em suas lembranças.

Tiara estava quieta no fundo da sala. Os dois foram até ela e a envolveram em outro demorado abraço, formando os três um círculo de comunhão espiritual.

Jan e Rufina fixaram residência na Morro das Vinhas, onde passaram a administrar as lides da agricultura, com fartas colheitas.

Não tardou e foi inaugurado o Centro Espírita Vinha Cristã, num pequeno paiol abandonado que foi reformado, sendo Zito o responsável pelo centro.

Ali passaram a se realizar reuniões mediúnicas singelas, semanais, após o grupo estudar O Livro dos Médiuns, de Allan

Kardec. Os médiuns eram em número de oito, dos quais três vinham da cidade, sendo Tiara um deles. Esses médiuns ministraram valiosos ensinamentos no Curso de Médiuns, quanto à moral e atitudes que devem todos os médiuns observar:

a) Antes das reuniões mediúnicas:

- manter-se calmo durante o dia, evitando discussões ou tumulto mental de qualquer natureza;
- alimentação: frugal, evitando carnes e alimentos condimentados;
- manter a oração e a vigilância constantes;
- chegar, no mínimo, quinze minutos antes do início das reuniões;
- cigarro e bebidas: quem os utiliza não pode ser participante de reuniões mediúnicas;

b) Durante a reunião:

- chegar, tomar seu assento e permanecer em silêncio;
- à chegada, evitar quaisquer falas, limitando-se a cumprimentos discretos;
- manter o pensamento elevado, proporcionando, usufruindo e fortalecendo a paz e harmonia do ambiente;
- quando for emprestar sua voz a um espírito desencarnado, proceder a uma rigorosa filtragem de palavras, evitando palavreado chulo, gritos ou gesticulações, sempre inconvenientes;

c) Após a reunião:

- retirar-se em silêncio da dependência, onde os trabalhos prosseguem a cargo do plano espiritual;
- jamais comentar, fora da reunião, o que se processa nela, evitando assim sintonia com os espíritos comunicantes, principalmente os necessitados.

Pontualidade e assiduidade eram a tônica do grupo, quanto à disciplina e o sentimento de doação na alma.

Jan, em caráter experimental e depois de demoradas reflexões, foi autorizado por Zito a frequentá-las, apenas como assistente,

devendo manter-se em vibrações, não lhe sendo, por precaução, delegada qualquer atividade mediúnica.

Zito aconselhou:

– Mantenha robusta a fé nos amigos espirituais e entregue-se a Jesus, que logo virá a resposta se deverá ou não participar de forma mais direta dos cometimentos mediúnicos.

Como nada o perturbara por três reuniões consecutivas, aquela era a resposta: passou a integrá-las em caráter efetivo, mas mesmo assim com redobrada cautela quanto ao exercício mediúnico.

Rufina, que era médium psicofônica, graças aos estudos passou a realizar proveitosas tarefas, dando oportunidade a que diversos espíritos desencarnados, sofredores, se manifestassem por seu intermédio.

Eram elucidativas as mensagens trazidas pelos espíritos visitantes, noticiando que seus males, todos, tiveram origem em atos infelizes deles mesmos, em vidas passadas. Por analogia, Rufina e Jan analisaram suas próprias existências, compreendendo que os problemas que os alcançaram, inclusive a injusta condenação de Laércio, tinham raízes em vidas passadas.

Nem de leve tentaram conhecer esse passado. Grandes problemas hoje, grandes faltas ontem.

Zito e mais dois orientadores doutrinários conversavam com os visitantes espirituais necessitados, incutindo-lhes esperanças e ânimo, mas quase sempre desfazendo painéis mentais de vingança.

Numa reunião, o Espírito Mariana manifestou-se, por meio da mediunidade de Rufina e com Zito dialogando com ela:

– Quero meu dinheiro...  
– Boa noite, minha irmã.  
– Ah! É você. Onde está meu dinheiro? Não pense que vou dar sossego ao homem que está me devendo, mesmo tendo vindo para cá, e sendo protegido pelo pai.

– Na verdade, minha irmã, confesso que fiquei com parte do seu dinheiro e estou arrependido. Mas agora tenho condições de

lhe pagar uma parte, com algo mais valioso que o dinheiro – o Evangelho de Jesus!

– Sem conversa mole: quero é dinheiro.

Percebendo a fixação mental de Mariana, Zito proferiu palavras saídas do coração:

– Senhor Jesus, Manso Cordeiro: aqui estamos, infelizes e pobres de espírito, buscando Seu amor. Permita, Mestre Amado, que Mensageiros dos Céus atendam nossa irmã Mariana, dando-lhe paz e luzes espirituais. Que o seu coração se acalme e entenda que os valores materiais não são os mais importantes para o espírito. E, perdoe-me, Jesus, pois fui eu que tirei o que era dela e agora estou arrependido. Do que ela fez num momento de fraqueza me cabe culpa também.

Zito disse as últimas palavras soluçando.

– Virgem Santa – disse Mariana, após alguns preciosos segundos de silêncio –, minha sobrinha Dirce está aqui e está me convidando para acompanhá-la, num local onde ficarei com ela hospedada por uns tempos, de graça, junto de pessoas bondosas. Jesus, com ela estão aqueles dois moços que a ajudaram, lá nos pântanos, e estão me dizendo que nossa morte quitou dívida de muitas vidas atrás, e que numa delas o fazendeiro Elpídio e o capataz Antônio também morreram por nossa causa.

As paredes toscas do antigo paiol pareciam estar energizadas, pois os médiuns sentiam que indefinidas e balsâmicas energias percorriam aquele rústico ambiente.

Embora apenas uma luz fraca estivesse acesa, todos tinham a impressão de que a claridade de um pequeno sol, como que se lhe acrescentava.

– Eu estou falando por ela – soluçou Mariana – a mãe da criança que roubei. Oh! Meu Deus! Ele está aqui e está tão grande, tão bonito!

Passados mais alguns instantes, em que só se ouviam os soluços da visitante, ela declarou:

– Vou com Dirce e com os dois amigos dela. Compreendo que não vou mais precisar de dinheiro, que, aliás, ele pagou, mas não chegou às minhas mãos. Dirce está dizendo que ele está sofrendo muito, dando trabalho para o pai, pois vivencia pesadelos infundáveis pelo mal que nos causou; vamos perdoá-lo, sim, pois também somos réis nesse processo em que ele se encontra. Todos devemos orar por ele e pelo capataz, pois a forma como ambos retornaram para cá, embora traumática, já constituiu parte do difícil resgate que ainda têm pela frente. – Perdoem-me, em nome da Virgem Maria, o mal que fiz a todos – despediu-se Mariana em discretos soluços.

Cerca de um ano após a inauguração do Centro Espírita Vinha Cristã, as atividades doutrinárias e assistenciais haviam se expandido.

Jan era caridoso e benevolente com os empregados da fazenda e com quantos o procurassem em busca de ajuda. Nunca mais teve nem leve crise epiléptica, mostrando o acerto do tratamento médico, mas preponderantemente da autorreforma moral que se impôs. Tiara, que continuou morando com os avós, era sua noiva e encontravam-se duas vezes por semana.

Certa noite, Jan estava de namoro com a maravilhosa estrela Aldebarã, sabendo-a da constelação de Touro e também conhecida como Olho do Touro.

O meu Titão deve ser filho daquela estrela, pensava, sob a suavidade da brisa noturna. Onde estará? Será que o Bonito está com ele?

Como que lhe respondendo, uma estrela cadente riscou o céu, num espetáculo que há milênios deslumbra a quantos tenham o privilégio de o assistir.

Embevecido com a sublime estrela, decididamente captando dela vibrações de paz, assustou-se quando Zito lhe tocou no ombro:

- Jan – disse tímido –, você sabe quanto eu lhe quero bem...
- Sei sim, Zito.

– Pois é, não quero magoá-lo, mas meu coração foi quem me mandou vir aqui falar com você.

– Ora, Zito, por que esse rodeio? Diga logo o que tem para dizer.

– É que... hum... é que... han... eu quero pedir a mão da dona Rufina...

– Minha mãe? – assustou-se Jan – E será que ela...

Interrompeu, porque teve um estalo:

– Diga-me uma coisa: ela sabe que você quer casar com ela?

– Sabe.

– E quer?

– Quer.

– Então não é comigo que vocês têm que conversar e sim com o juiz de paz – completou Jan, com uma sonora gargalhada.

Abraçou Zito, vibrante, feliz.

Nunca saberia explicar como é que sua mãe e Tiara, abraçadas, apareceram do nada, achegando-se aos dois, aos quais envolveram-se num abraço a quatro.

Jan julgou sentir que lá do alto, com tantas outras colegas olhando para a Terra, a excelsa Aldebarã abençoou-os. Valendo-se da oportunidade, completou:

– Quando você for ao cartório tratar dos papéis, Zito, me chame, pois eu também preciso ir lá.

Tiara olhou-o intensamente.

– Quem sabe – aduziu – nós quatro casamos no mesmo dia e na mesma hora? Tenho certeza de que Tiara vai ficar muito feliz de ter vocês dois como nossa companhia diante do juiz de paz.

– Outro dia – explicou – procurei aquele juiz e expliquei a situação de parentesco entre mim e Tiara. Ele autorizou nosso casamento, pois os testes de paternidade e maternidade provam que não temos nenhuma consanguinidade.

– Seus olhos, disse-me o juiz, e os da Tiara, mostram bem que entre vocês o que existe é amor!

Só a estrela, do altíssimo, com os seus talvez bilhões e bilhões de anos de existência, fazendo par com um descuidado vaga-lume, este a pequena altura – brilhando ambos na noite escura –, testemunharam o amor unir corações e lábios de outros dois pares...

Fim

Ao terminar a leitura deste livro, talvez você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento e também fazer alguma divulgação pelos inúmeros meios digitais. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente da literatura espírita. Entre nessa corrente!